

New York Times Bestselling Author of *Dead to the World*
Charlaine Harris Absolutamente Morto

CHARLAINE HARRIS

"I love the imaginative, creative
world of Charlaine Harris!
Everyone should read
Dead As a Doornail"
—Christine Feehan



DEAD AS A DOORNAIL



Absolutamente Morto

Charlaine Harris

Capítulo 1

Sabia que meu irmão se converteria em uma pantera antes que ele se desse conta. Enquanto conduzia à remota comunidade do cruzamento de caminhos do Hotshot, meu irmão observou pôr-do-sol em silêncio. Jason ia vestido com roupa velha, e tinha uma bolsa de plástico do Wal-Mart contendo umas quantas coisas que ele poderia necessitar, escovo de dentes e roupa interior limpa. acomodou-se dentro de sua avultada jaqueta de camuflagem, luzindo erguido. Sua cara estava tensa com a necessidade de controlar seu medo e seu entusiasmo.

— Tem o celular em seu bolso? -Perguntei, sabendo que já lhe tinha feito essa pergunta, assim que as palavras abandonaram minha boca. Mas Jason só assentiu em vez de tentar me golpear. Era ainda cedo, mas a fins do mês de janeiro a escuridão chega logo.

Esta noite seria a primeira lua cheia do ano novo.

Quando detive o carro, Jason deu volta para me olhar, inclusive na débil luz, vi a mudança em seus olhos. Já não eram azuis como meus. Estavam amarelados. A forma tinha trocado.

— Minha cara sente graciosa, -disse.- Mas ele ainda não se dava conta de sua mudança.

Tiny Hotshot estava silencioso e ainda havia uma ligeira luz. Um vento frio soprava através dos campos nus, e os pinheiros e os carvalhos tremiam ante as rajadas de ar gélido. Só um homem era visível. Estava de pé fora de uma das pequenas casas, uma que tinha sido grafite recentemente. Os olhos deste homem estavam fechados, e sua cara a Barbuda levantada o céu que obscurecia. Calvin Norris esperou até que Jason saiu da porta do passageiro de meu velho Nova antes de caminhar para o automóvel. Baixe o guichê.

Seus olhos verde-oro eram tão alarmantes como recordava, e o resto dele era ordinário. Fornido, rechoncho, robusto, parecia uma das centenas de homens que eu tinha visto no Bar do Merlotte's, exceto por aqueles olhos.

Cuidarei-o bem. -disse Calvin Norris.- detrás dele, Jason me dava as costas. O ar ao redor de meu irmão tinha uma qualidade peculiar; parecia vibrar.

Nada disto era culpa do Calvin Norris. Ele não tinha sido o que tinha mordido a meu irmão e o tinha trocado para sempre.

Calvin, era um homem pantera, tinha nascido assim; esta era sua natureza. Obriguei-me a dizer, — Obrigado.

— Levarei-lhe a sua casa pela manhã.

—A minha casa, por favor. Sua caminhonete está em minha casa.

— Bem, então. Que tenha boa noite.

Ele levantou sua cara ao vento outra vez, e senti que a comunidade inteira esperava, detrás de suas janelas e portas, a que me partisse.

Assim que o fiz.

Jason chamou a minha porta a sete da manhã seguinte. Ainda tinha sua pequena bolsa de plástico do Wal-Mart, mas não tinha usado nada disso. Sua cara estava cheia de moretones, e suas mãos cobertas de arranhões. Não disse uma palavra. Solo me olhou fixamente quando o perguntei como estava, e passou para mim lado da estadia para o corredor. Fechou a porta do quarto de banho do corredor com um estalo

decisivo. Escutei a água correr depois de um segundo, e suspire cansada, farta de tudo. Embora tinha ido trabalhar e retornado cansada, aproximadamente às duas da manhã, não tinha conseguido dormir.

Quando Jason retornou, eu lhe tinha preparado ovos com toucinho. Ele se sentou na velha mesa da cozinha com ar de prazer: um homem fazendo uma coisa familiar e agradável. Mas depois de um segundo de olhar fixamente o prato, levantou-se rapidamente e voltou correndo por volta do quarto de banho, fechando a porta com uma patada detrás dele. Escutei-lhe devolver, uma e outra vez.

Estive de pé fora da porta sem poder fazer nada, sabendo que o não queria que eu entrasse. depois de um momento, retornei à cozinha a atirar a comida no cubo do lixo, lamentando o desperdício, mas completamente incapaz de me obrigar a comer.

Quando Jason voltou, solo disse,

— Café?

Sua cara tinha um tom verde, e caminhava como se estivesse dolorido.

— Estas bem? -Perguntei, sem estar segura de que ele fora capaz de responder.- Verti o café em uma taça.

—Sim, -disse o depois de um momento, como se tivesse tido que pensar nisso-.

—Foi a experiência mais incrível de minha vida.

Durante um segundo, pensei que ele se referia ao que tinha passado no quarto de banho, mas seguro que essa não era nenhuma experiência nova para o Jason. Tinha sido um grande bebedor desde sua adolescência, até que tinha chegado à conclusão de que não havia nada encantado ou atrativo em devolver o conteúdo de seus intestinos em uma taça de banho.

—A mudança -disse tentativamente.-

Ele assentiu, embalando a taça de café em suas mãos. Sustentou sua cara sobre o vapor que se elevava do líquido quente e forte. Olhou aos olhos. Os seus eram novamente de um ordinário azul.

—É do mais incrível, -disse.-

—devido a que fui mordido, e não nasci assim, não consigo ser uma verdadeira pantera como outros. podia-se escutar a inveja em sua voz.

—Mas inclusive assim, foi assombroso. Sente a magia dentro de ti, e sente seus ossos movendo-se e adaptando-se, e sua visão troca. Então estas no chão e caminha de um modo inteiramente diferente, e quanto à velocidade, demônios, pode correr. Pode perseguir.... E sua voz se desvaneceu.

Eu não saberia essa parte logo, de todos os modos.

— Então isto não esteve tão mal? -Perguntei, com minhas mãos apertadas uma sobre a outra. Jason era toda a família que tinha, exceto um primo que tinha perdido nas drogas anos antes-.

—Não é tão mau, -acordou Jason, me oferecendo um áspero sorriso.-

—É grandioso enquanto você é em realidade o animal. Todas as coisas são simples. É quando retorna a ser humano, é quando começa a preocupar-se pelas coisas.

Não era suicida. Não estava nem sequer abatido. Não tinha sido consciente de que tinha estado contendo o fôlego até que o soltei. Jason ia ser capaz de viver com as cartas que lhe haviam meio doido. Ele ia estar bem.

O alívio foi incrível, como se me tivessem tirado um pouco entupido dolorosamente entre meus dentes ou tirado uma afiada pedra dentro do sapato. Durante dias, semanas incluso, tinha estado preocupada, e agora a ansiedade se foi. Isto não significava que a vida do Jason como um troca-formas seria livre de preocupação, ao menos desde meu ponto de vista. Se ele se casasse com uma mulher humana normal, seus filhos seriam normais. Mas se ele se casasse na comunidade troca formas no Hotshot, eu teria sobrinhas ou sobrinhos que se converteriam em animais uma vez ao mês. Ao menos, depois da puberdade; isso daria a sua tia Sook, algum tempo de preparação.

Por sorte para o Jason, ele tinha muitos dias livres, assim não tinha que ir a seu trabalho da rua Parish. Mas eu tinha que trabalhar esta noite. Logo que Jason partiu em sua chamativa caminhonete, retornei à cama com jeans e tudo, e em aproximadamente cinco minutos estava rapidamente dormida. O alívio atuou como uma espécie de sedativo.

Quando despertei, eram quase as três e o tempo justo para me preparar para meu turno no Merlotte's. O sol fora era brilhante e claro, e a temperatura era de 11 graus centígrados, ao menos é o que dizia meu termômetro. Isto não era muito insólito na Luisiana do Norte no mês de janeiro. A temperatura cairia depois de que o sol baixasse, e Jason trocasse. Mas ele teria algum tipo de pele para cobri-lo, não um casaco, já que ele se converteu em medeio-hombre, e meio gato e estaria com outras panteras. iriam caçar. Os bosques ao redor do Hotshot, que se estendiam até um remoto rincão do Renard Parish, seriam perigosos outra vez esta noite.

Assim comi, tomei banho, ocupei-me da roupa suja, e pensei em uma dúzia de coisas que eu gostaria de saber. Perguntei-me se os troca-formas matariam a um ser humano se se cruzassem com um nos bosques. Perguntei-me quanto de seu conhecimento humano conservariam em sua forma de animal. Se se emparelhassem em forma de pantera, teriam um gatinho ou um bebê? O que passava quando um troca-formas pantera grávida via a lua enche? Perguntei-me se Jason conheceria a resposta a todas estas perguntas ainda, se Calvin lhe tinha dado alguma espécie de sessão informativa.

Mas me alegrei de não haver o perguntado ao Jason esta manhã enquanto tudo era tão novo para o. Teria muitas oportunidades para perguntar-lhe mais tarde.

Pela primeira vez desde dia do ano novo, pensava no futuro. O símbolo da lua enche em meu calendário, já não parecia ser um período marcando o final de algo, se não somente outra formar de contar o tempo. Quando me pus minha uniforme de garçonete (calças negras e uma camiseta de pescoço branco e Reeboks negros), senti quase vertigem de felicidade. Por uma vez, deixei meu cabelo solto em vez de estirá-lo em uma rabo-de-cavalo. Pu-me uns brilhantes pendentos vermelhos pegos e os combine com lápis de lábios à cor. Uma pequena maquiagem nos olhos e um pouco de rubor, e estive lista para partir.

Tinha estacionado na parte traseira da casa ontem à noite, assim verifiquei o alpendre traseiro cuidadosamente para me assegurar que não houvesse nenhum vampiro que estivesse à espreita antes de fechar a porta detrás de mi. Tinha sido surpreendida antes, e não era um sentimento agradável. Embora logo que estava escuro, poderia haver alguns madrugadores ao redor. Provavelmente a última coisa que os japoneses tinham esperado quando desenvolveram sangue sintético, tinha sido que sua disponibilidade traria para vampiros do reino de lenda, à luz pública, de fato, os japoneses solo tentavam ganhar alguns milhares de dólares vendendo sangue a ambulâncias e salas de urgências de hospitais. Em vez disso, o modo no que víamos o mundo, tinha trocado para sempre.

Falando de vampiros (somente comigo mesma), perguntei-me se Bill Compton estava em casa. O vampiro Bill tinha sido meu primeiro amor, e ele vivia diretamente cruzando o cemitério. Nossas casas se encontravam sobre o Parish road, fora da pequena cidade do Bon Temps e ao sul do Bar onde trabalhava. Ultimamente, Bill tinha estado viajando muito. Só sabia que estava em casa se passava pelo Merlotte's, o de tanto em tanto para mesclar-se com os aldeãos e tomar um pouco do morno líquido Ou positivo. Ele preferia TrueBlood, a mais fina bebida japonesa. Havia-me dito que esta bebida satisfazia quase completamente suas ânsias de sangue fresca, bebida diretamente da fonte. devido a que eu tinha presenciado alguns momentos de terrível necessidade do Bill por sangue fresca, só poderia agradecer a Deus pelo TrueBlood. Algumas vezes sentia saudades ao Bill terrivelmente.

Dava-me uma sacudida mental. Rompendo com minha depressão, não havia mais que fazer, não mais preocupações Não mais medo! Livre e com vinte e seis anos! Com trabalho! Casa paga! Dinheiro no banco! Essas eram todas coisas boas e positivas.

O estacionamento estava cheio quando cheguei ao bar. Soube que estaria ocupada esta noite. Dirigi-me para a porta traseira que era a entrada dos empregados. Sam Merlotte, o dono e meu chefe, vivia na parte de atrás, em uma casa móvel muito agradável, inclusive tinha um pequeno jardim rodeado por um sebe, o equivalente do Sam de uma cerca branca. Fechei meu carro e entrei pela porta dos empregados, que dava ao vestíbulo onde se encontravam os banhos de homens e mulheres e o escritório do Sam. Guardei minha bolsa e meu casaco em uma gaveta vazia do escritório, estirei minhas meias três-quartos vermelhos, sacudi a cabeça, para que meu cabelo se acomodasse, e passe pela entrada, (esta porta sempre permanecia aberta), que conduzia ao Restaurante-Bar Não que a cozinha produzira nada mas que as coisas mas básicas: hambúrgueres, tiras de frango, batatas e anéis de cebola fritos, saladas no verão e chili no inverno.

Sam era o barman, o gorila e em ocasiões o cozinheiro, mas ultimamente tínhamos tido a sorte de ter os postos cheios: as alergias sazonais do Sam o tinham golpeado duro, fazendo-o menos que o ideal como preparador de mantimentos. O cozinheiro novo tinha sido resultado do anúncio do Sam justo na semana anterior. Os cozinheiros não pareciam ficar muito tempo no Merlotte's, mas eu esperava que Sweetie Dê Arts ficasse uma temporada. Chegava a tempo, para bem seu trabalho, e nunca dava ao resto do pessoal nenhum problema. Realmente, isso era tudo o que podia pedir. Nosso último cozinheiro, um tipo que tinha dado a meu amiga Arlene grandes esperanças de que ele seria o número um -Neste caso, teria sido o quarto ou o quinto um- Até que se teve esfumado da noite para o dia com seus pratos e garfos e um reproduzidor do CD. Seus meninos tinham estado devastados; não porque tivessem amado ao tipo, mas sim porque sentiam saudades a seu reproduzidor dos CDs.

Caminhei dentro de uma parede de ruídos e fumaça de cigarros que fez parecer que entrava em outro universo. Todos os fumantes se sentavam no lado oeste do bar, mas a fumaça do charuto parece ignorar que deveria ficar ali. Pus um sorriso sobre minha cara e dava um passo atrás da barra para dar um tapinha ao Sam sobre o braço. Depois de que ele expertamente encheu um copo de cerveja e o deslizou a um cliente, pôs outro copo sob a chave e começou o processo uma vez mais.

— Como estão as coisas? -Perguntou Sam cuidadosamente.- Ele sabia tudo sobre os problemas do Jason, já que tinha estado comigo a noite que encontrei ao Jason prisioneiro em um abrigo de ferramentas no Hotshot. Mas tínhamos que ser discretos em nossa conversação; os vampiros tinham saído à luz pública, mas os troca-formas e os homens-pantera ainda eram um segredo. O mundo subterrâneo de seres sobrenaturais esperava para ver como resultava aos vampiros, antes de que seguissem seu exemplo e saíssem à luz pública.

—Melhor do que esperava. Sorri-lhe, levantando a cabeça, embora não muito, São não era um homem grande. É magro, mas muito mais forte do que parece. Sam está em seus trinta -ao menos, penso que o está- e tem o cabelo dourado avermelhado como halo sobre sua cabeça. É um bom homem, e um grande chefe. É um troca-formas também, assim que ele pode trocar-se em qualquer animal, freqüentemente Sam se converte em um collie muito lindo com uma magnífica pele. Às vezes vem a minha casa e lhe deixo dormir sobre a manta na sala de estar.

—Ele vai estar bem.

—Alegra-me, -disse.- Não posso ler as mentes dos troca-formas tão facilmente como leão as dos humanos, mas posso saber se um sentimento é verdadeiro ou não. Sam é feliz porque eu estou feliz.

— A que hora sai? -Perguntei.- Ele tinha aquele olhar longínquo em seus olhos, o olhar que dizia que mentalmente atravessava correndo os bosques, rastreando doninhas.

—Assim que Terry chegue. -Ele sorriu outra vez,- mas esta vez o sorriso foi um pouco tenso. Sam se estava pondo inquieto.

A porta da cozinha estava justo fora da área da barra, no lado esquerdo, assim volteei para a porta para dizer olá ao Sweetie. Sweetie era ossuda e moréia, de uns quarenta anos, e levava muito maquiagem para

alguém que ia estar fora da vista de todos, na cozinha toda a tarde. Também parecia um pouco mais preparada, possivelmente um pouco mais culta, que qualquer dos cozinheiros anteriores do Merlotte's.

— Esta tudo bem, Sookie? -perguntou, dando volta a um hambúrguer enquanto falava.- Sweetie estava em constante movimento na cozinha, e não gostava que ninguém lhe atravessasse em seu caminho. O adolescente que atendia e limpava mesas, estava aterrorizado do Sweetie, tomava cuidado de esquivá-la quando ela se movia da prancha a freidora. O menino teve os pires preparados, fez as saladas, e foi à janela a dizer às garçonetes que o pedido estava preparado. Fora da cozinha, Holly Cleary e seu melhor amiga, Danielle, trabalhavam duro. Ambas me olharam aliviadas quando me viram entrar. Danielle servia na seção de fumantes ao oeste, Holly pelo general trabalhava no meio diante da barra, e eu trabalhava no este quando as três estávamos de volta.

—Será melhor que me ponha em movimento, -disse ao Sweetie.-

Ela me dirigiu um rápido sorriso e voltou para a prancha. O adolescente intimidado, cujo nome até me tinha que aprender, esquivou-me – passou a meu lado e se dirigiu à máquina de lavar pratos.-

Desejava que Sam me tivesse chamado antes de que as coisas ficassem tão ocupadas, não me tivesse incomodado entrar um pouco antes. Certamente, ele não era exatamente ele mesmo esta noite. Comecei a revisar as mesas em minha seção, conseguindo refrescos e tirando os restos de comida, cobrando e levando a mudança.

— Mesera! me traga uma Rede Stuff! -A voz era desconhecida, e a ordem, insólita.- A Rede Stuff era o sangue artificial mais troca, e só os vampiros mais novos a pediam. Tirei uma garrafa do frigorífico e a pus no microondas. Enquanto se esquentava, procurei entre a multidão ao vampiro. sentava-se com meu amiga Tara Thornton. Eu nunca o tinha visto antes, o qual era inquietante. Tara tinha estado saindo com um vampiro mais velho (muito mais velho: Franklin Mott tinha sido mais velho que Tara em anos humanos antes de que morrera, e ele tinha sido um vampiro durante mais de trezentos anos), além disso lhe tinha estado dando pródigos presentes - como um Camaro.- Que fazia ela com este vampiro novo? Ao menos Franklin tinha maneiras agradáveis.

Pus a garrafa quente sobre uma bandeja e a levei ao casal. A iluminação no Merlotte's de noite não é particularmente brilhante, que é o que aos clientes agrada, e não foi até que consegui estar o bastante perto, que pude apreciar ao companheiro da Tara. Era magro e estreito, com o cabelo comprido estirado para trás. Tinha largas unhas e uma cara afiada. Supus que, de forma singular, era atrativo - se você gostar de uma certa dose de perigo em suas relações.-

Deixei a garrafa diante dele e joguei uma incerta olhada a Tara. Ela luzia grandiosa, como sempre. Tara é alta, magra, com o cabelo escuro, e tem um guarda-roupa maravilhoso. Tinha superado uma infância realmente horrível, até possuir seu próprio negócio e atualmente era membro da câmara de comércio. Então ela começou a sair com o endinheirado vampiro, Franklin Mott, e deixou de compartilhar sua vida comigo.

—Sookie, -disse,-quero que conheça amigo do Franklin, Mickey. -Não se escutava, como se quisesse que nos conhecêssemos. ouvia-se como se desejasse que nunca tivesse vindo a trazer a bebida ao Mickey. Seu próprio copo estava quase vazio, mas ela disse, —não, quando lhe perguntei se estava lista para o outro.

Intercambie uma saudação com o vampiro; eles não dão a mão, não normalmente. Ele me olhava enquanto tomava um gole do sangue engarrafado, seus olhos eram frios e hostis como uma serpente. Se ele fosse um amigo do ultra-civilizado Franklin, eu era um moedeiro de seda. Mão alugada, mas bem. Talvez um guarda-costas? por que Franklin daria um guarda-costas a Tara?

Ela obviamente não ia falar abertamente diante desse baboso, então lhe disse, —verei-te mais tarde, e levei o dinheiro do Mickey à caixa.-

Estive ocupada toda a noite, mas nos momentos livres que tinha, pensava em meu irmão. Por segunda noite consecutiva, estaria pulando sob a lua com outras bestas. Sam se tinha largado rapidamente no momento em que Terry Bellefleur chegou, embora seu cesto de papéis no escritório estivesse cheia de papéis enrugados. Sua cara tinha estado tensa de antecipação.

Foi uma daquelas noites que me fizeram me perguntar como a gente a mim ao redor, podiam estar tão alheios a esse outro mundo operando justo ao lado do nosso. Somente a ignorância voluntária poderia fazer caso omisso à carga da magia no ar. Só uma carência grupal de imaginação poderia explicar que a gente não se perguntasse que ocorria na escuridão ao redor deles.

Mas não fazia muito, recordei, eu tinha sido voluntariamente cega, como qualquer da clientela do Merlotte'S. Incluso quando os vampiros tinham feito seu anúncio, cuidadosamente coordenado para que o mundo soubesse de sua existência, poucas autoridades ou inclusive os cidadãos pareceram seguir o seguinte passo mental: Se os vampiros existirem, o que mas poderia estar oculto nos limites da escuridão?

Por curiosidade, comecei a mergulhar nos cérebros a meu redor, provando para ver seus medos. A maioria das pessoas no bar pensava no Mickey. As mulheres, e alguns homens, perguntavam-se que se sentiria estar com ele. Inclusive a antiquada Porta Bellefleur, jogava uma miradita furtiva por cima de seu correto pretendente, para estudar ao Mickey. Eu só podia me maravilhar ante estas especulações. Mickey era aterrador. Isto anulava qualquer atração física que eu pudesse ter sentido para ele. Mas tinha muitas evidências de que outros humanos no bar não sentiam da mesma maneira.

fui capaz de ler as mentes toda minha vida. A habilidade não é um grandioso dom. A mente da maioria das pessoas não merecem ser lidas. Seus pensamentos são aborrecidos, asquerosos, uma desilusão, mas muito poucas vezes divertidos. Ao menos Bill me tinha ajudado a aprender como recortar um pouco o zumbido. antes de que ele me tivesse dado algumas pistas, tinha parecido como se sintonizasse com cem emissoras de rádio simultaneamente. Alguns deles tinham entrado claramente, alguns tinham sido remotos, e alguns, como os pensamentos dos troca- formas, tinha estado cheios de interferências e escuridão. Mas inclusive eles se acrescentaram à cacofonia de sons. Não era assombroso então que muita gente me tivesse tratado como se fora meio tola.

Os vampiros eram silenciosos. Isto era o grandioso com os vampiros, ao menos desde meu ponto de vista: Estavam mortos. Suas mentes estavam mortas, também. Só uma vez para tempo tinha conseguido algum tipo de brilho da mente de um vampiro.

Shirley Hunter, o chefe de meu irmão em seu trabalho no meio-fio do Parish, perguntou-me onde estava Jason, -quando lhe levei uma jarra de cerveja a sua mesa.- Shirley era mundialmente conhecido como "Bagre".

—Sua hipótese é tão boa como a minha, - pinjente mentindo,- e ele me pisco os olhos um olho. A primeira hipótese quanto aonde estava Jason sempre era que estava com uma mulher, e a segunda pelo general incluía a outra mulher. A mesa estava cheia de homens, ainda em roupa de trabalho, assim que a resposta estava de sobra, mas bom, eles tinham tomado muita cerveja.

Retornei depressa à barra por outros três whiskies com soda que servia Terry Bellefleur, -o primo de Porta,- que trabalhava sob pressão. Terry, um veterano do Vietnam com muitas cicatrizes físicas e emocionais, parecia está-lo levando muito bem, em esta noite tão ocupada. Gostava dos empregos simples que não requeressem concentração. Seu cinzento cabelo outrora castanho estava sujeito em uma rabo-de-cavalo e sua cara estava concentrada, enquanto manobrava com as garrafas. Bebida-las estiveram listas em seguida, e Terry me sorriu quando as pôs sobre minha bandeja. Um sorriso do Terry era algo muito estranho, e isto enfraqueceu meu coração.

Justo quando dava a volta com minha bandeja na mão direita, os problemas estalaram. Um estudante do Colégio Técnico da Luisiana, do Ruston entrou em uma guerra de classes, com o Jeff LaBeff, um

camponês branco que tinha muitos filhos, e vivia de conduzir um caminhão de lixo. Talvez isto era sozinho um caso de dois tipos obstinados que chocavam entre se e realmente não tinha muito que ver com um povo contra outro (não que nós estivéssemos tão perto do Ruston). Independentemente da razão da briga original, tomou uns segundos compreender que a briga ia ser mais que uns quantos gritos.

Naqueles poucos segundos, Terry tentou intervir. Movendo-se rapidamente, ficou entre o Jeff e o estudante e os agarrou firmemente por suas bonecas. Durante um minuto pensei que funcionaria, mas Terry não era tão jovem ou tão ativo como tinha sido, e se desatou o follón.

—Poderia deter isto, -disse furiosamente ao Mickey-, indo apressadamente à mesa do e Tara, tentando a minha maneira fazer a paz.

Ele se reclinou em sua cadeira e bebeu a sorvos sua bebida. —Não é meu trabalho, disse com calma.

Entendi isto, mas não me fez apreciar ao vampiro, especialmente quando o estudante me fez girar, e tratou de me golpear quando me aproximar isso por detrás. Errou, e o golpeei sobre a cabeça com minha bandeja. Ele se cambaleou a um lado, talvez sangrando um pouco, e Terry foi capaz de submeter ao Jeff LaBeff, que procurava uma desculpa para partir.

Incidentes como este, tinham estado ocorrendo com mais freqüência, especialmente quando Sam se ia. Era evidente para mim que necessitamos a um gorila, ao menos nas noites de fim de semana... e noites de lua enche.

O estudante ameaçou iniciar um processo

— Qual é seu nome? -Perguntei.-

—Mark Duff, -disse o jovem, agarrando sua cabeça.-

— Mark, de onde é?

—Do Minden.

Avalie rapidamente sua roupa, seu comportamento, e o conteúdo de sua cabeça. —vou desfrutar chamando a sua mãe e lhe dizendo que tratou de golpear a uma mulher, -pinjente. Empalideceu e não disse mais sobre a demanda, e ele e seus amigos se foram pouco depois. Sempre ajudava saber qual era a ameaça mais eficaz.

Fizemos partir para o Jeff, também.

Terry reassumiu seu lugar detrás da barra e começou a distribuir bebidas, mas estava coxeando ligeiramente e tinha um olhar tenso em sua cara, que me preocupou. As experiências de guerra do Terry não o tinham deixado verdadeiramente estável. E eu tinha tido suficientes problemas por uma noite.

Mas certamente a noite não tinha terminada ainda.

Aproximadamente uma hora depois da briga, uma mulher entrou no Merlotte'S. Era comum e vestia em forma singela com uns velhos jeans e um casaco de camuflagem. Levava umas botas que tinham sido maravilhosas quando eram novas, mas isto tinha sido, muito tempo atrás.

Não levava bolsa, e tinha as mãos metidas nos bolsos.

Houve vários indicadores que fizeram a minhas antenas mentais mover-se nervosas. Antes que nada esta garota não parecia normal. Uma mulher local poderia vestir-se assim, se fora de caça ou trabalhar na granja, mas não para vir ao Merlotte'S. Para uma tarde de no bar, a maioria das mulheres se poliam. Assim que esta mulher estava trabalhando; mas seguindo o mesmo raciocínio tampouco era uma puta.

Isto significava drogas.

Para proteger o bar em ausência do Sam, sintonizei seus pensamentos. A gente não pensa com orações completas, é obvio, assim acomodei suas idéias em minha cabeça, mas os pensamentos que atravessavam correndo por seu cérebro estava na ordem de: Três dos frascos que tenho se estão pondo velhos, tenho que vendê-los esta noite, assim posso retornar ao Baton Rouge e comprar algo mais. O vampiro no bar,

se ele me apanhar com o sangue de vampiro, estarei morta. Este povo é um lixeiro. Retornarei à cidade na primeira oportunidade que tenha.

Ela era um Drenador, ou talvez, solo era um distribuidor. O sangue de vampiro era a droga mais embriagadora no mercado, mas certamente os vampiros não a davam de bom grau. Drenar a um vampiro era uma operação arriscada, aumentando os preços dos diminutos frascos de sangue a somas assombrosas.

Que fazia que um drogado se desprendesse de tanto dinheiro? Segundo a idade do sangue, -quer dizer o tempo desde que lhe tinha sido extraída a seu dono -e a idade do vampiro de quem o sangue tinha sido sustraída, e as propriedades individuais do consumidor de droga, poderiam ser muitas coisas. Havia um sentimento de onipotência, o incremento da força, a visão e o ouvido agudizado. E o mais importante de tudo para os norte-americanos, um aspecto físico realçado.

De todos os modos só um idiota beberia sangue de vampiro do mercado negro. Em primeiro lugar, os resultados eram notoriamente imprevisíveis. Não só os efeitos variavam, se não que ditos efeitos poderiam durar de duas semanas a dois meses. Por outra parte, algumas pessoas simplesmente se voltavam loucas quando o sangue entrava em seu sistema, às vezes se voltavam homicidamente loucos. Tinha escutado que os distribuidores vendiam sangue de porco a usuários crédulos ou poluíam o sangue humano. Mas a razão mais importante de evitar o mercado negro ao comprar o sangue dos vampiros, era esta: os Vampiros odiavam aos drenadores, e também odiavam aos usuários do sangue drenado (usualmente conhecidos como bloodheads). Você, somente não quereria a um vampiro zangado detrás de ti.

Não havia nenhum policial fora de serviço no Merlotte's aquela noite. Sam estava fora meneando sua cauda em algum sítio. Odiaria advertir ao Terry, porque não sabia como reagiria. Tinha que fazer algo sobre esta mulher.

Realmente, trato de não intervir em acontecimentos quando minha única conexão é através de minha telepatia. Se me entremetesse sempre que soubesse algo que afetasse as vistas ao redor de mim (como o saber que algum empregado de escritório do Parish desfalcava, ou que um dos detetives locais aceitava subornos), não seria capaz de viver no Bon Temps, e era meu lar. Mas eu não podia permitir a esta flacucha vender seu veneno no bar do Sam.

sentou-se sobre um tamborete vazio e pediu uma cerveja ao Terry. Este a olhou fixamente. Terry, também, compreendia que havia algo mau com a estranha mulher.

fui recolher meu próximo pedido e me detive seu lado. Necessitava um banho, e tinha estado em uma casa aquecida por uma chaminé de madeira. Obriguei-me a tocá-la, já que isso sempre melhorava minha recepção. Onde estava o sangue? Estava em seu bolso de casaco. Bem.

Sem mais preâmbulos, verti um copo de vinho em cima dela

— Demônios! -Disse,- saltando do tamborete e tratando de limpar inutilmente seu peito. É a mulher mais torpe que alguma vez vi!

—Desculpe, -pinjente humildemente, pondo minha bandeja sobre a barra e encontrando os olhos do Terry brevemente. me deixe pôr um pouco de soda sobre isto. Sem esperar sua permissão, tirei-lhe seu casaco por seus braços. Quando ela compreendeu o que eu fazia e começou a lutar, já me tinha encarregado do casaco. Sacudi-o sobre a barra e o passei ao Terry. Ponha um pouco de soda sobre isto, por favor, -pinjente.-

—te assegure de que as coisas em seus bolsos não se molharam, também. Tinha usado esse truque antes. Tive sorte de que o tempo estivesse frio e ela tivesse tido o sangue em seu casaco, não no bolso de seu jeans. Isto me teria dificultado as coisas.

Sob o casaco, a mulher levava uma camiseta dos Jeans de Dallas muito velha. Começou a tremer, e me perguntei se tinha estado consumindo drogas mais convencionais. Terry fez um espetáculo de passar a soda sobre a mancha de vinho. depois de minha indireta, ele introduziu a mão nos bolsos. Miro para baixo

a sua mão com repugnância, e ouvi um tinido quando lançou os frascos no cubo do lixo detrás da barra. Ele devolveu todo o resto a seus bolsos.

A mulher tinha aberto a boca para lhe gritar ao Terry quando compreendeu que realmente não poderia fazê-lo. Terry lhe olhou fixo e diretamente, desafiando-a para que mencionasse o sangue. As pessoas ao redor de nós olhavam com interesse. Sabiam que algo passava, mas não que, porque tudo tinha passado muito rapidamente. Quando Terry esteve seguro de que ela não ia começar a gritar, deu-me o casaco. Assim que o sustentei frente a ela para que deslizasse seus braços no, Terry lhe disse, —Não retorne aqui nunca mais.

Se seguíamos lançando às pessoas dessa maneira, não teríamos muitos clientes.

—É um bastardo filho de cadela, -disse.- Os paroquianos ao redor contiveram o fôlego coletivamente (Terry era quase tão imprevisível como um bloodhead.)

—Não me importa como me chama, -disse.-

—Acredito que um insulto que provém de ti não é nenhum insulto absolutamente. Somente te afaste daqui. -Exalei um comprido suspiro de alívio.-

Ela caminhou depressa entre a multidão. Cada um no bar observou seu progresso para a porta, inclusive Mickey o vampiro. De fato, ele fazia algo com um dispositivo em suas mãos. Parecia um daqueles telefones celulares que podiam tomar fotografias. Perguntei a quem enviaria a fotografia. Perguntei-me se ela conseguiria chegar a sua casa.

Terry não perguntou como havia eu sabido que a desalinhada mulher tinha algo ilegal em seus bolsos. Isto era outra coisa estranha sobre a gente do Bon Temps. Os rumores sobre mim tinham estado flutuando a meu redor desde que eu podia recordar, quando era pequena e a gente punha em dúvida minha saúde mental. E agora, apesar da evidência ao seu dispor, quase cada um dos que conhecia, era-lhes mais fácil me reconhecer como uma jovem fraco e peculiar que aceitar minha estranha capacidade. É obvio, procurei não cravar o olhar em suas caras. E mantive minha boca fechada.

De todos os modos, Terry tinha seus próprios demônios para lutar. Terry subsistia com alguma espécie de pensão do governo, e limpava Merlotte's cedo pelas manhãs, assim como um par de outros negócios. Ele supria ao Sam três ou quatro vezes por mês. O resto de seu tempo era dele, e ninguém parecia saber o que fazia com o. Tratar com a gente esgotava ao Terry, e as noites como esta, simplesmente não eram boas para ele.

Foi uma sorte que não estivesse no Merlotte's a seguinte noite, quando todo o inferno se desatou.

CAPITULO 2

Ao princípio, pensei que tudo tinha voltado para a normalidade. O bar parecia um pouco mais tranqüilo a noite seguinte. Sam estava de volta em seu lugar, depravado e alegre. Nada parecia irritá-lo, e quando lhe disse o que tinha passado com a distribuidora a noite anterior, elogiou-me por mim delicadeza.

Tara não tinha vindo, assim não pude lhe perguntar sobre o Mickey. Mas era realmente meu problema? Provavelmente não meu problema —mas se minha preocupação, definitivamente-.

Jeff LaBeff estava de volta, envergonhado de ter brigado com o estudante a noite anterior. Sam tinha recebido uma chamada Telefónica do Terry lhe contando o incidente, e deu ao Jeff umas palavras de advertência.

Andy Bellefleur, um detetive da força do Renard, Parish e irmão de Porta, entrou com a jovem com quem saía, Halleigh Robinson. Andy era maior que eu, que tenho vinte e seis anos. Halleigh tinha vinte e um somente, a idade justa para entrar no Merlotte. Halleigh ensinava na escola primária, logo que tinha saído da universidade, e era verdadeiramente atraente, com o cabelo castanho curto à altura do lóbulo de suas orelhas, enormes olhos negros e uma figura agradavelmente arredondada. Andy tinha estado saindo com o Halleigh durante aproximadamente dois meses, e do pouco que eu via o casal, pareciam estar progredindo em sua relação.

Os verdadeiros pensamentos do Andy em realidade eram, que Halleigh gostava muitíssimo (embora era um pouco aborrecida), e ele estava realmente preparado para deixá-la. Halleigh pensava que Andy era sexy e um verdadeiro homem de mundo, além disso realmente gostava da recém restaurada mansão dos Bellefleur, mas não acreditava que ele seguisse com ela depois de ter dormido juntos. Ódio o saber mais sobre as relações do que a mesma gente sabe, mas não importa como me contenho sou uma antena que recolhe um montão de coisas.

Claudine veio ao bar aquela noite, na hora de fechar. Claudine mede 1.83 mts, com o cabelo negro ondulado sobre suas costas, pele branca que luz fina e brilhante como uma ameixeira. veste-se para chamar a atenção. Esta noite levava um traje calça cor terracota, muito apertado sobre seu corpo de amazona. Trabalha no departamento de queixa de uma grande loja se localizada na alameda do Ruston durante o dia. Desejava que houvesse trazido para seu irmão, Claude, com ela. Não joga em minha equipe, mas é um banquete para os olhos.

Ela é uma fada. Refiro-me a que o é, literalmente. Claudine, é obvio.

Saudou-me através da multidão. Retornei-lhe a saudação com um sorriso. Todo mundo é feliz ao redor do Claudine, a qual esta sempre alegre sempre e quando não houver nenhum vampiro em suas imediações. Claudine é imprevisível e muito divertida, embora como todas as fadas, é tão perigosa como um tigre quando está zangada. Felizmente isto não ocorre freqüentemente.

As fadas ocupam um lugar especial na hierarquia de criaturas mágicas. Não entendi qual é exatamente ainda, mas cedo ou tarde vou reunir todas as peças.

Cada homem na barra lhe caía a baba sobre o Claudine, e ela o absorvia por completo. Dirigi um largo olhar ao Andy Bellefleur e ao Halleigh Robinson a fulminou com o olhar, bastante zangada, até que recordou que era uma doce garota do sul. Mas Claudine abandonou todo interesse pelo Andy quando viu que ele bebia chá de gelo com limão. As fadas são mais violentamente alérgicas ao limão que os vampiros ao alho.

Claudine caminhou para mim, e me deu um grande abraço, ante a inveja de cada homem no bar. Tomou minha mão para me devorar ao escritório do Sam. Fui com ela com absoluta curiosidade.

— Querida amiga, -disse Claudine-

—Tenho más notícias para ti.

— O que? Tinha passado de perplexa a assustada em um instante.

—Houve um tiroteio cedo esta manhã. Um dos homens pantera foi alcançado.

— OH, não! Jason! —Mas certamente um de seus amigos me teria chamado se não tivesse chegado ao trabalho hoje.

—Não, seu irmão esta bem, Sookie. Mas Calvin Norris não.

Fiquei atordoada. Jason não me tinha chamado para me dizer isso? Tive que me inteirar por outra pessoa?

— Esta morto? -Perguntei,- escutando minha voz tremer-. Não, que Calvin e eu fôssemos tão próximos, longe disso, mas estava escandalizada. Heather Kinman, uma adolescente, tinha sido ferida mortalmente a semana passada. O que estava ocorrendo no Bon Temps?

—Dispararam-lhe no peito. Está vivo, mas muito grave.

— Esta no hospital?

— Sim, suas sobrinhas o levaram a Memorial Grainger.

Grainger era um povo mas longe, ao sudeste do Hotshot, e um pouco mas perto conduzindo de ali que o hospital do Parish no Clarice.

— Quem o fez?

—Ninguém sabe. Alguém lhe pegou um tiro cedo esta manhã, quando ia a seu trabalho. Ele tinha vindo a sua casa,..Umm...Para a mudança, e agora retornava à cidade, -Calvin trabalhava no Norcross-.

— Como soube tudo isto?

—Um de suas primos entrou na loja para comprar alguns pijamas, já que Calvin não tinha nenhuma. Acredito que o dorme nu, -disse Claudette-. Não sei como pensam que vão conseguirão lhe pôr um pijama sobre as ataduras. Possivelmente somente necessite as calças. Ao Calvin não gostaria de arrastar os pés ao redor do hospital, vestido sozinho com essas repugnantes bata entre ele e o mundo.

Claudine freqüentemente se desviava enormemente da conversação.

—Obrigado por me dizer isso pinjente.- Perguntei-me como o primo do Calvin conhecia o Claudine, mas não ia perguntar.

— Está bem. Sabia que queria inteirar-se. Heather Kinman é uma troca-formas, também. Arrumado que não sabia isso. Pensa nisso.

Claudine me deu um beijo na frente, -as fadas são muita confiantes- e retornamos ao bar. Tinha-me deixado muda. Claudine voltou para seu negócio como sempre. A fada pediu um 7 and 7, e imediatamente foi rodeada por pretendentes em aproximadamente dois minutos. Ela nunca partia com ninguém, mas os homens pareciam desfrutar tentando-o. Eu tinha decidido que Claudine se alimentava dessa atenção e admiração.

Inclusive Sam lhe sorria radiante, e isso que não lhe deu gorjeta.

Quando fechamos o bar, Claudine se tinha partido para voltar para o Monroe, e eu lhe tinha dado as notícias ao Sam. Estava tão consternado pela história como eu. Embora Calvin Norris era o líder da pequena comunidade de panteras do Hotshot, o resto do mundo o conhecia como um solteiro estável, tranqüilo, que possuía sua própria casa e tinha um bom trabalho como capataz no moinho de lenha local. Era difícil imaginar quem de todas as pessoas que conhecia tivesse tentado assassiná-lo. Sam decidiu enviar algumas flores de parte do pessoal do bar.

Pu-me meu casaco e saí pela porta traseira justo diante do Sam. Ouvi-o fechando a porta detrás de mim. Repentinamente recordei que nos estávamos ficando escassos de sangue engarrafado, e dava volta para dizer-lhe ao Sam. Ele se deu conta de meu movimento e esperou a que falasse, sua cara espectador. No tempo que toma uma piscada, sua expressão trocou de espectador a sobressaltado, um vermelho escuro começou a estender-se sobre sua perna esquerda, e escutei o som de um disparo.

Então o sangue esteve por todos lados, Sam se desabou ao chão, e comecei a gritar.

CAPITULO 3

Nunca tinha tido que pagar a entrada na Fangtasia antes. As poucas vezes em que tinha entrado pela porta principal, tinha sido com um vampiro. Mas agora vinha por minha conta e me sentia algo estranha. Estava exausta depois de uma noite especialmente larga. Tinha estado no hospital até as seis da manhã, e tinha dormido pouco, com um sonho intranquilo de poucas horas depois de que retornei a casa.

Pam cobrava e levava aos clientes a suas mesas. Vestia um comprido e vaporoso conjunto negro, que geralmente usava quando tinha que estar na porta. Pam nunca parecia feliz quando vestia como um vampiro fictício. Era autêntica e estava orgulhosa disso. Seu gosto pessoal se inclinava mas para conjuntos soltos em cores bolo e mocasines do montão. Parecia surpreendida, tanto como um vampiro pode está-lo, quando me viu.

—Sookie, -disse-, —Tem entrevista com o Eric?— Tomou meu dinheiro sem uma piscada.

Em realidade estava feliz de vê-la: patético, não? Não tenho muitos amigos, e valoro os que tenho, inclusive se suspeitar que sonham me apanhando em um beco escuro e ter seu fiestecita ensangüentada comigo.

—Não, mas preciso lhe falar. Negócios, -acrescentei apressadamente-. Não queria que ninguém pensasse que estava procurando atenção romântica do líder dos não mortos do Shreveport, uma posição chamada Xerife pelos vampiros. Despreendi-me de meu novo casaco cor arândano e o dobrei cuidadosamente sobre meu braço. WDED, a emissora de rádio apoiada em -tudo sobre vampiros- do Baton Rouge, estava-se escutando a todo volume no sistema de som. A voz suave do disc-jôquei da noite, Connie “o cadáver”, dizia:

—E aqui uma canção para todos os dos baixos recursos, que estiveram uivando esta semana. . . -Bad Moon Rising-, um velho hit do Creedence Clearwater Revival. Connie “o cadáver” lhes enviava uma mensagem privada aos troca-formas..

—Espera na barra enquanto lhe digo que você está aqui, -disse Pam-.

—você adorará o novo barman.

Os barmans na Fangtasia não duravam muito tempo. Eric e Pam sempre tentavam contratar a alguém exótico, para que os turistas humanos que chegavam em massa, tivessem seu passeio no lado escuro e selvagem, nisto tinham tido êxito. Mas de algum modo o trabalho tinha adquirido uma taxa de desgaste muito alta.

O Barman novo, dirigiu-me um branco sorriso, quando me sentei sobre um dos altos tamboretos. Estava muito bom. Tinha uma cabeleira larga e extremamente frisada, cor castanha. Fortes e largos ombros. Também lucia um bigode e uma barba. Cobrindo seu olho esquerdo, tinha um emplastro negro. Devido a seu rosto era magro e com todas essas consideráveis costure sobre ele, sua cara parecia lotada. Era de minha estatura, 1.70 mts, e vestia uma camisa de pirata, calças negras e altas botas negras também. O único que lhe faltava para completar seu traje era um lenço pacote ao redor de sua cabeça e uma pistola.

— Possivelmente um louro sobre seu ombro também? —Pinjente-.

—Aaargh... querida senhora, você não é primeira em sugerir tal coisa. Tinha uma estupenda voz de barítono. Mas tenho entendido que há regras do Departamento de Saúde contra ter um ave em liberdade em um estabelecimento que serve bebidas. aproximou-se de mim tão perto como a estreita zona detrás da barra lhe permitia.

— Posso te oferecer algo de beber e ter a honra de conhecer seu nome?

Tive que sorrir.

—Certamente, senhor. Sou Sookie Stackhouse. Tinha captado o olorcillo de anormalidade em mim. Os vampiros quase sempre o notam. Os não mortos geralmente sabem; os seres humanos não. É um pouco irônico que minha mente não leia às únicas criaturas que são capazes de me distinguir de entre o resto da

raça humana, enquanto que os seres humanos preferem acreditar que estou mentalmente incapacitada, que me atribuir uma incomum habilidade.

A mulher que estava em um banco junto a mim (com os cartões de crédito ao batente, conjuntamente com o síndrome de déficit de atenção) girou-se para escutar. Estava ciumenta, já que tinha estado tratando de tentar ao barman a que lhe mostrasse um pouco de atenção durante os trinta minutos anteriores. Jogou-me o olho, tratando de calcular o que tinha causado que o vampiro decidisse iniciar uma conversa comigo. Não estive absolutamente assombrada com o que viu.

—Estou prazer em conhecê-lo formosa donzela, -disse brandamente o novo vampiro-, e sorri abertamente. Bem, pelo menos, a seus olhos, -se você gostava dos olhos azuis e o cabelo loiro-. Seu olhar percorria todo meu corpo, mas se for uma mulher que trabalha em um bar, estas acostumada a isso. Pelo menos não me olhou em forma ofensiva; e me criem, em um bar, pode notar a diferença entre um olhar apreciativo e um olhar de quem quer joder-te.

—Arrumado uma boa soma a que não é nenhuma donzela, -disse a mulher sentada junto a mim-.

Tinha razão, mas isso era irrelevante.

—Deve ser cortes com os outros convidados, -disse-lhe o vampiro, com uma alterada versão de seu sorriso-. Não só suas presas se estenderam ligeiramente, se não que também notei um sinuoso sorriso em seus (maravilhosamente brancos) dente. Os padrões dentais americanos som muito modernos.

—Ninguém me diz como atuar, -disse a mulher combativa-. Comportava-se hostil porque a noite não ia como a tinha planejado. Tinha pensado que seria fácil atrair a um vampiro, que qualquer vampiro pensaria que era uma sorte consegui-la. Tinha planejado deixar que alguém lhe mordesse o pescoço, se tão solo pagasse suas faturas de cartão de crédito.

estava-se superestimando e subestimando aos vampiros.

—Desculpe-me, senhora, mas enquanto este na Fangtasia, definitivamente lhe direi como atuar, -disse o barman-.

Ela se afundou depois de que o lhe dirigiu um olhar dominante, e me perguntei se não lhe tinha aplicado uma dose de encanto.

—Meu nome, é Charles Twining. -Disse, me devolvendo sua atenção-.

—Prazer em conhecê-lo. -pinjente-.

—E a bebida?

—Sim, por favor. Um ginger ale. Tinha que retornar conduzindo de retorno ao Bon Temps, depois de que tivesse visto o Eric.

Arqueou levemente as sobrancelhas, mas me serve a bebida e a pôs sobre um guardanapo em frente de mim. Paguei-lhe e deposei uma boa gorjeta na barra. O pequeno guardanapo branco tinha algumas presas perfiladas em negro, com uma só gota de cor vermelha deslizando-se das presas, guardanapos feitos a encarrego para o bar de vampiros, o nome da Fangtasia, estava impresso com chamativas letras vermelhas na esquina oposta do guardanapo, igual ao símbolo na entrada do estabelecimento. Era lindo. Havia também camisetas em venda em uma caixa na esquina, igual a lentes decorados com o mesmo logotipo. Debaixo se lia, “Fangtasia”. O bar com uma mordida. A experiência em marketing do Eric fazia grandes progressos nos últimos meses.

Assim esperei meu turno para que Eric me atendesse, observei ao Charles Twining trabalhar. Era educado com todos, servia as bebidas rapidamente, e nunca se via atarefado. eu adorava sua técnica mais que a do Chow, o anterior barman, quem sempre parecia que os fazia um favor lhes servindo de beber aos clientes. Long Shadow, o barman antes que Chow, tinha tido muita preferência pelos clientes femininos, isso causava multidão de problemas em um Bar.

Absorta em meus pensamentos, não adverti que Charles Twining tinha cruzado a barra e estava justo frente a mim até que disse, —Senhorita Stackhouse, posso te dizer que encantadora luzes esta noite?

—Obrigado, Sr. Twining—, pinjente, entrando no espírito do jogo. O olhar no único olho visível marrom do Charles Twining me deixou saber que era um patife de primeira classe, e não confiaria no, mas longe do que eu pudesse confiar que pudesse afastá-lo, que talvez solo fossem uns centímetros. (Os efeitos de minha última infusão de sangue vampírica tinham caducado e agora solo era um humano regular. Hey, não sou nenhuma drogada; tinha sido uma situação de emergência que requeria de força suplementar)

Não só era que tivesse retornado à força normal de uma mulher em seus vinte e seis, minha aparência tinha retornado à normalidade; nada de realce vampírico, nem sequer me tinha vestido de forma elegante, já que não queria que Eric pensasse que me arrumava para ele, mas tampouco tinha querido vir por completo desarrumada. Assim lucia uns blue jeans ao quadril e um suéter branco curto e decotado. Chegava-me até a cintura assim que se via algo de meu ventre quando caminhava. Meu estomago não estava completamente descolorido, graças à cama de bronzado, que rendiam aonde alugava meus filmes.

—Por favor querida dama, me chame Charles, -disse o barman-, posando sua mão em seu coração.

Ri a gargalhadas, apesar de meu cansaço. A teatralidade do gesto não diminuía pelo fato de que o coração do Charles não estava pulsando.

—É obvio—, -pinjente agradável-.

—Só se você me chama Sookie.

Pôs os olhos em branco, como se a emoção fora muito para ele, e me ri outra vez. Pam me tocou o ombro.

—Se pode te afastar um momento de seu novo amigo, Eric esta livre.

Inclinei a cabeça para o Charles e saltei do tamborete para seguir ao Pam. Para minha surpresa, não me levou de retorno ao escritório do Eric, se não a um dos reservados. Evidentemente, esta noite Eric estava cumprindo com seu dever no bar. Todos os vampiros na área do Shreveport tinham que mostrar-se na Fangtasia um certo número de horas todas as semanas assim os turistas seguiriam vindo; um bar de vampiros sem clientes reais, era um estabelecimento arruinado. Eric punha bom exemplo a seus subordinados mostrando-se no bar a intervalos regulares.

Geralmente o xerife da zona cinco se sentava no centro do estabelecimento, mas esta noite estava em um discreto reservado. Observou-me enquanto me aproximava. Sabia que estava admirando meu ajustados jeans, e meu ventre plano, assim como o suéter branco, que marcava generosamente minhas formas. Devi ter levado roupa mais desalinhada. (me criem, tenho multidão dessa em meu roupeiro.) Não devi ter levado o casaco cor arándano, que Eric me tinha dado. Não devi ter feito nada para atrair sua atenção, e tinha que admitir, que esse tinha sido meu objetivo. Tinha-me enganado a meu mesma.

Eric se deslizou fora do reservado e se elevou desde sua considerável altura de 1.95 mts. Sua juba loira se frisou sobre suas costas, e seus olhos azuis cintilaram sobre sua branca cara. Eric tem rasgos chamativos, maçãs do rosto altos, e uma mandíbula quadrada. Parece um ingovernável vikingo, do tipo que poderia saquear um povo em seguida; o qual é exatamente o que tinha sido.

Os vampiros não se dão a mão exceto baixo extraordinárias circunstâncias, assim não esperei nenhuma saudação do Eric. Mas se dobrou para me dar um beijo sobre a bochecha, e o fez lentamente, como se quisesse que eu soubesse que gostaria de me seduzir.

Não recordava que já tinha beijado, mais ou menos cada polegada do Sookie Stackhouse. Tínhamos estado tão intimamente perto, como solo um homem e uma mulher pudessem estar.

Só que Eric não podia recordar nada disso. Quis que isso ficasse assim. Bem, não que exatamente o quisesse; mas sabia que era melhor que Eric não recordasse nada de nossa pequena aventura.

— Que bonito esmalte de unhas, -Disse Eric sorrindo-. Tinha um leve acento. O inglês não era sua segunda língua, certamente; era talvez sua língua número vinte e cinco.

Tentei não corresponder a seu sorriso, mas estava feliz pelo completo. Confiava em que Eric se de conta da única coisa nova e diferente sobre mim. Nunca tinha tido as unhas largas até fazia pouco, e agora estavam pintadas de um profundo e estupendo vermelho arândano, de fato, combinavam com o casaco.

—Obrigado, -murmurei-.

— Como estiveste?

—Muito bem. -Levantou uma loira sobancelha-. Os vampiros não tinham uma saúde variável. Agitou a mão, assinalando o assento vazio no reservado, e me deslizei no.

— Teve algum problema para voltar a tomar as rédeas? -Perguntei, para me pôr ao dia-.

Um par de semanas antes, uma bruxa tinha enfeitiçado ao Eric, lhe causando amnésia, e lhe tinha tomado vários dias restituir seu sentido de identidade. Durante esse tempo, Pam o tinha deixado comigo para mantê-lo oculto da bruxa que o tinha amaldiçoado. A luxúria tinha tomado seu curso. Muitas vezes.

—É como montar em bicicleta, -disse Eric-, e embora me obriguei a me enfocar, (perguntei-me quando tinham sido inventadas as bicicletas, e se Eric tinha tido algo que ver nisso).

—Recebi uma chamada do amo do Long Shadow, um índio americano cujo nome parece ser Hot Rain. Estou seguro de que recorda ao Long Shadow.

—Justo estava pensando no. -pinjente-.

Long Shadow tinha sido o primeiro barman da Fangtasia. Tinha estado malversando recursos do Eric, o qual me tinha coagido para que interrogasse às meseras e a outros empregados humanos, até que descobri ao culpado. Aproximadamente dois segundos depois de que Long Shadow tivesse rasgado minha garganta, Eric tinha executado ao barman com a tradicional estaca de madeira. Matar outro vampiro é uma coisa muito séria, eu me recuperei, e Eric tinha tido que pagar uma boa multa —a alguém que eu nunca conheci- Se Eric tivesse matado ao Long Shadow sem nenhuma justificação, outras penalidades teriam entrado em jogo. Estava feliz de que sortes penalidades permanecessem sendo um mistério.

— O que queria Hot Rain? -Perguntei-.

—me deixar saber que embora tinha pago o preço fixado pelo árbitro, o não se considerava satisfeito.

— Queria mais dinheiro?

—Não acredito que fora isso. Parece pensar que a recompensa financeira não era tudo o que o requeria. -Eric se encolheu de ombros-.

—No que a meu concerne, o tema está resolvido. -Eric tomou um gole de sangue sintético, reclinou-se em sua cadeira, e me olhou com seus desconcertantes olhos azuis-.

—E já que meu pequeno episódio desta amnésia terminou. A crise terminou, as bruxas estão mortas, e a ordem foi restituída em meu pequeno trocito da Luisiana. Como foram as coisas para ti?

—Bem, estou aqui por assuntos de negócios, -pinjente, e pus minha melhor cara de negócios-.

— O que posso fazer por ti, Sookie? -Perguntou-.

—Sam quer te perguntar algo, -pinjente-.

—E envia a ti para perguntá-lo. É muito inteligente ou muito estúpido? -perguntou-se a se mesmo em voz alta-.

—Nenhuma das duas coisas, -pinjente, tratando de não parecer irritada-.

—É sua perna, -esta rota-. Quer dizer se rompeu a perna ontem à noite. Dispararam-lhe.

— Como aconteceu isso? -A atenção do Eric se agudizou-.

Expliquei-lhe. Tremi um pouco quando lhe disse que Sam e eu tínhamos estado sozinhos, quão silenciosa tinha estado a noite.

—Arlene acabava de ir-se. Chegou a sua casa sem saber nada. A nova cozinheira, Sweetie, acabava de ir-se também. Alguém lhe disparou das árvores que estão ao norte do estacionamento. -Tremi novamente, esta vez de medo-.

— Que tão perto te encontrava?

—OH, -pinjente, e minha voz tremeu. —Estava realmente perto. Acabava de me voltar. . Então foi quando me dava conta. . . havia sangue por toda parte.

A cara do Eric se voltou dura como o mármore. — O que fez depois?

—Sam tinha o telefone em seu bolso, -graças a Deus por isso-, pressionei a mão sobre o buraco em sua perna e marquei o 911 com a outra mão.

— Como está o?

—Bem. -Inspirei profundamente e tratei de me manter acalmada-.

—Esta muito bem, considerando o que pôde lhe acontecer. Esta muito acalmado. É orgulhoso. Mas é obvio, estive deprimido por um tempo, e além disso. . . tantas coisas estranhas estiveram ocorrendo no bar ultimamente. Nosso barman substituto só pode cobri-lo por par de noites. Terry está um pouco prejudicado.

— Então qual é a petição do Sam?

—Sam quer que o Prestes um barman, até que sua perna cure.

— por que me esta pedindo isso , em lugar de fazer-lhe ao chefe da manada do Shreveport?— Troca-forma-los poucas vezes se organizam, mas os licântropos da cidade se o faziam. Eric tinha razão: deveria ter sido mais lógico que Sam fizesse essa petição ao Coronel Flood.

Baixe a vista, para ver minhas mãos, que sustentavam o copo de ginger ale.

—Alguém está à caça dos troca-formas e licântropos no Bon Temps—, -pinjente-. Disse-o em voz baixa. Sabia que me escutaria através da música e o bate-papo do bar.

Justo nesse momento um homem se cambaleou até o reservado, um jovem militar da Base da Força Aérea do Barksdale, que é parte também da área do Shreveport. (Classifiquei-o imediatamente pelo corte de cabelo, boa saúde, e seus amigos.) balançou-se sobre seus talões por um comprido momento, passeando seu olhar do Eric para mi.

—Hey, você, -disse-me o jovem, tocando meu ombro-. Olhei-o, resignada ao inevitável. Algumas pessoas procuram seu próprio desastre, especialmente quando bebem. Este jovem, com seu corte de cabelo ao ras e corpo robusto, estava longe de casa e determinado a provar-se a se mesmo.

—Não me agrada muito que me chamem “hey, você”, e tampouco ser empurrada com um dedo. Mas tratei de manter uma atitude agradável com o jovem. Tinha a cara e os escuros olhos redondos, boca pequena e grosas sobrelhas cor café. Vestia um limpo yérsey e calças cor cáqui. Também vinha preparado para dar briga.

—Não acredito te conhecer, -disse-lhe brandamente-, tratando de reduzir a situação.

—Não deveria te sentar com vampiros, -disse-. —As garotas humanas não deveriam estar com tipos mortos.

Quão freqüentemente tinha escutado isso? Tinha recebido multidão de comentários desta porcaria quando tinha estado saindo com o Bill Compton.

—Deveria voltar com seus amigos Dave. Não quisesse que seu mami receba uma chamada Telefónica em que lhe digam que morreu em uma briga em um bar na Luisiana. Especialmente não em um bar de Vampiros, Correto?

— Como sabe meu nome? -Perguntou devagar-.

—Isso não faz nenhuma diferença, Ou se?

De reojo, podia ver que Eric estava movendo a cabeça. Desviar a conversa  o não era sua maneira de arrumar as intromissões.

Repentinamente, Dave começou a acalmar-se.

— Como sabe sobre meu?— Perguntou esta vez mas acalmado.

—Tenho visão de raios x, -pinjente seriamente-. —Posso ler seu carnê de conduzir em suas calças.

Começou a sorrir. —Hey, você pode ver outras coisas através de minhas calças?

Sorri-lhe em resposta. —   um homem com sorte, Dave, -disse ambiguamente-. —Agora, estou aqui em realidade, para falar de negócios com este tipo, assim se nos desculpas. . .

—Está bem. Sinto muito, eu. . .

—Não há problema absolutamente, -assegurei-lhe-. Foi com seus amigos, caminhando arrogante. Estava segura de que lhes faria um conto muito adornado da conversa  o.

Embora todos no bar tinham tratado de fingir que não estavam olhando o incidente, que tinha potencial para uma pouca de suculenta violência, tiveram que apressar-se a parecer ocupados quando os olhos do Eric percorreram as mesas circundantes.

—Tentava me dizer algo quando fomos interrompidos tão grosseiramente, -disse-. Sem ter ordenado nada, uma garçonete se aproximou e depositou uma bebida fresca frente a mim, levando o copo vazio. Alguém sentado com o Eric conseguia tratamento de luxo.

—Sim. Sam não é o único troca-formas ao que lhe dispararam no Bon Temps ultimamente. Ao Calvin Norris dispararam no peito faz alguns dias.    um homem pantera. E Heather Kinman foi baleada antes que o. Heather tinha são dezenove anos, uma mulher raposa.

Eric disse, —Ainda não vejo por que isso poderia ser interessante para mim.

—Eric, foi assassinada!

O ainda me olhava inquisidor.

Chiei os dentes, assim não lhe diria, que menina tão linda tinha sido Heather Kinman: acabava de titular-se da escola secundária e tinha conseguido seu primeiro emprego como dependente em uma loja de artigos de escritório no Bon Temps. Bebia uma malteada no Sonic, quando lhe dispararam. Agora, o laboratório de ciências forenses estaria comparando a bala que lhe tinham disparado ao Sam com a bala que tinha matado ao Heather, e as dois com a do peito do Calvin. Supus que as balas coincidiriam.

—Estou tratando de te explicar por que Sam não quer pedir ajuda a outro troca-formas, ou licântropo, disse-lhe com os dentes apertados.

—Pensa que com isso poderia estar pondo-os em perigo. E não há nenhum humano local que tenha os requisitos para o trabalho. Assim que me pediu que viesse a verte.

—Quando fiquei em sua casa, Sookie. . .

Gemi. —OH, Eric, deixa-o estar.

Ao Eric incomodava sobremaneira não poder recordar o que tinha ocorrido enquanto estava maldito.

—Algum dia recordarei, -disse quase asperamente-.

Quando recordasse tudo, ojala não recordasse o sexo.

O t  mbem recordaria    mulher que tinha estado esperando em minha cozinha com uma arma. Recordaria que tinha salvado minha vida recebendo a bala por mim. Recordaria que lhe tinha disparado. Recordaria que se desfeito do corpo.

daria-se conta de que teria poder sobre mim para sempre.

T  mbem poderia recordar que se humilhou o bastante para oferecer-se a abandonar todos seus negócios e dever viver comigo.

Desfrutaria recordar o sexo. Desfrutaria recordar que tinha poder sobre mim, adoraria recordar isso. Mas de algum modo não acreditava que Eric, desfrutasse recordando esse último detalhe.

—Sim, -disse quedamente, olhando minhas mãos. —Algum dia, espero que recorde. WDED estava tocando uma velha canção do Bob Seger, “Night Move”. Me dava conta de que Pam girava sobre se mesma dançando, seu corpo anormalmente forte e flexível se dobrava e enroscava de maneiras que os corpos humanos nunca poderiam fazer

Eu gostaria de vê-la dançar em vivo música de vampiros. Deveria escutar uma banda vampiro. Nunca esquecerá isso. Sobre tudo tocam em Nova Orleães e São Francisco, às vezes no Savannah ou em Miami. Mas quando tinha estado saindo com o Bill, havia me trazido para a Fantasia para que eu escutasse a um grupo que tocaria por uma noite somente em seu caminho para o sul de Nova Orleães. O vocalista principal da banda de vampiros que se chamavam a se mesmos, “Renfields Masters”, chorou lágrimas de sangue quando cantou uma balada.

—Sam foi inteligente ao te enviar, -disse Eric depois de uma larga pausa-. Não tinha nada que dizer a isso.

—Consegui a alguém. Pude sentir que meus ombros se relaxavam aliviados. Concentrei-me em minhas mãos e inspirei profundo. Quando lhe joguei uma olhada, Eric estava olhando a barra, considerando aos vampiros presente.

Tinha conhecido a maioria deles de passada. Thalia tinha largos cabelos negros frisados sobre suas costas e um perfil que no melhor dos casos poderia ser descrito como clássico. Tinha um duro acento -grego, pensei - e também tinha mau caráter. Indira era uma vampira a Índia diminuta, com misteriosos olhos de gazela; ninguém tomava a sério até que coisas ficavam fora de controle. Maxwell Lê era um banqueiro afroamericano. Embora era forte como qualquer vampiro, Maxwell tendia mais a desfrutar de passatempos mais cerebrais que ser um gorila.

— Importaria-te se envio ao Charles? -Eric parecia casual, mas o conhecia o suficiente para suspeitar que não o era-.

—Ou Pam, -pinjente-. —Ou alguém mais que possa conter seu caráter. Observei a Thalia esmagar uma taça metálica com seus dedos para impressionar a um macho humano que tratava de lhe pôr as mãos em cima. Este empalideceu e se escorreu de retorno a sua mesa. Alguns vampiros desfrutavam da companhia humana, mas Thalia não era um deles.

—Charles é o vampiro menos temperamental que alguma vez conheci, embora confesse que não o conheço bem. esteve trabalhando aqui somente duas semanas.

—Parece necessitá-lo aqui.

—Posso prescindir dele. -Eric me dirigiu um olhar arrogante que dizia muito claramente que era sua eleição determinar que tão ocupado queria manter a seu empregado-.

—Um. . . Muito bem. Aos clientes do Merlotte's gostarão de um pirata tão bom, e as utilidades do Sam aumentassem em consequência.

—Hei aqui os termos, -disse Eric, me olhando fixamente-.

—Sam deve proporcionarsangre ilimitada ao Charles e um lugar seguro para ficar. Você poderia querer o ter em sua casa, como o fez comigo.

—Certamente que não, -pinjente indignada-. —Não regenteo nenhuma hospedaria para vampiros viajantes. Frank Sinatra começou a cantarolar “Strangers in the Night”, no fundo do bar.

—OH, é obvio, esqueci-o. Mas lhe recompensamos generosamente por minha estadia.

Havia meio doido um tema espinhoso. Para falar a verdade, tinha-me ferido com um afiado pico. Estremeci-me.

—Essa foi idéia de meu irmão, -pinjente.. vi que os olhos do Eric brilharam, e avermelhei. Acabava de confirmar suas suspeitas. —Mas o atuou corretamente, -disse com convicção-.

— por que deveria ter hospedado a um vampiro em minha casa sem que este pagasse por sua estadia? depois de tudo, necessitava o dinheiro.

— Os cinquenta mil se terminaram já? -Perguntou Eric brandamente-. Jason ficou com uma parte disso?

—Isso não é teu assunto, -pinjente-, com voz aguda e indignada. Tinha dado somente a quinta parte disso ao Jason. Não me tinha pedido isso expressamente, embora, tinha que confessá-lo, o tinha esperado que eu lhe desse algo. Devido a eu o necessitava mais, tinha conservado mais do que inicialmente tinha planejado.

Não tinha seguro médico. Jason, é obvio, estava talher com o plano de serviços médicos do condado do Parish. Tinha começado a pensar, que tal se tivesse ficado incapacitada? Que se me rompia o braço ou tinha que tirar meu apêndice? Não só não ganharia nada em meu trabalho, se não que além disso teria faturas do hospital por pagar. E qualquer estadia em um hospital, hoje em dia, é custosa. Tinha incorrido em algumas fatura médicas durante no ano anterior, e me tinha demorado um tempo comprido e doloroso nas pagar.

Agora estava profundamente agradecida de ter tido essa precaução. A maioria das vezes, não me preocupo muito pelo futuro, porque estou acostumada a viver dia a dia. Mas a ferida do Sam me tinha aberto os olhos. Tinha estado pensando em quão gravemente necessitava um novo automóvel – ou ao menos a gente usado mais novo-. Tinha estado pensando que sujas estavam as cortinas da sala, e que agradável seria pedir uma novas no JCPenney. Tinha cruzado por minha mente que poderia ser muito divertido comprar um vestido que não estivesse em oferta. Mas me tinha escandalizado de tal frivolidade quando Sam foi ferido.

Quando Connie “o cadáver” introduziu a próxima canção (Uma destas noites), Eric examinou minha cara.

—Desejaria poder ler sua mente da mesma maneira que seu pode ler as mentes de outros, -disse-. Desejaria muito poder saber o que esta ocorrendo em sua cabeça. Desejaria que soubesse por que me importa saber que pode estar ocorrendo nessa cabeça.

Dirigi-lhe um inclinada sorriso.

—Estou de acordo com os términos: sangue e alojamento, embora o alojamento não será comigo necessariamente. E o dinheiro?

Eric sorriu.

—Tomarei meu pagamento em espécie. Agrada-me que Sam me deva um favor.

Chamei o Sam com o telefone celular que me tinha emprestado. Expliquei-lhe.

Sam parecia resignado.

—Há um lugar no bar no que o vampiro pode dormir. Muito bem. Pensão completa, e um favor. Quando pode vir?

Transmiti a pergunta ao Eric.

—Agora mesmo. -Eric fez gestos a uma garçonete humana, que luzia um comprido e decote vestido negro, o mesmo que todos os empregados humanos levavam. (Direi-te algo sobre vampiros: não gostam de trabalhar como garçons. E eles estão muito escassos de meseras, também. Nunca encontrará a um vampiro limpando mesas, tampouco. Os vampiros quase sempre contratam a seres humanos para fazer os trabalhos mais repugnantes em seus estabelecimentos.) Eric lhe ordeno que fora pelo Charles. Fez uma reverência, golpeou o punho sobre seu peito, e disse, —Sim, amo.

Honestamente, sua atitude me incomodou sobremaneira.

De qualquer forma, Charles saltou sobre a barra em forma muito teatral, e enquanto os clientes aplaudiam, abriu-se passo ao reservado do Eric.

Inclinando-se ante mim, voltou-se para o Eric com um ar de atenção que poderia ter parecido servil, mas em vez disso parecia prático.

—Esta mulher te dirá o que deve fazer. Enquanto ela te necessite, é seu amo. -Não pude decifrar a expressão do Charles Twining quando escutou a ordem do Eric-. Muitos vampiros simplesmente estariam em desacordo estando sempre à disposição de um ser humano, sem importar o que seu chefe os ordenasse.

—Não, Eric -Estava sobressaltada-. —Se você o fizer responsável ante alguém, deve ser ante o Sam.

—Sam te enviou. Confio a ti a direção do Charles. -A expressão do Eric foi firme. Sabia por experiência que quando Eric tinha essa expressão, não havia maneira de discutir com ele.

Não sabia em que direção estava indo, mas sabia que não era boa.

—Irei por meu casaco, e estarei preparado em qualquer momento que deseje partir, -disse Charles Twining-, fazendo uma gentil reverência que me fez se sentir como uma idiota. Fiz um ruído estrangulado, e embora ainda estava inclinado, seu olho que não estava oculto sob o emplastro se fechou em uma piscada. Sorri involuntariamente e me senti melhor.

Na aparelho de som, -Connie “o cadáver” -disse-, Escutem ouvintes da noite. Continuando com os dez êxitos consecutivos para vocês as genuínas cabeças mortas, hei aqui um favorito. -Connie começou a tocar -Fere Come the Night, e Eric disse, deseja dançar?

Olhei a pequena pista de baile. Estava vazia. Entretanto, Eric tinha conseguido um barman e um gorila ao mesmo tempo para o Sam quando este o tinha pedido. Devia ser gentil.

—Obrigado, -pinjente cortesmente-, e me deslizei fora do reservado. Eric me ofereceu sua mão, tomei, e pôs seu outra emano sobre minha cintura.

Apesar da diferença de estatura, arrumamo-nos isso muito bem. Fingi que não sabia que todos no bar nos estavam olhando, e nos deslizamos pela pista como se soubesse o que estava fazendo. Concentrei-me na garganta do Eric assim não estaria olhando a seus olhos.

Quando o baile havia terminou -disse-, Lhe sustentar me pareceu muito familiar, Sookie.

Com um tremendo esforço, deixei meus olhos fixos na noz de sua garganta. Tive o terrível impulso de lhe dizer, -Disse-me que me amava e prometeu que ficaria comigo para sempre-.

—Quisesse, -pinjente energicamente em vez disso-. Soltei sua mão tão rapidamente como pude e me desfiz de seu abraço.

— A propósito, alguma vez tropeçaste com um vampiro pouco amável chamado Mickey?

Eric agarrou minha mão outra vez e a apertou. -Pinjente,- Ow! E a soltou.

—Estava aqui a semana passada. Onde viu ao Mickey? -Demandou-.

—No Merlotte'S. -Estava assombrada do efeito que minha pergunta de último minuto tinha tido sobre o Eric-. O que tem de mau?

— O que estava fazendo?

—Bebendo Rede Stuff, sentado em uma mesa com meu amiga Tara. Já sabe, você a viu. No clube morto, no Jackson.

—Quando a vi estava sob o amparo do Franklin Mott.

—Bem, estavam saindo. Não posso compreender por que a deixaria ir com o Mickey. Espero que talvez Mickey só estivesse aí como seu guarda-costas ou algo assim. -Recuperei meu casaco do reservado-.

—Assim, qual é o mistério sobre este tipo? -Perguntei-.

—te afaste dele. Não fale com o, não te cruze com o, e não tente ajudar a seu amiga Tara. Quando estive aqui, Mickey falou principalmente com o Charles. Charles me disse que é um uva sem semente. É capaz de. . . as coisas mas cruéis. Não te aproxime da Tara.

Abri as mãos, pedindo ao Eric que se explicasse.

—Faria as coisas que o resto de nós não faria, -Disse Eric-.

Olhei fixamente ao Eric, escandalizada e profundamente preocupada.

—É que não posso fazer caso omissos de sua situação. Não tenho tantos amigos para que possa me permitir deixar que alguém se vá pela drenagem.

—Se esta envolta com o Mickey, é só carne, -Disse Eric com brutal simplicidade-. Tirou-me o casaco e o sustentou enquanto me deslizava dentro do. Suas mãos massagearam meus ombros depois de que o teve abotoado.

—Que esteja bem, disse. Não se necessitava um adivinho para supor que não queria falar mais sobre o Mickey.

— Recebeu minha nota de agradecimento?

—É obvio. Muito, ah, correto.

Assenti, esperando indicar que este era o final do tema. Mas, é obvio, não foi.

—Ainda me pergunto por que seu velho casaco tinha manchas de sangue, -murmurou Eric-, e meus olhos se encontraram com os seus. Amaldiçoei novamente meu descuido. Quando voltou para me agradecer que o tivesse hospedado, tinha vagado pela casa enquanto eu estava ocupada até que encontrou o casaco.

— O que fizemos, Sookie? E a quem?

—Era sangue de frango. Matei um frango e o cozinhei, -menti-. Tinha visto minha avó fazer isso quando eu era menina, muitas vezes, mas nunca o tinha feito eu mesma.

—Sookie, Sookie. Meu medidor de tolices está lendo isso como um “falso”, -disse Eric, movendo a cabeça em forma repreensiva- .

Estava tão assustada que me ri. Era um bom momento para partir. Podia ver que Charles Twining estava junto à porta principal com sua moderna jaqueta acolchoada posta.

—Adeus, Eric, e obrigado pelo barman—, pinjente, como se Eric me tivesse emprestado algumas baterias dobro AA ou uma taça de arroz. inclinou-se e beijou minha bochecha com seus frios lábios.

—Conduz com precaução, -disse-. E te afaste do Mickey. Tenho que descobrir por que está em meu território. me chame se tiver algum problema com o Charles. (Se as baterias estiverem defeituosas, ou se o arroz está cheio de vermes.) além dele, pude ver que a mesma mulher ainda estava sentada na barra, aquela que tinha comentado que eu não era nenhuma donzela. estava-se perguntando o que tinha feito para assegurar a atenção de um vampiro tão antigo e atrativo como Eric obviamente.

Freqüentemente me perguntava a mesma coisa.

CAPÍTULO 4

Conduzir de retorno ao Bon Temps foi agradável. Os vampiros não cheiram ou atuam como os humanos, mas é seguro que relaxam meu cérebro. Estar com um vampiro é estar quase livre de tensão, como se estivesse sozinho, exceto, certamente, pela possibilidade de que chupem seu sangue.

Charles Twining fez umas perguntas sobre o trabalho para o que tinha sido contratado e sobre o bar. Minha maneira de conduzir, pareceu lhe pôr algo incômodo -embora possivelmente sua inquietação fora devida simplesmente a estar em um automóvel-. Alguns vampiros anteriores à Revolução Industrial aborrecem o transporte moderno. O emplastro de seu olho estava sobre o esquerdo, de meu lado, o que me deu a curiosa sensação de ser invisível.

Tinha acompanhado ao vampiro ao lugar onde vivia, a recolher algumas costure. Ele tinha uma bolsa esportiva consigo, o suficientemente grande para conter talvez roupa para 3 dias. Acabava de mudar-se ao Shreveport, disse-me, e não tinha tido o tempo para decidir onde estabelecer-se.

depois de ter estado conduzindo durante aproximadamente quarenta minutos, o vampiro me perguntou:

— E você, senhorita Sookie? Vive com seu pai e sua mãe?

—Não, eles morreram quando eu tinha sete anos, -pinjente-. De reajo, alcance a caçar um gesto de sua mão que me convidava a seguir. Houve uma grande tormenta em um curto período de tempo uma noite daquela primavera, e meu pai tentou cruzar uma pequena ponte que estava talher de água. Foram arrastados pela corrente.

Joguei uma olhada a minha direita para ver que ele assentia. A gente morria, às vezes repentina e inesperadamente e às vezes também por uma razão tão vã. Um vampiro sabia que melhor que ninguém.

—Meu irmão e eu crescemos com minha avó, -pinjente-. Ela morreu o ano passado. Meu irmão vive na velha casa de meus pais, e eu na de minha avó.

—É afortunada de ter um lugar para viver, -comentou-.

De perfil, seu nariz aquilino era uma elegante miniatura. Perguntei-me se ao preocupava que os humanos evoluíssem, enquanto o ficava da mesma maneira.

— Ah, sim, -acordei-. Tenho sorte. Tenho um trabalho, tenho a meu irmão, uma casa, amigos. E estou sã.

Ele deu volta para observar meu rosto, acredito, mas eu transbordava uma danificada caminhonete Ford, assim não pude comprová-lo.

—É interessante. me perdoe, mas tive a impressão pelo Pam, de que tinha alguma espécie de incapacidade.

— Ah, pois sim.

- E esta seria...? Luzes muito, ah, robusta.
- Sou uma télépata.
- Considerou isso.
- E isso que significa?
- Posso ler as mentes de outras pessoas.
- Mas não a dos vampiros
- Não a dos vampiros não.
- Muito bem.
- Se, isso acredito, se eu pudesse ler a mente dos vampiros, teria morrido faz tempo que, os vampiros valoram com muito sua privacidade.
- Conheceu o Chow? -Perguntou-.
- Se, -foi meu turno para responder secamente.
- E ao Long Shadow?
- Se.
- Como o novo barman da Fantagsia, acredito que tenho um interesse muito compreensível por suas mortes.
- Compreensível, mas não tinha idéia de como responder.
- Muito bem -pinjente cautelosa-.
- Estava aí, quando Chow morreu novamente? -Essa era o modo no que alguns vampiros se referiam à morte final-.
- Umm....se...
- E quando o fez Long Shadow?
- Bom....se.
- Interessaria-me escutar o que tem que contar sobre isso.
- Chow morreu no que eles chamam a Guerra das Bruxas. Long Shadow tentava me matar quando Eric o estacou, porque o tinha estado desfalcando.
- Estas segura de que é por isso que Eric o estacou? Por desfalque?
- Eu estava ali. Sei. Fim do tema.
- Suponho que sua vida foi complicada, -disse Charles depois de uma pausa-.
- Sim.
- Onde ficarei durante as horas de sol?
- Meu chefe tem um lugar para ti.
- Há muitos problema nesse bar?
- Não até recentemente. -Vacilei-.
- O gorila que normalmente trabalha aí, não pode controlar aos troca formas?
- Nosso gorila, é o dono, Sam Merlotte. É um troca-formas. Agora mesmo, é um troca-formas com a perna rota. Dispararam-lhe. E não é o único ao que o têm feito.
- Isto não pareceu assombrar ao vampiro.
- A quantos mas?
- Três pelo que se. Um homem pantera chamado Calvin Norris, o qual esta no hospital, e antes disso uma garota troca-formas chamada Heather Kinman, que agora está morta. Lhe dispararam no Sonic, sabe a que restaurante me refiro? -Os vampiros não sempre emprestavam atenção aos restaurantes de comida rápida, porque eles não comiam-. (Hey, quantos bancos de sangue poderíamos localizar neste momento?).
- Charles assentiu, seu castanho cabelo ondulava sobre seus ombros.
- É esse aonde se come no automóvel?

— Sim, correto, -pinjente-. — Heather tinha estado no automóvel de um amigo, conversando, depois saiu do automóvel, para dirigir-se ao dele que estava a um par de lugares de distância. O disparo proveio do fundo da rua. Ela tinha uma malteada em sua mão. -O sorvete de chocolate derretendose mesclou com o sangue sobre o pavimento-. Eu o tinha visto na mente do Andy Bellefleur-. Era muito noite, e todos os negócios ao outro lado da rua tinha estado fechados durante horas. Assim que o assassino escapou.

— Os três assaltos foram de noite?

— Sim.

— Pergunto-me se isto significa algo.

— Poderia ser; mas talvez é que se pode ocultar melhor de noite.

Charles assentiu.

— Desde que Sam foi ferido, existe muita ansiedade entre os troca-formas porque é difícil acreditar que três agressões desse tipo possam ser coincidências. E os seres humanos normais, estão preocupados porque em sua opinião três pessoas foram agredidas por disparos ao azar, pessoas com nada em comum e poucos inimigos. Assim que todo mundo esta tenso, e por conseguinte há mais briga no bar.

— Nunca fui um gorila antes, -disse Charles-. Fui o filho mais jovem de um baronet, assim saí adiante por meu mesmo, e tenho feito muitas coisas. trabalhei como barman antes, e faz muito fui sócio de uma casa de entrevistas. Na porta, anunciava a mercadoria, é uma forma de dizê-lo não crie? – expulsava aos homens que ficavam muito duros com as putas. Suponho que é o mesmo que ser um gorila.

Eu estava muda ante essas inesperadas confidências.

— Certamente, isso foi depois de que perdesse meu olho, mas antes de que me convertesse em vampiro, -disse o vampiro-.

— Certamente, -repeti fracamente-.

— Que foi enquanto era um pirata, -prosseguiu-. Ele sorria. Comprovei-o lhe jogando uma olhada lateral.

— Que pirateava? -Eu não sabia se isto era um verbo ou não, mas ele entendeu claramente o que eu queria dizer-.

— Ah, tentávamos apanhar, a qualquer, -disse alegremente-. — Desde acima para baixo, por toda a costa da América, baixando perto de New Orleães, onde tomávamos pequenos cargueiros e coisas pelo estilo. Navegávamos em um navio pequeno, assim não podíamos tomar navios muito grandes, nem tampouco nos defender deles. Mas quando apanhávamos algo, então se que lutávamos! Suspirou, -recordando a felicidade de golpear às pessoas com uma espada, suponho-.

— E o que te passou? — Perguntei cortesmente, refiriéndome a como tinha terminado sua maravilhosa vida de rapina e morte, para converter-se em um vampiro fazendo as mesmas coisas.

— Uma tarde, abordamos um galeón que não tinha nenhum signo de vida, -disse-. Notei que suas mãos se convertiam em punhos. Sua voz se voltou mas fria. Tínhamos navegado às Tartarugas. Estava anoitecendo. Eu fui o primeiro homem em abordar... assim que me apanharam primeiro.

depois daquela pequena história, ficamos em silêncio de mútuo acordo.

Sam estava sobre o sofá na sala de estar de seu reboque. Tinha tido a casa móvel na parte traseira do bar, agora estava no estacionamento. Assim, ao menos abria sua porta a uma parte do estacionamento, o que era melhor que olhar a parte traseira do bar, com o grande bote de lixo entre a porta da cozinha e a entrada dos empregados.

— Bem, estas aqui, -disse Sam-, e seu tom era resmungão. Sam nunca podia estar quieto. Agora que sua perna estava engessada, preocupava-se da inatividade. O que faria durante a próxima lua enche? Estaria a perna o bastante curada como para que pudesse trocar? Se ele trocasse, o que aconteceria o gesso? Tinha conhecido a outros troca-formas feridos antes, mas não tinha estado perto em sua recuperação, assim que isto era território novo para mim.

—Começava a pensar que tinha perdido o caminho de volta. -A voz do Sam me devolveu ao aqui e agora-. Tinha um tom diferente.

— Ohh, obrigado, Sookie, vejo que retornou com alguém que se faça cargo do bar, -pinjente-. Sinto tanto que tenha tido que acontecer a humilhante experiência de pedir ao Eric um favor em meu nome. Naquele momento, não me preocupava, se o era meu chefe ou não.

Sam me olhou envergonhado.

— Eric aceitou, então, -disse-. Assinalando ao pirata.

— Charles Twining, a seu serviço, -disse o vampiro-.

Os olhos do Sam se alargaram.

—Bem. Sou Sam Merlotte, o dono do bar. Avaliação que tenha vindo para nos ajudar.

—Ordenaram-me fazê-lo, -disse o vampiro com serenidade-.

— Então o trato é que o de alojamento, comida e, que lhe deverei um favor, -disse Sam- .

—Devo ao Eric um favor. -Isto foi dito em um tom no que inclusive uma pessoa amável descreveria como resmungão-.

— Sim. -Estava zangada agora-. Enviou-me a fazer um trato. Comprovei os termos contigo! Esse foi o trato que fiz. Pediu ao Eric um favor; agora ele consegue um favor em troca. Não importa o que você tenha entendido, a isso se reduz tudo.

Sam assentiu, embora não parecia feliz.

—De fato, troque de opinião. Acredito que o Sr. Twining, deveria ficar contigo.

— E por que crie isso?

—O lugar aqui é um pouco estreito. Você tem um lugar escuro que pode servir para os vampiros ou não?

— Não me consultou sobre isso.

— Você rehúsa a fazê-lo?

— Sim! Não sou encarregada de um hotel de vampiros!

— Mas trabalha para mim, e ele trabalha para mim...

— Ah se.... E o importaria ao Arlene ou ao Holly?

Sam me olhou assombrado.

—Bem, não, mas é porque, -o se deteve então-.

— Não pode pensar como terminar a oração, verdade? -grunhi-. Bem, amigo, me comprido daqui. Passe uma noite que me colocou em uma situação embaraçosa por ti. E o que consigo em troca? Nem sequer as obrigado!

Dava uma patada ao piso da casa móvel. Não fechei de repente a porta porque não quis ser infantil. Açoitar a porta não é de adultos. Nem gritar tampouco. Bem, talvez chutar o piso não o é, tampouco. Mas era uma eleição entre fazer uma enfática saída verbal ou golpear ao Sam. Normalmente Sam era uma de minhas pessoas favoritas, mas esta noite... não.

Eu tinha o turno de dia, durante os três próximos dias – não é que estivesse segura de que ainda conservaria meu trabalho-. Quando entrei no Merlotte's às onze da manhã seguinte, correndo para a porta dos empregados, com meu feio e entretanto útil impermeável, já que chovia muito, estava quase segura que Sam me diria que recolhesse meu último pagamento e me fora. Mas ele não estava ali. Por um momento tive um sentimento que reconheci como decepção. Talvez me tinha estado preparando para outra briga, o qual era estranho.

Terry Bellefleur estava na barra, suprimindo ao Sam outra vez, e se notava que tinha um mau dia. Assim não era uma boa idéia lhe fazer perguntas ou inclusive dirigir-se a ele mais à frente do necessário.

Terry em particular odiava o tempo chuvoso, eu tinha notado também que não lhe agradava o Xerife Bud Dearborn. Não conhecia a razão de um ou outro prejuízo. Hoje, cinzas cortinas de chuva golpeavam o teto e as paredes, e Bud Dearborn estava pavoneando-se com cinco de seus camaradas na área de fumar. Arlene me Miro e me fez uma piscada de advertência.

Embora Terry estivesse pálido, e suarento, mantinha fechada a ligeira chamarra que freqüentemente levava sobre a camiseta que era o uniforme do Merlotte's. Notei que suas mãos tremiam quando serve uma cerveja. Perguntei-me se duraria até o anoitecer.

Ao menos não havia muitos clientes, se passava algo mau. Arlene se dirigiu para a porta para receber a um matrimônio de amigos que entravam nesses momentos. Minha seção estava quase vazia, à exceção de meu irmão, Jason, e seu amigo Hoyt.

Hoyt era o companheiro do Jason. Se eles não fossem definitivamente heterossexuais, lhes teria recomendado que se casassem, já que se complementavam o um ao outro tão bem, Hoyt desfrutava das piadas, e ao Jason adorava contá-los. Hoyt não sabia o que fazer em seu tempo livre, e Jason sempre estava pensando em algo. A mãe do Hoyt era um pouco entristecedora, e Jason era CO-dependente. Hoyt estava firmemente ancorado no aqui e o agora, e tinha um sexto sentido do que a comunidade toleraria e do que não. Jason não.

Pensei que agora Jason tinha um grande segredo, e me perguntei se lhe tentaria compartilhá-lo com o Hoyt.

— Como estiveste hermanita? -Pergunto Jason-. Sustentou seu copo frente a mim, indicando que gostaria que lhe servisse mas refresco Dr. Pepper. Jason nunca bebia álcool, até que seu dia de trabalho estivesse terminado, um grande ponto a seu favor.

—Bem, irmão. Quer algo mais, Hoyt? -Perguntei-.

— Por favor, Sookie. Chá gelado, -disse Hoyt-.

Em um segundo voltei com suas bebidas. Terry me olhou furioso quando as servi detrás da barra, mas não falou. Posso fazer caso omissos de um olhar furioso.

— Sook, quer ir comigo ao hospital no Grainger esta tarde depois de que termine seu turno? -Pergunto Jason-.

—Sim, seguro. -Calvin sempre é agradável comigo-.

Hoyt disse:

—Isto é de loucos, Sam, Calvin e Heather conseguiram que lhes disparassem. A que conclusão chegaste? -Hoyt decidiu que sou um oráculo-.

— Hoyt, seu sabe tanto como eu, -disse-lhe-. Acredito que todos deveríamos tomar cuidado. Esperei que a transcendência disto não fora ignorada por meu irmão. Ele se encolheu de ombros.

Quando elevei a vista, vi um desconhecido que estava esperando que lhe atendessem e me dava pressa em fazê-lo. Seu cabelo negro, molhado pela chuva, estava sujeito em uma rabo-de-cavalo. Sua cara estava marcada com uma linha larga branca e magra que sulcava ao longo de sua bochecha. Quando se tirou a jaqueta, pude observar que era fisiculturista.

— Área de fumar ou não fumar? –Perguntei-, com um menu já em minha mão.

— Não, fumar, -disse-, e seguiu a uma mesa. Ele com cuidado pendurou sua jaqueta molhada no respaldo de uma cadeira e tomou o menu depois de que se sentou. Minha esposa estará aqui em uns minutos, -disse-. Reuniremo-nos aqui.

Pus outro menu no lugar adjacente.

— Quer ordenar agora ou esperá-la?

— Eu gostaria de algum chá quente, -pediu-. Esperarei até que ela venha para ordenar de comer. Têm um menu limitado aqui, né...? Ele jogou uma olhada ao Arlene e logo outra vez me observou. Comecei a me sentir incômoda. Sabia que ele não estava aqui porque o lugar era conveniente para o almoço.

— Isto é tudo o que servimos, -pinjente-, tomando cuidado de parecer relaxada. Mas o que temos esta muito bom.

Fui à barra a preparar o lhee, pus uma taça de água quente e uma bolsa de chá, sobre um prato, adicionei um par de fatias de limão, também. Não havia fadas ao redor que ofender.

— Você é Sookie Stackhouse? -Perguntou quando retornei com seu chá-.

— Sim, sou-o. -Pus o prato com cuidado sobre a mesa, diretamente ao lado da taça-. por que quer sabê-lo? -Eu já sabia por que, mas com a gente regular, tinha que perguntar-.

— Sou Jack Leeds, investigador privado, -disse-. Ele pôs um cartão de visita sobre a mesa, girada para mim para que pudesse lê-la. Esperou um momento, como se pelo general conseguisse uma reação dramática ante aquela declaração. fui contratado por uma família no Jackson, Mississippi, os Pelt, -prossegiu, quando viu que eu não ia falar-.

Meu coração se afundou até meus sapatos antes de que começasse a palpitar rapidamente. Este homem acreditava que Debbie estava morta. E pensava que havia uma boa possibilidade de que eu pudesse saber algo sobre isso.

Ele estava absolutamente no correto.

Eu lhee tinha disparado ao Debbie Pelt um par de semanas antes, em defesa própria. O seu era o corpo que Eric tinha oculto. Sua era a bala que Eric tinha tomado para mim.

O desaparecimento do Debbie depois de sair de uma “festa” no Shreveport, Luisiana (de fato uma vital e importante guerra entre bruxas, vampiros, e licântropos), tinha sido a fofoca durante nove dias. Tinha esperado que esse fora o final daquilo.

— Então os Pelt não estão satisfeitos com a investigação políciaca? –Perguntei-. A qual era uma pergunta estúpida, uma que escolhi ao azar. Tive que dizer algo para romper o crescente silêncio.

— Isso não foi realmente uma investigação, -disse Jack Leeds-. A polícia no Jackson decidiu que ela provavelmente tinha desaparecido voluntariamente. Eles não acreditaram isso, entretanto.

Sua cara trocou então; parecia que alguém tinha aceso uma luz detrás de seus olhos. Dava volta para olhar o que via, e observei a uma loira de estatura medeia agitar seu guarda-chuva na porta. Tinha o cabelo curto e a pele pálida, e quando deu a volta, observei que era muito bonita; ao menos, o teria sido se tivesse estado mais animada.

Mas isto não era um fator que importasse ao Jack Leeds. Ele olhava à mulher que amava, e quando ela o viu, a mesma luz se acendeu atrás de seus olhos, também. dirigiu-se a sua mesa tão brandamente como se estivesse dançando, e quando se desfez de sua própria jaqueta molhada, vi que seus braços eram tão musculosos como os seus. Não se beijaram, mas suas mãos se uniram e se apertaram brevemente. depois de que ela se sentou e tivesse pedido Coca Cola de dieta, seus olhos foram ao menu. Ela pensava que todo o alimento devotado no Merlotte era insano. Tinha razão.

— Salada? -Perguntou Jack Leeds-.

— Tenho que ter algo quente, -disse-. Chili?

— Bem. Dois chilis, -disse-me-. Lily, ela é Sookie Stackhouse. Srita. Stackhouse, ela é Lily Bard Leeds.

— Olá! -disse-. — Estava procurando sua casa.

Seus olhos eram azul claro, e olhava fixamente como a linha de um laser.

— Foi seu a que viu o Debbie Pelt a noite que ela desapareceu! -Sua mente adicionou, seus é a que ela odiava tanto-.

Eles não conheciam a verdadeira natureza do Debbie Pelt, e me aliviou saber que os Pelt não tinham sido capazes de encontrar a um investigador licântropo. Eles não poderiam encontrar a sua filha por meio de detetives regulares. Já que ela mantinha duas personalidades uma das quais terei que manter em segredo, seria melhor que não soubessem, no que a eles concernia.

— Sim, -pinjente-. — Eu a vi aquela noite.

— Podemos a falar contigo sobre isto? depois de que saia do trabalho?

— Tenho que ir ver um amigo no hospital depois do trabalho, -pinjente-.

— Doente? -Perguntou Jack Leeds-.

— Dispararam-lhe, -pinjente-.

Seu interesse se acrescentou.

— Por alguém local? -Perguntou a loira-.

Então vi como poderia dirigir tudo.

— Por um franco-atirador, -pinjente-. Estiveram-lhes disparando às pessoas ao azar nesta área.

— Algumas dessas pessoas desapareceram? -Perguntou Jack Leeds-.

— Não, -admiti-. Deixaram-nos no mesmo lugar que lhes dispararam. Certamente, houve testemunhas em todos os tiroteios. Talvez por isso os deixam aí. -Eu não me tinha informado de que ninguém em realidade tivesse visto quando dispararam ao Calvin, mas alguém tinha avisado aos 911-.

Lily Leeds me perguntou se podiam ir ver-me ao dia seguinte antes de que eu fora a trabalhar. Dava-lhes a direção de minha casa e lhes indique que fossem às dez. Não pensei que falar com eles fora uma boa idéia, mas também acreditei que não tinha outra opção tampouco. Voltaria-me mais suspeita, se rechaçava falar sobre o Debbie.

Encontrei-me desejando poder chamar o Eric esta noite e lhe contar sobre o Jack e Lily Leeds; as preocupações compartilhadas são preocupações na metade. Mas Eric não recordava nada disso. Eu desejaria esquecer a morte do Debbie, também. Era horrível saber algo tão pesado e terrível, e ser incapaz de compartilhá-lo com alguém.

Eu sabia tantos segredos, mas quase nenhum deles era próprio. Este segredo próprio, era uma carga escura e sangrenta.

Charles Twining ia relevar ao Terry assim que estivesse escuro. Arlene trabalhava tarde, já que Danielle assistia ao recital de baile de sua filha, e fui capaz de aliviar meu humor um pouco, informando ao Arlene sobre o novo barman/gorila. Ela estava cativada. Nunca tínhamos tido um cavalheiro inglês de visita no bar, muitíssimo menos um inglês com um emplastro no olho.

— Dá minhas saudações ao Charles, -disse-lhe enquanto me punha o impermeável-. Depois umas duas horas de garoa, a chuva havia começavam a aumentar mais rápido novamente.

Chapinhei até meu automóvel, com o capuz bem estirado sobre minha cara. Justo quanto lhe tirava o seguro e abria a porta do condutor, escute uma voz dizendo meu nome. Sam estava de pé sobre suas muletas na porta de seu reboque. Ele tinha agregado um pórtico coberto um par de anos antes, assim não se estava molhando, mas não tinha que estar de pé ali, tampouco. Fechei de um golpe a porta do automóvel, saltei sobre os atoleiros e através das pedras. Em um par de segundos, estive de pé sobre seu pórtico escorrendo água.

— Sinto muito, -disse-.

Olhei-lhe fixamente.

—Deveria senti-lo, -disse-lhe bruscamente.

— Bem, sinto muito

— Bom. Esta bem. -Resolvida, não o perguntei que tinha feito com o vampiro-.

— Passou algo no bar hoje?

Vacilei. — Bem, a multidão foi escassa, por dizê-lo de algum jeito. Mas... comecei a lhe contar sobre os detetives privados, mas então me dava conta de que ele perguntaria. E eu poderia terminar por lhe contar inteira a lamentável historia sozinho pelo alívio de confessar-lhe a alguém.

— Tenho que ir, Sam. Fiquei com o Jason que iríamos visitar o Calvin Norris no hospital no Grainger.

Ele me olhou. Entrecerrando os olhos. Suas pestanas era do mesmo tom dourado-rojizo de seu cabelo, assim solo se apreciavam se te aproximava do suficiente. E não era de minha incumbência estar pensando nas pestanas do Sam, ou em qualquer outra parte dele, em realidade.

— Eu estava de mau humor ontem, -disse-. Não tenho que te dizer por que.

— Bem, suponho que se, -pinjente, desconcertada-. Porque certamente não entendo...

— O ponto é, que sabe que pode contar comigo.

Ficar furioso comigo sem razão? Pedir desculpas depois?

— Realmente me confundiste muito ultimamente, -pinjente-. Mas foste meu amigo por anos, e tenho muito alta opinião de ti. Aquilo pareceu havê-lo afetado, assim tentei sorrir. Ele me sorriu em resposta, e uma gota de chuva caiu de meu capuz e se pulverizou sobre meu nariz, e o momento terminou. — Perguntei-, quando crie que poderá retornar ao bar?

— Tentarei ir amanhã por um momento, -disse-. — Ao menos posso me sentar no escritório e trabalhar com os livros, conseguir terminar um pouco de papelada.

— Verei-te aí.

— Seguro.

E corri de retorno a meu automóvel, sentindo que meu coração era muito mas ligeiro do que tinha sido antes. Estar zangada com o Sam me tinha parecido incorreto. Não me tinha dado conta de quanto me pesava, até que voltei a estar bem com o novamente.

CAPITULO 5

Estava chovendo muito, quando chegamos ao estacionamento do hospital Grainger. Este hospital era tão pequeno como o que tínhamos no Clarice, a maior parte das pessoas do Renard Parish, eram levadas a aquele. Mas o hospital Grainger era mais novo e tinha maior quantidade de modernas máquinas de diagnóstico que os hospitais modernos pareciam requerer.

Eu me tinha trocado por uns jeans e um suéter, mas continuava levando meu impermeável forrado. Quando Jason e eu apressamos às portas corrediças, felicitei a meu mesma por levar botas. O clima pela tarde demonstrava ser tão repugnante como tinha sido pela manhã.

O hospital estava bulindo de troca-formas. Pude sentir sua cólera assim que estive dentro. Duas dos panteras do Hotshot estavam no vestibulo; figurei-me que atuavam como guardas. Jason foi para eles e tomou suas mãos firmemente. Talvez intercambiou alguma espécie de tremor secreto ou algo; não o se. Pelo menos não se esfregaram as pernas uns contra outros. Eles não pareciam muito felizes de ver o Jason como ele de vê-los eles, e notei que Jason se afastou com o cenho franzido. Os dois me olharam atentamente. O homem era rechoncho e de média estatura, tinha o cabelo loiro escuro e espesso. Seus olhos estavam cheios de curiosidade.

—Sook, este é Dixon Mayhew, -disse Jason. —E esta é Dixie Mayhew, sua irmã gême-a. Dixie tinha a mesma cor de cabelo que seu irmão, quase tão curto como Dixon, mas ela tinha os olhos escuros, quase negros. Certamente não eram gêmeos idênticos.

— esteve tudo tranqüilo por aqui? -perguntei cautelosa-.

—Nenhum problema até agora, -disse Dixie-, mantendo a voz baixa. O olhar do Dixon estava fixa no Jason.

— Como esta seu chefe?

—Esta delicado, mas se curará.

—Ao Calvin deram um mau tiro. -Dixie me olhou durante um minuto-. Esta na habitação 214.

Tendo sido dado o selo de aprovação, Jason e eu fomos à escada. Os gêmeos nos olharam durante todo o trajeto. Passamos o escritório auxiliar onde “a senhora rosada “de volta registrava aos visitantes Sentia um pouco preocupada sobre ela: cabelo grisalho, óculos pesados, cara doce, complementado com um rosto cheio de rugas. Esperei que não passasse nenhum desastre durante sua vigilância.

Era fácil escolher qual habitação era a do Calvin. Uma prancha de músculos se apoiava contra a parede fora do quarto, um homem em forma de barril que eu nunca tinha visto. Era um homem lobo, os licântropos são bons guarda-costas segundo a sabedoria popular das duas naturezas, porque são desumanos e tenazes. Por isso vi essa é a imagem de menino mau que têm os lobos. Mas é verdade que, pelo general, eles são o elemento mais áspero da comunidade duas naturezas. Não se encontrassem muitos lobos- doutores, por exemplo, mas se se encontrarão muitos lobos no trabalho de construção. Os trabalhos que se relacionam com motocicletas e qualquer classe de empregos duros, são dominados pelos licântropos. Algumas dessas turmas fazem mais que beber cerveja as noites de lua enche.

Ver um licântropo me perturbava. Surpreendi-me ao ver que as panteras do Hotshot tinham contratado a um forasteiro. -Jason murmurou-, este é Dawson. Possui uma pequena oficina de reparações de motores entre o Hotshot e Grainger.

Dawson estava alerta quando cruzamos o corredor.

—Jason Stackhouse, -disse-, identificando a meu irmão depois de um minuto. Dawson levava uma camisa de mezclilla e jeans, mas seus bíceps estavam a ponto de arrebentar através do tecido. Suas botas negras de couro estavam cheias de cicatrizes de guerra.

—viemos para ver como esta Calvin, -disse Jason-. —Esta é minha irmã, Sookie.

—Senhora, -grunho Dawson-. Percorreu-me devagar com o olhar, e nisso não houve nada lascivo. Alegrei-me de ter deixado minha bolsa na caminhonete. Ele o teria examinado, estive segura.

— Quer te tirar o casaco e girar para meu?

Não me ofendi; Dawson fazia seu trabalho. Não queria que Calvin saísse machucado novamente. Tirei-me minha impermeável, o passe ao Jason, e girei. Uma enfermeira que tinha entrado com algo em um tabuleiro, olhou este procedimento com aberta curiosidade. Sustentei a jaqueta do Jason quando lhe tocou

seu turno. Satisfeito, Dawson chamou a porta. Embora eu não escutei nenhuma resposta, ele deveu havê-la escutado, porque abriu a porta e disse, os Stackhouses.

Somente um sussurro proveio da habitação. Dawson assentiu.

—Senhorita Stackhouse, você pode entrar, -disse-. Jason começou a me seguir, mas Dawson pôs um musculoso braço diante dele. —Só sua irmã, -disse-.

Jason e eu começamos a protestar ao mesmo tempo, mas então Jason se encolheu de ombros.

—Adiante, Sook, -disse-. Obviamente não havia nenhuma possibilidade de fazer que Dawson se movesse, e não havia nenhuma razão para incomodar a um homem ferido, em realidade. Empurrei a pesada porta abrindo a de par em par.

Calvin estava sozinho, embora houvesse outra cama no quarto. O Chefe pantera luzia horrível. Estava pálido e gasto. Seu cabelo estava sujo, embora suas bochechas tinham sido barbeadas. Tinha posta uma bata de hospital, e estava conectado a muitos aparelhos.

—Sinto-o tanto, -exclamei-. Estava horrorizada. Embora não tivesse tido muito cérebro, via-se as claras que se Calvin não tivesse sido duas-naturezas, a ferida o teria matado imediatamente. Quem quer que lhe tivesse disparado tinha querido sua morte.

Calvin girou sua cabeça, devagar e com esforço. —Isto não está tão mal como se vê, -disse secamente-, com a voz em um fio. vão tirar me alguma destas coisas na manhã.

— Onde lhe dispararam? -Perguntei-.

Calvin moveu uma mão para tocar seu peito superior esquerdo. Seus olhos café-oro capturaram meus. Aproximei-me mais e cobri sua mão com a minha. Sinto-o tanto, -pinjente novamente-. Seus dedos se deslizaram sobre meus até que sujeitaram minha mão.

—houve outros, -disse em um sussurro de voz-.

— Sim.

— Seu chefe.

Assenti.

— Aquela pobre garota.

Assenti outra vez.

— Qualquer que faça isto, tem que ser detido.

— Sim.

— Tem que ser alguém que odeia aos troca-formas. A polícia nunca averiguará quem faz isto. Não podemos lhes dizer que procurar.

Bem, isto era parte do problema, guardar sua condição em segredo. Será mais difícil para eles encontrar à pessoa, -reconheci-. —Mas talvez o obtenham.

— Algumas de minhas gente se perguntam se o franco-atirador é um troca-formas, -disse Calvin-. Seus dedos se apertaram ao redor de meus. Alguém que não queria converter-se em um troca-formas em primeiro lugar. Alguém que foi mordido.

Demorou um segundo para fazer que a luz fizesse clique em minha cabeça. Sou tão idiota.

— Ah, não, Calvin, não, não, -pinjente-, minhas palavras tropeçando as umas com as outras por minha pressa-. Ah, Calvin, por favor não, não deixe que vão detrás o Jason. Por favor, ele é tudo o que tenho. As lágrimas começaram a correr por minhas bochechas como se alguém tivesse aberto um grifo em minha cabeça. Ele me contou quanto tinha desfrutado ser um de vocês, inclusive embora o não tivesse podido ser exatamente como os que nasceram panteras. É tão novo, não teve tempo para entender que é todo isso das duas naturezas. Não acredito que se desse conta de que Sam e Heather o eram....

— Ninguém ira depois do, até que saibamos a verdade, -disse Calvin-. Embora eu este nesta cama, sou ainda o líder. Mas podia sentir que tinha tido que argumentar contra isso, e também me dava conta

(de ouvi-lo diretamente do cérebro do Calvin) que algumas panteras estavam ainda a favor da execução do Jason. Calvin não podia acautelar isto. Ele poderia zangar-se depois, mas se Jason estivesse morto, não faria nenhuma mínima diferença. Os dedos do Calvin liberaram meus, e sua mão se elevou em um esforço por limpar as lágrimas de minha bochecha.

— É uma mulher doce, -disse-. Desejaria que pudesse me amar.

— Desejaria ter podido, também, -pinjente-. Quantos de meus problemas resolveriam se amasse ao Calvin Norris. Eu mudaria ao Hotshot, faria-me membro da pequena comunidade reservada. Duas ou três noites por mês, teria que ficar dentro da casa, mas além disso, estaria segura. Não só Calvin defenderia a morte, se não também os outros membros do clã Hotshot.

Mas o solo me pensá-lo fez estremecer. Os abertos campos açoitados pelo vento, o capitalista e antigo cruzamento de caminhos ao redor do qual as pequenas casas se agrupavam, não pensei que pudesse dirigir o perpétuo isolamento do resto do mundo. Minha avó me teria impulsionado a aceitar a oferta do Calvin. Ele era um homem estável, era o líder dos troca-formas no Norcross, um trabalho que vinha com benefícios incluídos. poderia-se pensar que isto era ridículo, mas espera a que tenha que pagar seu próprio seguro; e logo pode rir.

Me ocorreu (como deveu ter sido em seguida) que Calvin estava em perfeita posição para me obrigar a aceitar sua oferta em troca da vida do Jason - e ele não o tinha aproveitado-.

Inclinei-me e dava um beijo ao Calvin sobre a bochecha. — Rezarei para sua pronta recuperação, -pinjente-.

— Obrigado por dar ao Jason uma possibilidade. Talvez a nobreza do Calvin era em parte devido ao feito de que não estava em forma para aproveitar-se disso, mas ao final disso contas era nobre, e eu o notava e o apreciava. É um bom homem, -pinjente-, e toquei sua cara. O cabelo de sua pulcra barba se sentiu suave.

Seus olhos eram firmes quando disse adeus!

— Tome cuidado com seu irmão, Sookie, -disse-. Ah, e lhe diga Dawson que não quero mais companhia esta noite.

— Não aceitará que eu o diga, -pinjente-.

Calvin conseguiu sorrir. Não seria um verdadeiro guarda-costas se o fizesse, suponho.

Retransmiti a mensagem ao licântropo. Mas estive bastante segura, de que quando Jason e saíamos, Dawson entrou no quarto para comprovar o que eu lhe havia dito.

Debatei por um par de minutos antes de decidir se seria melhor que Jason soubesse a que atenerse. Na caminhonete, enquanto o conduzia de retorno a casa, contei-lhe a conversação que sustentei com o Calvin.

horrorizou-se ao saber que seus novos amigos no mundo dos panteras pudessem acreditar tal coisa dele. Se eu tivesse sabido isto antes de minha primeira mudança, não posso dizer que isto não tivesse sido tentador, -disse Jason-, enquanto conduzia de retorno ao Bon Temps através da chuva. —Estava zangado. Não tão solo zangado mas também furioso. Mas agora que me troquei, vejo as coisas de maneira diferente. Seguiu conduzindo enquanto meus pensamentos circulavam ao redor de minha cabeça, tentando pensar em uma saída para esta confusão.

O caso do ser ou pessoa que disparava tinha que ser solucionado antes da próxima lua enche. Se isto não fora assim, outros poderiam destroçar ao Jason quando trocassem novamente. Talvez ele poderia vagar pelos bosques ao redor de sua casa quando se convertesse em pantera, ou talvez poderia inclusive caçar nos bosques ao redor de minha própria casa, mas não estaria a salvo no Hotshot. E eles poderiam vir a buscá-lo. Eu não podia defendê-lo contra todos eles.

Para a próxima lua enche, o atirador tinha que estar em custódia.

Até que estive lavando meus poucos pratos aquela noite, não me dava conta de quão estranho era, que embora Jason era acusado pela comunidade de panteras de ser a um assassino, eu era quem em realidade tinha pego um tiro a um troca-formas. Tinha estado pensando na entrevista que tinha com os detetives privados pela manhã. E, por hábito me encontrei, revisando a cozinha, procurando sinais da morte do Debbie Pelt. De ver o Discovery Channel e o Learning Channel sabia que não havia nenhum modo no que eu pudesse apagar por completo os rastros de sangue e malha que tinha salpicado minha cozinha, ainda tendo esfregado e limpo uma e outra vez. Mas estava segura de que nenhuma olhada casual, nem tampouco uma cuidadosa inspeção a simples vista poderia revelar que algo estava mal nesta habitação.

Fazia o único que podia fazer, exceto ser assassinada em minha própria cozinha. Isto era o que Jesus tinha querido dizer, quando nos ensino a pôr a outra bochecha? Esperei que não, porque cada instinto em mim me tinha impulsionado a me defender, e o único meio ao alcance de minha mão tinha sido uma escopeta.

Certamente, imediatamente deveria ter informado às autoridades. Mas para então, a ferida do Eric se curou, a única que lhe tinha feito Debbie quando esta tentava me pegar um tiro. Além do testemunho de um vampiro e do meu, não havia nenhuma prova, de que ela tivesse disparado primeiro, e o corpo do Debbie teria sido uma capitalista amostra de nossa culpabilidade. Meu primeiro instinto tinha sido cobrir sua visita a minha casa. Eric não me tinha dado nenhum outro conselho, o qual suponho poderia ter trocado as coisas também.

Não, eu não estava culpando de meus apuros ao Eric. Ele não tinha estado bem de sua mente naquela época. Era minha própria falta, já que eu não me tinha sentado a pensar atentamente. Haveria resíduos de disparos na mão do Debbie. Sua arma tinha sido disparada. um pouco do sangue seca do Eric estava no chão. Ela tinha entrado pela força pela porta dianteira, e a porta mostrava claros indícios de sua intrusão. Seu automóvel estava oculto fora da estrada, e somente suas impressões digitais teriam estado no.

Tinha entrado em pânico e a tinha montado.

Somente teria que viver com isso.

Mas na verdade sentia muito a incerteza que sua família devia sofrer. Devia-lhes a certeza de saber que sua filha estava morta – a qual eu não lhes podia dar-.

Retorci a toallita e a pendurei prolijamente sobre a pia. Sequei minhas mãos e guardei a toalha sobre o que tinha comido. Bem, agora tinha conseguido me encher de culpa. Isto se estava pondo melhor! Não. Zangada comigo mesma, entrei na sala, caminhando pesadamente e conectei a televisão: outro engano. Havia uma história sobre o funeral do Heather; uma equipe de notícias do Shreveport tinha chegado para cobrir o modesto serviço esta tarde. Solo pensa na sensação que causaria se os meios de comunicação compreendessem a forma em que o franco-atirador selecionava a suas vítimas! O apresentador de notícias, um solene afroamericano, estava dizendo que a polícia do Renard Parish tinha descoberto, similares acontecimentos, ao parecer arbitrários em pequenos povos do Tennessee e Mississippi. Sobressaltei-me. Um assassino em série, aqui?

O telefone soou.

— Olá! pinjente, sem esperar nada bom.

—Sookie, olá, é Alcide.

Encontrei-me sorrindo. Alcide Herveaux, que trabalhava em uma empresa dedicada à construção propriedade de seu pai no Shreveport, era uma de minhas pessoas favoritas. Era um licântropo também, mas era tão atrativo como trabalhador, e eu gostava muitíssimo. Também tinha sido o noivo do Debbie Pelt. Mas Alcide tinha renegado dela, antes de que esta desaparecesse, em um rito que a fez invisível e inaudível - não literalmente-, mas se efetivo.

— Sookie, estou no Merlotte. Pensei que trabalharia esta noite, assim que me vim direto para cá. Posso ir a sua casa? Tenho que falar contigo.

— Sabia que periga ao vir ao Bon Temps?

— Não, por que?

— Pelo franco-atirador. — Podia escutar os sons do bar no fundo. As gargalhadas do Arlene eram inconfundíveis. Apostava a que o novo barman era absolutamente encantado com todos.

— por que teria isso que me preocupar? Alcide não lhe tinha posto muita atenção às notícias, decidi.

— Todas as pessoas às que lhes dispararam, eram duas-naturezas, -pinjente-

— Agora nas notícias dizem que houve vários atentados no sul. Disparos arbitrários em pequenos povoados. As balas coincidem com as que se recuperaram do Heather Kinman aqui. E arrumado a que todas as demais vítimas eram troca-formas, também.

Houve um atento silêncio ao outro lado da linha, se é que o silêncio pode ser interpretado.

— Não me tinha dado conta -disse Alcide-. Sua voz rouca e profunda era mais pausada que o normal.

— Ah, e falou com os detetives privados?

— O que? Do que estas falando?

— Se eles nos virem juntos, parecerá-lhe muito suspeito à família do Debbie.

— A família do Debbie alugou a detetives privados para procurá-la?

— É o que te estou dizendo.

— Escuta vou agora mesmo a sua casa. -Disse pendurando o telefone-.

Não sabia que demônios estariam fazendo agora os detetives, vigiando minha casa, ou o que estivessem fazendo agora, mas se eles viam o antigo prometido do Debbie entrando pela estrada a minha casa, seria fácil atar cabos e obter uma imagem totalmente errônea. Pensariam que Alcide matou ao Debbie para me aplainar o caminho, e nada poderia ser mais equivocado. Esperei encarecidamente que Jack Leeds e Lily Bard Leeds estivessem profundamente dormidos em vez de estar em algum lugar do bosque com um par de prismáticos.

Alcide me abraçou. O fazia sempre. E outra vez me senti afligida por seu tamanho, sua masculinidade, seu familiar aroma. Apesar dos sinos de advertência que ressonavam em minha cabeça, abracei-o também.

Sentamo-nos os dois sobre o sofá e nos giramos para nos ver de frente. Alcide levava roupa de trabalho, que neste clima consistia em uma camisa de flanela aberta sobre uma camiseta, jeans, e grossos meias três-quartos sob suas botas de trabalho. Tinha uma linha em seu cabelo negro, marcada por seu casco suponha, e começava a ter um pouco levantadas as pontas.

— me conte sobre os detetives, -disse-, e descrevi ao casal e o que eles me haviam dito.

— A família do Debbie não me disse nada sobre isso, -disse Alcide-. Inclinou a cabeça por um minuto. Eu pude seguir seu raciocínio. Acredito que isso quer dizer que estão seguros de que a fiz desaparecer.

— Talvez não. Talvez pensam que estas aflito, por isso não lhe dizem isso.

— Aflito. -murmurou Alcide durante um minuto-. Não. Passei todo o... fez uma pausa, lutando por encontrar as palavras. Usei toda a energia que tinha para perdoá-la, -disse finalmente. Estava tão cego, quase penso que ela usou alguma espécie de magia sobre mim. Sua mãe é metade feiticeira e metade troca-formas. Seu pai é um troca-formas puro-sangue.

— Crie que é possível? Magia? Minha pergunta não era, a respeito de se a magia existia ou não, mas sim de se Debbie a tinha usado.

— por que outra coisa estaria eu com ela portanto tempo? depois de que desapareceu, parece como se me tivessem tirado uns óculos escuros de meus olhos. Estava disposto a lhe perdoar tudo, inclusive que te tivesse deixado apanhada na cajuela do automóvel.

Debbie tinha aproveitado a oportunidade de me empurrar na cajuela de um automóvel com meu noivo vampiro, Bill, quem a sua vez, tinha estado privado de sangue por dias. E se tinha ido me deixando reveste na cajuela com o, quem estava a ponto de despertar.

Joguei uma olhada a meus pés, apartando a lembrança do desespero e a dor.

—Deixou-te para que te violasse, -disse Alcide severamente-.

Ele que o dissesse assim, impressionou-me.

— Hey, Bill não sabia que era eu, -pinjente-. Não tinha comido por vários dias, e os impulsos estão estreitamente relacionados. Quero dizer que o se deteve, sabe? Ele se deteve, quando soube que era eu. Eu não podia dizê-lo; não pude dizer essas palavras. Eu sabia além de qualquer dúvida que Bill tivesse preferido morder sua própria mão que haver-me feito isso, se tivesse estado completamente consciente. Naquele tempo, ele tinha sido o único companheiro sexual que eu alguma vez tinha tido. Meus sentimentos sobre o incidente eram tão confusos que não podia sequer voltar a pensar neles. Antes quando eu pensava em violação, ou quando alguma garota me tinha contado o que lhe tinha passado ou eu lhe tinha lido o pensamento, não tinha tido a ambigüidade que senti ao longo de meu próprio e curto período de tempo na cajuela do automóvel.

— Ele fez algo que seu não queria, -disse Alcide simplesmente-.

—Não foi assim, -pinjente-.

—Mas o fez.

— Sim, fez-o, e eu estava terrivelmente assustada. -Minha voz começou a tremer-. Mas recuperou o julgamento, e se deteve, e estive bem, e ele estava realmente arrependido. Ele não pôs um dedo sobre mim após, nunca me perguntei, se foi por isso pelo que nunca pudemos voltar a fazer o amor... -Minha voz se quebrou-. Fixei a vista em minhas mãos.

—Sim, Debbie foi responsável por isso. —De algum modo, dizê-lo em voz alta me fez sentir melhor. Ela sabia o que aconteceria, ou ao menos ela não se preocupou com o que aconteceria.

—E inclusive então, -disse Alcide-, voltando para seu raciocínio, voltei com ela e segui tentando justificar seu comportamento. Não posso acreditar que eu fizesse isto se não tivesse estado baixo uma espécie de mágica influencia.

Eu não trataria de tentar fazer sentir ao Alcide mais culpado. Eu tinha minha própria carga de culpa por levar.

— Hey!, isso está terminado.

—Parece estar segura disso.

Olhei ao Alcide diretamente aos olhos. Os seus eram estreitos e verdes.

— Crie que exista alguma pequena possibilidade de que Debbie este viva? -Perguntei-.

—Sua família... Alcide se deteve. Não, não acredito.

Não podia me desfazer do Debbie Pelt, viva ou morta.

— E a tudo isto, porque queria falar comigo? -Perguntei-. Disse-me por telefone que tinha algo que me dizer.

—O Coronel Flood morreu ontem.

— OH, sinto-o tanto! O que aconteceu?

—Ia à loja quando outro condutor o golpeou de flanco.

—Isso é horrível. Estava alguém no automóvel com ele?

— Não, estava sozinho. Seus filhos voltam para o Shreveport para o funeral. Perguntei-me se queria vir ao funeral comigo.

— Certamente. Não é privado?

—Não. Ele conhecia muitas pessoas da Força Aérea, além disso era cabeça de grupo de sua vizinhança e tesoureiro de sua igreja, e, certamente era o chefe da manada.

—Tinha uma grande vida, -pinjente-. Muita responsabilidade.

—Será amanhã à uma da tarde. Qual é seu horário de trabalho?

—Se posso intercambiar turno com alguém, teria que estar de volta aqui às quatro e trinta para me trocar e ir trabalhar.

— Isto não seria nenhum problema.

— Quem será o chefe da manada agora?

— Não sei, -disse Alcide-, mas sua voz não era tão neutra como eu tinha esperado.

— Seu quer essa posição?

—Não. -Ele parecia um pouco inseguro, pensei, e senti o conflito em sua cabeça-. Mas meu pai se. -Ele não tinha terminado-. Esperei.

—Os funerais dos licântropos são bastante cerimoniais, -disse-, e compreendi que ele tentava me dizer algo. Solo que não estava segura do que era.

—Cospe-o. Falar francamente é o melhor, pelo menos no que a meu concernia.

—Se crie que não deve vestir em forma elegante para isto, estas equivocada, -disse-. Sei que o resto dos troca-formas pensam que aos licântropos só vai o couro e as cadeias, mas isto não é verdade. Para os funerais, vestimo-nos muito formais. Queria me dar ainda mais conselhos sobre como me vestir, mas se deteve ali. Eu podia ver seus pensamentos amontoar-se diretamente detrás de seus olhos, querendo ser liberados.

—Todas as mulheres sabem o que é apropriado vestir em cada caso, -pinjente-. Obrigado. Não levarei calças.

Agitou sua cabeça.

—Sei que sabe, mas acreditei que era melhor lhe advertir isso. Pude ver que parecia desconcertado. Recolherei às onze e trinta, -disse-.

—me deixe ver quem pode me cobrir.

Chamei o Holly e encontrei que lhe convinha intercambiar turnos comigo. Se quer posso conduzir e nos encontrar ali.-ofereci-.

—Não, -disse-. —Virei por ti e te trarei de volta.

Bem, se ele queria vir por meu, que o fizesse. Economizaria a quilometragem de meu automóvel, -pensei-. De qualquer maneira meu velho Nova não era muito confiável.

—Bem. Estarei preparada.

—É melhor que vá, -disse-. O silêncio se alargou. Eu sabia que Alcide pensava me beijar. inclinou-se e me beijou ligeiramente nos lábios. Olhamos a solo umas polegadas de distância.

—Bem, tenho algumas costure que fazer, e você deveria estar voltando para o Shreveport. Estarei lista às onze e trinta manhã.

depois de que Alcide partiu, tomei um livro da biblioteca, o último do Carolyn Haines, e tentei esquecer minhas preocupações. Mas por uma vez, um livro não pôde consegui-lo. Tentei um comprido banho quente na banheira, e barbeei minhas pernas até que estiveram perfeitamente suaves. Pinte-me as unhas dos pés e as mãos de um profundo tom rosado e logo me depile as sobrancelhas. Finalmente, senti-me relaxada, para quando me deitei lentamente em minha cama, tinha conseguido me sentir a gosto comigo mesma. O sonho caiu sobre mim, com tal velocidade que não terminei minhas orações.

CAPÍTULO 6

Tem que escolher muito bem o que terá que ter posto a um funeral, da mesma forma que qualquer outra ocasião social, inclusive se parecesse que a roupa deveria ser a última coisa que passasse por sua mente. Tinha-me gostado e tinha admirado ao Coronel Flood durante nossa breve relação, assim queria luzir apropriada em seu serviço funerário, sobre tudo depois dos comentários do Alcide.

Só que não podia encontrar nada em meu armário que parecesse correto. Aproximadamente às 8 da manhã seguinte, telefonei a Tara, quem me disse onde estava sua chave de emergência.

—Toma algo que necessite de meu armário, -disse Tara-. Solo te assegure de não entrar nos outros dormitórios, correto? Vê diretamente pela porta traseira a minha habitação e de volta.

—Isso é o que eu faria de todos os modos, -pinjente-, tentando não parecer ofendida. Pensava Tara acaso que eu revolveria por toda sua casa somente para bisbilhotar?

—Se que o fará, mas de qualquer modo me sinto responsável. De repente, entendi que Tara me estava tratando de dizer que havia um vampiro que dormia em sua casa. Talvez era o guarda-costas Mickey, talvez Franklin Mott. depois da advertência do Eric, queria estar tão longe como fora possível do Mickey. Somente os vampiros mas antigos poderiam levantar-se antes do anoitecer, mas encontrar por acaso a um vampiro dormindo poderia ser desagradável.

—Bem, entendo-te, -pinjente a toda pressa-. A idéia de estar a sós com o Mickey me fez tremer, e não com feliz espera. Entrarei diretamente a sua habitação e sairei imediatamente depois de conseguir o que necessito. Dado que não tinha tempo que perder, saltei a meu automóvel e conduzi à cidade, à pequena casa da Tara. Era um lugar modesto em uma parte modesta da cidade, mas que Tara possuísse seu próprio lar era um milagre, se a gente recordava o lugar onde tinha crescido.

Algumas pessoas nunca deveriam reproduzir-se; se tiverem a desgraça de ter tido filhos, estes lhes devem ser retirados imediatamente. Não esta permitido em nosso país, ou em nenhum país que conheça, e estou segura em meus momentos mas inteligentes que isto seria algo bom. Mas os Thorntons, ambos os alcoólicos, tinham sido pessoas cruéis que deveriam ter morrido, muitíssimo antes do que o fizeram. (Esquecimento minha religião quando penso neles.) Recordo a Myrna Thornton entrando como louca em casa de minha avó, procurando a Tara, sem fazer caso dos protestos de minha avó, até que esta teve que chamar o escritório do xerife para que viessem por ela. Tara tinha saído correndo por nossa porta traseira para ocultar-se nos bosques detrás de nossa casa quando tinha visto sua mãe, que se cambaleava bêbada ante nossa porta, Graças a deus. Tara e eu tínhamos tido treze anos então.

Ainda posso ver o olhar na cara de minha avó enquanto falava com o policial que acabava de pôr a Myrna Thornton na parte traseira do carro patrulha, e a tinha algemada gritando.

—Lástima que não posso deixá-la no pântano no caminho de volta, -havia dito o policial-. Não podia recordar seu nome, mas suas palavras me tinham impressionado. Tinha-me tomado um minuto compreender o que tinha querido dizer, mas uma vez que o fiz, dava-me conta de que outra gente sabia o que estavam sofrendo Tara e seus irmãos. Estas pessoas eram adultos onipotentes. Se sabiam, por que não resolviam o problema?

Agora entendia que isto não tinha sido tão simples; mas eu ainda pensava que os meninos Thornton, poderiam haver-se economizado alguns anos de miséria.

Ao menos Tara tinha esta pequena casa ordenada com aparelhos completamente novos, um armário cheio de roupa, e um noivo rico. Tinha o incômodo pressentimento que eu não conhecia tudo o que acontecia a vida da Tara, mas aparentemente, ela estava ainda muito adiante dos prognósticos.

Quando cheguei, entrei pela porta da cozinha, dobrei à direita, e cruzei pela sala até chegar à entrada do dormitório da Tara. Tara não tinha tido tempo de fazer sua cama aquela manhã. Acomodei os lençóis, e em um instante ficaram acomodadas e bonitas. (Não devia tocar nada.) Não podia decidir se lhe estava fazendo um favor ou não, já que agora ela sabia que não lhe tinha feito caso de entrar diretamente e direto a seu roupeiro, mas pela vida, juro que não pude as desarrumar outra vez.

Abri seu armário. Descobri exatamente o que necessitava em seguida. Pendurava no meio da prateleira, era um traje. A jaqueta era negra com vistas rosadas sobre as lapelas, o que significava que a blusa a jogo também era rosada. A saia negra era vincada. Tara lhe tinha mandado a fazer uma prisão fortificada, já que a etiqueta da alteração estava ainda sobre a bolsa de plástico que cobria a roupa. Sustentei a saia contra mim e me olhei no espelho de corpo inteiro da Tara. Tara era duas ou três polegadas mais alta que eu, assim que a saia ficava somente uns centímetros em cima dos joelhos, um bom comprimento para um funeral. As mangas da jaqueta eram um pouco largas, mas isto não era tão óbvio. Eu tinha sapatilhas e bolsa negras, e inclusive umas luvas negras muito bonitas.

A missão se completou, em tempo recorde.

Deslizei a jaqueta e a blusa na bolsa de plástico conjuntamente com a saia e saí diretamente da casa. Tinha estado na casa da Tara menos de dez minutos. Apressada, devido a minha entrevista das dez, comecei a me preparar. Fiz uma trança francesa em meu cabelo, assegurando tudo com algumas forquilha antigas que minha avó tinha guardadas por aí; tinham sido de sua avó. Tinha também meias negras felizmente, e um conjunto íntimo negro também, e o rosado de minhas unhas pelo menos combinava com o rosado da jaqueta e a blusa. Quando escutei uma chamada na porta principal às dez, estava preparada, exceto por meus sapatos. Calcei de caminho à porta.

Jack Leeds parecia abertamente assombrado ante minha transformação, enquanto que as sobrancelhas do Lily se elevaram.

—Por favor entrem, -pinjente-. Estou vestida para um funeral.

—Espero que não tenha sido um amigo, disse Jack Leeds. A cara de sua companheira poderia ter sido esculpida em mármore. A mulher alguma vez tinha ouvido falar de uma cama de bronzado?

—Não tão próximo. Querem tomar assento? Posso lhes oferecer algo? Café?

—Não, obrigado, -disse-, seu sorriso transformou sua cara.

Os detetives se sentaram sobre o sofá, ao mesmo tempo que eu me sentava no reposed. De algum jeito, meus desacomodadas ornamentos me fizeram sentir mais valente.

—A respeito da tarde em que a senhorita Pelt desapareceu, -começou Leeds-. Viu-a no Shreveport?

—Sim, fui convidada à mesma festa que ela. Na casa do Pam. Todos os que tínhamos sobrevivido à guerra das Bruxas, Pam, Eric, Clancy, três bruxas, e os lobos que tinham sobrevivido tínhamos coincidido em nossa história: Em vez de dizer à polícia que Debbie tinha partido da loja ruínosa e abandonada onde as bruxas tinham estabelecido sua guarida, havíamos dito que nos tínhamos ficado a tarde inteira na casa do Pam, e Debbie se partiu em seu carro daí. Os vizinhos poderiam ter declarado que todos nos tínhamos partido juntos se as bruxas não tivessem feito um pouco de magia, que os fizesse esquecer-lo.

—O Coronel Flood estava ali, -pinjente-. —Em realidade, é seu funeral ao que vou.

Lily me olhou incrédula, o que para ela era o equivalente a dizer: OH, não, tem que estar brincando!

—O coronel Flood morreu em um acidente automobilístico faz dois dias, disse-lhes.

Eles se olharam entre se.

— Assim, estavam ali muitas pessoas nessa festa? -perguntou Jack Leeds. Estive segura de que tinha uma lista completa das pessoas que tinham estado na sala do Pam para o que tinha sido essencialmente um conselho de guerra.

—Ah, sim, uns quantos. Eu não os conhecia todos. Eram gente do Shreveport. Tinha visto as três bruxas essa tarde pela primeira vez. Conhecia ligeiramente aos lobos. Aos vampiros, se os conhecia.

— Mas você tinha conhecido ao Debbie Pelt antes disso?

—Sim.

— Quando saiu com o Alcide Herveaux?

Bem. Eles certamente tinham feito sua tarefa.

—Sim, -pinjente-. Quando saí com o Alcide. Minha cara estava tão suave e impassível como a do Lily, tinha tido muitos anos de prática mantendo segredos.

— ficou com ele uma vez no apartamento do Herveaux no Jackson?

Comecei a dizer que nos tínhamos ficado em dormitórios separados, mas realmente não era de sua incumbência.

—Sim, -disse com certo fio em minha voz-.

— Vocês dois tropeçaram com a Srita. Pelt, uma noite no Jackson em um clube chamado Josephines?

—Sim, ela estava celebrando seu compromisso com algum tipo chamado Clausen, -pinjente-.

— Ocorreu algo entre vocês aquela noite?

— Sim. Perguntei-me com quem tinha estado falando; alguém lhes tinha dado aos detetives muita informação que eles não deveriam ter.

—Ela veio à mesa, e nos fez alguns comentários.

— E você também foi ver o Alcide em seu escritório do Herveaux faz algumas semanas? Você duas estiveram em uma cena de um crime essa tarde?

Eles tinham feito muito bem sua tarefa. —Sim, -pinjente-.

— E disseram à polícia naquele lugar que você e Alcide Herveaux estavam comprometidos?

A mentira voltará para te apanhar.

— Penso que foi Alcide quem disse isto, -pinjente-, tentando parecer confundida.

— E sua declaração era verdadeira?

Jack Leeds pensava que eu era a mulher mais errática que alguma vez tinha conhecido, e não podia entender como alguém poderia ser tão diferente à sensata e trabalhadora mesera que tinha visto no dia anterior.

Ela pensava que minha casa era muito limpa. (Estranho, não?) Também pensava que eu era bastante capaz de matar ao Debbie Pelt, porque tinha descoberto que as pessoas eram capazes das coisas mais horríveis. Ela e eu compartilhamos mais do que alguma vez saberia. Eu também tinha o mesmo e triste conhecimento dado que eu o tinha escutado diretamente de seus cérebros.

—Sim, pinjente. Nesse momento, isso era verdade. Sentimo-nos atraídos por digamos, como, dez minutos. “Solo me chame Britney”. -Odiava mentir-. Eu quase sempre sabia quando alguém mais mentia, assim sentia que tinha a palavra impresso, MENTIROSA, em grandes letras sobre minha frente.

A boca do Jack Leeds fez uma careta, mas a referência ao matrimônio de 55 horas da cantora de pop, não fez racho no Lily Bard Leeds.

— A senhorita Pelt objetou que se estivesse vendo o Alcide?

—OH, sim. Alegrei-me de ter tido anos de prática para ocultar meus sentimentos. —Mas Alcide não queria casar-se com ela.

— Ela estava zangada com você?

—Sim, -pinjente-, já que indubitavelmente eles sabiam a verdade disto. Sim, você poderia dizer isso. Ela me chamou por alguns nomes. Provavelmente escutou que Debbie não era partidária de esconder suas emoções.

—Assim que quando a viu por última vez?

—Vi-a por última vez... (Com a metade de sua cabeça desaparecida, atirada sobre o piso de minha cozinha, com suas pernas enredadas entre as pernas de uma cadeira) -Deixa de pensar nisso-....

—Quando ela abandonou a festa aquela noite. (foi sozinha na noite, não de casa do Pam, se não de outro lugar; um lugar cheio de cadáveres, com sangue salpicado sobre as paredes).

—Acreditei que retornaria ao Jackson. -Encolhi-me de ombros-.

—Não se dirigi ao Bon Temps? Estava justo na estrada interestadual em sua rota de volta.

—Não posso imaginar por que o faria. -Não chamou a minha porta-. Tinha entrado pela força.

—Você não a viu depois da festa?

—Não a vi desde essa noite. -Agora, isto era a verdade absoluta-.

—Você viu ao Sr. Herveaux?

—Sim, tenho-o feito.

—Estão comprometidos agora?

Ri.

—Não, que eu saiba, -pinjente-.

Não me surpreendi quando a mulher perguntou se podia usar meu quarto de banho. Eu tinha baixado minhas barreiras mentais para averiguar quão suspeita lhe parecia com os detetives, assim sabia que ela queria lhe jogar uma olhada mais extensa a minha casa. Mostrei-lhe ao quarto de banho no corredor, não o de meu dormitório; não que ela encontraria algo suspeito em qualquer deles.

—Que há a respeito de seu automóvel? -perguntou Jack Leeds de repente-. Eu tinha estado tentando jogar um olhar ao relógio sobre a chaminé, porque queria estar segura de que o dueto se foi antes de que Alcide me recolhesse para o funeral.

—Ehh? Tinha perdido o fio da conversação.

—O carro do Debbie Pelt.

—Que com isso?

—Você tem alguma idéia onde esta?

—Nenhuma neste mundo, -disse com completa honestidade-.

Quando Lily retornou à sala, ele perguntou, Senhorita. Stackhouse, solo por curiosidade, o que acredita que aconteceu ao Debbie Pelt?

-Pensei-, Acredito que ela conseguiu o que devia fazer comigo-. Escandalize-me. Às vezes não sou uma pessoa muito agradável, e isto não se estava pondo mais agradável.

—Não o se, Sr. Leeds, -pinjente. Acredito que tenho que lhe dizer que exceto por sua família que esta triste por ela, realmente não me preocupa. Nós não gostávamos da uma à outra. Ela queimou, um buraco em meu xale, chamou-me puta, e era malote com o Alcide; embora já que ele é um adulto, esse é seu problema. Gostava de maltratar às pessoas a seu redor. Gostava de fazê-los dançar a seu ritmo. -Jack Leeds me olhava um pouco aturdido ante este fluxo de informação.

—Assim por isso,- concluí-, isso é o que sinto.

—Obrigado por sua honestidade, -disse-, enquanto sua esposa me olhava com seus pálidos olhos azuis. Se eu tinha tido qualquer dúvida, entendi claramente agora que ela era a mais formidável dos dois. Considerando o profundo que tinha chegado Jack à investigação, isso dizia algo.

—Seu esta pescoço torcido, -disse quedamente-. —Me deixe arrumá-lo. Resisti enquanto seus hábeis dedos se estendiam detrás de mim e atirou da jaqueta até que o pescoço ficou corretamente.

partiram depois disso. Quando vi seu automóvel deixar o caminho de entrada, tomei minha jaqueta e a examinei com cuidado. Embora eu não tinha recolhido nenhuma intenção de seu cérebro, talvez ela tinha posto um receptor sobre mim. Os Leeds poderiam estar mais receosos do que aparentavam. Não, -descobri- ela realmente era o monstro ordenado que tinha parecido, e realmente tinha sido incapaz de resistir que a lapela de minha jaqueta estivesse torcida. Ainda receosa, inspecionei o quarto de banho do corredor. Não tinha estado no da última vez que o tinha limpo fazia uma semana, via-se muito bem e luzia tão limpo, higiênico e fresco como um quarto de banho muito velho pudesse estar em uma casa muito velha. O lavabo estava úmido, e a toalha tinha sido usada e dobrada de novo, mas isto era tudo. Nada adicional estava ali, e nada faltava, e se a detetive tivesse aberto o gabinete do quarto de banho para comprovar seu conteúdo, isso não me preocupava.

Meu talão se enganchou em um buraco onde o chão se levantou. Pela centésima vez, perguntei-me se poderia aprender como pôr o linóleo eu mesma, porque o piso necessitava uma completa remodelação. Também me perguntei como poderia ocultar o fato, de ter matado a uma mulher em um minuto, e me preocupar do linóleo rachado no quarto de banho o seguinte.

—Ela era má, -disse em voz alta-. Era horrível e má, e queria além que eu morrera por nenhuma razão absolutamente.

Assim era como poderia obtê-lo. Tinha estado vivendo em uma jaula de culpabilidade, mas esta acabava de gretar-se e se veio abaixo. Estava cansada de sentir angústia e sobre tudo senti-la por alguém que me tivesse matado em um minuto, alguém que teria feito seu maior esforço para causar minha morte. Nunca tinha estado preparada para a emboscada do Debbie, mas tampouco tinha estado preparada para deixar que me matasse somente porque lhe satisfazia minha morte.

Ao diabo com esse tema. Eles a encontrariam, ou não. Não me preocuparia por isso de maneira nenhuma.

de repente, senti-me muito melhor.

Escutei um veículo que atravessava os bosques. Alcide tinha chegado a tempo. Esperei ver seu Dodge RAM, mas para minha surpresa ele chegava em um Lincoln azul escuro. Seu cabelo estava tão suave como podia, que não era muito, e levava um sóbrio traje cinza e uma gravata cor Borgonha. Ofeguei ao vê-lo pela janela enquanto subia as escadas de pedra do pórtico dianteiro. Luzia o suficientemente bom para comer-lhe e tentei não rir bobamente como uma idiota ante a imagem mental.

Quando abri a porta, ele pareceu igualmente atordoado. —Luzes maravilhosa, -disse- depois de me olhar por um comprido momento.

—Seu também, -pinjente-, me sentindo quase tímida.

—Suponho que temos que ir.

—Certamente se queremos estar ali a tempo.

—Temos que estar ali dez minutos antes, -disse-.

— por que, exatamente? Recolhi minha bolsa negra, joguei uma olhada no espelho para me assegurar que meu lápis de lábios estivesse ainda fresco, e fechei com chave a porta principal detrás de mim. Por sorte, o dia era o suficientemente quente para deixar meu casaco em casa. Não queria cobrir meu conjunto.

—Este será um funeral licântropo, -disse em tom significativo-.

— É diferente de um funeral regular?

—Este é o funeral de um chefe de manada, e isto o faz mais ... formal.

Bem, ele me havia isso dito no dia anterior.

— Como se impede que a gente normal se de conta?

—Já o verá.

Senti dúvidas sobre isso.

— Estas seguro que eu deveria assistir?

—Ele te fez amiga da manada.

Recordei que, embora naquele momento eu não o tinha compreendido, isto era um título, a maneira em que Alcide o fez soar agora o confirmava: Amigo da manada.

Tinha o incômodo pressentimento de que havia muito mais por conhecer sobre a cerimônia do funeral do Coronel Flood. Pelo general eu tinha mais informação da que podia dirigir sobre qualquer sujeito, dado, que podia ler suas mentes; mas não havia nenhum licântropo no Bon Temps, e os outros troca-formas não eram tão organizados como os lobos. Embora a mente do Alcide fora difícil de ler, podia distinguir que estava preocupado pelo que ia ocorrer na igreja, e também pude distinguir que se preocupava com um lobo chamado Patrick.

O serviço seria na Grace Episcopal, uma igreja em um velho e próspero subúrbio do Shreveport. O edifício da igreja era muito tradicional, construído de pedra cinza, e coroado por uma agulha. Não havia nenhuma igreja Episcopal no Bon Temps, mas eu sabia que os serviços eram similares a aqueles da Igreja católica. Alcide me havia dito que seu pai assistiria ao funeral, também, e que nós vínhamos no carro de seu pai.

—Minha caminhonete não parecia o bastante digna para este dia, segundo meu pai, -disse Alcide-. Eu podia deduzir que seu pai era o mais importante nos pensamentos do Alcide.

— Então como chegará seu pai? -Perguntei.

—Em seu outro automóvel, -disse Alcide distraidamente-, como se realmente não escutasse o que eu dizia. Fiquei um pouco sobressaltada ante a idéia de um homem que possuía dois automóveis. Em minha experiência, os homens poderiam ter um automóvel familiar e uma caminhonete, e também poderiam ter uma motocicleta. Minhas pequenas comoções durante o dia só começavam. Quando chegamos à auto-estrada I-20 e giramos ao oeste, o humor do Alcide tinha cheio o automóvel. Não estive segura do que era, mas isto implicava silêncio.

—Sookie, -disse Alcide bruscamente, enquanto suas mãos se apertavam sobre o volante até que seus nódulos estiveram brancos.

— Sim? O fato de que coisas más entrariam na conversação também poderia ver-se escrito em brilhantes letras piscando em cima da cabeça do Alcide. Sr. Conflito Interior.

—Tenho que te falar sobre algo.

— O que? — Há algo suspeito a respeito da morte do Coronel Flood? Deveria havê-lo imaginado! -Arreganhei-me-. Mas aos outros troca-formas lhes tinham disparado. Um acidente de trânsito era um contraste.

—Não, -disse Alcide, me olhando surpreso. —Por isso sei, o acidente é isso, justamente um acidente. O outro tipo se passou uma luz vermelha.

Recostei-me no assento de couro.

— Então qual é o problema?

— Há algo que queira me dizer?

Fiquei paralisada.

— te dizer? Sobre o que?

—Sobre aquela noite. A noite da Guerra das Bruxas.

Os anos de controlar minha cara vieram a meu resgate.

—Nenhuma só coisa, -disse com bastante calma-, embora me estava apertando as mãos enquanto o dizia.

Alcide não disse nada mais. Estacionou o automóvel e deu a volta ao automóvel para me ajudar, o qual era desnecessário, mas agradável. Tinha decidido que não necessitaria minha bolsa dentro da igreja, então o deixei sob o assento e Alcide fechou o automóvel. Dirigimo-nos para o fronte da igreja. Alcide tomou minha mão, algo que me surpreendeu. Eu poderia ser amiga da manada, mas aparentemente era mais amistosa com um membro da manada que com outros.

—Aí esta Papai, -disse Alcide- enquanto nos aproximamos de um grupo de enfermos. O pai do Alcide era um pouco mais baixo que o, mas era um homem tão forte como seu filho. Jackson Herveaux tinha o cabelo cinza aço em vez de negro, e um nariz mais audaz. Tinha a mesma pele olivácea que seu filho. Jackson parecia mais escuro porque se apoiava em uma pálida e delicada mulher com o cabelo branco e lustroso.

—Pai -disse Alcide formalmente-, ela é Sookie Stackhouse.

—Um prazer conhecê-la, Sookie, -disse Jackson Herveaux-. Ela é Christine Larrabee. Christine, quem poderia ter tido desde cinquenta e sete a sessenta e sete anos, parecia uma pintura em cores bolo. Seus olhos eram de um suave tom azul descolorido, sua suave pele era de pálida magnólia com o tintura mais fraco de rosado, suas impecáveis cãs estavam imaculadamente escovadas. Luzia um traje azul claro, que eu pessoalmente não teria levado até que o inverno estivesse completamente terminado, mas ela se via fenomenal no.

—Muito prazer, -pinjente-, me perguntando se deveria fazer alguma reverência. Tinha dado a mão ao pai do Alcide, mas Christine não estendeu a sua. Ela inclinou a cabeça e me dirigiu um doce sorriso. Provavelmente não quis que a machucasse ao apertar seus dedos com seus anéis de brilhantes, decidi depois de jogar uma olhada a seus dedos. Certamente, combinavam perfeitamente com seus pendentes. Tinha sido avantajada, sem dúvida. Parecia ser meu dia para me encolher de ombros ante as coisas desagradáveis.

—É uma triste ocasião, -disse Christine-.

Se ela queria iniciar uma conversa cortês, estava preparada para isso.

—Sim, o Coronel Flood era um homem estupendo, -pinjente-.

—Ah, conheceu-o querida?

—Se, -pinjente-.

Em realidade, havia-o visto nu, mas em circunstâncias decididamente assexuais.

Minha breve resposta não deixava nenhum tema mais de que falar. Vi genuína diversão detrás de seus pálidos olhos. Alcide e seu pai trocavam comentários em voz baixa, aos que obviamente, como se supunha, deveríamos fazer caso omissos.

—Você e eu somos estritamente decorativas hoje, -disse Christine-.

—Então você sabe mais que eu.

—Isso espero. Você não é duas-naturezas?

—Não. Christine o era, certamente. Era um puro sangue, da mesma maneira em que o eram, Jackson e Alcide. Eu não podia imaginar a esta elegante mulher trocando em um lobo, sobre tudo com a suja reputação que tinham os lobos na comunidade troca-formas, mas as impressões que consegui de sua mente eram inequívocas.

—O funeral de um chefe de manada marca a abertura da campanha para substituí-lo, -disse Christine- devido a que esta era a informação mais sólida que tinha obtido, mais que durante as duas horas passadas com o Alcide, imediatamente me senti amavelmente disposta para a mulher.

—Deve ser extraordinária, para que Alcide te escolhesse como sua companheira hoje, -prosseguiu Christine.

—Não se se seja extraordinária. No sentido literal, suponho que o sou. Tenho extras sentidos que não são ordinários.

— Bruxa? -Arriscou Christine-, Fada? Duende?

Meu Deus! Sacudi a cabeça.

—Nenhum dos anteriores. Então o que vai passar ali?

—Há mas bancas na igreja que de costume. A manada inteira se sentará no fronte da igreja, os que estão emparelhados, com seus companheiros, é obvio e seus filhos. Os candidatos para chefe de manada entrarão em último lugar.

— Como serão escolhidos?

—anunciam-se eles mesmos, -disse-. Mas serão postos a prova, e logo votassem os membros.

— por que o pai do Alcide a trouxe, ou esta é uma pergunta verdadeiramente pessoal?

—Sou a viúva do chefe de manada antes do Coronel Flood, -disse Christine Larrabee quedamente-. Isto me dá uma certa influência.

Assenti

— O chefe da manada é sempre um homem?

—Não. Mas já que a força é parte da prova, os machos pelo general ganham.

— Quantos candidatos há?

—Dois. Jackson, certamente e Patrick Furnan. -Inclinou sua aristocrática cabeça ligeiramente à direita-, e lhe dava uma olhada mais perto ao casal que tinha estado sobre a periferia de minha atenção.

Patrick Furnan estava em meados dos quarenta, em algum sitio entre o Alcide e seu pai. Era um homem grosso, com o cabelo café claro talhado ao ras e uma recortada e elaborada barba. Seu traje era marrom, também, e se via que tinha tido dificuldade abotoando seu saco. Sua companheira era uma bonita mulher que acreditava muito no lápis de lábios e a joalheria. Tinha o castanho cabelo curto, mas estava acentuado por umas mechas loiras desenhadas minuciosamente. Seus saltos eram ao menos de dez centímetros de alto. Olhei os sapatos com temor. Romperia-me o pescoço se tentasse andar sobre eles. Mas esta mulher mantinha seu sorriso e lhes oferecia educadas palavras a cada um dos que se aproximavam. Patrick Furnan eram frio. Seus estreitos olhos avaliavam a cada pessoa que se encontrava na crescente multidão.

— Tammy Faye, ali, é sua esposa? -Perguntei ao Christine em um tom discretamente baixo.

Christine fez um som, que eu teria chamado sorriso dissimulado se este tivesse sido feito por alguém menos aristocrático.

— Ela realmente leva muita maquiagem, -disse Christine-. Seu nome é Libby, em realidade. Sim, ela é sua esposa e um puro sangue, e têm dois filhos. Assim aumentaram a manada.

Só que o filho maior se converterá em lobo até a puberdade.

— O que faz para ganhá-la vida? -Perguntei-.

—Ele possui uma agência distribuidora do Harley-Davidson, -disse Christine-.

—Isso é natural. Aos lobos adoram as motocicletas.

Christine sorriu, provavelmente a ponto de rir a gargalhadas.

— Quem é o favorito? Tinha sido lançada no meio de um jogo, e tinha que aprender as regras. Mais tarde, interrogaria ao Alcide; mas agora mesmo, ia passar ao funeral, já que isto é para o que eu tinha vindo.

—É difícil dizê-lo,-murmurou Christine-. Eu não teria podido escolher a nenhum, se tivesse tido opção, mas Jackson apelou a nossa velha amizade, e tive que me inclinar de seu lado.

—Isso não é agradável.

—Não, mas é prático, -disse, divertida-. Ele necessita todo o apoio que possa conseguir. Alcide te pediu que apoiasse a seu pai?

—Não. Eu estaria completamente ignorante da situação se você não tivesse sido o bastante amável para me informar. Inclinei a cabeça em sinal de agradecimento.

—Já que não é lobo, desculpa carinho, mas intento entender, o que pode fazer pelo Alcide, -perguntei-me-, porque Alcide te arrastaria nisto?

—O terá que me dizer isso verdadeiramente logo, -pinjente-, e se minha voz se escutou fria e ominosa, nesse momento não me importo.

—Sua última noiva desapareceu, -disse Christine pensativa-. Eram muito intermitentes, agora juntos, logo não, Jackson me contou isso. Se seus inimigos tiveram algo que ver com isso, deveria cuidar seus passos.

—Não penso que este em perigo, -pinjente-.

— Não?

Mas eu já havia dito bastante.

—Hmmm, -disse Christine depois de um largo e pensativo olhar a meu rosto.

—Bem, ela era muito diva para alguém que não era um lobo. A voz do Christine expressou o desprezo que os lobos sentiam por outros troca-formas. (Por que incomodar-se em trocar, se não poder fazê-lo em um lobo?, tinha escutado dizê-lo mas de uma vez.)

Minha atenção foi captada pelo brilho de uma cabeça barbeada, e dava um passo um pouco à esquerda para ter uma melhor vista. Nunca tinha visto esse homem com antecedência. Certamente o teria recordado; era muito alto, mais alto que Alcide ou inclusive que Eric, -pensei-. Tinha largos ombros e musculosos braços. Sua cabeça e seus braços estavam morenos com um bronzeado autêntico. Notei-o, porque levava uma camiseta de seda negra sem mangas remetida em umas calças também negros e sapatos de etiqueta. Era um dia frio de finais de janeiro, mas o frio não parecia afetá-lo absolutamente. Havia um definitivo espaço entre ele e a gente a seu redor.

Quando o olhei, me perguntando quem seria, ele girou e me olhou, como se tivesse podido sentir minha atenção. Tinha uma magnífica nariz, e sua cara era tão suave como sua barbeada cabeça. Nessa distância, seus olhos pareciam negros.

— Quem é o? -Perguntei ao Christine-, minha voz se escutou em um fio entre o vento que tinha aparecido de repente, sacudindo as folhas dos arbustos de acebo plantados ao redor da igreja.

Christine lançou um olhar para o homem, ela deveria saber quem é, -pensei-, mas não respondeu.

A gente normal, esteve-se filtrando através dos licântropos, subindo os degraus para a igreja. Agora dois homens com trajes negros compareciam nas portas. ficaram de pé com os braços cruzados sobre se, e o homem da direita inclinou a cabeça ante o Jackson Herveaux e Patrick Furnan.

Os dois homens, com suas companheiras, entraram e se colocaram na porta. Os lobos passavam entre eles para entrar na igreja. Alguns inclinavam a cabeça por volta de um, alguns para o outro, e alguns a ambos. Figurei-me que eram neutros. Inclusive depois de que a recente guerra com as bruxas tinha reduzido suas filas, contei a vinte e cinco adultos puro-sangue no Shreveport, uma manada muito grande para uma cidade tão pequena. Seu tamanho era atribuível à base aérea, figuro-me.

Cada um caminhou entre os dois candidatos, até que estiveram completos. Somente vi dois meninos. Certamente, alguns pais poderiam ter deixado a seus filhos na escola em lugar de trazê-los para o funeral. Mas estava segura de ver o que Alcide me tinha comentado: a infertilidade e um alto índice de mortalidade infantil era uma praga para os lobos.

A irmã mais jovem do Alcide, Janice, casou-se com um humano. Ela mesma nunca trocaria de forma, já que não era a primogênita. O gen se transmitiria a seu filho, Alcide me havia dito, que este gen aumentava

o vigor e tinha uma grande capacidade de cura. Muitos atletas profissionais eram filhos de casais cujo fundo genético continha uma alta porcentagem de lobo no sangue.

—Entraremos em um segundo, -murmurou Alcide-. Ele estava de pé junto a mim, explorando as caras das pessoas que passavam a nosso lado.

—vou matar te depois, -disse-lhe-, mantendo minha cara impassível enquanto passavam os lobos. por que não me explicou isto?

O alto homem se aproximou caminhando, enquanto seus braços se balançavam, seu enorme corpo se movia com propósito e graça. Sua cabeça girou para mim quando passou a meu lado, e lhe vi os olhos. Eram muito escuros, mas como a vez anterior não pude distinguir a cor. Sorri-me.

Alcide tocou minha mão, como se soubesse que não lhe punha atenção. inclinou-se para sussurrar em meu ouvido:

—Necessito sua ajuda. Necessito-a para que encontre uma oportunidade depois do funeral de ler a mente do Patrick. Ele vai fazer algo para sabotar a meu pai.

— por que simplesmente não me pediu isso? Estava perplexa e confundida, e sobre tudo machucada.

— Pensei que me devia isso de qualquer modo!

— Porque diz isso?

—Sei que matou ao Debbie.

Se ele me tivesse esbofeteado, não poderia me haver impressionado mais. Não tenho nem idéia de que expressão tinha no rosto. depois de que o impacto da declaração e a culpa passaram, -pinjente-:

—Tinha abjurado dela. O que te importa isso a ti?

—Nada, -disse-. Nada. Ela estava já morta para mim. -Não acreditei isso nem por um minuto-. Mas você sabia que isso era algo importante, e o ocultou. Figuro-me que sabia que se sentiria obrigada comigo.

Se eu tivesse tido uma arma no bolso, haveria-me sentido tentado a usá-la.

—Não te devo nada, -pinjente-. Acredito que foste recolher me no carro de seu pai, porque saberia que eu iria uma vez que me dissesse isto.

—Não, -disse-. Ainda mantínhamos a voz baixa, mas podia ver, pelas olhados de esguelha que obtínhamos, que estávamos atraindo a atenção. Bem, talvez. Por favor, esquece que pinjente que me devia isso. O fato é, que meu esta pai em problemas e eu devo fazer algo para ajudá-lo. E você pode me ajudar.

—A próxima vez que necessite ajuda, solo pede-a. Não tente me chantagear ou me manipular. Eu gosto de ajudar às pessoas. Mas ódio ser empurrada e enganada. Ele tinha baixado seus olhos, então tomei seu queixo e o fiz enfrentar-se a mi. Te odeio. -pinjente-

Joguei uma olhada a mim ao redor, para averiguar quanta atenção estava atraindo nossa discussão. O homem alto tinha reaparecido. Ele olhava para nós sem nenhuma expressão. Mas sabia que estávamos captando sua atenção.

Alcide jogou uma olhada também. Sua cara avermelhou. Temos que entrar agora. Entrará comigo?

— Que significa que eu entre contigo?

—Isso significa que está do lado de meu pai em sua licitação para ser chefe da manada.

— A que me obriga isso?

—A nada.

— Então por que é importante que o faça?

—Escolher o lado de um chefe de manada pode influir nos que sabem quanto nos ajudou durante a Guerra das Bruxas.

A escaramuça com as Bruxas tivesse sido mais exato chamá-la, porque embora indubitavelmente tinham sido eles contra nós, o número total de pessoas envolvidas tinha sido bastante pequeno digamos,

quarenta ou cinquenta pessoas. Mas na história da manada do Shreveport, tinha sido um episódio épico, -deduzi-.

Furiosa, olhei para baixo. Lutei contra meus instintos em guerra. Ambos tinham razão, a gente dizia: “Estas em um funeral. Não faça uma cena. Alcide foi bom contigo, e não te machucaria fazer isto por ele.” “O outro dizia, Alcide te ajudou no Jackson porque tentava afastar a seu pai dos problemas com os vampiros. Agora, outra vez, ele está disposto a te implicar em algo perigoso para lhe dar uma mão a seu pai”. A primeira voz interrompeu, -Ele sabia que Debbie era má. Tentou afastar-se dela, e logo ele a abjurou. A segunda disse: Porque o quereria a uma mulher como Debbie em primeiro lugar? Porque seguia com ela quando tinha a clara evidência de que era malvada? Ninguém mais sugeriu que ela tivesse o poder da magia. Essa coisa de ‘magia’ é uma desculpa troca. Sentia-me como Linda Blair no Exorcista, com a cabeça dando voltas ao redor de meu pescoço.

A voz número um conseguiu triunfar. Pus minha mão sobre o cotovelo torcido do Alcide e dirigimos às escadas e para a igreja.

As bancas da igreja estavam cheios de gente normal. As três primeiras fileiras de ambos os lados tinham sido reservadas para a manada. Mas o alto homem, que se destacaria em qualquer parte, estava sentado na última fila. Alcancei a jogar uma olhada a seus largos ombros antes de emprestar completa atenção à cerimônia. Os dois meninos Furnan, lindos como fantasias de diabo, estavam solenemente sentados na primeira banca do lado direito. Assim, Alcide e eu entramos, precedendo aos dois candidatos de chefe de manada. Esta cerimônia de assentos, parecia-se de uma maneira estranha a umas bodas, com o Alcide e eu sendo padrinho e dama de honra respectivamente. Jackson e Christine e Patrick e Libby Furnan entrariam como os pais dos noivos.

Que pensariam as demais pessoas desta situação, não sabia

Só sabia que todos me olhavam fixamente, mas estou acostumada a isto. Se ser uma mesera te consegue algo, é estar acostumada a que lhe observem. Estava vestida de maneira apropriada e luzia tão bem como poderia está-lo, e Alcide estava igual, assim, não importava que nos olhassem. Alcide e eu nos sentamos na fila dianteira do lado esquerdo da igreja. Vi o Patrick Furnan e a sua esposa, Libby, sentar-se nos bancos ao outro lado do corredor. Então olhei para trás para ver que Jackson e Christine entravam devagar, luzindo apropriadamente graves. Houve vários movimentos de cabeças e mãos, um aumento de sussurros, e logo Christine se sentou sigilosamente furtivamente nos bancos, com o Jackson a seu lado.

O ataúde, talher por um pano minuciosamente bordado, estava enmedio do corredor, pusemo-nos de pé, e logo o sombrio serviço começou.

depois de escutar a letanía, ao mesmo tempo que Alcide me mostrava isso no Misal, o sacerdote perguntou se gostaria a alguém dizer algumas palavras sobre o Coronel Flood. Um de seus amigos da Força aérea se levantou primeiro e falou da dedicação do coronel ao dever e o orgulho que sua unidade tinha sentido por ele. Outro dos colegas membro de igreja, tomou a palavra também, elogiando a generosidade do coronel e aplaudindo o tempo que tinha passado cuidando o balanço dos livros na igreja.

Patrick Furnan deixou sua banca e de várias pernadas chegou ao suporte de livro. Não foi ágil; era muito pesado para isso. Mas seu discurso foi certamente uma mudança dos louvores que os anteriores homens haviam dito.

—John Flood foi um homem extraordinário e um grande líder, -começou Furnan-. Falava muito melhor do que esperava. Embora não soubesse quem tinha escrito seu discurso, via-se que era um homem educado.

—Na ordem fraternal que compartilhamos, sempre nos indicou a direção que deveríamos tomar, o objetivo que deveríamos alcançar. Quando se voltou mais velho, comentava freqüentemente a que isto era um trabalho para jovens.

Um giro de auto-elogio para fazer um discurso de campanha. Não era quão única tinha notado isto; por toda parte a meu redor havia movimentos e se escutavam uns quantos sussurros.

Embora não tomou por surpresa a reação que despertou seu comentário, Patrick Furan seguiu adiante. Sempre disse ao John que ele era o melhor chefe que tínhamos tido, e ainda acredito isto. Não importa quem segue seus passos, John Flood nunca será esquecido ou substituído. O próximo líder só pode esperar trabalhar tão duro como John. Sempre estarei orgulhoso da confiança que John pôs em mim mais de uma vez, inclusive alguma vez me chamou sua mão direita. Com aqueles comentários, o distribuidor de motocicletas Harley sublinhou seu intento de tomar o trabalho do Coronel Flood como chefe de manada (ou, como referia a isso internamente, o Líder da manada).

Alcide, a minha direita, estava rígido de cólera. Se não tivesse estado sentado na primeira fila de um funeral, lhe teria encantado me fazer alguns comentários sobre o tema do Patrick Furan. Ao lado do Alcide, logo que podia ver o Christine, cuja cara parecia esculpida em marfim, estava-se contendo o bastante.

O pai do Alcide esperou um momento antes de subir ao suporte de livro. Evidentemente, queria que passassem uns momentos e se acalmassem um pouco os ânimos, antes de começar seu próprio discurso.

Jackson Herveaux, rico construtor e homem lobo, deu-nos a possibilidade de examinar sua aposta maturidade. Então começou:

— Não veremos logo a alguma pessoa como John Flood. Um homem cuja sabedoria tinha sido moderada e provada pelos anos... -Ah, ouch. Isto não ia ser malicioso nem deliberado...se não, direto.

Deixei de emprestar atenção o resto do serviço para me concentrar em meus próprios pensamentos. Tinha muito em que pensar. Pusemo-nos de pé quando o Coronel John Flood, coronel da Força aérea e Chefe da manada, saiu desta igreja por última vez. Permaneci em silêncio durante o caminho ao cemitério, fiquei ao lado do Alcide durante o serviço ao redor da tumba, e retornamos ao automóvel quando tudo teve terminado e os apertões de mãos e saudações foram feitas.

Procurei o homem alto, mas ele não estava no cemitério.

De retorno ao Bon Temps, Alcide obviamente quis manter um silêncio agradável e tranqüilo, mas era hora de responder algumas perguntas.

— Como soube? -Perguntei-.

Não tentou fingir não compreender do que falava.

—Quando fui a sua casa ontem, pude farejar um vestígio extremamente leve dela em sua porta principal, -disse-. Tomou sozinho um pouco de tempo adivinhá-lo.

Eu nunca tinha considerado essa possibilidade.

—Não acredito que o tivesse reconhecido se não a tivesse conhecido tão bem, -observou-. Certamente não encontrei esse aroma em nenhuma outra parte da casa.

Então toda minha limpeza tinha sido de algum proveito. Tinha tido sorte de que Jack e Lily Leeds não tivessem sido duas-naturezas.

— Quer saber o que aconteceu?

—Não acredito, -disse depois de uma pausa considerável-. —Conhecendo o Debbie, suponho que fez o que tinha que fazer. depois de tudo, era seu aroma em sua casa. Ela não tinha nada que fazer aí.

Isso estava longe de um apoio terminante.

— E Eric estava ainda em sua casa então, verdade? Talvez foi Eric? Alcide parecia quase esperançado.

—Não, -pinjente-.

—Talvez realmente quero a história completa.

—Possivelmente troquei que ideia sobre lhe contar isso Crie em mim ou não o faz. Crie que sou a classe de pessoa que mataria a uma mulher por nenhuma razão ou que não o sou. Realmente, tinha-me

machucado mais do que eu acreditava. Tive muito cuidado de não entrar na cabeça do Alcide, porque tinha medo de poder me inteirar de um pouco mais doloroso.

Alcide tentou várias vezes iniciar outra conversação, mas a viagem não podia terminar o bastante logo para mim. Quando chegou ao claro e me dava conta que estava a uns metros de estar em minha própria casa, o alívio foi lhe esmague. Não podia esperar a me liberar desse luxuoso automóvel o suficientemente rápido.

Mas Alcide baixou detrás de mim.

—Não me importa, -disse com voz que foi quase um grunhido.

— O que? -Tinha chegado à porta principal e tratava de colocar a chave na fechadura-.

—Não me importa.

—Não acredito isso nem por um minuto.

— O que?

—É mais duro de ler que um humano, Alcide, mas posso ver frestas de seus pensamentos. devido a que me pediu que te desse uma mão com seu pai, direi-te algo: Patrick como é que se apelide, planeja tirar a luz pública os problemas de jogo de seu pai para mostrar que ele é inadequado como chefe de manada. Nada mais oculto e sobrenatural que a verdade. Tinha lido sua mente muito antes de que me pedisse que o fizesse. Não quero voltar a verte em um comprido, comprido tempo.

— O que? -repetiu Alcide-. Parecia como se lhe tivessem golpeado na cabeça.

—Verte... faz-me sentir mau. Certamente, havia várias e diferentes raciocine para isso, mas não quis as enumerar. Assim obrigado por me levar a funeral. (Poderia ter parecido um pouco sarcástica). Avaliação que pensasse em mim. (Outra probabilidade mais alta de sarcasmo aqui.)

Entrei na casa e fechei a porta sobre sua cara sobressaltada, e a fechei com chave só para me sentir segura. Dirigi-me à sala, para que o pudesse escutar meus passos, mas me detive no corredor e esperei a escutar enquanto ele retornava ao Lincoln. Escutei que o automóvel passava pelo caminho principal, provavelmente fazendo sulcos sobre meu precioso cascalho.

Quando me tirei o traje da Tara e o guardei para levá-lo depois à tinturaria, confesso que estava abatida. Algumas pessoas dizem que quando uma porta se fecha, outra se abre. Mas eles não estiveram vivendo em minha casa.

A maior parte das portas que abro parecem ter algo tenebroso detrás delas, de qualquer maneira.

CAPITULO 7

Sam estava no bar aquela noite, sentado em uma mesa da esquina como um rei de visita, sua perna apoiada sobre outra cadeira protegida com travesseiros. Estava vigiando ao Charles, jogando o olho sobre a reação da clientela ante um barman vampiro.

A gente se detinha, sentava-se nas bancas da barra, ficavam vários minutos e logo desocupavam os bancos. Sabia que Sam estava adolorido. Sempre posso saber quando a gente sofre. Mas estava feliz de ver outras pessoas, alegre de estar no bar, agradado com o trabalho do Charles.

Tudo isto o podia deduzir, e contudo, quanto à identidade de quem lhe tinha disparado, não tinha nenhuma pista. Alguém caçava aos duas naturezas, alguém que tinha matado a alguns e ferido inclusive a maior quantidade. Descobrir a identidade do atirador era imperativo. A polícia não suspeitava do Jason, mas sua própria gente se o fazia. Se a gente do Calvin Norris decidisse tomar o assunto em suas próprias

mãos, facilmente poderiam encontrar uma possibilidade de atacar ao Jason. Eles não sabiam que havia mais vítimas em outros lugares além das do Bon Temps.

Sondei mentes, tentei apanhar às pessoas em pensamentos descuidados, inclusive tentei pensar nos candidatos mais prometedores para o papel do assassino, mas nem sequer assim, perderia o tempo em escutar por exemplo: as preocupações sobre a neta maior da Liz Baldwin.

Assumi que o que disparava era quase certamente um tipo. Conhecia muitas mulheres que praticavam a caça e muitíssimas mais com acesso a rifles. Mas não eram os franco-atiradores sempre homens? A polícia estava desconcertada pela seleção de objetivos deste franco-atirador, porque não sabiam a verdadeira natureza de todas as vítimas. A busca que realizavam os licântropos era obstaculizada por sua busca de suspeitos locais.

—Sookie, -disse Sam- quando passei perto dele. te ajoelhe aqui por um minuto.

Me acucille diretamente ao lado de sua cadeira para que o pudesse falar em voz baixa.

—Sookie, ódio lhe pedir isso novamente, mas o armário no depósito não está resultando para o Charles. O armário de artigos de limpeza não foi construído exatamente para vampiros já que é algo estreito, mas estava escuro de dia, o qual estava bastante bem. depois de tudo, o armário não tinha nenhuma janela, e estava dentro de uma habitação sem janelas.

Tomou um minuto trocar meus pensamentos e conduzi-los para outra pista.

—Não quererá me dizer que ele é não capaz de dormir, -disse com incredulidade- Os vampiros podiam dormir no dia em qualquer circunstância. E estou segura que pôs uma fechadura no interior da porta, também.

—Sim, mas ele tem que fazê-lo no chão, e diz que isso cheira a rodos velhos.

—Bem, realmente guardamos os artigos de limpeza ali.

— Minha pergunta é: seria tão mau que ele ficasse em sua casa?

— por que quer realmente que eu o tenha na casa? -Perguntei-. Tem que haver uma razão, além da comodidade de um vampiro estranho durante o dia, -quando ele está morto-, de qualquer maneira.

— Não fomos amigos por comprido tempo, Sookie?

Cheirei algo grande e podre.

—Sim, -admiti, me pondo de pé para que ele elevasse a vista para mim-.

— E?

—escutei através da via clandestina que a comunidade Hotshot contratou um lobo como guarda-costas para a habitação do Calvin no hospital.

—Sim, penso que isto é um pouco estranho, também. -Reconheci sua preocupação quando adicionou:- Então suponho que escutou de quem suspeitam. Os brilhantes olhos azuis do Sam se mantiveram fixos em meus.

—Tem que tomar isto a sério, Sookie.

— O que te faz pensar que não o faço?

—Rechaçou ao Charles.

—Não vejo que o me negar a que ele durma em minha casa tenha que ver com minha preocupação a respeito do Jason.

—Acredito que ele te ajudaria a proteger ao Jason, se viessem por ele. Estou inútil com esta perna, Y... eu não posso acreditar que fora Jason quem me disparou.

Um nó de tensão dentro de mim se relaxou quando Sam disse isto. Não tinha compreendido que tinha estado preocupada sobre o que ele pensava, mas o estava.

Meu coração se abrandou um pouco.

—OH, bem, -pinjente cedendo. Pode ficar comigo, pinjente mal-humorada, ainda sem acreditar que tinha acessado.

Sam chamou o Charles, e falou com ele brevemente. Mais tarde Charles tomou emprestadas minhas chaves para guardar sua bolsa no automóvel. depois de uns minutos, estava de retorno na barra, me indicando que havia devolvido as chaves a minha bolsa. Assenti, talvez um pouco cortante. Não estava feliz, mas se me tinha que ser imposto um convidado, ao menos era um convidado cortês.

Mickey e Tara entraram no Merlotte's essa noite. Como a vez anterior, a escura intensidade do vampiro fez que cada pessoa no bar ficasse um pouco excitada. Os olhos da Tara me perseguiram com uma espécie de triste passividade. Estava esperando apanhá-la a sós, mas não a vi deixar a mesa por nenhum motivo. Descobri que essa era outra causa de alarme. Quando tinha visitado o bar em anteriores ocasiões com o Franklin Mott, sempre se tomava um minuto para me dar um abraço, e conversar comigo sobre a família e o trabalho.

Alcansei a ver o Claudine, a fada ao outro lado do bar, e embora planeje me dirigir para lá para falar com ela, estava muito preocupada com a situação da Tara. como sempre, Claudine estava rodeada de admiradores.

Finalmente, estive tão ansiosa que tomei ao vampiro pelas presas e me aproximei da mesa da Tara. Mickey, que parecia uma serpente estava olhando fixamente a nosso chamativo garçom, e apenas me dirigiu o olhar quando me aproximei. Tara parecia tanto esperançada como assustada, assim pus minha mão sobre seu ombro para conseguir uma imagem mais clara de sua cabeça. Tara teve tanto êxito que poucas vezes me preocupo com ela, embora tenha uma debilidade: Escolhe aos homens incorretos.

Recordava a “Ovos” Benedict, que tinha morrido o outono passado, ao parecer em um incêndio. “Ovos” tinha sido um bebedor compulsivo e de temperamento débil. Franklin Mott ao menos tinha tratado a Tara com respeito e a tinha cheio de presentes, embora a natureza dos presentes houvesse dito, “sou uma amante,” em lugar de “sou uma honesta noiva. Mas como tinha vindo a parar em companhia do Mickey? “Esse” Mickey, cujo nome incluso tinha feito que Eric vacilasse.

Parecia que tinha estado lendo um livro só para descobrir que alguém tinha arrancado as páginas de no meio.

—Tara, -disse quedamente-. Ela elevou a vista para mim, seus grandes olhos negros estavam nublados e mortos: medo passado, vergonhas passadas.

A simples vista ela se via quase normal. Estava bem penteada e arrumada, sua roupa era de moda e atrativa. Mas por dentro, Tara estava atormentada. O que ocorria a meu amiga? por que não tinha notado antes que algo a estava destruindo de dentro para fora?

Perguntei-me que fazer a seguir. Tara e eu somente nos olhávamos fixamente a uma à outra, e embora ela soubesse o que eu via dentro de sua cabeça, não respondia.

—Acordada, -pinjente-, sem saber de onde vinham as palavras. Acordada, Tara!

Uma mão branca agarrou meu braço e tratou de tirar minha mão do ombro da Tara à força.

—Não te pago para tocar a minha entrevista, -disse Mickey-. Tinha os olhos mais frios que alguma vez tinha vista —cor gradeio como de réptil-. Pago-te para trazer nossas bebidas.

—Tara é meu amiga, -pinjente-. Ele ainda apertava meu braço, e se um vampiro te aperta, realmente o nota. Você lhe faz algo. Ou esta deixando que alguém mais o faça.

—Não é de sua incumbência.

—Isto me concerne, -pinjente-. Eu sabia que meus olhos estavam lacrimejando de dor, e tive um momento de covardia absoluta. Vendo sua cara, sabia que ele poderia me matar e sair do bar antes de que alguém ali pudesse detê-lo. Ele poderia levar-se a Tara consigo, como seu cão favorito ou como se fora

ganho. antes de que o medo me fizesse perder o controle, -pinjente-, Me solte. Disse-o com força, mesmo que soubesse que ele poderia ouvir cair um alfinete em uma tormenta.

—Estas tremendo como um cão doente, -disse com desdém-.

—me solte, -repeti-.

— Ou que?

—Você não pode manter-se acordado sempre. Se não o fizer eu, será alguém mais.

Mickey pareceu reconsiderá-lo. Não acredito que fora minha ameaça, embora eu falava a sério das pontas dos dedos de meus pés até as raízes de meu cabelo.

Ele olhou para a Tara, e ela falou, como se lhe tivesse atirado uma corda.

—Sookie, não faça um escândalo disto. Mickey é meu homem agora. Não me envergonhe diante dele.

Minha mão soltou seu ombro e me arrisquei a afastar os olhos do Mickey para olhá-la a ela. Ela definitivamente queria que eu me fora; era completamente sincera sobre isto. Mas seus motivos eram curiosamente mais escuros.

—Bem, Tara. Quer outra bebida? -Perguntei devagar-. Eu me abria caminho por sua cabeça, e encontrava uma parede de gelo, escorregadio e opaco.

—Não, obrigado, -disse Tara corretamente. —Mickey e eu temos que ir agora.

Isso surpreendeu ao Mickey, pode apostar. Senti-me um pouco melhor; Tara era responsável por ela, ao menos em certa medida.

—Devolverei seu traje. Já o levei a tinturaria. -pinjente-.

—Não há pressa.

—Bem. Verei-te depois. Mickey apertava fortemente o braço de meu amiga enquanto se retiravam através da multidão.

Recolhi os copos vazios da mesa, limpei-a e retornei à barra. Charles Twining e Sam estavam alertas. Tinham estado observando o pequeno incidente. Encolhi-me de ombros, e eles se relaxaram.

Quando fechamos o bar aquela noite, o novo barman me esperava na porta traseira enquanto me punha meu casaco e tirava as chaves de minha bolsa.

Abri as portas do automóvel e ele subiu.

—Obrigado por aceitar me receber em sua de casa, -disse-.

Obrigue-me a responder educadamente. Não havia motivo para ser grosseira.

— Crie que ao Eric incomodará que este contigo? -Perguntou Charles- enquanto nos dirigíamos em caminho para o Parish.

—O não tem nada que dizer a respeito disso, -pinjente de maneira cortante-. Incomodou-me que perguntasse isso sobre o Eric.

— Não te visita miúdo? -Perguntou Charles com insólita persistência-.

Não lhe respondi até que estacionamos detrás de minha casa. Escuta -pinjente-, não sei o que escutou, mas ele não é... não somos... assim. Charles observou meu rosto e sabiamente não disse nada quando abri a porta traseira da casa.

—Sinta-se libere de explorar, -disse depois de que o tive convidado a passar. Aos vampiros gosta de conhecer as entradas e saídas.

—Quando terminar te mostrarei seu lugar para dormir. Enquanto o barman olhava curiosamente ao redor da humilde casa onde minha família tinha vivido durante tantos anos, pendurei meu casaco e pus a bolsa em minha habitação. Fiz-me um sanduíche depois de perguntar ao Charles se queria um pouco de sangue. Guardo um pouco tipo “Ou” no refrigerador, e ele pareceu alegre de sentar-se e beber depois de ter revisado a casa. Charles Twining era um tipo pacífico e ordenado, sobre tudo para ser um vampiro. Não parecia estar sexualmente atraído por meu, e tampouco parecia querer algo mas.

Mostrei-lhe o painel em cima do armário na habitação de hóspedes. Disse-lhe como funcionava o controle remoto da televisão, mostrei-lhe minha pequena coleção de filmes, e lhe indiquei onde estavam os livros em seu dormitório e na sala.

— Existe alguma outra coisa que crie que pode necessitar? -Perguntei-. Minha avó me tinha educado bem, embora não acredito que ela alguma vez se imaginasse que eu teria que ser anfitriã de um grupo de vampiros.

—Não, obrigado, senhorita Sookie, -disse Charles corretamente-. Seus largos dedos brancos tocaram o emplastro de seu olho, um hábito estranho que me deu calafrios.

—Então, se me desculpar, direi boa noite. Estava cansada e era extenuante sustentar uma conversa com alguém que até recentemente era um estranho.

—Certamente. Que descanse, Sookie. Se quero vagar pelos bosques...?

—Sinta-se libere de fazê-lo, -pinjente imediatamente-. Tinha uma chave adicional da porta traseira, e a saque da gaveta da cozinha onde guardava todas as chaves. Esta gaveta, tinha sido aonde se guardava tudo o que acreditavam que pudesse servir, durante quase possivelmente oitenta anos, desde que a cozinha tinha sido adicionada à casa. Havia ao menos cem chaves no. Algumas delas eram muito velhas desde que a cozinha tinha sido anexada à casa, e tinham uma estranha aparência. Eu tinha etiquetado as de minha geração, e tinha posto a chave secreta em um chaveiro de plástico rosa brilhante de meu agente de seguros do State Farm.

—Uma vez que saía -mas bem sempre que sair-, fecha a porta detrás de ti, por favor.

Ele assentiu e tomou a chave.

Geralmente era um engano sentir compaixão por um vampiro, mas eu não podia menos que pensar que havia algo triste no Charles. Golpeava-me sua solidão, há sempre algo patético sobre a solidão. Eu mesma a tinha experiente. Ferozmente negaria que fora patética, mas quando reconhecia a solidão em alguém mais, podia sentir o puxão de compaixão.

Lave-me a cara e me pus uma pijama de nylon rosa. Estava já meio dormida quando me escovei os dentes e avancei lentamente à velha cama em que minha avó tinha dormido até o dia que morreu. Minha bisavó tinha feito o edredom que estava sobre ela, e minha tia avó Julia tinha bordado os borde da colcha. Embora em realidade pudesse estar sozinha no mundo - à exceção de meu irmão, Jason- Me ia dormir rodeada por minha família.

Dormi profundamente até como as três da manhã, e em algum momento durante aquele período fui despertada pelo toque de uma mão sobre meu ombro.

Sobressaltei-me ao despertar como se me tivessem arrojado um cubo de água fria. Lutando contra a comoção ao me dar conta de que alguém me estava tocando, lancei um murro. Este foi apanhado por um frio apertão.

—Não, não, não, ssshhh -Sussurrou alguém quedamente-. Alguém com acento inglês. Charles. Alguém se arrasta ao redor nos subúrbios de sua casa, Sookie.

Minha respiração se voltou tão ofegante como um acordeão. Perguntei-me se iria ter um enfarte. Pus uma mão sobre meu coração, como se pudesse sujeitá-lo mesmo que o decidisse sair de meu peito.

— te jogue! -disse diretamente em minha orelha-, e logo o senti agachar-se ao lado de minha cama nas sombras. Joguei-me e fechei meus olhos imediatamente. A cabeceira estava situada entre as duas janelas da habitação, quem quer que se arrastava ao redor de minha casa, realmente não poderia conseguir olhar bem meu rosto. Assegurei-me de ficar imóvel e me relaxei tanto como pude. Tentei pensar, mas estava muito assustada. Se o merodeador fora um vampiro, ele ou ela não poderiam entrar - a não ser que fora Eric-. Eu tinha rescindido o convite do Eric para entrar? Não podia recordá-lo. Esta é a classe de coisas que tenho que recordar, -disse-me-.

—foi-se, -disse Charles- com voz tão fica que foi quase como se escutasse a um fantasma.

— O que foi isso? -Perguntei com voz que esperei fora igual de fica.

— Estava muito escuro para sabê-lo. -Se um vampiro não podia ver que tinha estado fora, é que deveria ter estado realmente escuro-. Sairei e o averigüarei.

—Não, -pinjente urgentemente-, mas era muito tarde.

Jesucristo, pastor da Judea! Que tal se o merodeador era Mickey? Mataria ao Charles.

— Sookie! A última coisa que esperei - embora francamente estava além de esperar algo - era que Charles me chamasse.

— Vêem aqui fora, se puder!

Deslizei meus pés em minhas imprecisas sapatilhas rosadas -não via bem na escuridão- e me dirigi rapidamente pelo corredor até a porta traseira; que era de onde vinha a voz, -pensei-.

—Ligarei a luz, -gritei-. Não queria que ninguém fora cegado pela eletricidade repentina.

— Estas seguro que não há nenhum perigo?

—Sim, disseram duas vozes quase simultaneamente.

Atirei do interruptor com meus olhos fechados. depois de um segundo, abri-os e me dirigi até a porta do pórtico traseiro, em meu pijama rosada e minhas pantufas. Cruzei os braços sobre meu peito. Embora não fora uma noite realmente fria, estava fresco.

Absorvi a cena diante de mim.

—Bem, -pinjente devagar-. Charles estava no pátio de cascalho onde eu estaciono, e tinha um cotovelo ao redor do pescoço do Bill Compton, meu vizinho.

Bill é um vampiro, foi-o da guerra de secessão. Temos uma história. Isso significa muito provavelmente um pequeno calhau de história na larga vida do Bill, mas na minha, é uma rocha.

—Sookie, -disse Bill chiando os dentes. Não quero causar machuco a este estranho. lhe diga que afaste suas mãos de mim.

Eu respirava rapidamente.

—Charles, acredito que deve deixar ir, -pinjente-, e tão rápido como posso estalar os dedos, Charles esteve de pé a meu lado.

— Conhece este homem? -A voz do Charles teve um fio de aço-.

Com a mesma frieza, Bill -disse:-

—Ela realmente me conhece, intimamente. -Adicionou-

Ohhh....

— Agora, isso é ser educado? Eu podia manter também o tom frio em minha própria voz. Não vou lhe contando a todos a mim ao redor cada um dos detalhes de nossa antiga relação. Esperaria o mesmo de qualquer cavalheiro.

Para minha satisfação, Charles olhou airadamente ao Bill, levantando uma sobrancelha em forma irritada.

— Então este compartilha sua cama agora? -disse Bill assinalando ao outro vampiro.

Se ele houvesse dito qualquer outra coisa, tivesse podido controlar meu temperamento. Não o perco muito, mas quando o faço, faço-o a fundo.

— É esse seu problema? -Perguntei-, acentuando cada palavra.

Se dormir com cem homens, ou cem ovelhas, de maneira nenhuma é seu problema! por que te desliza ao redor de minha casa em meio da noite? Deu-me um susto mortal.

Bill não parecia nem remotamente arrependido.

—Lamento haver despertado e que te tenha assustado, -disse sem parecer arrependido-. Estava te cuidando.

—Passeava pelo bosque e cheirou a outro vampiro, -pinjente-. Ele sempre tinha tido um agudo sentido do olfato. Assim deveste viu quem era.

—Queria me assegurar de que não estava sendo atacada, -disse Bill. Captei também um aroma humano. Teve visitas humanas hoje?

Não acreditei nem por um momento que Bill estivesse preocupado por minha segurança, mas não queria acreditar que o ciúmes lhe trouxeram para minha janela, ou inclusive alguma espécie de curiosidade lasciva. Respirei profundo durante um minuto, enquanto me acalmava.

—Charles não me esta atacando, -pinjente-, orgulhosa de falar tranquilamente.

Bill se burlou.

—Charles, -repetiu com desprezo-.

—Charles Twining, -disse meu companheiro- fazendo uma reverência, se assim pudesse chamar-se a breve inclinação de sua frisada cabeça castanha.

—Desde onde o tirou? -A voz do Bill tinha recuperado sua tranquilidade-.

—Em realidade, ele trabalha para o Eric, como você.

—Eric te subministrou um guarda-costas? Necessita um guarda-costas?

—Escuta, -disse com as mandíbulas apertadas, minha vida continua embora você te tenha ido. Algo passa no povo. A gente daqui consegue que lhe disparem, entre eles Sam. Necessitávamos a um barman substituto, e Charles foi devotado para nos dar uma mão. Isto não tinha sido completamente exato, mas não estava no negócio da exatidão neste momento. Mas bem estava em minha própria sintonia exatamente.

Ao menos Bill reagiu de maneira apropriada ante essa informação.

—Sam. Quem mais?

Eu estava tremendo, dado que meu pijama não era apropriado para este tempo. Mas não queria que Bill entrasse na casa. Calvin Norris e Heather Kinman.

—Mortos a tiros?

—Heather se. Calvin ficou bastante mal ferido.

—A polícia deteve a alguém?

—Não.

—Sabe quem o fez?

—Não.

—Está preocupada com seu irmão.

—Sim.

—converteu-se com a lua enche.

— Sim.

Bill me olhou com o que poderia ter sido compaixão. Sinto muito, Sookie, -disse-, escutava-se sincero.

—Não me tem isso que dizer, -grasnei-. Diga-lhe ao Jason, é ele quem esta confuso.

A cara do Bill se voltou fria e rígida. Desculpa minha intrusão, -disse-. Irei. Havendo dito isso se perdeu entre os bosques.

Não sei como reagiu Charles ante o episódio, porque girei e retornei à casa, apagando a luz quando entrei. Voltei para minha cama e fiquei tendida ali, zangada e preocupada. Devore os lençóis sobre minha cabeça assim o vampiro entenderia a indireta de que não queria falar do incidente. moveu-se tão silenciosamente, que não podia estar segura em que lugar da casa se encontrava; acredito que fez uma pausa na porta de meu dormitório durante um segundo, e logo seguiu adiante.

Estive tendida sem poder dormir durante ao menos quarenta e cinco minutos, e logo dormi.

Então alguém mais me sacudi novamente pelos ombros. Cheirava um perfume doce, e também algo mais, algo horrível. Estava muito sonolenta.

—Sookie, sua esta casa ardendo, -escute dizer-.

—Não pode ser, -pinjente-. Não deixei nada sobre o fogo.

—Tem que sair agora mesmo, -insistiu a voz-. Um chiado persistente me recordou os simulacros de incêndio na escola primária.

—Bem, -pinjente-, com a cabeça espessa de sonho e quando abri os olhos, vi a fumaça. O chiado no fundo, -compreendi de repente-, era meu detector de fumaça. Grosas nuvens cinzas e brancas se moviam por meu amarelo dormitório como gênios malvados. Não me movia o bastante rápido para o Claudine, quem de um puxão me tiro da cama e me levou para a porta principal. Nenhuma mulher me tinha carregado nunca, mas certamente Claudine não era nenhuma mulher ordinária. Ela me pôs de pé sobre a fria erva do jardim dianteiro. O sentir o frio sob meus pés despertou. Isto não era nenhum pesadelo.

—Minha esta casa ardendo? -Eu ainda lutava por despertar-.

—O vampiro diz que foi aquele humano, ali, -disse-, assinalando com o dedo à esquerda da casa. Mas durante um comprido minuto meus olhos ficaram fixos ante a terrível visão das chamas, e o brilho vermelho de fogo que iluminava a noite. O pórtico traseiro e parte da cozinha estavam ardendo.

Fiz-me um novelo no chão, perto de um broto de glicínias. Charles se ajoelhou a meu lado.

—chamaram aos bombeiros? Perguntei a ambos. Enquanto me levantava e caminhava ao redor da casa com os pés nus para jogar um olhar à figura recostada. Olhei atentamente a cara do morto na pobre luz. Era branco, bem barbeado, e provavelmente em seus trinta. Embora as condições logo que fossem ideais para fazê-lo, não o reconheci.

—OH, não, não pensei nisso. -Charles elevou a vista do corpo-. Vinha de um tempo anterior aos corpos de bombeiros.

—E esqueci meu telefone celular, -disse Claudine-, quem era totalmente moderna.

—Então tenho que voltar dentro e fazê-lo, isso, se os telefones ainda funcionam, -pinjente-, me dirigindo para ali. Charles elevou sua considerável estatura e me olhou fixamente.

—Não voltará ali. Isso era definitivamente uma ordem do Claudine. O novo homem, corre, o suficientemente rápido para fazer isso.

—O fogo, -disse Charles, é rapidamente fatal para os vampiros.

Isto era verdade; acendiam-se como uma tocha uma vez que os tocava. Egoístamente, durante um segundo quase insisti; queria meu casaco, minhas pantufas e minha bolsa.

—vá chamar do telefone do Bill, -pinjente-, assinalando à direita, e o saiu correndo como um coelho. Ao momento em que ele esteve fora da vista e antes de que Claudine pudesse me deter, corri de retorno à porta principal e me abri passo a minha habitação. A fumaça era muito mais espessa, e podia ver as chamas uns quantos metros abaixo no corredor que dava à cozinha. Assim que vi as chamas soube que tinha cometido um terrível engano entrando de novo na casa, e foi difícil não entrar em pânico. Minha bolsa seguia onde o tinha deixado, e meu casaco estava em uma cadeira na esquina da habitação. Não pude encontrar minhas pantufas, e sabia que não podia ficar. Pincei em uma gaveta procurando um par de meias três-quartos, já que sabia de seguro que estavam ali, e logo saí correndo da habitação, tossindo e me afogando. Atuando por instinto, girei brevemente a minha esquerda para fechar a porta da cozinha, e logo dobrei e apressadamente saí pela porta principal. Tropecei com uma cadeira na sala.

—Isto foi estúpido, -disse Claudine a fada-, e gritei. Ela me agarrou pela cintura e saiu correndo da casa outra vez, comigo sob seu braço como um tapete enrolado.

A combinação dos gritos e a tosse saturaram meu sistema respiratório durante um minuto ou dois, que foi o tempo que demorou Claudine em me afastar da casa. Sentou-me sobre a erva e me pôs as meias três-

quartos. Logo me ajudou a me levantar e conseguiu passar meus braços pelo casaco. Abotoei-o ao redor de mim com gratidão.

Esta era a segunda vez que Claudine tinha aparecido de um nada quando estava a ponto de sofrer sérios problemas. A primeira vez, eu me tinha dormido no volante depois de um comprido dia.

—O estas pondo muito difícil para meu, -disse. Ainda parecia alegre, mas talvez não tão amável.

Algo trocou na casa, e compreendi que a luz se apagou. A eletricidade se cortou, ou a linha tinha sido fechada na cidade pelo departamento de bombeiros.

—Sinto muito, -pinjente-, sentindo que era apropriado-, embora não tinha idéia de por que Claudine se sentia molesta sobre isto, quando era meu casa a que se queimava. Quis me aproximar para conseguir uma melhor vista, mas Claudine agarrou meu braço.

—Não mais perto, -disse simplesmente-, e eu não pude me soltar. Escuta, já vêm os bombeiros.

Agora, pude escutar os carros de bombeiros, e benzi a cada pessoa que devia ajudar. Sabia que os buscapersonas tinham divulgado em toda a zona, e os voluntários se precipitaram à estação de bombeiros diretamente desde suas camas.

“Bagre”, o chefe de meu irmão, deteve seu automóvel. Saiu dele e me perguntou:

— Alguém ficou dentro? -perguntou urgentemente- O caminhão de bombeiros do povo se deteve depois dele, pulverizando meu cascalho novo por todos lados.

—Não, -pinjente-.

— Há ali um tanque de propano?

—Sim.

— Onde?

— No pátio traseiro.

— Onde está seu automóvel, Sookie?

—Atrás, -pinjente-, e minha voz começou a tremer.

— Tanque do Propano no pátio traseiro! Bramou “bagre” sobre seu ombro.

Houve um grito em resposta, seguido de muita atividade resolvida. Reconheci ao Hoyt Fortenberry e ao Ralph Tooten, mais outros quatro ou cinco homens e um par de mulheres.

“Bagre”, depois de intercambiar uns rápidos comentários com o Hoyt e Ralph, chamou uma mulher que parecia bastante pequena com sua maleta. Ele assinalou à quieta figura sobre a grama, e ela se tirou seu casco e se ajoelhou. depois de olhá-lo atentamente e com atenção, agitou a cabeça. Apenas lhe reconheci como a enfermeira do Doutor Robert Meredith, Jan...algo.

— Quem é o morto? -Perguntou Bagre-. Não parecia muito transtornado pelo cadáver.

—Não tenho idéia, -pinjente-. Só descobri quão assustada estava pelo modo em que se escutou minha voz tremendo e débil. Claudine pôs seu braço ao redor meu.

Um automóvel patrulha se deteve o lado do caminhão de bombeiros, e do assento do condutor saiu o Xerife Bud Dearborn. Andy Bellefleur era seu passageiro.

Claudine disse, —OH.

—Sim, -pinjente-.

Nisso Charles esteve a meu lado novamente, com o Bill a seus talões. Os vampiros notaram a frenética mas útil atividade lhe reinem. Também saudaram o Claudine.

A pequena mulher, que se tinha posto de pé para partir, gritou,

—Xerife, me faça um favor e chame uma ambulância para levar-se este corpo.

Bud Dearborn olhou ao Andy, quem se volteou para falar pela rádio do automóvel.

— Ter um pretendente morto não é suficiente para ti, Sookie? -perguntou Bud Dearborn.

Bill grunhiu, os bombeiros estrelaram a janela com a fenomenal mesa de minha bisavó, e uma onda de calor e fogo se pulverizou na noite. O caminhão que bombeava água para muito ruído, e o teto de lâmina que cobria a cozinha e o pátio se separou da casa.

Minha casa estava desaparecendo entre as chamas e a fumaça.

CAPITULO 8

Claudine estava a minha esquerda. Bill se aproximou do lado direito e tomou minha mão. Juntos, observamos aos bombeiros apontar a mangueira pela janela rota. Um som de cristais quebrados ao outro lado da casa indicou que estavam rompendo a janela da pia, também. Enquanto os bombeiros se concentravam no fogo, a polícia o fazia no cadáver. Charles deu um passo adiante em seguida.

—Eu o matei, -disse com calma-. —Apanhei-o prendendo fogo à casa. Estava armado, e me atacou.

O xerife Bud Dearborn parecia mas bem um cão pequinês em vez de um ser humano. Sua cara era virtualmente côncava. Seus olhos eram redondos e brilhantes, e neste momento se mostravam extremamente curiosos. Seu cabelo castanho, generosamente sulcado de cinza, estava penteado para trás, esperei para ouvir sua voz fanhosa.

—E você quem é? -perguntou ao vampiro-.

—Charles Twining, -respondeu com graça-. A seu serviço.

Não imaginei o bufo do xerife ou os olhos em branco do Andy Bellefleur.

— E você estava no jardim porque...?

—Ele fica comigo, -disse Bill, -enquanto trabalha no Merlotte.

Pelo visto o xerife já se inteirou sobre o novo barman, porque somente assentiu. Estava aliviada ao não ter que confessar que Charles, dormia em meu armário, e benzi Bill por ter mentido sobre isto. Nossos olhos se encontraram por um momento.

— Então admite que matou a este homem? -perguntou Andy ao Charles-. Charles assentiu de maneira cortante.

Andy fez gestos a uma mulher que tinha estado esperando em seu automóvel, o que para um total de talvez cinco automóveis em meu pátio dianteiro, mais o caminhão de bombeiros. Esta nova chegada jogou uma olhada com curiosidade, enquanto caminhava pelos arbustos. Tirou um estetoscópio de seu bolso, e se ajoelhou junto ao homem que estava no chão, pôs o estetoscópio sobre várias partes de seu corpo. —Se, esta morto, absolutamente morto, -disse-.

Andy tinha conseguido uma Polaroid do automóvel patrulha para tomar fotografias do corpo. devido a que a única luz era o brilho da câmara e as chamas que queimavam minha casa, não pensei que as fotografias saíssem muito bem. Estava intumescida e conmocionada, assim que fique olhando ao Andy como se isto fora uma atividade importante.

—Que compassivo. Teria sido algo melhor tratar de averiguar por que queimou a casa do Sookie, -disse Bill- enquanto observava o trabalho do Andy. Sua voz rivalizava em frieza com um refrigerador.

—Em meu temor pela segurança do Sookie, suponho que o golpeei com muita força. -disse Charles tentando parecer arrependido-.

—Devido a seu pescoço parece estar fraturado, suponho que o fez, -disse a doutora-, estudando a cara branca do Charles com a mesma cuidadosa atenção que me tinha dado . A doutora estava na trintena, -pensei-; uma mulher magra ao ponto de parecer fraca, com o cabelo vermelho muito curto. Media aproximadamente 1.62 mts, e tinha rasgos fabulosos, ou ao menos a classe da que eu sempre pensava como fabulosa: um nariz curto, arrebitada, grandes olhos, boca carnuda. Suas palavras eram tão agudas como audazes, e não parecia absolutamente desconcertada ou excitada por ter sido chamada em meio da noite para algo como isto. Devia ser o médico forense do Parish, assim devo ter votado por ela, mas não podia recordar seu nome.

— Quem é você? -perguntou Claudine- com sua voz mais doce.

A doutora piscou ante a visão do Claudine. Claudine, nesta hora ímpia da manhã, estava com sua maquiagem intacto, um Top fúcia fazendo jogo com umas calças de licra. Seus sapatos e jaqueta também combinavam com sua roupa. O ondulado cabelo negro do Claudine estava sujeito a ambos os lados de sua cara com pentes de prender cabelos de cor fúcia.

—Sou a Doutora Tonnesen. Linda. — Quem é você?

—Claudine Crane, -disse a fada-. Nunca tinha conhecido o sobrenome que Claudine usou.

—E você por que estava na propriedade. Srita. Crane? -perguntou Andy Bellefleur.

—Sou a fada madrinha do Sookie, -disse Claudine, rendo-. Embora a cena fora séria, todos outros riram, também. Era como se nós não pudéssemos deixar de estar alegres ao redor do Claudine. Mas fiquei muito assombrada com a explicação do Claudine.

—Na verdade, -disse Bud Dearborn-. —Por que estava você aqui, Srita. Crane?

Claudine sorriu picaramente. —Passava a noite com o Sookie, -disse ela- piscando os olhos um olho.

Em segundos, fomos os objetos de escrutínio de cada macho que escutou essa declaração, e tive que fechar minha cabeça como se fora uma prisão de segurança máxima para bloquear as imagens mentais que os tipos estavam transmitindo.

Andy se agitou, fechou a boca, e se agachou para o morto. —Bud, vou fazer o rodar, -disse com a voz um pouco rouca, e girou o cadáver para poder revisar dentro dos bolsos do morto. A carteira do homem estava em sua jaqueta, o qual me pareceu um pouco insólito. Andy se endireitou e se afastou uns passos do corpo para examinar o conteúdo da carteira.

— Quer lhe jogar uma olhada a ver se o reconhece? —Perguntou o xerife Dearborn. Certamente não queria, mas me dava conta que realmente não tinha opção. Nervosamente, movi-me um pouco mais perto e olhei outra vez a cara do morto. Ainda se via igual. Ainda parecia morto. Parecia estar em seus trinta. —Não o conheço, -pinjente-, com voz débil ante o alvoroço dos bombeiros e a água que fluía a jorros sobre a casa.

— O que? Bud Dearborn tinha problemas para me escutar. Seus redondos olhos cafés estavam fixos em minha cara.

— Não o conheço! -Pinjente, quase gritando-. Nunca o vi, que eu recorde. Claudine?

Não sei por que perguntei ao Claudine.

—Ah, sim, eu se o vi, -disse alegremente-.

Isto atraiu a atenção unânime dos dois vampiros, os dois agentes da ordem, a doutora e minha.

— Onde?

Claudine pôs seu braço ao redor de meus ombros.

—Bom, ele estava no Merlotte esta noite. Estava muito preocupada com seu amigo para notá-lo, suponho. Ele estava no lado do bar onde eu me sentava. -Arlene tinha estado trabalhando daquele lado-.

Não era muito assombroso que tivesse omitido uma cara masculina em um bar lotado. Mas isto realmente me incomodou, já que eu tinha estado escutando os pensamentos da gente e tinha omitido pensamentos que deveriam ter sido relevantes para mim. depois de tudo, ele estava no bar, e umas horas mais tarde tinha aceso fogo a minha casa. Deveria ter estado refletindo como terminar comigo, não?

—Sua carteira de motorista diz que ele é do Little Rock, Arkansas, -disse Andy-.

—Isso não foi o que ele me disse, -disse Claudine-. Disse que era da Georgia. -Parecia tão radiante, mesmo que se deu conta de que lhe tinha mentido, mas não sorria-. Disse que seu nome era Marlon.

—Lhe comentou por que estava na cidade, Srita Crane?

—Disse que estava sozinho de passagem, tinha uma habitação em um motel na estrada interestadual.

— Disse-lhe algo mas?

—Não.

— Você foi a seu motel, Sra. Crane? —perguntou Bud Dearborn com sua melhor voz de “não te julgarei por isso”.

A Dra. Tonnesen observava ao um e ao outro como se estivesse em uma partida de tênis verbal.

— Meu Deus!, não, eu não faço coisas assim. -Claudine sorriu a seu redor.

Bill se via como se alguém acabasse de agitar uma garrafa de sangue diante de sua cara. Suas presas se estendiam, e seus olhos se mantinham fixos no Claudine. Os vampiros não podem resistir por muito tempo quando as fadas estão ao redor. Charles tinha dado um passo mais perto do Claudine, também.

Ela tinha que partir antes de que o xerife observasse como reagiam os vampiros ante sua presença. Linda Tonnesen já o tinha notado; ela mesma estava bastante interessada no Claudine. Esperei que somente atribuíra a fascinação dos vampiros à beleza do Claudine, mas bem que ao encanto entristecedor que os vampiros sentiam pelas fadas.

— É sócio da Cofraternidad do sol -disse Andy—Tem um carnê de sócio aqui. Não há nenhum nome escrito no cartão; isso é estranho. Sua esta licença emitida em nome do Jeff Marriot. Olhou-me inquisitivo.

Sacudi minha cabeça. O nome não significava nada.

Era típico que um membro da Cofraternidad do sol pudesse pensar em fazer algo tão repugnante como queimar minha casa - comigo nela- e pensar que ninguém lhes apanharia. Não era a primeira vez que a Cofraternidad do sol, um grupo de ódio anti-vampiro, tinha tentado me queimar viva.

—O deve ter sabido que tinha tido, ah, uma associação com vampiros, -disse Andy com voz fica.

— Estou perdendo minha casa e poderia ter morrido, porque tenho amizade com vampiros?

Inclusive Bud Dearborn parecia um pouco envergonhado.

—Alguém deve ter ouvido que saía com o Sr. Compton, -balbuciou Bud-.

—Sinto muito, Sookie.

Pinjente:

—Claudine tem que partir.

A mudança abrupta de tema, sobressaltou tanto ao Andy como Bud, assim como também ao Claudine. Ela olhou aos dois vampiros, quem de maneira perceptível se aproximavam mas a ela, e a toda pressa disse:

—Sim, sinto muito, tenho que retornar a casa. Tenho que trabalhar amanhã.

— Onde está seu automóvel, Srita. Crane? -Bud Dearborn olhou a seu redor minuciosamente-. Eu não vi nenhum automóvel, e o automóvel do Sookie, esta na parte traseira da casa.

—Estou estacionada na casa do Bill, -mentiu Claudine brandamente-, sem nenhum sobressalto já que tinha tido muitos anos de prática nisso. Sem esperar nenhuma resposta, desapareceu nos bosques, e somente minhas mãos sujeitando seus braços, impediram que Charles e Bill se afastassem na escuridão detrás dela. Estavam olhando fixamente entre a negrume das árvores quando os belisquei, com força.

— O que? -perguntou Bill, em tom sonhador.

—Deixa de fazer isso, -resmunguei-, esperando que Bud, Andy e a nova doutora não me ouvissem por acaso. Eles não tinham por que saber que Claudine era sobrenatural.

—Essa se que é uma mulher, -disse a Dra. Tonnesen-, quase tão aturdida como os vampiros. Sacudiu a cabeça para limpar-se. A ambulância vem pelo Jeff Marriot. Estou aqui porque tinha a rádio acesa quando retornava do trabalho no hospital do Clarice. Tenho que chegar a casa e conseguir dormir algo. Lamento o de sua casa, Srita. Stackhouse, mas ao menos você não terminou como esse tipo dali. —Disse assinalando o cadáver.

Quando ela se foi em seu Ranger, o chefe de bombeiros se dirigiu com dificuldade até nós. Conhecia “bagre” desde por volta de muitos anos -tinha sido amigo de meu pai- mas eu nunca o tinha visto como voluntário de chefe de bombeiros a toda velocidade. Bagre suave a pesar do frio, e sua cara estava manchada de fumaça.

—Sookie, fizemos o que pudemos, -disse fatigosamente. —Não esta tão mal como poderia pensar.

— Não? -Perguntei com voz débil-.

—Não, carinho. Perdeu o alpendre traseiro, a cozinha e seu automóvel também me temo. Orvalhou de gasolina seu automóvel também. Mas a maior parte da casa deve estar bem.

A cozinha... onde os únicos vestígios do crime que tinha cometido poderiam ter sido encontrados. Agora nem sequer os técnicos protagonistas do Discovery Channel poderiam encontrar nenhum rastro de sangue na abrasada habitação. Sem querer, comecei a rir. A cozinha, disse entre tolas risadas. A cozinha se queimou toda?

—Sim, -disse o bagre inquieto. —Espero que tenha algum seguro para sua casa.

—OH, -pinjente-, tentando com força não rir mas como uma parva. Tenho-o. Tinha sido difícil para mim continuar mantendo os pagamentos do seguro que a avó tinha sobre a casa. Dou graças a Deus de que minha avó tenha sido uma grande crente dos seguros. Tinha conhecido a infinidade de pessoas que

deixavam de pagar os gastos mensais do seguro e logo sofriam maiores perdas das que eram incapazes de recuperar-se.

— Quem é a seguradora? Chamarei agora mesmo. Bagre estava tão desejoso de deter minhas gargalhadas, que estava disposto a ajudar no que eu lhe pedisse.

—Greg Aubert, -pinjente-.

Repentinamente a noite inteira me golpeou com sua realidade. Minha casa se queimou, ao menos parcialmente. Tinha tido mais de um merodeador. Tinha um vampiro de hóspede para quem tinha que encontrar refúgio durante o dia. Meu automóvel estava destruído. Havia um morto chamado Jeff Marriot em meu jardim, e ele tinha aceso fogo a minha casa e a meu automóvel sem nenhuma razão aparente. Estava afligida.

—Jason não está em casa, -disse o bagre. —Tratei de falar com ele. Ele queria que fosse a sua casa.

—Ela e Charles ficarão em minha casa, - disse Bill. Ele parecia distraído.

—Não sei se isto será prudente, -disse Bud Dearborn duvidoso-.

— Sookie, estas de acordo?

Eu logo que poderia fazer que minha mente trabalhasse procurando outras opções. Não podia chamar a Tara porque Mickey estava ali. O reboque do Arlene estava tão lotado que não cabia ninguém mais.

—Sim, isso estaria bem, -pinjente-, e minha voz parecia remota e vazia, inclusive a meus próprios ouvidos.

—Bem, correto, assim saberemos onde te contatar.

—Chamei o Greg, Sookie, e deixei uma mensagem em sua secretária eletrônica no escritório. Será melhor que o chame seu pela manhã, -disse o Bagre.

—Muito bem, -pinjente-.

E depois, todos os bombeiros se aproximaram, dizendo quanto lamentavam o acontecido. Eu conhecia cada um deles: os amigos de meu pai, os amigos do Jason, clientes do bar, conhecidos do instituto.

—Todos vocês fizeram seu maior esforço, -pinjente uma e outra vez-.

—Obrigado por salvar a maior parte da casa.

E a ambulância veio para levar o corpo do incendiário.

Para então, Andy tinha encontrado uma lata de gasolina entre os arbustos, e a Dra. Tonnesen havia dito que as mãos do cadáver emprestavam a gasolina.

Logo que podia acreditar que um desconhecido tinha decidido que devia perder minha casa e minha vida, devido à preferência que tinha de sair com vampiros. Pensando naquele momento em quão perto tinha estado da morte, não senti que fora injusto que ele tivesse perdido sua própria vida no processo. Admiti para meu mesma, que pensava que Charles fazia algo bom. Devia-lhe a vida à insistência do Sam, de que o vampiro se hospedasse em minha casa. Se Sam tivesse estado ali neste momento, lhe teria dado as obrigado em forma muito entusiasta.

Finalmente Bill, Charles e eu dirigimos a sua casa. Bagre tinha aconselhado que eu não voltasse para minha casa até a manhã, e só depois de que o agente de seguros e o investigador de incêndios intencionados o tivessem comprovado. A Doutora Tonnesen me havia dito que se sentia dificuldades para respirar, fora a seu consultório pela manhã. Havia dito algumas outras coisas, mas não lhe tinha entendido totalmente.

Estava escuro nos bosques, certamente, e para naquele tempo eram talvez as cinco da manhã. depois de dar alguns passos entre as árvores, Bill me carregou e seguiu caminhando. Não protestei, porque estava tão cansada que me tinha estado perguntando como ia seguir caminhando sem me tropeçar pelo cemitério.

Ele me baixou quando alcançamos sua casa.

— Pode subir por ti mesma a escada? —perguntou-.

—Carregarei-a eu, -ofereceu Charles.

—Não, eu posso fazê-lo, -pinjente, e o fiz antes de que eles pudessem dizer algo mais. Para dizer a verdade, não estava tão segura de poder fazê-lo, mas subi devagar ao dormitório que eu tinha usado quando Bill tinha sido meu noivo. Ele tinha um cômodo e escuro lugar em algum sítio na planta baixa da casa, mas eu nunca lhe tinha perguntado exatamente onde. (Tinha uma muito boa idéia de onde estava a habitação onde tinha estado a cozinha, que os arquitetos tinham eliminado para criar o jacuzzi) Embora a superfície da água esteja muito alta na Luisiana para ter porões nas casas, estava quase segura que ali havia outro escuro buraco oculto em algum sítio. Deveria haver espaço para que Charles e Bill se deitassem no mesmo sítio de qualquer maneira, não que isto estivesse em um lugar muito alto em minha lista de preocupações. Uma de minhas camisolas ainda estava na gaveta do antiquado dormitório, e havia ainda uma escova de meus dentes no quarto de banho do corredor. Bill não tinha jogado minhas coisas ao lixo; tinha-as deixado no mesmo lugar, como se tivesse esperado que eu retornasse.

Ou talvez somente não tinha tido muitas razões para subir ao dormitório desde que nós tínhamos quebrado.

me prometendo uma larga ducha pela manhã, tirei-me meu fedorento e manchado pijama e atirei minhas meias três-quartos. Lavei-me a cara e me pus a camisola limpa antes de avançar lentamente à alta cama, usando o antigo tamborete que ainda estava colocado onde eu o tinha deixado. Com os incidentes do dia e a noite zumbindo em minha cabeça como abelhas, agradei a Deus pelo fato de ter salvado minha vida, e isso foi tudo o que tive tempo de lhe dizer antes de que o sonho me tragasse.

Dormi somente por três horas. Então a preocupação despertou. Estava apenas a tempo para me encontrar com o Greg Aubert, o agente de seguros. Vesti-me com um par dos jeans do Bill e uma camisa dela. A roupa tinha sido deixada fora de minha porta, ao mesmo tempo que uns pesados meias três-quartos. Seus sapatos eram inadmissíveis, mas para meu prazer encontrei um velho par de sapatilhas com sola de borracha que eu tinha deixado no fundo do armário. Bill ainda tinha um pouco de café e uma cafeteira em sua cozinha restos de nosso noivado, e estive agradecida de ter uma taça de café comigo enquanto me abria passo cuidadosamente através do cemitério através do cinturão de árvores que rodeava minha casa.

Greg estava entrando em jardim dianteiro quando saí de entre as árvores. Saiu de sua caminhonete, explorando minha vestimenta com curiosidade, e cortesmente fez caso omissso dela. Ele e eu estivemos de pé, juntos olhando a velha casa. Greg tinha o cabelo loiro avermelhado e lentes sem aros visíveis, e era dirigente da Igreja Presbiteriana. Sempre me tinha gostado, ao menos em parte porque sempre que eu tinha acompanhado a minha avó a pagar suas primas, ele tinha saído de seu escritório para saudá-la e fazê-la sentir como um cliente valorado e estimado. Sua perspicácia nos negócios estava ao mesmo tempo de sua boa sorte. A gente havia dito durante anos que sua boa fortuna pessoal se estendia a seus assegurados, embora certamente eles diziam isto como alguma classe de brincadeira.

—Se só eu pudesse ter previsto isto, -disse Greg- Sookie, sinto tanto que isto tenha ocorrido.

— A que te refere, Greg?

—Ah tão sozinho... tivesse desejado ter pensado que necessitava mais cobertura, -disse distraidamente-. Começou a caminhar ao redor até chegar à parte posterior da casa, e eu me atrasei detrás do. Curiosa, comeci a escutar em sua cabeça, e me sobressaltei, me esquecendo por um momento de minha tristeza, por isso me inteirei ali.

— Assim lançar feitiços para apoiar sua seguradora realmente trabalha? -Perguntei-.

Ele uivou. Não há nenhuma outra palavra para descrever o som que sotaque sair.

—Então é verdade, - ofegou-.

—Eu...sozinho... ficou de pé fora de minha cozinha enegrecida e me olhou boquiaberto.

—Está bem, -pinjente de modo tranquilizador-. Pode fingir que não sei, se isto te ajudar a te sentir melhor.

—Minha esposa morreria se soubesse, -disse com seriedade. E os meninos, também. Somente quero mantê-los separados desta parte de minha vida. Minha mãe era... ela era...

— Uma bruxa? -terminei amavelmente.

—Bem, sim. Os lentes do Greg cintilaram no cedo sol matutino quando Miro o que tinha ficado de minha cozinha. Mas meu pai sempre fingia que não sabia, e embora ela seguiu me treinando para que tomasse seu lugar, queria ser um homem normal mais que nada no mundo. Greg assentiu, como se ao dizê-lo, confirmasse-me que tinha alcançado seu objetivo.

Olhei para minha taça de café, agradecida de ter algo para sustentar entre minhas mãos. Greg se mentia a se mesmo, mas não era de minha incumbência fazer o notar. Era algo que ele teria que arrumar com Deus e sua consciência. Eu não saberia dizer se o método do Greg era mau, mas esta certamente não era a eleição de um homem normal. Assegurar seu meio de vida, literalmente, pelo emprego de magia tinha que estar contra alguma espécie de regra.

—Acredito que sou um bom agente, -disse defendendo-se-, embora eu não houvesse dito uma palavra. Tomo cuidado com o que asseguro. Sou cuidadoso e verifico as coisas. Não toda é magia.

—OH, não, -pinjente-, porque estalaria de preocupação se eu não corroborasse suas palavras. As pessoas têm acidentes de todos os modos, não?

—Independentemente dos feitiços que uso, -acordou tristemente-conduzem bêbados. E às vezes as partes metálicas cedem, aconteça o que acontecer.

A idéia de que o convencional Greg Aubert andasse pelos arredores do Bon Temps, aplicando feitiços sobre os automóveis era quase suficiente para me distrair da ruína de minha casa..., mas não totalmente.

Na clara e fria manhã, podia-se ver o machuco em sua totalidade. Embora eu seguisse me dizendo que poderia ter sido muito pior - e que eu era muito afortunada de que a cozinha se anexou na parte traseira da casa, já que esta tinha sido construída em uma data posterior- também tinha sido o lugar no que tinha tido mais artigos custosos. Teria que substituir a estufa, o refrigerador, o aquecedor de água, o microondas, e no alpendre traseiro também tinha estado minha máquina de lavar roupa e minha secadora.

depois da perda daqueles aparelhos tão importantes, seguiam os pratos, as panelas, as caçarolas e a baixela de prata, um pouco antiga em realidade. Uma de minhas avós tinha vindo de uma família com um pouco de dinheiro, e havia trazido consigo um jogo de porcelana fina e um serviço de chá de prata que tinha sido uma dor para polir. Eu nunca teria que poli-lo de novo -compreendi-, mas não senti nenhuma alegria ante o pensamento. Minha Nova era velho, e tinha tido necessidade de substituí-lo por muito tempo, mas não tinha planos para fazê-lo agora.

Bem, eu tinha o seguro, e tinha dinheiro no banco, graças aos vampiros que me tinham pago por cuidar do Eric quando ele tinha perdido a memória.

— E tinha detectores de fumaça? -pergunto Greg.

—Sim, tinha-os, -pinjente, recordando o agudo assobio que se acendeu justo depois de que Claudine me tivesse despertado. Se o teto no salão está ainda ali, poderá ver um.

Não havia escadas para subir ao pórtico, e as pranchas do estou acostumado a pareciam muito instáveis, para falar a verdade, a máquina de lavar roupa tinha cansado completamente e estava inclinada

em um ângulo estranho. Fez-me sentir mau, ver as coisas que eu usava diariamente, coisas que eu havia meio doido e usada centenas de vezes, expostas ao mundo e arruinadas.

—Iremos pela porta principal, -Sugeri Greg-, e me alegrou estar de acordo.

Ainda estava aberta, e senti uma revoada de alarme, antes que me desse conta quão absurdo era. Entrei. A primeira coisa que notei foi o aroma. Tudo emprestava a fumaça. Abri as janelas, e a brisa fresca que soprou começou a limpar o aroma até que foi quase passível

Ao final a casa estava melhor do que tinha esperado. Os móveis necessitariam limpeza, certamente. Mas o piso estava sólido e intacto. Não subi as escadas; poucas vezes usava as habitações da planta alta, assim que o que fora que lhes tivesse ocorrido poderiam esperar.

Com os braços cruzados sobre meu peito. Olhei de um lado a outro, me movendo devagar através do salão para o corredor. Senti o piso vibrar quando alguém mais entrou. Soube sem voltar que Jason estava detrás de mim. Ele e Greg se disseram algo o um ao outro, mas depois de um segundo Jason ficou silencioso, tão comocionado como eu.

Passamos o salão. A porta a meu dormitório e a porta do dormitório em frente do corredor estavam abertas. Meu leito ainda estava revolto. Minhas pantufas estavam ao lado da mesa de noite. Todas as janelas estavam manchadas com a fumaça e a umidade, e o aroma terrível se sentia aí ainda mais forte. O detector de fumaça estava sobre o teto do corredor. Assinalei-o em silêncio. Abri a porta do armário de roupa branca e encontrei que tudo dentro estava úmido. Bem, estas coisas poderiam ser lavadas. Entrei em minha habitação e abri a porta de meu armário. Meu armário compartilhava a parede com a cozinha. A primeira vista minha roupa luzia intacta, até que notei que cada objeto que pendurava tinha uma linha sobre os ombros onde o gancho em que pendurava se chamuscou junto com o tecido. Meus sapatos estavam assados. Talvez três pares se salvaram.

Traguei saliva.

Embora por um segundo fiquei tremendo, reuni-me com meu irmão e o agente de seguros quando continuaram revisando cuidadosamente do salão à cozinha.

O piso mais próximo à parte velha da casa parecia estar bem. A cozinha tinha sido uma habitação grande, já que também tinha servido como comilão da família. A mesa estava parcialmente queimada, assim como duas das cadeiras. O linóleo no estou acostumado a estava quebrado, e uma parte estava carbonizado. O aquecedor de água tinha quebrado o piso, e as cortinas que haviam talher a janela sobre a pia penduravam em tiras. Recordei quando avó tinha feito aquelas cortinas; ela não tinha desfrutado as costurando, mas as que vendiam no JCPenney que lhe tinham gostado de custavam muito. Então ela tinha tirado a velha máquina de costurar de sua mãe, tinha comprado um tecido troca mas bastante floreada no Hancock, e tinha medido as janelas entre queixa e maldições, e tinha trabalhado e trabalhado até que finalmente conseguiu as terminar. Jason e eu as tínhamos admirado exageradamente para lhe fazer sentir que seu esforço tinha merecido a pena e ela tinha estado feliz.

Abri uma gaveta, que continha todas as chaves. Estavam derretidas. Apertei meus lábios, com força. Jason ficou de pé a meu lado, olhando a gaveta.

—Mierda, -disse-, com voz baixa e dura. Isto me ajudou a conter as lágrimas.

Sujeitei seu braço durante um minuto. E o me acariciou torpemente. Vendo os artigos tão familiares, artigos estimados pelo uso diário, irrevocavelmente alterados pelo fogo era uma terrível comoção, não importa quantas vezes me recordasse que a casa inteira poderia ter sido consumida pelas chamas; que eu podia ter morrido, também. Inclusive se o detector de fumaça me tivesse despertado a tempo, havia a probabilidade de que eu tivesse saído para ser apanhada pelo incendiário, Jeff Marriot.

Quase todo o lado leste da cozinha estava arruinado. O piso era instável. O teto da cozinha tinha desaparecido.

—É uma sorte que as habitações do segundo piso não se estendam sobre a cozinha, -disse Greg quando desceu de examinar os dois dormitórios e o apartamento de cobertura. Terá que contratar a um arquiteto para que o corrobore, mas penso que o segundo andar esta essencialmente sã.

Falei com o Greg, sobre o dinheiro depois disto. Quando me daria? Quando seria? Que deducible teria que pagar?

Jason vagou ao redor do jardim enquanto Greg e eu conversávamos junto a seu automóvel. Eu podia interpretar a postura de meu irmão e seus movimentos. Jason estava muito zangado: pensava em mim tão perto da morte, no que lhe tinha passado à casa. depois de que Greg se foi, me deixando uma exaustiva lista de coisas e chamadas telefônicas para fazer (de onde as faria?) E me preparar para ir trabalhar, com que roupa?, Jason se aproximou e disse, se eu tivesse estado aqui, poderia havê-lo matado.

— Em seu novo corpo? -Perguntei-.

—Sim. Lhe teria dado a esse imbecil o susto de sua vida antes fazê-lo.

—Acredito que Charles provavelmente o assustou o bastante, mas avaliação a idéia.

— Detiveram o vampiro?

—Não, Bud Dearborn somente lhe disse que não saísse da cidade. depois de tudo, Bon Temps não tem cárcere de vampiros. E as celas regulares não lhes retêm, além disso têm janelas.

— Este tipo era da Cofraternidad do Sol? Somente um forasteiro que veio ao povo a te fazer danifico?

—Isto é o que parece.

— O que têm contra ti? Além de que saía com o Bill e te relacionava com alguns outros vampiros?

Em realidade, a confraternidade do sol tinha bastante contra mim. Eu tinha sido responsável por que sua enorme igreja de Dallas fora atacada e que um de suas líderes principais estivessem clandestinamente. Os periódicos tinham estado cheios do que a polícia tinha encontrado no edifício da Cofraternidad no Texas. Tinha chegado para encontrar aos membros fazendo um comício ao redor de seu edifício, reclamando que os vampiros os tinham atacado, enquanto que a polícia entrava no edifício e encontrava um lugar de tortura no porão, armas ilegais adaptadas para disparar estacas de madeira nos vampiros, e um cadáver. A polícia não conseguiu ver um só vampiro. Steve e Sarah Newlin, os líderes da Igreja de Companheirismo em Dallas, tinham estado perdidos desde aquela noite.

Tinha visto o Steve Newlin após. Ele tinha estado no Clube Morto no Jackson. Ele e um de seus camaradas tinham estado dispendo-se a estacar a um vampiro no clube, quando eu os tinha prevenido. Newlin se tinha escapado; seu cupincha não tinha podido.

Parecia que os seguidores do Newlin me tinham detectado. Eu não tinha previsto tal coisa, mas tampouco, nunca teria previsto nada do que me tinha acontecido no ano anterior. Quando Bill tinha estado aprendendo como usar seu ordenador, havia-me dito que com um pouco de conhecimento e dinheiro, alguém poderia ser encontrado por um ordenador.

Talvez a associação tinha alugado a detetives privados, como o casal que tinha estado em minha casa ontem. Talvez Jack e Lily Leeds somente tinham estado pretendendo estar contratados pela família Pelt? Talvez Newlin era seu verdadeiro empregador? Eles não me tinham parecido esse tipo de pessoas, mas o poder do dinheiro é universal.

—Acredito que sair com um vampiro é suficiente para que eles me odeiem, -disse ao Jason-. Enquanto nos sentávamos na parte traseira de sua caminhonete, olhando fixamente e com desalento a casa.

— A quem pensa que deveria chamar para lhe encarregar a reconstrução da cozinha?

Não pensei que necessitasse a um arquiteto: somente queria substituir o que estava prejudicado. A casa tinha bons alicerces, assim não havia problema com isso. Já que o piso estava completamente queimado na cozinha, teria que ser substituído, não custaria muito fazer a cozinha um pouco maior e incluir o pórtico traseiro completamente a ela. A máquina de lavar roupa e a secadora não se poderiam usar por um

tempo, pensei com ansiedade. Tinha mais que suficiente dinheiro para pagar o deducible, e estava segura de que o seguro pagaria a maior parte das reparações.

Ao cabo de um momento, escutamos um caminhão. Maxine Fortenberry, a mãe do Hoyt, saiu com um par de cestas para a roupa.

— Onde está sua roupa, moça? —chamou-.

—vou levar a casa e lavá-la, assim terá algo que te pôr que não cheire a fumaça.

depois de meus protestos ela insistiu, entramos no rarefeito ar da casa para conseguir alguma roupa. Maxine também insistiu em levar-se um pouco de roupa de cama do armário, para ver se alguma dela pudesse ser ressuscitada.

Justo depois de que Maxine partiu, Tara chegou com seu novo automóvel, seguida por seu ajudante do meio tempo, uma jovem alta chamada McKenna, conduzindo seu automóvel velho.

depois de um abraço e algumas palavras compassivas, Tara disse:

—Emprestarei-te este velho Malibu enquanto arruma as coisas com o seguro. Este automóvel somente fica em minha garagem sem mover-se, e estava a ponto de pô-lo em avisos classificados na seção Vendas no periódico. Pode usá-lo.

—Obrigado, -pinjente aturdida-. Tara, é muito amável de sua parte. -Ela não luzia muito bem-, notei vagamente, mas também estava imersa em meus próprios problemas para realmente avaliar o comportamento da Tara. Quando ela e McKenna partiram, dava-lhes um brando adeus!

depois disso, chegou Terry Bellefleur. ofereceu-se a demolir a parte queimada por uma soma mínima, e por um pouco mais se levaria o lixo resultante ao lixeiro do Parish. Começaria o trabalho assim que a polícia lhe desse luz verde, -disse-, e ante meu assombro me deu um pequeno abraço.

Sam veio depois disso, conduzido pelo Arlene. Esteve de pé e olhou a parte posterior da casa durante alguns minutos. Seus lábios estavam fortemente apertados. Quase qualquer homem haveria dito: foi bastante afortunado que tenha enviado ao vampiro contigo, eh? Mas Sam não o fez.

— O que posso fazer? -disse em troca-.

—me manter trabalhando, -pinjente rendo-. Me perdoar se for trabalhar com algo que não seja o uniforme. -Arlene caminhou ao redor da casa, e logo me abraçou em silêncio-.

—Isso está fato, -disse-. Ainda sério.

—Escute que o tipo que provocou o fogo era um membro da Cofraternidad do sol, que isto foi uma espécie de vingança porque saía com o Bill.

—Tinha um cartão em sua carteira que o confirmava, e também uma lata de gasolina. -Pinjente me encolhendo de ombros-.

— Mas como deu contigo? Não acredito que ninguém por aqui... A voz do Sam foi diminuindo, enquanto considerava a possibilidade mais atentamente.

Ele pensava, como eu, que a razão pela que tivessem provocado o incêndio pudesse ter sido provocado somente porque eu tinha saído com o Bill, parecia uma reação exageradamente drástica. Uma vingança mais típica de um membro da Cofraternidad tivesse sido lançar sangue de porco sobre mim ou sobre qualquer que tivesse associação com um vampiro. Isto tinha passado mais de uma vez, o caso mais notável tinha sido o de um desenhista do Dior que tinha empregado modelos vampiros para uma passarela da primavera. Tais incidentes pelo general ocorriam em cidades grandes, cidades nas que a confraternidade tinha grandes "Iglesias" e uma população de vampiros maior.

O que se o homem tinha sido alugado para prender fogo em minha casa por alguém mais? O que se o cartão da Cofraternidad em sua carteira tinha sido plantada ali para confundir a investigação?

Qualquer dessas coisas poderiam ser verdade; ou nenhuma delas. Não podia decidir que acreditar Assim, eu era o objetivo de um assassino, igual aos troca-formas? Eu também, deveria temer disparos na escuridão, agora que o fogo tinha falhado?

Isto era uma perspectiva tão espantosa que me estremeci de medo só de pensá-lo. Aquelas eram águas muito profundas para mim.

O investigador de incêndios da polícia do estado apareceu enquanto Sam e Arlene estavam ali. Estava comendo o almoço que Arlene havia me trazido. Embora Arlene não era a melhor cozinheira do mundo, assim que meu sanduíche era feito de bologna barato, queijo plástico, e um te açúcarado de lata. Mas ela tinha pensado em mim e me havia o trazido, e seus meninos tinham desenhado algo para mim. Eu teria estado feliz embora ela sozinho houvesse me trazido uma fatia de pão.

Automaticamente, Arlene jogou o olho ao investigador de incêndios. Era um homem fraco a fins dos quarenta, chamado Dennis Pettibone. Dennis tinha uma câmara, um caderno, e uma cara séria. Tomou ao Arlene talvez dois minutos de conversação tirar um ligeiro sorriso dos lábios do Sr. Pettibone, enquanto seus olhos marrons admiravam suas curvas depois de dois minutos mais. antes de que Arlene conduzisse ao Sam de volta a sua casa, tinha conseguido a promessa do investigador de que aconteceria o bar essa tarde.

Também antes de que partisse, Arlene me ofereceu o sofá cama de seu reboque, disse-lhe que era muito doce de sua parte mas eu sabia que isto a incomodaria e estorvaria em sua rotina matutina da escola e os meninos, assim que lhe disse que já tinha um lugar para ficar. Não pensava que Bill me desalojasse. Jason tinha mencionado que sua casa estava a minha disposição, e ante meu assombro, antes de que partisse, Sam me disse: Pode ficar comigo, Sookie. Sem compromisso. Tenho dois dormitórios vazios no reboque. Em realidade há uma cama em cada um deles.

—É muito amável, -pinjente, com sinceridade. Cada pessoa no Bon Temps nos teria de caminho ao altar se fizesse isto, mas realmente lhe agradeço isso.

— Não crie que eles farão as mesmas hipóteses se ficar com o Bill?

—Não posso me casar com o Bill. Não é legal, -respondi-, cortando aquele argumento. Além disso, Charles está ali, também.

—Mais combustível ao fogo, -advertiu Sam-. Isso é mais escandaloso.

—É muito amável de sua parte me atribuir o suficiente crédito para ter a dois vampiros tentando me conquistar.

Sam sorriu abertamente, o que lhe tirou aproximadamente dez anos de idade. Olhava sobre meu ombro quando ouvimos o som do cascalho que anunciava outro veículo. Olhe quem vem, - disse-.

Uma caminhonete enorme e antiga se deteve pesadamente. dela saiu Dawson, o enorme lobo que tinha estado como guarda-costas do Calvin Norris.

—Sookie, -retumbou sua voz tão profundamente que esperei que o estou acostumado a vibrasse.

— Olá!, Dawson. -Realmente queria perguntar-, o que estas fazendo aqui? Mas pensei que isso pareceria totalmente descortês.

—Calvin se inteirou do fogo, -disse Dawson-, sem perder o tempo em preliminares. Disse-me que me aproximasse por aqui e visse como estava, e que te dissesse que o pensa em ti e que se estivesse bem, já estaria por aqui martelando alguns pregos.

Pela comissura de meu olho pude ver que Dennis Pettibone observava a Dawson com interesse. Dawson parecia levar um sinal que dizia “TIPO PERIGOSO” sobre o.

—lhe diga por favor que estou realmente agradecida de que tenha pensado em mim. Também lamento que ele não este bem para fazê-lo. Como esta o, Dawson?

—Desconectaram-lhe um par de coisas esta manhã, e estive caminhando um pouco. Foi uma ferida grave a que teve, -disse Dawson. Essas feridas tomam tempo. Jogou uma olhada ao investigador de incêndios. Inclusive para um de nós, -acrescentou-.

—Certamente, -pinjente-. Aprecio sua visita.

—Calvin também diz que sua casa esta vazia enquanto ele esta no hospital, se necessitar um lugar para ficar. alegraria-se que fizesse uso dela.

—Isso, também é muito amável -pinjente- Mas me sentiria muito incomoda, ao lhe dever ao Calvin um favor tão significativo.

Dennis Pettibone me chamou.

—Veja, Srita. Stackhouse, -disse-. Pode-se ver onde o incendiário orvalhou gasolina sobre seu pórtico. Vê o modo em que se marca onde se iniciou o fogo aí?

Traguei saliva.

—Sim, já o vejo.

—Teve sorte de que não tenha havido vento ontem à noite. E sobre tudo, é afortunada de ter tido fechada a porta da cozinha que comunica com o resto da casa. O fogo se teria ido direto ao corredor se não tivesse fechado a porta. Quando os bombeiros romperam aquela janela no lado norte, o fogo correu em busca de oxigênio, em vez de tentar fazê-lo no resto da casa.

Recordei o impulso que me tinha empurrado contra todo sentido comum, de fechar a último momento aquela porta.

—dentro de um par de dias, não acredito que a maior parte da casa siga cheirando a fumaça, -disse-me o investigador-. Abra as janelas agora, reze que não chova, e com isso acredito que não terá muito problema. É obvio, terá que chamar à Companhia de energia elétrica e lhes pedir que a devam instalar. E a empresa que lhe sorte o gás, tem que dever revisar sua tanque. Assim como esta a casa não é habitável no momento.

A idéia essencial do que ele dizia era, que eu poderia dormir ali solo para ter um teto sobre minha cabeça. Não havia eletricidade, nem calefação, nem água quente, nem é obvio cozinha. Dava- as graças ao Dennis Pettibone e me desculpei para me despedir de Dawson, quem tinha estado escutando.

—Tratarei de ir ver o Calvin em um dia ou dois, uma vez que consiga arrumar tudo isto, -pinjente-, assinalando a enegrecida parte traseira de minha casa.

—OH, sim, -disse o guarda-costas-, com um pé já sobre a caminhonete. Calvin me disse que lhe avisasse se sabia quem tinha provocado isto, se foi ordenado por alguém além disso do morto.

Olhei o que ficava de minha cozinha e quase pude sentir as chamas entrando em meu dormitório, apreciaria isso, -pinjente-, antes de que minha fê cristã pudesse sossegar esse pensamento. Os olhos negros de Dawson se encontraram com meus em um momento de acordo perfeito.

CAPÍTULO 9

Graças ao Maxine, tinha roupa limpa que me pôr -sem aroma de fumaça-, mas tive que ir comprar sapatos no Payless. Normalmente, investia um bom dinheiro em meus sapatos já que tenho que estar tanto tempo de pé, mas não havia tempo de ir ao Clarice a uma boa sapataria, ou ir em automóvel ao Centro Comercial do Monroe. Quando cheguei ao trabalho, Sweetie Dê Artes saiu da cozinha para me abraçar, com seu magro corpo envolto em um avental branco de cozinha. Inclusive o menino que ajudava nas mesas se aproximou de me dizer que o sentia. Holly e Danielle, que estavam trocando de volta, deram-me por separado uma carinhosa palmada sobre o ombro e me disseram que esperavam que as coisas melhorassem.

Arlene me perguntou se pensava que o arrumado Dennis Pettibone viria ao bar, e lhe respondi que certamente o faria.

—Suponho que ele tem que viajar muito, -disse pensativamente-. Pergunto-me onde tem sua base.

—Tenho seu cartão de visita. Seu este escritório no Shreveport. Disse-me que se comprou uma pequena granja nos subúrbios do Shreveport, agora que penso nisso.

Os olhos do Arlene se entrecerraram.

—Sonha como se você e Dennis sustentaram uma agradável conversação.

Comecei a protestar dizendo que o investigador de incêndios era muito maior para mim, mas me detive pensando que se Arlene se deteve em seus trinta e seis, durante três anos seguidos, supus que isso seria entrar em um tema delicado. Ele somente para conversação, - disse-lhe-. Perguntou-me quanto tempo tinha trabalhado contigo, e se tinha filhos.

—Ah. Fez-o? -Arlene sorriu radiante-. Bem, bem. foi se comprovar suas mesas com um pavoneio alegre a seu passeio.

Inicie meus trabalhos, demorando mais tempo do habitual em tomar meu ritmo, devido às constantes interrupções. Sabia que alguma outra sensação na cidade eclipsaria logo o incêndio de minha casa. Embora não quisesse que alguém mais experimentasse um desastre similar, alegraria-me quando já não fora o objeto de discussão de cada cliente do Bar.

Terry não tinha sido capaz de atender a barra o dia hoje, assim Arlene e eu tivemos que cobri-lo. Estar ocupada me ajudou a me sentir menos coibida.

Embora solo tinha três horas de sonho em meu sistema, arrumei-me isso bem até que Sam me chamou do corredor que conduzia a seu escritório e aos banhos públicos.

Duas pessoas tinham entrado uns momentos antes e se aproximaram de sua mesa da esquina para falar com ele; eu os tinha notado só de passada. A mulher tinha ao redor de 60 anos, estava algo grossa e era baixa. Usava um fortificação. O jovem que ia com ela, tinha o cabelo castanho, nariz farpado e sobrancelhas grossas que pareciam lhe dar um pouco de caráter a seu rosto. Recordava a alguém, mas não podia se localizar a quem. Sam os tinha feito passar a seu escritório.

—Sookie, —disse Sam triste, Alguém em meu escritório quer falar contigo.

— Quais são?

—Ela é a mãe do Jeff Marriot. O homem é seu gêmeo.

—OH meu Deus, -pinjente-, compreendendo que o homem me recordava ao cadáver.

— por que querem falar comigo?

—Eles não acreditam que o tenha tido que ver com a Confraternidade do sol. Não entendem nada sobre sua morte.

Dizer que temia este encontro era pouco.

— por que querem falar comigo? -disse em uma espécie de tênue gemido-. Estava quase ao final de minha resistência emocional.

—Eles sozinho... querem algumas respostas. Estão afligidos.

—Eu também, -pinjente-. Era minha casa.

—Eles o queriam.

Olhei fixamente ao Sam.

— por que deveria falar com eles? -Perguntei-. O que é o que quer por mim?

—Tem que escutar o que eles têm que dizer, -disse Sam com uma nota de caráter definitivo em sua voz-. Não me pressionaria nem me explicaria mais. Agora a decisão me correspondia .

Porque confiava no Sam, assenti.

—Falarei com eles quando sair de trabalhar, -pinjente-. Em segredo esperei que partissem para então. Mas quando meu turno terminou, os dois ainda esperavam no escritório do Sam. Tirei-me o avental, e o joguei no cubo que dizia trapos sujos (refletindo por centésima ocasião que o cubo da roupa suja provavelmente exploraria se alguém pusesse uma toalha mas no), e me dirigi com passo lento ao escritório.

Olhei aos Marriots com mais cuidado agora que estávamos cara a cara. A Sra. Marriot (assumi) estava em muito más condições. Sua pele estava cinzenta, e seu corpo inteiro parecia curvado. Seus óculos estavam empanados por ter estado chorando tanto, e sujeitava pequenos lenços de papel entre suas mãos. Seu filho estava conmovido e inexpressivo. Tinha perdido a seu gêmeo, e me enviava tal sensação de miséria que eu logo que pude absorver.

—Obrigado por falar conosco, -disse-. Levantou-se de seu assento e automaticamente me ofereceu sua mão. Sou Jay Marriot, e esta é minha mãe, Justine.

Esta era uma família que encontrou uma letra do alfabeto que gostava e se atuou a ela.

Não sabia que lhes dizer. lhes dizer que lamentava que seu ser querido estivesse morto, quando ele tinha tentado me matar? Não havia nenhuma regra de etiqueta para isto; inclusive minha avó haveria estrado frustrada.

—Srita. Stackhouse, alguma vez tinha visto com antecedência a meu irmão?

—Não, -pinjente-. Sam tomou minha mão. devido a que os Marriots estavam sentados nas duas únicas cadeiras do escritório do Sam, ele e eu nos recarregamos no fronte de seu escritório. Esperei que sua perna não lhe doesse.

— por que lhe prender fogo a sua casa? Nunca antes tinha sido detido por nada, -Justine falou pela primeira vez-. Sua voz era áspera e entrecortada; parecia suplicante. Ela me pedia que lhe dissesse que não era verdade a acusação que se fazia sobre o Jeff.

—Realmente não o se.

— Poderia nos dizer como passou? Refiro-me à morte do Jeff?

Senti um brilho de cólera ao estar obrigada a compadecê-los, ante a necessidade de tratá-los com delicadeza. depois de tudo, quem quase tinha morrido ali? Quem tinha perdido parte de seu lar? Quem estava enfrentando algo que quase tinha resultado ser um desastre financeiro? A raiva se apoderou de mim, e Sam soltou minha mão e pôs seu braço ao redor meu. Ele podia sentir a tensão em meu corpo, mas esperava que eu controlasse o impulso de repartir golpes e arremeter contra eles.

Sujeitei meus impulsos por escassa margem, mas me dominei.

—Um amigo despertou, -pinjente-. Quando saímos, encontramos a um vampiro que se esta ficando com meu vizinho, também um vampiro, junto ao corpo do Marriot. Havia uma lata de gasolina perto do. O médico que chegou depois disse que tinha gasolina sobre suas mãos.

— O que foi o que o matou? -perguntou a mãe outra vez.

—O vampiro.

— Mordeu-o?

—Não, ele... não. Não o mordeu.

— Como foi então? -Jay mostrava um pouco de sua própria cólera.

—Rompeu-lhe o pescoço, acredito.

—Foi o que nos disseram no escritório do xerife, -disse Jay-. —Mas não sabíamos se nos diziam a verdade.

OH, pelo amor de Deus.

Sweetie Dê Artes apareceu para lhe perguntar ao Sam se podia tomar as chaves da despensa porque necessitava uma caixa de pepinos encurtidos. desculpou-se pela interrupção. Arlene se despediu quando passou pela porta do escritório, e me perguntei se Dennis Pettibone tinha vindo ao Bar. Estava tão imersa em meus próprios problemas, que não o tinha notado. Quando a porta de saída dos empregados se fechou atrás dela, o silêncio pareceu aumentar na pequena habitação.

— por que estava o vampiro em seu jardim? -perguntou Jay com impaciência. Em meio da noite?

Não lhe disse que não era assunto dele. A mão do Sam acariciou meu braço.

—Esse é o momento quando eles estão acordados. E ele se alojava na única outra casa perto da minha. -Isso é o que lhe havíamos dito à polícia-.

—Suponho que escutou que alguém rondava em meu jardim e se aproximou investigar.

—Não sabemos como chegou Jeff aí, -disse Justine-. Onde está seu automóvel?

—Não sei.

— E havia um cartão em sua carteira?

—Sim, um carne de sócio da Confraternidade do sol, -pinjente-.

—Mas ele não tinha nada contra os vampiros, -protestou Jan-. Somos gêmeos. Eu saberia se ele tivesse tido alguma aula de rancor. Isto não tem sentido.

—Deu um nome falso e disse que era de outra cidade diferente ao que dizia em seu carnê de conduzir, a uma mulher no Bar, -pinjente-, tão brandamente como pude.

—Bem, ele somente estava de passagem, -disse Jay-. Sou um homem casado, mas esta Jeff divorciado. Eu não gosto de dizer isto diante de minha mãe, mas não é incomum nos homens dar um nome e histórico falso quando conhecem alguma mulher em um bar.

Isto era verdade. Embora Merlotte fora principalmente um bar de povo, tinha escutado muitos contos de forasteiros que vinham de passagem, e tinha tido a certeza de que mentiam.

—Onde estava a carteira? -perguntou Justine-. Olhou-me da mesma forma que um velho cão vencido, isso fez que me espremesse o coração.

—No bolso de sua jaqueta, -pinjente-.

Jay se levantou bruscamente. Começou a mover-se, indo de um lado a outro no pequeno espaço que tinha em sua disposição.

—Aí esta novamente, -disse-, com a voz mais animada, Jeff guardava sua carteira nos bolsos de seu jeans quão mesmo eu. Nunca pomos nossas carteiras em nossa jaqueta.

—Que tráficos de dizer? -perguntou Sam.

—Estou dizendo que não penso que Jeff faça isto, -disse seu gêmeo-. Inclusive aquelas pessoas na estação de Gasolina “Fina”, poderiam estar confundidos.

—Alguém no Fina diz que ele comprou uma lata de gasolina ali? -perguntou Sam-.

Justine se estremeceu outra vez, com a suave pele de seu queixo tremendo.

Eu tinha estado me perguntando se pudesse ser que as suspeitas dos Marriots fossem verdadeiras, mas aquela idéia se extinguiu. O telefone soou, e todos nos sobressaltamos. Sam o desprende e disse, Merlotte's, com voz tranqüila. Escutou e disse, mmmm...., e estas seguro? E finalmente, Direi-lhes e pendurou.

—O automóvel de seu irmão sido encontrado, -disse ao Jay Marriot-. Está em um caminho vicinal quase diretamente frente ao caminho de entrada do Sookie.

A luz se extinguiu completamente sobre o raio de esperança da pequena família, e eu não pude evitar lhes compadecer. Justine pareceu dez anos mais velha que quando tinha entrado em Bar, e Jay lucia como se tivesse estado dias sem dormir ou sem comer. partiram sem me dizer nada mais, o qual foi uma bênção. Das poucas palavras que intercambiaram o um com o outro, deduzi que foram ver o carro do Jeff e perguntar se podiam recolher seus pertences. Pensei que se topariam com uma parede em branco ali.

Eric me havia dito que aquele pequeno caminho vicinal, um sujo caminho que conduzia a um acampamento de caça de veados, era onde Debbie Pelt tinha oculto seu carro quando tinha vindo para me matar. Também poderia pôr aí um letreiro que dissesse: “ESTACIONAMENTO ESPECIAL PARA ATACAR DE NOITE Ao SOOKIE STACKHOUSE”.

Sam retornou cambaleando-se ao escritório. Havia acompanhando aos Marriots a seu escritório. aproximou-se de seu escritório e apoiou suas muletas no, ato seguido pôs seus braços a meu redor. Dava-me a volta e deslizei meus braços ao redor de sua cintura. Ele me sujeitou contra se, e me senti maravilhosamente em paz. O calor de seu corpo me enfraqueceu, e o reconhecimento de seu afeto me confortou.

—Dói-te a perna? -Perguntei quando ele se moveu agitado-.

—Não é minha perna, -disse-.

Elevei a vista, desconcertada para olhar seus olhos. Parecia triste. Repentinamente, dava-me conta de que era exatamente o que fazia machuco ao Sam, e avermelhei. Mas não o soltei. Estava relutante a acabar

com a comodidade de estar tão perto de alguém - não, de estar perto do Sam-. Como não me afastei, ele devagar pôs seus lábios em meus, me dando a oportunidade de me retirar. Sua boca roçou a minha uma vez, duas vezes. Então começou a me beijar a sério, e o calor de sua língua encheu minha boca.

sentia-se incrivelmente bem. Com a visita da família Marriot, tinha estado folheando a seção de Mistério. Agora definitivamente tinha passado à seção Romance.

Sua altura era o suficientemente parecida com a minha pelo que não tive que me esforçar para encontrar sua boca. Seu beijo se fez mais urgente. Seus lábios se separaram de minha boca e se dirigiram a meu pescoço, justo a um lugar vulnerável e sensível, e seus dentes morderam muito brandamente.

Ofeguei. Apenas me podia sustentar. Se tivesse tido o dom da transportação, nos teria levado a algum sítio mais privado em um instante. Remotamente, senti que havia algo vulgar, ante o comportamento lascivo que sentia na desordenado escritório do Bar. Mas o calor me alagou quando ele me beijou outra vez. Sempre tinha havido algo entre nós, e as brasas se converteram em chamas

Lutei por recuperar o sentido. Era esta alguma classe de luxúria de sobrevivente? E que passaria com sua perna? Ele realmente precisava ter os botões de sua camisa grampeados?

—Não quero que o façamos aqui, -disse ofegante-. Ele se separou e alcançou suas muletas, mas logo atirou de mim e me beijou outra vez. Sookie, vou a....

— Que é o que vais fazer? -Perguntou uma voz fria na porta-.

Se eu me sobressaltei, Sam se enfureceu. Em uma fração de segundo fui empurrada a um lado, e ele se lançou contra o intruso, com a perna rota e tudo.

Meu coração palpitava como um coelho assustado, e pus uma mão sobre o para me assegurar que ficasse em meu peito. O ataque repentino do Sam tinha arrojado ao Bill ao piso. Sam retirou seu punho para voltar a lhe dar um murro, mas Bill usou sua força e seu peso maior para fazer rodar ao Sam até que esteve sob o. As presas do Bill estavam resplandecentes e seus olhos brilhavam

— Detenham-se! -disse em voz baixa-, assustada de que os clientes entrassem. Em um movimento algo rápido para meu, agarrei o liso cabelo negro do Bill com ambas as mãos e o usei para dar um puxão a sua cabeça. No entusiasmo do momento, Bill estendeu a mão detrás para agarrar minhas bonecas entre suas mãos, e começou às torcer. Afoguei-me pela dor. Meus braços estavam a ponto de romper-se quando Sam aproveitou a oportunidade de pegar Bill na mandíbula com todo seu poder. Troca-forma-los não eram tão capitalistas como os lobos e vampiros, mas podem golpear duro, e Bill foi tirado de surpresa. Ele também recuperou seu julgamento. Liberando meus braços, ficou de pé e se voltou para mim em um só movimento com graça.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas de dor, e os abri e fechei com força determinada a não deixar escapar as lágrimas. Mas estou segura que parecia exatamente alguém que tentava com força não chorar. Mantinha sujeitos meus braços diante de mim, me perguntando quando deixariam de me doer.

—Devido a seu automóvel estava queimado, vim por ti, porque era sua hora de saída, -disse Bill, seus dedos avaliavam com cuidado as marcas sobre meus antebraços. Juro-te que somente tinha a intenção de te fazer um favor. Juro que não te estava espiando. Juro que nunca quis te fazer nenhum dano.

Esta era uma desculpa bastante boa, e me alegrei de que o tivesse falado primeiro. Não só estava adolorida, mas também estava totalmente envergonhada. Naturalmente, Bill não tinha nenhum modo de saber que Tara me tinha emprestado um automóvel. Deveria lhe haver deixado uma nota ou uma mensagem em sua secretária eletrônica, mas eu tinha ido diretamente a trabalhar da casa, e isso simplesmente não tinha cruzado minha mente. Lembrei-me de algo mas, coisa que deveria haver me ocorrido em seguida.

— OH, Sam, machucou-te sua perna machucada? Passei ao lado do Bill para ajudar ao Sam que estava no chão. Tratei de ajudá-lo a levantar-se com todas minhas forças, sabendo que ele preferiria ficar no chão

que aceitar qualquer ajuda do Bill. Finalmente, com alguma dificuldade, pude levantar o Sam, e vi que o procurava sustentar seu peso sobre sua perna boa. Não podia imaginar como devia estar-se sentindo.

sentia-se furioso, dava-me conta. Fulminou ao Bill com o olhar.

— Como te atreve a entrar sem golpear a primeiro porta? Estou seguro que não espera que me desculpe por me haver arrojado contra ti. Eu nunca tinha visto o Sam tão zangado. Adivinhe que o se sentia envergonhado por não me haver "protegido" com mas eficácia, que se sentia humilhado porque Bill tinha obtido a vantagem e me tinha machucado além disso. Por último mas não por isso o menos importante, Sam tratava de sufocar aqueles hormônios que tinham estalado quando tínhamos sido interrompidos.

—OH, não. Não espero isso. -A voz do Bill descendeu uns quantos graus de temperatura quando respondeu ao Sam-. Esperei ver os tímpanos formar-se sobre as paredes.

Tivesse desejado estar a mil quilômetros de distância. Desejava a capacidade de partir, entrar em meu próprio automóvel e ir a minha própria casa. Certamente, não podia fazer isso. Ao menos tinha um automóvel, e expliquei isso ao Bill.

—Então não teria tido que vir por ti, e vocês dois poderiam ter contínuo com o que estavam fazendo, sem ser interrompidos, -disse em um tom absolutamente mortal-.

— Onde passasse a noite, se pode saber-se? ia passar a comprar comida para ti.

Devido a Bill, odiava ir às compras à loja de comestíveis, tinha sido um grande esforço para o, e é obvio o queria que eu me desse conta disso. (Certamente, também era possível que me dissesse isso para estar seguro de que me sentisse tão culpado como fora possível.)

Repassei minhas opções. Embora nunca se sabia que encontraria em casa de meu irmão, parecia-me a opção mais segura. —irei casa para conseguir alguns artigos, maquiagem e essas coisas e logo irei a casa do Jason, -pinjente-.

Obrigado por me haver hospedado ontem à noite, Bill. Suponho que trouxe para o Charles a trabalhar? lhe diga, que se quer acontecer a noite em minha casa, suponho que o, ah.....o buraco está bem.

—Diga-lhe seu mesma. Ele esta fora, -disse Bill disse em um tom de voz que só posso qualificar como resmungão-. A imaginação do Bill claramente tinha dado um giro inteiramente diferente a sua perspectiva da tarde. A maneira em que os eventos se estavam desenvolvendo não lhe estava fazendo muito feliz.

Sam estava muito dolorido (podia ver sua dor abatendo-se como um resplendor vermelho a seu redor) o melhor que podia fazer era sair daí, antes de que se desse conta que eu me tinha precavido. Verei-te amanhã, Sam, -pinjente-, e o beije na bochecha.

Tratou de me sorrir. Não me atrevi a oferecer ajudá-lo a chegar a seu reboque enquanto o vampiro estivesse ali, porque sabia que seu orgulho sofreria. No momento, este era mais importante para ele que o estado de sua perna ferida.

Charles estava detrás da barra e já ocupado. Quando Bill lhe ofereceu alojamento novamente por segundo dia, Charles aceitou em lugar de optar por meu esconderijo que nunca tinha utilizado.

—Temos que examinar o esconderijo, Sookie, pelas rachaduras que poderiam ter ocorrido durante o fogo, -disse Charles seriamente-.

Compreendi isso imediatamente, e sem dizer outra palavra ao Bill, entrei no automóvel emprestado e dirigi a minha casa. Tínhamos deixado as janelas abertas todo o dia, e o aroma se dissipou em grande parte. Isto era uma novidade bem-vinda. Graças à estratégia dos bombeiros e à maneira inexperiente em que o fogo tinha sido iniciado, a maior parte de minha casa estaria habitável sem muita demora. Tinha chamado a um empreiteiro, Randall Shurtliff, aquela tarde no bar, e ele tinha aceito passar ao dia seguinte a meio-dia. Terry Bellefleur tinha prometido começar a tirar os restos da cozinha cedo na manhã. Teria que estar ali para ver que se podia salvar. Parecia que tinha dois empregos agora.

de repente me senti totalmente exausta, e meus braços doíam. Teria enormes moretones ao dia seguinte. Fazia muito calor para justificar as mangas largas, mas teria que as usar. Armada com uma lanterna que tirei do porta-luvas do carro da Tara, consegui um pouco de maquiagem e um pouco mais de roupa de meu dormitório, lançando tudo em uma bolsa que tinha ganho em uma competição esportiva de substituições. Guardei um par de livros, que não tinha lido ainda -livros que eu tinha tirado da biblioteca-. Isto incitou outra linha de pensamento. Tinha pendentes filmes para devolução? Não. Livros da biblioteca? Sim, tinha que devolver alguns, e tinha também que ventilá-los primeiro. Algo mais o que pertencesse a outra pessoa? Senti-me agradecida de ter levado o traje da Tara à tinturaria.

Não havia nenhuma razão para que fechasse com chave as janelas que tinha deixado abertas para dissipar o aroma, quando a casa era facilmente acessível pela cozinha queimada. Mas quando saí pela porta principal, fechei-a com chave detrás de mim. Tinha chegado ao Hummingbird Road quando compreendi quão tola tinha sido, e enquanto conduzia a casa do Jason, encontrei-me rendo pela primeira vez em muitas, muitas horas.

CAPITULO 10

Meu melancólico irmão se alegrou de lombriga. O fato de que sua nova "família" não confiasse no tinha estado carcomendo ao Jason durante todo o dia. Inclusive sua noiva pantera, Crystal, sentia-se nervosa de vê-lo, enquanto a nuvem das suspeitas recaísse sobre o. Ela o tinha mandado ao corno quando ele se apresentou na porta de sua casa esta noite. Quando averigüei que ele em realidade tinha conduzido ao Hotshot, explorei. Disse-lhe que aparentemente tinha desejos de morrer e eu não me faria responsável em caso de que lhe acontecesse algo. Ele respondeu que eu alguma vez tinha sido responsável por algo que ele tivesse feito, de todos os modos, assim por que começaria a fazê-lo agora?

Continuou desse modo durante um tempo.

depois de que a contra gosto teve aceito afastar-se dos homens pantera, levei minha bolsa ao pequeno dormitório de convidados. Ahi era onde guardava seu computador, seus velhos troféus da equipe de beisebol e da equipe de futebol americano do instituto, e um antigo sofá cama, à mão principalmente para quão visitantes tinham bebido muito e não podiam conduzir a casa. Não me incomode nem sequer em desdobrá-lo, mas estendi um edredom sobre a coberta de vinil. Devorei outra colcha sobre mim.

depois de que pinjente minhas orações, repassei meu dia. Tinha estado tão cheio de incidentes que tive problemas em recordar tudo. Em aproximadamente três minutos, apaguei-me com a mesma rapidez que um interruptor. Sonhei com animais grunhindo aquela noite: estavam por toda parte a meu redor na névoa, e estava assustada. Podia escutar que Jason gritava em algum sitio entre a névoa, embora eu não pude encontrá-lo para defendê-lo.

Às vezes a gente não necessita um psiquiatra para interpretar um sonho, verdade?

Despertei dormitada quando Jason saiu para o trabalho pela manhã, principalmente porque fechou de repente a porta detrás dele. Fiquei dormida outra vez durante outra hora, mas logo despertei resolvida. Terry iria a minha casa para começar a derrubar a parte arruinada, e tinha que revisar se qualquer de minhas coisas da cozinha podiam ser resgatadas.

Devido a isto sem dúvida seria um trabalho sujo, tomei emprestado um macacão azul do Jason, que o ficava quando arrumava seu automóvel. Olhei em seu armário e devorei uma velha jaqueta de couro que Jason usava para o trabalho pesado. Também tomei uma caixa de bolsas de lixo. Quando pus em marcha o automóvel da Tara, perguntei-me como diabos poderia reembolsá-la por haver me emprestado isso. Recordei-me que teria que recolher seu traje. devido a que nesse momento estava pensando nele precisamente, antes de esquecê-lo fiz um desvio na tinturaria.

Terry estava de um humor mas estável o dia de hoje, para meu alívio. Estava sorridente enquanto golpeava as partes carbonizadas de meu alpendre com um martelo. Embora o dia fora muito fresco, Terry só usava uma camiseta sem mangas sobre seu jeans. Esta não cobria a maior parte das terríveis cicatrizes. depois de lhe dar a bem-vinda e me dar conta de que não queria falar, entrei pela porta principal. Caminhei com cuidado pelo corredor à cozinha para observar novamente o dano.

Os bombeiros me haviam dito que o piso era seguro. Pô-me nervosa caminhar sobre o linóleo queimado, mas depois de um minuto ou dois, senti-me mais segura. Pu-me umas luvas e comecei a trabalhar, indo por armários, despensas e gavetas. Algumas costure se derreteram ou se torceram com o

calor. Algumas costure, como meu coador de plástico, estavam tão disformes que tomava um segundo ou dois identificar o que estava sujeitando.

Atirei as coisas arruinadas diretamente para fora da janela sul da cozinha, a prudente distancia do Terry.

Não confiava em nenhum alimento que tinha estado nos armários que estavam sobre a parede exterior. A farinha, o arroz, o açúcar, tinham estado em recipientes do Tupperware, e embora os selos tivessem resistido, não quis usar o conteúdo. O mesmo pensei das conservas; por alguma razão, sentia-me incômoda por utilizar a comida das latas que se esquentaram muito.

Felizmente, minha baixela do jornal e a porcelana boa que tinha pertencido a minha fenomenal bisavó tinham sobrevivido, já que estavam no armário que tinha ficado mais longe das chamas. A de prata estava muito bem, também. Minhas panelas de aço inoxidável que me eram mais úteis, tinham estado muito mais perto do fogo, e estavam dobradas e torcidas. Mas algumas das panelas e as caçarolas eram utilizáveis.

Trabalhei durante duas ou três horas, adicionando coisas ao montão crescente fora da janela ou empacotando-os nas bolsas de lixo que havia trazido de casa do Jason para um emprego futuro na nova cozinha. Terry trabalhou muito, também, fazendo uma interrupção de tanto em tanto para beber água engarrafada sentado na porta da parte traseira de sua caminhonete. A temperatura se elevou até os 15 graus centígrados. Ainda teríamos algumas geadas duras, e havia sempre a possibilidade de uma tormenta de neve, mas era possível contar com que a primavera chegasse logo.

Não era uma má manhã. Parecia que estava dando um passo para a recuperação de minha casa. Terry era um companheiro pouco exigente, já que não gostava de falar, e em troca exorcizava a seus demônios com o trabalho duro. Terry estava a finais dos cinquenta agora. um pouco do cabelo do peito que se podia ver em cima do pescoço de sua camiseta era cinza. O cabelo sobre sua cabeça, uma vez castanho, se decoloraba cada vez mas. Mas era um homem forte, e balançava o martelo entre suas mãos com vigor e carregava o desfeito da madeira queimada na parte traseira de sua caminhonete sem o menor signo de tensão.

Terry partiu para levar uma carga ao lixeiro do Parish. Enquanto o se ia, entrei em meu dormitório e fiz minha cama, uma coisa estranha e parva de fazer, o se. Teria que tirar os lençóis e as lavar; de fato, teria que lavar quase cada pedaço de tecido na casa para liberá-lo por completo do aroma de queimado. Inclusive teria que lavar as paredes e repintar o corredor, embora a pintura no resto da casa parecia bastante poda.

Estava tomando um descanso no jardim quando escutei uma caminhonete que se aproximava um momento antes de que aparecesse, saindo das árvores que rodeavam a entrada. Ante meu assombro, reconheci-a como a caminhonete do Alcide, senti uma pontada de consternação. Havia-lhe dito que ficasse longe.

Parecia molesto por algo quando saltou da cabine. Eu tinha estado sentada à luz do sol sobre uma cadeira de alumínio sobre a grama, me perguntando que hora seria e quando chegaria o empreiteiro. depois do desconforto que tinha passado em casa do Jason, também estava pensando em encontrar outro lugar para ficar enquanto a cozinha era reconstruída. Não podia imaginar habitar o resto de minha casa, até que o trabalho estivesse concluído, e isto poderia durar meses a partir agora. Jason não queria a seu redor durante muito tempo, estava segura. Teria que me agüentar se queria ficar -ele era meu irmão, depois tudo- mas não queria provar seu espírito fraternal. Não havia ninguém com o que queria ficar durante um par de meses, pensei, quando me pus a considerar o assunto.

— por que não me disse isso? -bramou Alcide quando seus pés tocaram o chão-.

Suspirei. Outro homem zangado.

—Não somos grandes amigos agora mesmo, -recordei-lhe-. Mas não o tenho feito por falta de tempo. passou sozinho um par de dias. -pinjente-

—Deveria me haver chamado antes que nada, -disse-, dirigindo-se a pernas ao redor da casa para inspecionar o dano.

deteve-se diretamente em frente de mim.

—Poderia ter morrido, -disse-, como se isso tivesse sido novidade para mim.

—Sim, -pinjente-. Sei isso.

—Um vampiro teve que te salvar. escutou-se aversão em sua voz. Os vampiros e os lobos apenas se suportavam.

—Sim, -acordei-, embora em realidade minha salvadora tinha sido Claudine, mas Charles tinha matado ao incendiário. OH, tivesse preferido que me tivesse queimado?

—Não, certamente não! Deu a volta, olhando o pórtico semi-desmontado.

—Alguém está trabalhando derrubando a parte danificada?

—Sim.

—Poderia te haver trazido uma equipe inteira de pessoas para que o fizessem

—Terry se ofereceu.

—Posso te conseguir um bom preço para a reconstrução.

—contratei a um empreiteiro.

—Posso te fazer um empréstimo para fazê-lo.

—Tenho o dinheiro, muito obrigado.

Isto o sobressaltou.

— Tem-no, de onde o.....? -Se deteve antes de dizer algo indesculpável.- Não sabia que sua avó tivesse tido muito para te deixar, -disse como se fora algo mau.

—Ganhei o dinheiro, -pinjente-.

— Ganhou o dinheiro do Eric? Adivinhou com exatidão. Os olhos verdes do Alcide se acenderam com cólera. Pensei que ia sacudir me.

—te acalme, Alcide Herveaux, -pinjente bruscamente-. O como ganhei não é de sua maldita incumbência. Me alegro do ter. Se te descesse das nuvens, diria-te que me alegra que esteja preocupado por mim, e que estou agradecida de que me ofereça sua ajuda. Mas não me trate como uma pessoa lenta de entendederas.

Alcide me olhou fixamente enquanto meu discurso penetrou em sua mente.

—Sinto muito. Pensava que nós estávamos o suficientemente perto como para que me chamasse essa noite. Pensei... que talvez necessitasse minha ajuda.

Estava jogando com a carta de: "Danificou meus sentimentos".

—Não tenho inconveniente em pedir ajuda quando a necessito. Não sou orgulhosa, -pinjente-. E me alegro de verte. (Isso não era totalmente certo.) Mas não atue como se eu não pudesse fazer as coisas por meu mesma, porque posso e o faço.

— Os vampiros lhe pagaram por ocultar ao Eric enquanto as bruxas estavam no Shreveport?

—Sim, -pinjente-. A idéia foi de meu irmão. Envergonhou-me em seu momento. Mas agora estou agradecida de ter o dinheiro. Não terei que pedir emprestado a ninguém para conseguir reparar a casa.

Terry Bellefleur retornou com sua caminhonete nesse mesmo momento, e apresentei aos dois homens. Terry não parecia absolutamente impressionado por ter encontrado ao Alcide. Para falar a verdade, foi direito à parte traseira para trabalhar depois de dar uma superficial saudação ao Alcide. Alcide observou ao Terry desconfiado.

— Onde lhe estas ficando? Alcide tinha decidido não fazer perguntas sobre as cicatrizes do Terry, a deus obrigado.

—Fico com o Jason, -pinjente imediatamente-, deixando fora o fato de que esperava que isto fora temporário.

— Quanto tempo crie que vai se tomar a reconstrução?

—Hei aqui o tipo que me pode dizer isso pinjente agradecida-. Randall Shurtliff chegava nesse momento em uma caminhonete, também, e vinha com sua esposa e sua sócia. Delia Shurtliff era mais jovem que Randall, bastante bonita, e dura como um prego. Era a segunda esposa do Randall. Quando ele tinha conseguido divorciar-se de sua primeira esposa com a que tinha tido três filhos e que tinha limpo sua casa durante doze anos, Delia já tinha estado trabalhando para o Randall e gradualmente tinha começado a controlar o negócio para ele de uma maneira muito mais eficiente do que ele alguma vez tinha feito. Ele era capaz de dar a sua primeira esposa e filhos mais benefícios com o dinheiro que sua segunda esposa lhe tinha ajudado a ganhar que os que tivessem conseguido se se tivesse casado com outra pessoa. Era do conhecimento comum (por isso acredito que eu não era a única pessoa que sabia} que Delia estava desejosa de que Mary Helen voltasse a casar-se e que os três meninos do Shurtlif se formassem do instituto.

Saí-me dos pensamentos da Delia com a firme resolução de trabalhar mais em meus escudos mentais. Randall estava feliz de encontrar ao Alcide, por que já o conhecia de antes, e estava ainda mais impaciente por encarregar-se da reconstrução de minha cozinha agora que sabia que era amiga do Alcide. A família Herveaux tinha bastante prestígio e importância economicamente no negócio da construção. Para minha irritação, Randall começou a dirigir todos seus comentários ao Alcide em vez da mim. Alcide aceitou isto naturalmente.

Olhei a Delia. Delia me olhou. Fomos muito diferentes, mas fomos uma só mente naquele momento.

— O que pensa, Delia? -perguntei-. Quanto tempo?

—Ele soprará e protestará, -disse-. Seu cabelo era mais pálido que o meu, cortesia do salão de beleza, e estava perfeitamente maquiada, mas estava vestida com sensatez em calças khakis e uma camisa pólo, com o logotipo do Shurtliff Construções escrito em cima de seu peito esquerdo. Já que tem que terminar primeiro a casa do Robin Egg. Pode iniciar os trabalhos de sua cozinha antes de começar uma casa no Clarice. Assim, digamos, três a quatro meses a partir de agora, terá uma cozinha utilizável.

—Obrigado, Delia. Tenho que assinar algo?

—Faremos um cálculo estimado. Levarei-o a Bar, para que o revise aí. Incluiremos os novos aparelhos elétricos, porque podemos conseguir um desconto com o distribuidor. Mas te darei agora mesmo um cálculo aproximado.

Ela me mostrou um cálculo aproximado sobre uma renovação de uma cozinha que tinham feito um mês antes.

—De acordo, -pinjente-, embora muito dentro de mim, dava um profundo alarido. Inclusive com o dinheiro do seguro, estaria usando uma grande parte do que tinha no banco.

Deveria estar agradecida, recordei-me severamente que Eric me tivesse pago todo esse dinheiro, que dispunha do para gastá-lo. Que não teria que pedir um empréstimo bancário ou vender parte do terreno ou tomar qualquer outra medida drástica. Deveria pensar naquele dinheiro como somente algo que tinha passado por minha conta mas bem que se ficou vivendo ali. Em realidade não o havia possuído. Tinha tido a custódia só por algum tempo.

— Alcide e seus são bons amigos? -Perguntou Delia-, uma vez concluído nosso negócio.

Dava-lhe algo em que pensar.

—Alguns dias, -respondi francamente-.

Ela riu, um sorriso áspero que era de algum modo atrativa. Ambos os homens olharam, Randall sorridente, Alcide curioso. Estavam muito longe para escutar o que estávamos dizendo.

—Direi-te algo, -disse Delia Shurtliff quedamente-. Somente entre seu e eu. A secretária do Jackson Herveaux, Connie Babcock a conheceu?

Assenti. Tinha-a visto e tinha falado com ela quando tinha visitado o Alcide no Shreveport.

—Foi presa esta manhã por roubar ao Herveaux e Filho.

—Que roubo? Eu era toda ouvidos.

—Isso é o que não entendo. Foi apanhada tirando alguns papéis do escritório do Jackson Herveaux. Não eram documentos do negócio, se não pessoais, por isso escute, ela disse que lhe tinham pago por fazê-lo.

— Por?

—Um tipo que possui uma distribuidora de motocicletas. Agora, isto tem sentido?

Teria sentido se soubesse que Connie Babcock tinha estado dormindo com o Jackson Herveaux, além de trabalhar em seu escritório. Tinha-o se de repente te desse conta que Jackson tinha levado ao Christine Larrabee, uma loba pura e influente, ao funeral do Coronel Flood, em vez de levar ao Connie Babcock um humano impotente.

Enquanto Delia me dava mais detalhe sobre a história, fiquei perdida em meus pensamentos. Jackson Herveaux era sem dúvida um homem de negócios inteligente, mas demonstrava ser um político estúpido. Fazer prender o Connie era tolo. Chamava a atenção sobre os lobos, tinha o potencial para expô-los. Um povo tão reservado não apreciaria um líder que não pudesse dirigir um problema com mais delicadeza que isso.

Em realidade, já que Alcide e Randall ainda estavam falando da reconstrução de minha casa o um com o outro em vez de comigo, a carência de delicadeza parecia abundar na família Herveaux.

Então franzi o cenho. Me ocorreu que Patrick Furnan poderia ser o suficiente sinuoso e bastante inteligente para ter tramado o caso inteiro, pagando ao Connie para que roubasse os documentos privados do Jackson, logo assegurando-se de que ela fora apanhada sabendo que Jackson reacionária ao calor do momento. Patrick Furnan poderia ser muito mais inteligente do que parecia, e Jackson Herveaux muito mais estúpido, ao menos no que implicava, ser chefe de manada. Tratei de afastar minha mente dessas inquietantes conclusões. Alcide não havia dito uma palavra sobre a detenção do Connie, assim tive que chegar à conclusão, que o não o considerava de minha incumbência. Bem, talvez ele pensava que já tinha bastante de que me preocupar no momento, e tinha razão. Retornei minha mente à presente.

— Crie que notariam se nos partíssemos? -Perguntei a Delia-.

—OH, sim, -disse Delia com segurança-. Poderia-lhe demorar ao Randall um minuto, mas me buscaria. Estaria perdido se não pudesse me encontrar.

Hei aqui uma mulher que conhecia seu próprio mérito. Suspirei e pensei em subir a meu automóvel emprestado e ir. Alcide, captando meu olhar, rompeu a conversação com minha empreiteiro luzindo culpado.

—Sinto muito, -gritou-. Hábito.

Randall retornou aonde estava eu de pé bastante mas rápido do que se afastou.

—Sinto muito, -desculpou-se-. Falávamos de trabalho. O que tem em mente, Sookie?

—Quero as mesmas dimensões da cozinha que antes, -pinjente-, deixando atrás a ilusão de uma habitação maior depois de ter visto o cálculo do custo aproximado.

— Mas quero que o pátio novo seja tão amplo como a cozinha, e quero anexá-lo.

Randall trouxe um bloco de papel, e esbocei o que queria.

— Quer que a pia e todos os aparelhos fiquem no mesmo lugar que estavam?

depois de um pouco de discussão, desenhei tudo o que queria, e Randall me disse que me chamaria quando fora hora de escolher os armários, a pia e todos outros utensílios.

—Algo que quero que faça por mim hoje ou amanhã é arrumar a porta do corredor que comunica com a cozinha, -pinjente-. Quero poder fechar com chave a casa.

Randall rebuscou na parte traseira de sua caminhonete durante um minuto ou dois e retornou com uma nova fechadura para a porta, ainda em seu pacote.

—Isto não deterá alguém realmente resolvido, -disse-, ainda com ar de desculpa, mas é melhor que nada. Instalou-o em menos de quinze minutos, e fui capaz de fechar a parte da casa que comunicava com a queimada cozinha. Senti-me muito melhor, até sabendo que esta fechadura não era muito segura. Precisava pôr outra fechadura na parte interior da porta; isto seria ainda melhor. Perguntei-me se poderia fazê-lo eu mesma, mas recordei que isto implicaria cortar um pouco do marco da porta, e eu não sabia nada de carpintaria. Certamente poderia encontrar a alguém que me ajudaria com aquela tarefa.

Randall e Delia partiram com muitas garantias de que eu seria a seguinte na lista, e Terry reatou o trabalho. Alcide disse:

—Sua nunca estas sozinha, -em tom brandamente exasperado.-

—Do que queria falar? Terry não pode nos escutar aqui. Dirigi-me ao lugar onde minha cadeira de alumínio estava sob uma árvore. Sua companheira se inclinava contra a casca áspera do carvalho, e Alcide a desdobrou. Chiou um pouco sob seu peso quando se sentou sobre ela. Supus que ia contar me sobre a detenção do Connie Babcock.

—Ofendi-te a última vez que falamos, -disse direto-.

Tive que fazer trabalhar meu cérebro ante a inesperada abertura na conversação. Bem, agradava-me um homem que podia pedir perdão.

—Sim, fez-o.

—Não tivesse querido que te dissesse que estava a par do que lhe tinha passado ao Debbie?

—Sabe que ódio que tudo isto tenha ocorrido. Ódio que sua família o este passando tão mal. Odeio o que não saibam o que lhe passou, e também o que sofrem. Mas estou feliz de estar viva, e não vou ao cárcere por me defender a meu mesma.

—Se isto te faz sentir melhor, Debbie não estava tão perto de sua família. Seus pais sempre preferiram à pequena irmã do Debbie, embora ela não herdasse nenhuma característica dos troca-formas. Sandra é a menina de seus olhos, e a única razão pela que eles perseguem isto com tal vigor é por que Sandra o espera.

—Crie que se renderão?

—Pensam que eu o fiz, -disse Alcide-. Os Pelt pensam que porque Debbie se comprometeu com outro homem, matei-a. Recebi um correio eletrônico da Sandra em resposta ao meu sobre os detetives privados.

Eu só o olhei boquiaberta. Tinha uma imagem horrível de meu futuro no que eu me via indo à delegacia de polícia confessando para salvar ao Alcide de terminar no cárcere. Inclusive ser suspeito de um assassinato que não tinha cometido era algo horrível, e eu não podia permiti-lo. Solo que não me tinha ocorrido que alguém mais seria culpado pelo que eu tinha feito.

—Mas, -continuou Alcide-, posso demonstrar que não o fiz. Quatro membros da manada juraram que eu estava na casa do Pam depois de que Debbie partiu, e uma mulher jurará que passei a noite com ela.

Ele tinha estado com os membros da manada, justo em outro sítio. Desabei-me de alívio. Não estava ciumenta da mulher. Não a teria mencionado se em realidade tivesse tido sexo com ela.

—Assim que os Pelt terão que suspeitar de alguém mais. Isso não é do que queria te falar, de todos os modos.

Alcide tomou minha mão. A sua era grande e forte e tomou a minha como se sustentara algo selvagem que voaria se soltasse seu sustento.

—Quero que pense em lombriga em forma regular, -disse Alcide. Agora, diariamente, para sempre.

Outra vez, o mundo pareceu reorganizar-se ao redor meu.

— Ehhhh? –pinjente–.

—Eu gosto muitíssimo, –disse–. Acredito que também você gosta. Nós gostamos do um ao outro.

inclinou-se para me beijar sobre a bochecha e logo, quando não me movi, sobre a boca. Estava muito surpreendida para afastá-lo e insegura de querer fazer o de qualquer maneira. Não acontece frequentemente que um leitor de mentes seja tomado por surpresa, mas Alcide o tinha conseguido.

O inspirou profundamente e prosseguiu.

—Desfrutamos de nossa mútua companhia. Quero te ter em minha cama tanto que me faz doer. Não teria falado disto tão logo, sem que tivéssemos estado juntos um pouco mais, mas necessita um lugar para viver agora mesmo. Tenho um condomínio no Shreveport. Quero que pense em ficar comigo.

Se ele tivesse golpeado mim cabeça com uma viga de madeira, não podia ter estado mais pasmada. Em vez de tentar me colocar nas cabeças da gente, deveria considerar sair delas. Tratei de dizer algo, despreze tudo o que pensava. A tibieza dele, a atração de seu corpo grande, era algo contra o que tinha que lutar para classificar meus pensamentos.

—Alcide, –comecei por fim–, falando sobre o ruído de fundo do martelo do Terry derrubando a passarela de minha cozinha queimada, tem razão ao dizer que eu gosto. De fato, mas do que você gosta de eu a ti. Nem sequer podia olhar sua cara. Em troca via suas mãos grandes, cobertas de espesso pêlo negro. Se olhasse mas lá de suas mãos, poderia ver suas musculosas coxas e seu... bem, de retorno às mãos. Mas o momento não é o correto. Acredito que necessita mais tempo para terminar sua relação com o Debbie, já que parecia tão escravizado por ela. Pode acreditar que com solo dizer as palavras “abjuro de “te fez ser livre de todos o que sentia pelo Debbie, mas não estou convencida de que isto seja assim.

—Isto é um ritual poderoso entre minha gente, –disse Alcide rigidamente–, e arrisquei uma olhada rápida a sua cara.

—Se que é um ritual poderoso, – assegurei–, e também se que teve um grande poder sobre todas as pessoas ali reunidas. Mas não posso acreditar que tão rapidamente como um brilho, cada sentimento que tivesse para com o Debbie fora desarraigado quando disse as palavras. Não é assim como trabalham os sentimentos.

—É como os homens lobos trabalham. –Parecia obstinado. E decidido.

Pensei com muita força no que queria dizer.

—eu adoraria que alguém interviesse e solucionasse todos meus problemas, –pinjente–. Mas não quero aceitar sua oferta porque necessite um lugar para viver e para nos dar calor um ao outro. Quando minha casa seja reconstruída, então falaremos, se ainda sente o mesmo.

—Mas é agora quando mais me necessita, –protestou–, as palavras fluindo de sua boca em seu apuro de me persuadir. Necessita-me agora. Necessito-te agora. Sentimos o mesmo o um pelo outro. Sabe.

—Não, não o se. Sei que está preocupado por muitas coisas agora mesmo. Perdeu a seu amante, entretanto isso já passou. Não acredito que tenha compreendido que nunca a verá outra vez.

Ele se estremeceu.

—Disparei-lhe, Alcide. Com uma escopeta.

Sua cara endureceu.

— Vê? Alcide, vi-te rasgar a carne de uma pessoa quando é um lobo. E isto não me assusto. Porque estou de seu lado. Mas adorava ao Debbie, ao menos em um tempo. Se iniciarmos uma relação neste momento, em algum momento vais voltar e dizer: “Aqui está a mulher que terminou com sua vida.”

Alcide abriu a boca para protestar, mas sustentei sua mão. Queria terminar.

—Além disso, Alcide, seu esta pai tendo problemas nesta luta de sucessão. Ele quer ganhar a eleição. Talvez uma boa relação ajudaria a suas ambições. Não o se. Mas não quero ser arrastada na política dos lobos. Não me agradou que me arrastasse a semana passada ao funeral. Deveria me haver deixado decidir.

—Queria que eles se acostumassem a verte a meu lado, -disse Alcide-, com a cara rígida ante a ofensa. Queria te fazer uma honra.

—Eu poderia ter apreciado a honra ainda mais se tivesse estado a par disso, -exclamei-.

Foi um alívio o escutar que se aproximava outro veículo, ver o Andy Bellefleur sair de sua Ford e observar a sua primo derrubar mim cozinha. Pela primeira vez em meses, alegrei-me de ver o Andy.

Apresentei ao Andy com o Alcide, é obvio, e os observe avaliar o um ao outro. Agradam-me os homens em geral, e alguns homens em específico, mas quando lhes vi avaliar-se, virtualmente em círculos intercambiando saudações tive que sacudir a cabeça. Alcide era o mais alto por 10 centímetros, mas Andy Bellefleur tinha estado na equipe de luta do colégio, e ainda era um bloco de músculos. Eram aproximadamente da mesma idade. Apostaria por eles em uma briga, sempre e quando Alcide mantivera sua forma humana.

—Sookie, pediu-me que te informasse sobre o homem que morreu aqui, -disse Andy-.

Certamente, mas nunca me tinha ocorrido que em realidade o fizesse. Andy não tinha muito alta opinião de mim, embora sempre foi um grande admirador de meu traseiro. Não era maravilhoso ser telépata?

—Ele não tinha antecedentes penais, -disse Andy-, olhando o pequeno caderno em suas mãos. E não tinha nenhuma associação conhecida com a confraternidade do sol.

—Mas isto não tem sentido, -disse no pequeno silêncio que seguiu-. por que se não prenderia fogo a minha casa?

—Esperava que pudesse me esclarecer isto, -disse Andy-, com seus claros olhos cinzas olhando meus.

Tinha tido roce com o Andy, bruscos e definitivos. Em diferentes situações durante o transcurso dos anos, tinha-me insultado e ferido, e agora encontrei que isto tinha sido a gota que transbordou o copo.

—me escute, Andy, -pinjente-, e o olhei direto a seus olhos. Nunca te tenho feito nada que eu saiba. Nunca fui presa. Nem sequer cruzei a rua imprudentemente, nem deixei que pagar meus impostos, nem vendi bebidas alcoólicas a menores de idade. Nunca tive uma multa por excesso de velocidade. Agora alguém tentou me fazer andaime dentro de minha própria casa. Como te atreve a fazê-lo parecer como se eu tivesse feito algo mau? — Além de lhe disparar ao Debbie Pelt- sussurrou uma voz em minha cabeça. Esta era a voz de minha consciência.

—Não acredito que haja algo no passado deste tipo que indicasse que te faria isso.

— Bem! Então averigua quem o fez! Porque alguém queimou minha casa, e estou segura que não fui eu! Estava gritando quando disse a última frase, em parte para afogar a voz de minha consciência. Meu único recurso foi me dar a volta e me afastar a pernasadas do frente da casa até ficar fora da vista do Andy. Terry me dirigiu um olhar de soslaio, mas não deixou de usar seu martelo.

depois de um minuto, escutei a alguém caminhar entre os escombros detrás de mim.

—Ele se foi, -disse Alcide-, sua voz profunda somente um poquito divertida. Suponho que não está interessada em continuar nossa conversação.

—Tem razão, -pinjente brevemente-.

—Então voltarei para o Shreveport. me chame se me necessitar.

—Seguro. Obriguei-me a ser mais educada. Obrigado por me oferecer sua ajuda.

— Ajuda? Pedi-te que vivesse comigo!

—Então obrigado por me pedir que vivesse contigo. Não podia fazer nada se minhas palavras não tinham divulgado completamente sinceras. Pinjente as palavras corretas. Então a voz de minha avó se escutou em minha cabeça, me dizendo que atuava como se tivesse sete anos. Obriguei-me a dar a volta.

—Realmente aprecio seu afeto..., -pinjente-, elevando a vista à cara do Alcide. Inclusive nos inícios da primavera, tinha a marca bronzeada do casco sobre sua cabeça. Sua tez olivácea se voltaria mais escura em algumas semanas.

—Avaliação... detive-me, insegura de como dizê-lo. Apreciava sua boa vontade de me considerar como uma mulher elegível de ser sua companheira, assim como sua hipótese de que eu seria uma boa companheira e aliada. Isso estava mais perto de conseguir o que eu tentava dizer.

—Mas você não o deseja. —Seus olhos verdes me olharam sem pestanejar.

—Não estou dizendo isso. -Inspirei profundo-. Estou dizendo que agora não é o momento para iniciar uma relação. Embora eu adoraria fazê-lo, acrescentei para meu mesma, com nostalgia.

Mas eu não cumpriria esse capricho, e certamente não com um homem como Alcide. A nova Sookie, a Sookie que tinha tropeçado, não cometeria o mesmo engano por duas vezes consecutivas. Já me tinha recuperado (Se uma tiver tropeçado nas duas únicas relações que teve, era são voltar a tentá-lo tão logo?) Alcide me deu um duro abraço e deixou cair um beijo sobre minha bochecha. Partiu enquanto ainda considerava o assunto. Pouco depois de que Alcide partiu, Terry terminou pelo dia de hoje. Troquei-me o macacão por minha roupa de trabalho. A tarde tinha esfriado, assim que me pus a jaqueta que tinha tomado emprestada do armário do Jason. Emprestava fracamente ao Jason.

Desviei-me no caminho ao trabalho para deixar o traje negro na casa da Tara. Seu automóvel não estava ali, assim pensei que ela estava ainda na loja. Entrei e fui a seu dormitório a pôr a bolsa de plástico em seu armário. A casa estava escura. Estava quase escuro fora. De repente meus nervos zumbiram com alarme. Não deveria estar aqui. Afastei-me do roupeiro e olhei fixamente ao redor da habitação. Quando meus olhos se detiveram na porta, esta estava ocupada por uma figura magra. Ofeguei antes de poder me deter. Lhes mostrar a eles que estas assustada é parecido a pôr uma bandeira vermelha diante de um touro.

Não podia ver a cara do Mickey nem ler sua expressão, se é que o tivesse alguma.

— De onde é o novo barman do Merlotte's? — perguntou-.

Se eu tivesse esperado algo, não era isso.

—Quando dispararam ao Sam, ocupávamos de maneira premente a um novo barman. Tomamos emprestado do Shreveport, -pinjente-. Do bar de vampiros.

— Tinha estado ali muito tempo?

—Não, -pinjente, me sentindo surpreendida inclusive através do medo que se arrastava dentro de mim. Não tinha estado ali muito tempo absolutamente.

Mickey assentiu, como se isso confirmará alguma conclusão a que o tivesse chegado.

—Sal daqui, -disse-, com a voz profunda bastante tranquila. É uma má influência sobre a Tara. Ela não necessita a ninguém exceto a mim, até que esteja cansado dela. Não volte.

A única saída da habitação estava pela porta em que o estava parado. Não confiei em meu mesma para falar. Caminhei para ali com tanta segurança como pude pretender, e me perguntei se se moveria quando a alcançasse. Pareceram horas as que demorei para dar a volta sobre a cama da Tara até seu penteadeira. Quando não mostrei nenhum signo de me deter, o vampiro se apartou. Não pude evitar olhar sua cara quando passei junto ao, e vi que ele mostrava suas presas. Estremeci-me. Senti-me tão mal pela Tara que não pude evitar me perguntar. Porque lhe tinha passado isto?

Quando ele viu minha repulsão, sorriu.

Replegué o problema da Tara em meu coração para pensar no mais tarde. Talvez poderia pensar em algo que fazer por ela, mas enquanto parecesse disposta a ficar com essa criatura monstruosa, não via que poderia eu fazer para ajudá-la.

Sweetie Dê Artes estava fora fumando um cigarro quando estacionei meu automóvel na parte traseira do Merlotte'S. Se via muito bem, apesar de estar envolta em um manchado avental branco. Os focos exteriores acesos se refletiam em cima de cada pequena dobra em sua pele, revelando que Sweetie era um pouco mais velha do que eu tinha pensado, mas ainda se via muito bem para ser alguém que cozinhava a maior parte do dia. De fato, se não tivesse sido pelo branco avental que a envolvia e o persistente perfume de azeite de cozinha, Sweetie poderia ter sido uma mulher muito atrativa. Certamente luzia como uma pessoa que estava acostumada a ser notada.

Tínhamos tido tal sucessão de cozinheiros que eu não tinha feito muito esforço por conhecê-la. Estava segura de que ela se iria cedo ou tarde, e provavelmente seria logo. Mas ela levantou uma mão para me saudar e parecia querer falar comigo, assim que me detive.

—Lamento o de sua casa, -disse- seus olhos brilhavam na luz artificial. Não cheirava tão bem, já que estávamos perto do contêiner de lixo, mas Sweetie estava tão relaxada como se estivesse em uma praia no Acapulco.

—Obrigado, -pinjente-. Isso solo, não queria falar mais sobre isso. Como está hoje?

—Bem, obrigado. Ela agitou a mão com o cigarro, assinalando o estacionamento. Desfrutando da vista. Né!, Tem algo sobre sua jaqueta. Pondo sua mão com cuidado a um lado, assim ela não pulverizaria a cinza sobre mim, inclinou-se, mais perto de mim, o qual me fez sentir incômoda e sacudi algo de meu ombro. Farejou. Talvez o aroma da madeira queimada se aderiu para mim, apesar de todos meus esforços.

—Tenho que entrar. Começa meu turno. -pinjente-.

—Sim, eu também tenho que retornar. É uma noite ocupada. —Mas Sweetie ficou onde estava. Sabe?, Sam esta louco por ti.

—trabalhei para ele durante muito tempo.

—Não, penso que isto vai um pouco além disso.

—Ah, eu não acredito, Sweetie. Não podia pensar em nenhum modo cortês de concluir uma conversação que se pôs muito pessoal.

— Seu estava com ele quando lhe dispararam, verdade?

—Sim, ele se dirigia a seu reboque e eu dirigia a meu automóvel. Quis esclarecer que íamos em direções diferentes.

— Não notou nada? Sweetie se apoiou contra a parede e inclinou sua cabeça para trás, tinha os olhos fechados como se estivesse tomando o sol.

—Não. Desejaria havê-lo feito. Eu gostaria que a polícia apanhasse a quem quer que esta fazendo isto.

— Crie que poderia haver uma razão específica para que disparassem a essas pessoas?

—Não, -menti fortemente-. Heather, Sam e Calvin não têm nada em comum.

Sweetie abriu um olho marrom e me olhou entrecerrando os olhos.

—Se nós estivéssemos em um filme de mistério, todos conheceriam o mesmo segredo, ou teriam presenciado o mesmo acidente, ou algo assim. Ou a polícia averiguaria que todos eles levavam a roupa à mesma tinturaria. -Sweetie sacudi as cinzas de seu cigarro-.

Relaxe-me um pouco.

—Entendo seu ponto, -pinjente-. Mas penso que a vida real não tem tantos padrões como um assassinato em série. Penso que todos eles foram escolhidos ao azar.

Sweetie se encolheu de ombros.

—Provavelmente tem razão. Vi que tinha estado lendo um livro de suspense do Tami Hoag, tinha-o dentro do bolso do avental. Assinalou o livro com suas curtas unhas. A ficção faz a vida mais interessante. A verdade é aborrecida.

—Não em meu mundo, -pinjente-.

CAPITULO 11

Bill trouxe uma entrevista ao Merlotte's essa noite. Supus que essa era a vingança por me haver encontrado me beijando com o Sam, ou talvez eu me dava mais crédito de que merecia. Esta possível vingança era em forma de uma mulher do Clarice. Eu a tinha visto no bar anteriormente de vez em quando. Era uma moréia magra com o cabelo até os ombros, e Danielle logo que pôde esperar para me dizer que era Selah Pumphrey, uma vendedora de bens raízes que tinha conseguido o prêmio pelas vendas de mais de um milhão de dólares no ano anterior.

Odiei-a imediatamente, completa, e apaixonadamente.

Assim sorri tão intensamente como uma lâmpada de mil vattios e lhes servi uma TrueBlood quente para o Bill e um coquetel de vodca com suco de laranja, frio —para ela— rapidamente com uma piscada. Não cuspi no coquetel, tampouco. Isto era cair muito baixo. Também, é que não tive suficiente privacidade para fazê-lo.

Não só era o bar que estava lotado de gente, se não também que Charles me olhava vigilante. O pirata estava muito elegante essa noite, luzindo uma camisa branca com mangas aglobadas e umas calças Dockers azul marinho, um cachecol brilhante atado nas presilhas de seu cinto para dar o toque colorido. Seu emplastro no olho para jogo com suas calças, e estava bordado com uma estrela de ouro. Definitivamente era o suficientemente exótico para o Bon Temps.

Sam me fez gestos para que me aproximasse da pequena mesa que lhe tínhamos acomodado em uma esquina. Tinha sua perna machucada apoiada sobre outra cadeira.

—Estas bem, Sookie? -murmurou Sam, evitando mostrar seu rosto deliberadamente às pessoas no bar, para que ninguém pudesse ler seus lábios.

—Claro que se Sam! -Disse-lhe com expressão assombrada-. por que não teria que está-lo? Naquele momento, odiei-o para me beijar, e odiei a meu mesma por responder.

Ele pôs os olhos em branco e sorriu durante um segundo breve.

—Acredito que solucionei seu problema alojamento, -disse para me distrair-.Direi-lhe isso mais tarde.

Afastei-me rapidamente para tomar um pedido. Estávamos afligidos essa noite. O clima quente e a atração de um Barman novo se combinaram para encher ao Merlotte's de otimismo e curiosidade.

Eu tinha deixado ao Bill, recordei-me com orgulho. Embora ele me tinha enganado, não tinha querido que rompêssemos. Tive que me dizer isso a meu mesma, assim não odiaria a cada um dos presente que estava presenciando minha humilhação. Certamente, ninguém conhecia os fatos, assim eram livres de imaginar-se que Bill me tinha trocado por esta bruxa moréia. —O qual não era o caso—.

Endureci meu traseiro, ampliei meu sorriso, e servi as bebidas com muita disposição. depois dos dez primeiros minutos, comecei a me relaxar e me dava conta de que atuava como um idiota. Como milhares de casais, Bill e eu tínhamos quebrado. Naturalmente, que o tinha começado a sair com alguém mais. Se eu tivesse tido um desempenho normal de noivos, começando quando tinha treze ou quatorze anos, minha relação com o Bill seria sozinho outra em uma larga linha de relações que não tinham saído bem. Poderia tomar com calma esta situação, ou ao menos vê-la em perspectiva.

Não tinha nenhuma perspectiva. Bill era meu primeiro amor, em cada sentido.

A segunda vez que leve as bebidas a sua mesa, Selah Pumphrey me olhou com inquietação quando lhe sorri radiante.

—Obrigado, -disse com ar vacilante.

—Nem o mencione, -avisei-lhe entre dentes-, e ela empalideceu.

Bill se volveu. Esperei que não estivesse ocultando um sorriso. Fui à barra.

Charles disse:

— Dou-lhe um bom susto se passar a noite com ele?

Estava detrás da barra com ele, olhando fixamente o refrigerador com porta de vidro que temos ali. que esfriava os refrescos, o sangue engarrafado, os limões e os sucos. Vinha por umas fatias de limão e uma cereja para pôr a um Tom Collins, e só fiquei aí sem me mover. Era muito perspicaz.

—Sim, por favor, -disse com gratidão-. O vampiro pirata se estava convertendo em um aliado. Tinha-me salvado de morrer queimada, tinha matado ao homem que tinha aceso fogo a minha casa, e agora se oferecia a assustar à entrevista do Bill. Agradaria-me isso.

—Considere-a aterrorizada, -disse de modo cortês,haciendo- uma reverência com um movimento florido de seu braço, e seu outra emano sobre seu coração.

—OH, que amável, -disse com um sorriso mais natural-, e escapei com o tigela de limões cortados.

Tomou cada onça de autocontrol que tinha, me manter fora da cabeça do Selah Pumphrey. Estava orgulhosa de mim mesma por fazer o esforço.

Para meu horror, a próxima vez que a porta se abriu, entro Eric. Os batimentos do coração de meu coração aumentaram rapidamente, e me senti quase enjoada. ia ter que deixar de reagir dessa maneira. Desejava poder esquecer nosso “tempo juntos” (assim dizia em uma de minhas novelas românticas favoritas) tão a fundo como Eric o tinha feito. Talvez deveria visitar alguma bruxa, ou um hipno-terapista e me dar uma dose de amnésia. Mordi-me com força o interior de minhas bochechas, e levei duas jarras de cerveja a uma mesa de jovens que celebravam a promoção de um dos homens a supervisor - de algo-, em algum sítio.

Eric estava falando com o Charles quando me voltei, e embora os vampiros possam parecer de pedra quando se falam um ao outro, pareceu-me evidente que Eric não estava feliz com seu barman – emprestado-.

Charles era quase trinta centímetros mais baixo que seu chefe, e sua cabeça se levantava para o enquanto falavam. Mas seu traseiro estava rígido, suas presas se sobressaíam um pouco, e seus olhos estavam acesos. Eric era muito apavorante quando estava zangado, também. Definitivamente mostrava as presas agora. A gente ao redor da barra se cuidava de ver outra parte no bar e em qualquer momento encontrariam algo que fazer para mover-se daí.

Vi o Sam agarrar um fortificação -uma melhora sobre as muletas- com intenções de levantar-se e dirigir-se ao casal, e me apressei a ir a sua mesa.

—Fica, -disse-lhe em voz baixa mas firme. Não acredito que deva intervir.

Volteei-me e me dirigi à barra.

— Olá, Eric! Que faz? Há algo no que possa te ajudar? -pinjente sorridente-.

—Sim. Tenho que falar contigo, também, -grunhiu-.

— Então por que não vem comigo? Justamente ia sair ao estacionamento para tomar um descanso, -ofereci-.

Me assim de seu braço e o reboquei pela porta ao corredor e daí à entrada dos empregados. Estivemos fora no ar frio da noite antes de poder dizer Jack Robinson.

—É melhor que não esteja a ponto de me dizer que fazer, -pinjente imediatamente-

—tive bastante disto por um dia, e Bill esta aqui com uma mulher, e perdi minha cozinha. Estou de mau humor. -Sublinhei isto apertando o braço do Eric, que era como sustentar um pequeno tronco de árvore-.

—Importa-me um cominho seu humor, -disse imediatamente- mostrando suas presas. Pago ao Charles Twining para te cuidar e te manter segura, e quem te salva do fogo? Uma fada. Enquanto Charles está no pátio, matando ao incendiário em lugar salvar a vida de sua anfitriã. Inglês Estúpido!

—supõe-se que o está aqui como um favor ao Sam. supunha-se que por isso havia o trazido. -Olhei desconfiada ao Eric-.

—O troca-formas me importa um cominho, -disse o vampiro com impaciência.

Olhei-lhe fixamente.

—Há algo sobre ti, -disse Eric-. Sua voz era fria, mas seus olhos não o eram. Há algo que estou quase ao bordo de saber sobre ti, e esta sob minha pele, este pressentimento de que algo passou enquanto estava maldito, algo que eu deveria conhecer. Tivemos sexo, Sookie? Mas não posso evitar pensar que algo passou. Seu casaco estava manchado com restos de malha cerebral. Matei a alguém, Sookie? É isso? Me estas protegendo do que fiz enquanto estive maldito? -Seus olhos estavam acesos qual abajures na escuridão-.

Nunca tinha pensado que ele poderia estar perguntando-se a quem tinha matado. Mas francamente, se me tivesse ocorrido, não teria pensado que ao Eric preocuparia; que diferença faria a um vampiro tão velho como este uma vida humana? Mas parecia muito aborrecido. Agora que compreendi por que, estava preocupado, -pinjente-, Eric, seu não matou a ninguém em minha casa aquela noite. -Detive-me em seco-.

—Tem que me dizer que ocorreu. —inclinou-se um pouco para examinar meu rosto. Ódio o não saber o que fiz. tive uma vida mais larga do que sequer pode imaginar, e lembrança cada segundo dela, exceto por aqueles dias que passei contigo.

—Não posso te fazer recordar, -pinjente tão tranqüilamente como pude. Só posso te dizer que ficou comigo durante vários dias, e logo Pam veio para te levar de volta.

Eric olhou fixamente em meus olhos um comprido momento.

—Desejaria poder entrar em sua cabeça e conseguir a verdade, -disse-, o qual me alarmou mais do que quis admitir. tiveste meu sangue. Posso saber que estas me ocultando coisas. depois de um momento de silêncio, -disse,- Desejaria saber quem tenta te matar. Além disso escute que tinha tido a visita de uns detetives privados. O que queriam de ti?

— Quem te disse isto? Agora tinha algo mais de que me preocupar. Alguém lhe informava sobre mim. Podia sentir a ascensão de minha pressão arterial. Perguntei-me se Charles o fazia um relatório ao Eric todas as noites.

— Tem isto algo que ver com a mulher desaparecida, aquela bruxa que o lobo queria tanto? Estas protegendo-o? Se eu não a matei, fez-o o? Morreu em frente de nós?

Eric me apertava os ombros, e a pressão era insuportável.

— Escuta, me estas machucando! me solte.

A pressão do Eric em meus ombros se afrouxou, mas não retirou suas mãos.

Minha respiração começou a agitar-se, e o ar se encheu perigo. Senti-me doente.

—diga-me isso agora —exigiu—.

Teria poder sobre mim pelo resto de minha vida se lhe dissesse que me tinha visto matar a alguém. Eric já sabia mais sobre mim do que queria, porque tinha tido seu sangue, e ele tinha tido a minha. Agora lamentava mas que nunca nosso intercâmbio de sangue. Eric estava seguro de que eu ocultava algo importante.

—Foi tão doce quando não sabia quem foi, -pinjente-, e o que fora que o tivesse estado esperando que eu dissesse, não era isso. O assombro se sobrepôs à indignação em seu formoso rosto. Estava divertido.

—Doce? —Disse-, enquanto as comissuras de sua boca se estiravam em um sorriso.

—Muito —pinjente-, tentando sorrir em resposta. Fofocávamos da mesma maneira que velhos amigos. -Meus ombros me doíam-. Provavelmente todos no bar necessitavam uma bebida. Mas eu não podia voltar ainda.

—Estava assustado e sozinho, e você gostava de falar comigo. Era divertido te ter perto de mim.

—Divertido, -disse pensativamente-. Não sou divertido agora?

—Não, Eric. Está muito ocupado em ser... seu mesmo. Chefe dos vampiros, animal político em florações.

Ele se encolheu de ombros.

— Isso é tão mau? Muitas mulheres parecem pensar que não.

—Estou segura que se. —Estava cansada—.

A porta traseira se abriu.

—Sookie, estas bem? Sam tinha saído com dificuldade a meu resgate. Sua cara estava rígida de dor.

—Troca-formas, ela não necessita sua ajuda, -disse Eric—.

Sam não disse nada. Somente olhou ao Eric.

—Fui grosseiro, -disse Eric-, não exatamente como desculpa, mas o suficientemente corte. Estou em seu local. Irei. Sookie, -disse-me-, não terminamos esta conversação, mas vejo que este não é momento ou o lugar.

—Verei-te logo, -pinjente-, dado que sabia que não tinha opção.

Eric desapareceu na escuridão, um estupendo truque que eu adoraria dominar algum dia.

— Porque estava tão alterado? -perguntou Sam- Caminhou com dificuldade da entrada e se apoiou contra a parede.

—Não recorda o que passou enquanto esteve maldito, -pinjente exausta-. Isto lhe faz sentir que perdeu o controle. Os vampiros se sentem bem se tiverem o controle. Suponho que sabe.

Sam sorriu- um pequeno sorriso, mas genuína.

—Sim, isso tinha captado minha atenção, - admitiu-. Também notei que são bastante possessivos.

— Refere-te à reação do Bill quando nos descobriu ontem? -Sam assentiu. Bem, ele parece haver-se sobreposto.

—Acredito que somente te paga com a mesma moeda.

—Senti-me incômoda. Ontem à noite, tinha estado ao bordo de me deitar com o Sam. Mas agora estava longe de me sentir apaixonada, e a perna do Sam se machucou bastante por sua queda. O não poderia fazer o amor nem sequer com uma boneca de trapo, muitíssimo menos com uma mulher robusta como eu. Sabia que era um pouco equivocado, pensar em ter algum tipo de relações sexuais com meu chefe, embora Sam e eu tivéssemos estado oscilando ao bordo disso durante meses. Seguir com essa linha de pensamento não era a coisa mais segura e sensata de fazer esta noite, em particular depois dos emocionantes acontecimentos da hora anterior. Desejava estar segura.

—Ele nos deteve a tempo, -pinjente—.

Sam levantou uma fina sobrancelha avermelhada.

— Queria que lhe detiveram?

— Não naquele momento, -admiti-. Mas suponho que foi o melhor.

Sam solo me observou por um momento.

— O que queria te dizer, embora ia esperar até que o bar tivesse fechado, é que uma de minhas casas de aluguel esta vazia agora mesmo. É a que segue a...pois bem seu recorda, aquela aonde Dawn...

— Morreu, -terminei-.

— Correto. Tive que redecorarla, e agora a tenho rendida. Assim teria um vizinho, e sua não estas acostumada a isso. Mas esta casa mobiliada. Só teria que levar um pouco de roupa de cama, sua roupa, e algumas panelas e caçarolas. -Sam sorriu-. Poderia as levar em seu automóvel. A propósito, onde o conseguiu? -Assinalou ao Malibu-.

Disse-lhe que Tara tinha sido generosa e também quão preocupada estava por ela. Repeti a advertência que Eric me tinha dado sobre o Mickey.

Quando vi quão preocupado pareceu Sam, senti-me como um canalha egoísta por carregá-lo com tudo isto. Sam tinha suficiente de que preocupar-se. Pinjente:

— Sinto muito. Não tem porque ouvir mais problemas, vamos voltemos dentro.

Sam me olhou fixamente.

— Preciso me sentar, -disse depois de um momento-.

— Obrigado por me oferecer a casa. Certamente te pagarei. Estou tão contente de ter um lugar onde viver onde possa ir e vir sem incomodar a ninguém! Quanto custa? Acredito que meu seguro pagará o aluguel de um lugar para viver enquanto arrumam minha casa.

Sam me Miro duramente, e logo me deu um preço que estive segura era mas baixo que sua tarifa habitual. Deslizei meu braço ao redor dele para ajudá-lo a caminhar. Ele aceitou a ajuda sem lutar, o que me fez pensar ainda melhor dele. Caminhou com dificuldade pelo corredor e lhe ajudei a sentar-se sobre a cadeira lhe rodem detrás de seu escritório com um suspiro. Acomodei uma das cadeiras de visita em frente do, para que pudesse acomodar sua perna sobre ela se quisesse, e ele a usou imediatamente. Sob a luz forte do abajur fluorescente de seu escritório, meu chefe parecia gasto.

— Retorna a trabalhar, -disse me ameaçando burlonamente-. Arrumado a que estão acoassando ao Charles.

A barra estava tão caótica como tinha temido, e comecei a atender minhas mesas imediatamente. Danielle me lançou um olhar assassino, e inclusive Charles parecia menos feliz. Mas gradualmente, me movendo tão rápido como pude, servi bebidas, recolhi os copos vazios, troquei cinzeiros, limpe mesas pegajosas, e sorri e falei com tantas pessoas como pude. Podia lhe dizer adeus a meu descanso, mas ao menos a paz foi restaurada.

Minuto a minuto, o ritmo do bar diminuiu a velocidade e tudo voltou para a normalidade. Bill e sua entrevista estavam inundados em sua conversação, notei... embora fiz um grande esforço para não seguir olhando-os. Para minha consternação, cada vez que os via como um casal, sentia uma onda de raiva que não falava muito bem de meu caráter. Por outra parte, embora meus sentimentos fossem indiferentes a quase noventa por cento dos clientes do bar, o outros dez por cento me via como falcão a sua presa para ver se a entrevista do Bill me para sofrer. Alguns deles se alegrariam de vê-lo, mas outros não, isto não era problema de ninguém mas de qualquer maneira.

Quando estava limpando uma mesa que se desocupou recentemente, senti um golpecito em meu ombro. Senti um pressentimento quando me volvei, e isto me permitiu manter o sorriso em meu lugar. Selah Pumphrey esperava minha atenção, seu próprio sorriso brilhante e fingido.

Ela era mais alta que eu, e possivelmente dez libras mais ligeira. Sua maquiagem era custosa e perita, e seu aroma era como de um milhão de dólares. Estendi a mão e toquei seu cérebro sem sequer pensá-lo duas vezes.

“Selah pensava que era melhor que eu, a não ser que eu fora fantástica na cama. Selah pensava que as mulheres de classe baixa sempre deviam ser melhores na cama, porque eram menos inibidas. Sabia que era mais magra, mas lista, tinha mais dinheiro, e de longe era mais educada e estudada que a garçonete que estava observando. Mas Selah Pumphrey duvidava de sua própria habilidade sexual e tinha terror de sentir-se vulnerável. Pisquei. Era mais do que queria saber.”

Era interessante descobrir que (na mente do Selah) devido a que era pobre e inculta, estava mais em contato com minha natureza como um ser sexual. Teria que lhe dizer a toda a gente pobre no Bon Temps, que tínhamos estado tendo muito melhor sexo que a gente lista da classe alta, e não o tínhamos sabido apreciar.

— Sim? —Perguntei-.

— Onde estão os serviços de senhoras? —perguntou-.

—Por aquela porta. A porta que diz “Banhos”, deveria estar agradecida, que eu fora o suficientemente inteligente para ler.

— OH! Lamento-o, não me dava conta.

Somente esperei.

— Então, mmm...pode me dar alguns conselhos? Sobre sair com um vampiro? -esperou, parecendo nervosa e desafiante de repente.

—Seguro —pinjente-. Não coma alho. E me afastei dela para limpar a mesa.

Uma vez que estive segura que se retirou, voltei-me para levar dois potes vazios de cerveja à barra, e quando me virei, Bill estava de pé ali. Dava um ofego de surpresa. Bill tem o cabelo negro e certamente a pele mas branca que se pode imaginar. Seus olhos são tão escuros como seu cabelo. De fato nesse momento, aqueles olhos estavam fixos em meus.

— por que te falou? —perguntou-.

—Quería saber o caminho ao quarto de banho.

Ele levantou uma sobrancelha, indicando o letreiro.

—Só queria tomar a medida, -pinjente-. Ao menos, isso é o que penso. -Sentia-me curiosamente cômoda com o Bill naquele momento-, sem importar o que tivesse passado entre nós.

— Assustou-a?

—Nem sequer o tentei.

— Quería fazê-lo? - perguntou com voz severo- Mas sorridente.

—Não, -pinjente-. Queria que o tivesse feito?

Ele sacudiu a cabeça com fingido desgosto. Estas ciumenta?

—Sim. A honestidade era sempre o mas seguro. Odeio suas coxas fracas e sua atitude elitista. Espero que seja uma bruxa horrível que te faça sentir tão miserável que chore quando me recordar.

—Bem, -disse Bill. É bom escutá-lo. Deu-me um ligeiro beijo na bochecha. O tato de sua pele fresca, fez-me tremer ao recordar. Ele recordou, também. Vi o brilho de calor em seus olhos, as presas que começavam a sair. Então “bagre” me gritou que movesse meus pés e lhe levasse outro bourbon com coca, e me afastei de meu primeiro amante.

Tinha sido um comprido dia, não tão solo me sentia cansada do ponto de vista físico, mas também emocionalmente. Quando cheguei à casa de meu irmão, escutei umas tolas risitas e chiados provenientes de seu dormitório, e deduzi que Jason se consolava do modo habitual. Jason poderia estar alterado por que sua nova comunidade o considerasse suspeito de um terrível crime, mas não estava tão alterado como para que lhe afetasse sua libido.

Estive no quarto de banho, o menor tempo possível e entrei no quarto de hóspedes, fechando a porta firmemente detrás de mim. Esta noite o sofá se via muito mais acolhedor que a noite anterior. Quando me fiz um novelo e devorei o edredom sobre mim, dava-me conta de que a mulher que passava a noite com meu irmão era uma troca-formas; pude senti-lo pelo ligeiro pulso que palpitava em seu cérebro.

Esperei que fora Crystal Norris. Esperei que Jason de algum modo tivesse persuadido à garota que ele não tinha nada que ver com os atentados, se Jason queria agravar seus problemas, o melhor caminho para fazê-lo seria enganar a Cristal, a mulher a quem tinha eleito da comunidade dos panteras. E certamente, inclusive Jason não era tão estúpido.

Não o era. Encontrei a Cristal na cozinha à manhã próxima depois das dez. Muito tempo depois de que Jason se foi, já que o tem que estar no trabalho das sete e quarenta e cinco. Bebia minha primeira taça de café quando Cristal entrou na cozinha, levando uma das camisas do Jason, com a cara amodorrada.

Crystal não era minha pessoa favorita, e eu não era a sua, mas ela disse:

— bom dia! em forma educada. Respondi-lhe a saudação, e lhe servi uma taça de café. Ela fez uma careta, e procurou um copo na despensa, depois o encheu de gelo e logo Coca-cola. Estremeci-me.

— Como esta seu tio? -Perguntei-cuando já parecia mais consciente.

—Esta melhor, -disse-. Deveria ir ver o. Agrada-lhe que o visite.

—Suponho que estas segura de que Jason não lhe disparou.

—Estou-o, -disse brevemente-. Não queria lhe falar com princípio, mas uma vez que conseguiu falar comigo por telefone, convenceu-me de maneira inequívoca.

Queria lhe perguntar se os outros habitantes do Hotshot estavam dispostos a lhe dar ao Jason o benefício da dúvida, mas odiava tirar colação um tema tão delicado.

Pensei no que tinha que fazer hoje: conseguir suficiente roupa, algumas lençóis e mantas, e um pouco de móveis de cozinha, e é obvio levar essas coisas ao duplex do Sam.

me mudar a um lugar pequeno e mobiliado era a solução perfeita a meu problema de alojamento. Tinha esquecido que Sam possuía várias casas pequenas sobre a Berry Street, três delas duplex. O mesmo se encarregava delas, embora às vezes contratava ao JB du Rone, meu amigo do instituto, para fazer reparações simples e tarefas de manutenção. Simples era o melhor modo de descrever ao JB.

depois de que fora por essas coisas, poderia ter tempo de visitar o Calvin. Tomei banho e me vesti, Cristal estava sentada na sala olhando TV quando me parti. Supus que isso estava bem para o Jason.

Terry estava trabalhando duro quando cheguei. Caminhei ao pórtico traseiro para comprovar seu progresso, e fiquei encantada de ver que tinha feito mais do que eu tinha pensado possível. Sorrii quando o disse, e fez uma pausa na carga da passarela rota a sua caminhonete.

—Derrubar as coisas é sempre mais fácil que as construir, -disse-. Isso não era nenhuma grande declaração filosófica, mas era o resumo de um construtor. Deve estar preparado em dois dias mais se não acontecer algum percalço. Não há prognóstico de chuva.

—Genial. Quanto te deverei?

—OH, -balbuciou-, encolhendo-se de ombros e parecendo envergonhado.

— Cem? Cinquenta?

—Não, não é suficiente. Realizei um cálculo rápido aproximado de suas horas de trabalho as multiplicando em minha cabeça. Mas bem trezentos

—Sookie, não te cobrarei todo isso. -Terry pôs cara de obstinação-. Eu não te cobraria nada, mas tenho que conseguir um novo cão.

Terry comprava um cão de caça Catahoula muito caro cada quatro anos. Não trocava modelos velhos por novos. Algo sempre parecia lhes passar aos cães do Terry, embora ele tivesse muito cuidado deles. Depois de que tinha conseguido seu primeiro sabujo, um caminhão o tinha atropelado. Alguém lhe tinha dado carne envenenada ao segundo. O terceiro, que ele tinha chamado Molly, tinha-o mordido uma serpente, e a mordida o havia envenenado. Durante meses, Terry tinha estado na lista para uma próxima cria do Catahoula que nasceria na canil do Clarice.

—Deverá me trazer para o cachorrinho para abraçá-lo, -sugeri- e ele sorriu. Terry se sentia melhor ao ar livre, compreendi pela primeira vez. Ele sempre parecia mais cômodo mental e fisicamente quando não estava baixo teto, e quando estava fora com um cão, parecia bastante normal.

Abri a casa e entrei para recolher o que pudesse necessitar. Era um dia ensolarado, assim que a ausência de luz elétrica não era um problema. Enchi uma cesta grande de plástico com dois jogos de lençóis, uma colcha de felpa, algo mais de roupa, e algumas panelas e caçarolas. Teria que conseguir uma cafeteira nova. A velha se derreteu.

E logo, estando de pé ali, olhando pela janela em busca da cafeteira que eu tinha arrojado ao topo do montão de lixo, entendi o perto que tinha estado de morrer. A compreensão do percalço me golpeou totalmente.

Um minuto estava na janela de minha antecâmara, olhando a descascado tapeçaria; ao seguinte me encontrava sentada no chão, olhando cheia de espanto as pranchas da parede e tratando de respirar.

por que me golpeou agora, depois de três dias? Não sei. Talvez tinha sido ver como estava o Sr. Café: a cafeteira de plástico estava dobrado pelo calor. O plástico literalmente tinha borbulhado. Olhei a pele de minhas mãos e me estremeci. Fiquei no piso, tremente e estremecida, por um tempo. Durante o primeiro minuto ou dois depois disso, não pensei nada absolutamente. A cercania de meu roce com a morte simplesmente me afligiu.

Claudine não só tinha salvado minha vida provavelmente me tinha salvado da dor tão terrível das queimaduras, pelas que eu tivesse querido estar morta indubitavelmente. Tinha com ela uma dívida que provavelmente nunca poderia pagar.

Talvez ela realmente era minha fada madrinha.

Levantei-me e me sacudi tremente. Tomei a cesta de plástico, e parti para me dirigir a meu novo lar

CAPÍTULO 12

Entre com a chave que me tinha dado Sam. Ficaria no duplex da direita, seu gêmeo estava ocupado neste momento pelo Halleigh Robinson, a jovem professora que saía com o Andy Bellefleur. Pensei que provavelmente teria amparo da polícia ao menos parte do tempo, e Halleigh estaria fora do duplex durante a maior parte do dia, o qual era o mais agradável considerando minhas horas de sono atrasadas.

A sala era pequena e tinha um sofá floreado, uma mesa de centro baixa, e uma poltrona. A seguinte habitação era a cozinha, que era diminuta, certamente. Mas tinha uma estufa, um refrigerador, e um

microondas. Não havia máquina de lavar pratos, mas eu nunca tinha tido um. Duas cadeiras de plástico estavam colocadas sob uma pequena mesa.

depois de que tive jogado uma olhada à cozinha fui através do pequeno corredor até o dormitório maior (que também era pequeno) o dormitório da direita era o mais pequeno (diminuto) e o quarto de banho estava à esquerda. Ao final do corredor havia uma porta que dava a um pequeno alpendre traseiro.

Era um alojamento muito básico, mas estava bastante limpo. Havia calefação central e refrigeração, e os pisos estavam nivelados. Revise as janelas, também funcionavam. Agradável. Recordei-me que teria que ter as persianas fechadas, já que agora tinha vizinhos.

Arrumei a cama matrimonial do dormitório maior. Guardei minha roupa na cômoda recém grafite. Comecei uma lista de outras coisas que necessitava: um rodo, uma vassoura, um cubo, alguns produtos de limpeza... todo isso tinha estado no pórtico traseiro. Teria que ir por meu aspiradora à casa. Tinha estado no armário da sala, assim deveria estar bem. Havia trazido um de meus telefones para conectá-lo aqui, assim teria que arrumar com a companhia Telefónica para que dirigissem as chamadas a esta direção. Tinha carregado a televisão em meu automóvel, mas tinha que pedir que me conectassem o cabo. Teria que chamar do Merlotte's. Do fogo, todo meu tempo era absorvido com a mecânica de viver.

Sentei-me sobre o duro sofá olhando fixamente ao vazio. Tentei pensar em um pouco divertido, algo que pudesse esperar com ânsias. Bem, em dois meses, estaria tomando o sol. Isto me fez sorrir. Desfrutei ao imaginar no sol em um pequeno biquíni, medindo cuidadosamente o tempo que passava asoleándose para não me queimar. Adorava o aroma do azeite de coco. Senti o prazer de barbear minhas pernas e tirar a maior parte dos pêlos de meu corpo, assim estaria suave como um bebê. E não queria ouvir nenhuma advertência de quão mau era o sol sobre a pele. Este é meu vício. Todo mundo tem um.

O mais imediato, era hora de ir à biblioteca e conseguir outro lote de livros; tinha recuperado os livros que devia, e os traje da casa, e agora os estenderia sobre o diminuto pórtico para que se arejassem e poder devolvê-los. Assim iria à biblioteca, seria divertido.

antes de ir a trabalhar, decidi que me prepararia algo em minha nova cozinha. Isso fez necessário uma viagem ao supermercado, que tomou mais tempo de que tinha planejado porque me entretive procurando coisas básicas que certamente necessitaria. Guardar em seu sítio os comestíveis nos gabinetes do duplex me fez sentir que realmente vivia ali. Dourei um par de chuletas de porco e pus uma batata no forno de microondas, também esquentei algumas ervilhas. Quando tinha que trabalhar nas noites, pelo general ia ao Merlotte's aproximadamente às 5 da tarde, assim que a comida em casa nesses dias era uma combinação de almoço e jantar.

depois de que comi e limpe a fundo, pensei que tinha o tempo justo para visitar o Calvin e conduzir até o hospital Grainger.

Os gêmeos não tinham chegado para controlar a porta de entrada novamente. Dawson ainda estava fora da habitação do Calvin. Ele me saudou, e me fez gestos para que me detivera e indício a cabeça ao quarto do Calvin. Para meu alívio, Dawson abriu a porta de par em par para que entrasse e nem sequer tratou de me revisar quando entrei.

Calvin estava sentado em uma cadeira acolchonada. Apagou a televisão quando entrei. Sua cor era melhor, sua barba e seu cabelo estavam limpos e recortados, e luzia muito melhorado. Tinha um pijama posto de pano azul. Observei que ainda tinha um tubo ou dois conectados. Tentou levantar-se da cadeira para me saudar.

— Não, por Deus, não te atreva a te levantar! Devorei uma cadeira e me sentei frente a ele. me diga como estas.

—Me alegro de verte, -disse-. Inclusive sua voz era mais forte. Dawson disse que não queria nenhuma ajuda. me diga quem foi o responsável pelo fogo.

—Isso é o mas estranho, Calvin. Não sei por que este homem iniciou o fogo. Sua família veio para ver-me... -Vacilei-, porque Calvin se recuperava de seu próprio roce com a morte, e não deveria preocupar-se de outros assuntos.

Mas ele disse:

—me diga o que estas pensando, e parecia tão interessado que terminei por contar tudo ao ferido trocas: minhas dúvidas sobre os motivos do incendiário, meu alívio ao saber que o dano poderia ser reparado, minha preocupação sobre o problema entre o Eric e Carlos Twining. E disse ao Calvin que a polícia local se inteirou de mais atentados do franco-atirador fora da região.

—Isto absolveria ao Jason, -assinalei-, e ele assentiu. Não o pressionei.

—Ao menos não dispararam a ninguém mas, -pinjente-, tentando pensar em algo positivo para adicionar a esta sombria mescla.

—Que nós saibamos, -disse Calvin-.

— O que?

—Por isso sabemos. Talvez lhe tenham disparado a alguém mas e ninguém os encontrou ainda.

Estava assombrada ante a idéia, e contudo, isto tinha sentido.

— Como é que pensa isso?

—Não tenho nada mais que fazer, -disse com um pequeno sorriso. —Não leio, como o faz você. Não sou de muita televisão, exceto os esportes. Era bastante certo já que o canal que tinha aceso quando cheguei tinha sido ESPN.

— O que faz em seus momentos livres? -Perguntei- com absoluta curiosidade.

Calvin estava agradado que lhe tivesse feito uma pergunta pessoal. Meu trabalho no Norcross me consome bastante tempo, -disse-.

—Eu gosto de caçar, embora prefira a caça em lua enche. -Em seu corpo de pantera-. Bem, eu poderia compreender isso. Eu gosto de pescar. Adoro as manhãs quando posso me sentar em meu bote sobre a água e não me preocupar de nada.

—Uh-huh, pinjente de modo alentador. Que mais?

—Eu gosto de cozinhar. Fervemos lagostas às vezes, ou cozinhamos um montão de pescado e o comemos fora com tortas fritas de milho e sandeu. No verão, é obvio.

Fez que minha boca se fizesse água só de pensar nisso.

—No inverno, trabalho no interior de minha casa. Saio e curto madeira para a gente de nossa comunidade que não pode cortar a sua. Parece-me que sempre encontro algo que fazer.

Agora eu conhecia duas vezes mais costure sobre o Calvin Norris que antes.

—me conte como lhe estas recuperando, -perguntei-.

—Ainda não consegui que me tirem a maldita intravenosa, -disse-, assinalando seu braço. Além disso, estou muito melhor. Nos curamos bastante bem, sabe.

— Como lhe explica às pessoas que vem a te visitar de seu trabalho a presença de Dawson? Havia acertos florais e cestas de fruta e até um gato de peluche, lotando as mesas da habitação.

—Somente lhes digo que é minha primo, quem se assegura que não recebo visitas de mais.

Estava bastante segura que ninguém perguntaria a Dawson diretamente.

—Tenho que ir trabalhar, -pinjente-, jogando uma olhada ao relógio sobre a parede. De uma maneira estranha estava relutante a partir. Tinha desfrutado tendo uma conversação regular com alguém. Os pequenos momentos como este eram incomuns em minha vida.

— Ainda estas preocupada com seu irmão? -perguntou-.

—Sim. Mas me tinha prometido que não rogaria ao Calvin novamente. Calvin me tinha escutado a primeira vez. Não havia necessidade de uma repetição.

—Vigiamo-lo.

Perguntei-me se o observador lhe tinha informado ao Calvin que Cristal passava a noite com o Jason. Ou talvez a mesma Cristal era o observador? Se era assim, certamente tomava seu trabalho muito a sério. Estava observando ao Jason desde tão perto como podia ser vigiado.

—Isso é bom, -pinjente-. É o melhor modo de averiguar que ele não o fez. Aliviou-me escutar as notícias do Calvin, e quando refleti sobre isso, dava-me conta que deveria haver me ocorrido que lhe vigiaríamos.

—Calvin, tem que te cuidar. -Pu-me de pé para partir -,e me ofereceu sua bochecha. Mas bem a contra gosto, rocei-o com meus lábios.

Ele pensava que meus lábios eram suaves e que cheirava bem. Eu não pude menos que rir quando me parti. O saber que alguém te encontra atrativa aumenta sua auto-estima.

Conduzi de retorno ao Bon Temps e passei pela biblioteca antes de ir trabalhar. A biblioteca do Renard Parish é um feio edifício de tijolo café, que foi construído lá pelos anos trinta. E cada tijolo representava sua idade. Os bibliotecários tinham feito muitas queixa justificadas sobre a calefação e refrigeração, assim como do cabeado elétrico que deixava muito que desejar. O estacionamento da biblioteca estava em muito más condições, e a velha clínica a seu lado (agora fechada), que tinha aberto suas portas em 1918, agora tinha as janelas muradas o qual era sempre uma visão deprimente. O terreno abandonado frente à clínica, parecia mas bem uma selva que uma parte do centro.

Tinha-me atribuído dez minutos para trocar meus livros. Entrei e saí em 8. O estacionamento da biblioteca estava quase vazio, já que era justo antes das cinco. A gente fazia suas compras no Wal-Mart ou já estava em casa cozinhando o jantar.

A luz da tarde invernal estava desaparecendo. Não pensava em nada em particular, e isto salvou minha vida. No momento oportuno, identifiquei a intensa emoção palpitando em outro cérebro, e em um ato reflito me agachei, sentindo um golpe brusco me empurrando, e depois uma ardente lança de dor cegador, e logo a umidade e um grande ruído. Isto ocorreu tão rápido que não pude definir como passo, quando mais tarde tentei reconstruir o momento.

Um grito veio detrás de mim, e logo outro. Embora não soube como tinha passado, encontrei-me de joelhos ao lado de meu automóvel, o sangue salpicando o fronte de minha camiseta branca.

De uma maneira estranha, meu primeiro pensamento foi: graças a Deus que não tinha posto meu casaco novo.

A pessoa que tinha gritado era Porta Bellefleur. Porta não tinha sua habitual expressão tranqüila quando correu através do estacionamento para agachar-se a meu lado. Seus olhos foram de um lado a outro, enquanto compreendia que o perigo poderia vir de qualquer direção.

—Resiste, -disse bruscamente-, como se se tivesse proposto me dirigir em uma maratona. Eu estava ainda sobre meus joelhos, mas me desabar parecia ser uma opção agradável. O sangue gotejava sob meu braço. Alguém te disparou, Sookie. OH meu deus, OH, Meu deus.

—Sustento os livros, -pinjente-. Não quero que se encham de sangue. Teria que pagá-los

Porta não me fez conta. Estava falando por seu telefone celular. A gente falava em seus telefones nos momentos mais incríveis! Na biblioteca, por cristo bendito, ou no optometrista ou no bar. Bla...bla...bla. Como se tudo fora tão importante que não pudesse esperar. Assim pus os livros sobre o chão, a meu lado eu mesma.

Em vez de me ajoelhar me encontrei apoiando meu traseiro contra meu automóvel. E logo, como se alguém tivesse tomado uma fatia de minha vida, descobri que jazia sobre o pavimento do estacionamento da biblioteca, olhando fixamente a velha mancha de azeite de algum automóvel. A gente deveria ter melhor cuidado de seus automóveis....

Fora....

—Acordada, -dizia uma voz-. Não estava no estacionamento, mas se em uma cama. Pensei que estava em minha casa e que havia fogo outra vez, e Claudine tentava me tirar daí. A gente sempre tentava me tirar da cama. Embora esta voz não se escutava como Claudine; soava mas bem....

— Jason? Tratei de abrir os olhos. Arrumei-me isso para olhar com atenção através de minhas pálpebras entreabertos para identificar a meu irmão. Estava em uma habitação azul fracamente iluminada, e me doía tanto que queria chorar.

—Dispararam-lhe, -disse-. Dispararam-lhe, e eu estava no Merlotte's, esperando que chegasse aí.

—Parece... feliz, -disse através de meus lábios que se sentiam curiosamente grossos e rígidos-. Estou em um hospital....

— Eu não pude havê-lo feito! Estive rodeado de gente todo o tempo! Tinha ao Hoyt no caminhão comigo do trabalho ao Merlotte's, porque seu caminhão estava na loja. Estou coberto.

—OH, bom. Me alegro que me tenham disparado então, enquanto você esteja bem. Foi tal o esforço que fiz para dizê-lo, que me alegrei que Jason tivesse recolhido o sarcasmo.

—Sim, hey!, lamento-o. Pelo menos não foi grave.

— Não foi?

—lhe esqueci dizer isso Costuraram-lhe o ombro e isto te vai doer por um tempo. Pressiona este botão se doer. Pode te administrar a medicina para a dor seu mesma. Genial, eh? Escuta, Andy esta fora.

Refleti sobre isto, deduzi que Andy Bellefleur estava ali em caráter oficial.

—Bem, -pinjente-. Pode entrar. -Estirei um dedo e com cuidado oprimi o botão cuidadosamente-.

Pisquei então, e deve ter sido uma piscada comprido, porque quando abri os olhos outra vez, Jason se tinha ido e Andy estava em seu lugar, com uma pequena caderneta e uma pluma em suas mãos. Havia algo que tinha que lhe dizer, e depois refletir um momento, soube que era.

—lhe diga a Porta que obrigado, -disse-lhe-.

—Farei-o, -disse seriamente-. Esta um pouco conmocionada. Nunca tinha estado tão perto da violência antes. Pensou que foste morrer.

Não pude pensar em nada que dizer a isso. Esperei que me perguntasse o que queria saber. Sua boca se moveu, e suponho que lhe respondi.

— Diz que te agachou no segundo último?

—Suponho que escutei algo, -sussurrei-. Era a verdade, também. Somente que não tinha escutado algo com meus ouvidos.... Mas Andy sabia ao que me referia, e me acreditou. Seus olhos se encontraram com meus e se alargaram.

E fora outra vez.

O médico da sala de emergências certamente me tinha dado algum excelente analgésico. Perguntava-me em que hospital estava. que estava no Clarice estava mas perto da biblioteca; que estava no Grainger tinha melhor sala de emergências. Se estivesse no Grainger, poderia-me ter economizado o tempo que passei conduzindo de retorno ao Bon Temps e indo à biblioteca. Poderiam-me ter disparado diretamente no estacionamento do hospital quando saía de visitar o Calvin, e isto me teria economizado a viagem.

—Sookie, -disse uma voz fica e familiar-. Fazia frio e estava escuro, como água fluindo em uma corrente sobre uma noite sem lua.

—Bill, -pinjente-, sentindo feliz e segura. Não vá.

—Estarei aqui.

E ele estava ali, lendo, em uma cadeira junto a minha cama quando despertei às três da manhã. Podia sentir que as mentes de todas as pessoas nas habitações adjacentes estavam dormidas. Mas o cérebro na cabeça do homem que estava a meu lado, era um espaço em branco. Naquele momento, compreendi que a pessoa que me tinha disparado não tinha sido um vampiro, embora todos os atentados tivessem ocorrido no crepúsculo ou na escuridão. Tinha escutado o cérebro do franco-atirador um segundo antes do disparo, e isto tinha salvado minha vida.

Bill se aproximou do momento em que me movi.

— Como se sente? -perguntou-.

Empurrei o botão para levantar a cama.

—Como no inferno, -pinjente francamente depois de avaliar meu ombro-. O medicamento para a dor caducou, e me dói o ombro como se se me fora a cair. Minha boca se sente como se um exército tivesse partido sobre ela, e o pior é que tenho que ir ao banho.

—Posso te ajudar nisso, -dijo,y- antes de que pudesse me envergonhar, ele tinha movido o poste de intravenosa ao redor da cama e me tinha ajudado a me levantar. Pu-me de pé cautelosamente, medindo a estabilidade de minhas pernas. Não deixarei que te caia. —disse-.

—Sei, -pinjente-, e nos dirigimos ao quarto de banho. Quando me acomodou no banheiro, saiu discretamente, mas deixou a porta entreaberta, enquanto esperava fora. Levei todo torpemente, mas estive consciente de que tinha sido uma sorte ter recebido o disparo em meu ombro esquerdo em lugar de no direito. Certamente, que disparou devia ter estado apontando a meu coração.

Bill me acomodou na cama tão habilmente como se tivesse estado cuidando às pessoas toda sua vida. Ele já tinha alisado a cama e sacudido os travesseiros, e me senti muito mais cômoda. Mas o ombro seguiu me chateando, e pressionei o botão da dor. Minha boca estava seca, e perguntei ao Bill se havia água na jarra de plástico. Bill pressionou o botão da enfermeira. Quando a voz metálica respondeu no intercomunicador, Bill disse, -um pouco de água para a senhorita Stackhouse, e a voz respondeu em resposta que iria em um momento-. Fez-o. A presença do Bill poderia ter tido algo que ver com sua velocidade. A gente poderia ter aceito a realidade dos vampiros, mas isto não significava que lhes agradassem os americanos não mortos. Muitos americanos de classe média não podiam relaxar-se ao redor dos vampiros. Eram muito preparados, -pensei-.

— Onde estamos? -Perguntei-.

—Grainger, -disse-. Consigo me sentar contigo em um hospital diferente esta vez. A última vez, tinha estado no Hospital do Renard Parish no Clarice.

—Pode ir pelo corredor e visitar o Calvin.

—Se eu tivesse algum interesse em fazê-lo, faria-o.

Ele se sentou sobre a cama. Algo sobre a hora da noite, fez-me sentir vontades de ser honesta. Talvez solo foram as drogas.

—Eu nunca tinha estado em um hospital antes de te conhecer, -pinjente-.

— Culpa-me?

—Às vezes. Olhei o brilho de sua cara. Outras pessoas não sempre reconheciam a um vampiro quando o viam; isto era difícil de entender para mim.

—Quando te conheci, aquela primeira noite que entrei no Merlotte's, não sabia que pensar de ti, -disse-. Foi tão bonita, tão cheia de vitalidade. E pude distinguir que havia algo diferente sobre ti. Que foi interessante.

—Minha maldição, -pinjente-.

—Ou sua bênção. -Pôs uma de suas frescas mãos sobre minha bochecha. Não há febre, -disse-. Curará-te. Logo se incorporou. Deitou-te com o Eric enquanto se estava ficando contigo.

— por que estas perguntando, se já souber? -Havia uma coisa que se chamava muita honestidade.

—Não te estou perguntando. Soube quando lhes vi juntos. Cheirei-o por toda parte sobre ti; podia dizer como se sentia com o. tivemos o sangue um de outro. É difícil resistir ao Eric, -continuou Bill de maneira indiferente. —Ele é tão vital como você, e compartilham seu entusiasmo pela vida. Mas estou seguro que seu sabe isto... -Ele fez uma pausa-, tratando de pensar no que queria dizer.

—Sei que seria feliz se nunca me deitasse com ninguém mais em minha vida, -pinjente-, traduzindo seus pensamentos em palavras para ele.

— E como te sente sobre mim?

—Igual. OH, mas espera, seu já dormiu com alguém mais. antes de que rompêssemos. -Bill apartou o olhar, a linha de sua mandíbula parecia granito-

—Esta bem, isso é água passada. Não, não quero pensar em ti com o Selah, ou com alguém mais. Mas minha cabeça sabe que isto é irrazonable.

— É irrazonable esperar que estejamos juntos novamente?

Considerarei as circunstâncias que me tinham posto contra Bill. Pensei em sua infidelidade com a Lorena; mas ela tinha sido a que o tinha convertido, e ele tinha tido que obedecê-la. Tudo o que eu tinha escutado de outros vampiros tinha confirmado o que ele me havia dito sobre essa relação. Pensei no perto que tinha estado de me violar no porta-malas do automóvel; mas ele tinha sido torturado e lhe tinham privado de seu alimento, e não tinha sabido o que estava fazendo. Ao momento em que tinha recuperado o julgamento, deteve-se.

Recordei o feliz que tinha sido quando tinha tido seu amor. Nunca me havia sentido mais segura em minha vida. Que sentimento tão falso tinha sido: o tinha sido absorvido por seu trabalho para a Rainha da Luisiana e eu tinha passado a segundo término. De todos os vampiros que podiam ter entrado em bar do Merlotte, tinha conseguido a um viciado no trabalho.

—Eu não se se poderemos ter jamais a mesma relação outra vez, -pinjente-. Possivelmente seja possível, quando diminuir um pouco a dor. Mas me alegro de que esteja aqui esta noite, e desejo que te deite comigo um ratito... se quer fazê-lo. -Movi-me sobre a estreita cama e me acomodei sobre o lado que não tinha o ombro ferido, Bill se tornou detrás de mim e pôs seu braço ao redor meu-. Ninguém poderia aproximar-se sem que o soubesse. Senti-me perfeitamente segura, absolutamente a salvo e apreciada.

—Estou tão feliz de que esteja aqui, -resmunguei- quando a medicina começou a fazer efeito Quando me estava dormindo outra vez, recordei minha resolução em vésperas de ano novo: não queria ser golpeada novamente. Nota para meu mesma: deveria ter incluído "Nem que me disparassem".

Fui dada de alta à manhã seguinte. Quando fui ao escritório do hospital a pagar, o empregado, cujo gaffete dizia. Sr. Beeson, -disse-, —A conta já foi coberta.

— Por quem? -Perguntei-.

—A pessoa deseja permanecer anônima, -disse o empregado-, sua cara redonda cor café me olhou de um modo que insinuava que “a cavalo agradável não devia lhe olhar o dente”.

Me fez muito incômodo. Em realidade tinha o dinheiro no banco para pagar a conta de uma só vez, em vez de fazê-lo a prazos. E nada vem sem um preço. Havia algumas pessoas com as que não queria estar obrigada. Quando vi o custo na fatura, sobressaltei-me ao me dar conta, que tão obrigada estaria.

Talvez deveria haver ficado no escritório mais tempo e protestado ao Sr. Beeson mas energicamente, mas não me sentia preparada para fazê-lo. Queria me banhar e fazê-lo em forma cuidadosa para não machucar os pontos – e fazê-lo mais a fundo que essa manhã-. Queria comer minha própria comida. Queria um pouco de solidão e paz. Assim retornei à cadeira de rodas e deixei que me levassem a entrada principal. Sentia-me como a idiota maior quando me ocorreu que não tinha modo de chegar a minha casa.

Meu automóvel ainda estava no estacionamento da biblioteca no Bon Temps -não que se supusera que poderia conduzi-lo até um par de dias depois-.

Junto quando estava a ponto de lhe pedir a assistente que me retornasse ao elevador para ir à habitação do Calvin (assim talvez Dawson poderia me dar um aventón), Um elegante Empala vermelho se deteve diante de mim. O irmão do Claudine, Claude, inclinou-se para abrir a porta do passageiro. Senti-me irritada com o.

— Que estas fazendo aqui?

—Wow, -murmurou a ajudante-. Wow. Pensei que os botões de sua blusa foram arrebentar, ela respirava muito forte.

Tinha visto o irmão do Claudine -Claude- só uma vez antes. Recordava o impactada que tinha ficado. Claude era absolutamente impressionante, tão encantado que sua proximidade me fez esticar como um cabo. Relaxar-se ao redor do Claude era como tratar de parecer indiferente e despreocupada com o Brad Pitt.

Claude tinha sido stripper no incline clube do Hooligans, no Monroe, mas ultimamente não só se proposto estar no clube, se não que também se diversificou fazendo modelaje. As oportunidades de trabalho eram poucas na Luisiana do norte, assim Claude (segundo Claudine) tinha decidido competir para ser o Sr. Romance em uma convenção de leitores românicos. Inclusive tinha intervindo cirurgicamente suas orelhas lhes tirando o bicudo. O resultado disso era a possibilidade de aparecer na capa de uma revista de romance. Não estava muito ao tanto do concurso, mas sabia o que via quando olhei ao Claude. Estava bastante segura de que Claude ganharia por unanimidade.

Claudine tinha mencionado que Claude acabava de romper com seu noivo, assim também, estava livre em todos seus esplendorosos 1.82 metros de estatura, além de seu ondulado cabelo negro e seu abdômen marcado de músculos. Acrescenta a isso um par de suaves olhos café veludo, uma mandíbula cinzelada, e uma boca sensual com um carnudo lábio inferior, e aí tem ao Claude. Não, que eu me tenha dado conta.

Sem a ajuda de quão assistente estava ainda dizendo: Wow, wow, wow... lentamente me levantei da cadeira de rodas e me subi no automóvel.

—Obrigado -disse ao Claude, tratando de não parecer tão assombrada como me sentia.

—Claudine não podia deixar o trabalho, assim que me chamou e despertou, para que viesse por ti, -disse Claude-, soando totalmente molesto.

—Estou agradecida pelo passeio, -pinjente-, depois de considerar várias respostas possíveis.

Notei que Claude não teve que me pedir as instruções para chegar ao Bon Temps, embora nunca o tinha visto na área - e acredito que se o tivesse feito, tivesse sido difícil que passasse despercebido-.

— Como esta seu ombro? -disse bruscamente-, como se tivesse recordado que devia ser cortes e perguntar.

—Melhorando, -pinjente-. E tenho uma receita para alguns calmantes que comprar.

— Então suponho que quererá fazer isso, também?

—Mmmm, pois seria agradável, já que se supõe, que não poderei conduzir durante outro dia ou dois.

Quando alcançamos Bon Temps, dirigi ao Claude à farmácia, onde ele encontrou um espaço para estacionar-se diretamente no fronte. Arrumei-me isso para sair do automóvel e sortir a receita, já que Claude não se ofereceu. O farmacêutico, certamente, tinha ouvido o que tinha passado e queria saber que é o que lhe estava passando a todo mundo. Eu não podia lhe dizer.

Passei o tempo enquanto me sortiam a receita especulando sobre a possibilidade de que Claude fora um poquito bissexual. Cada mulher que entrava na farmácia tinha uma expressão vidriosa na cara. É obvio, elas não tinham tido o privilégio de ter uma conversação real com o Claude, assim não tinham tido o benefício de conhecer sua brilhante personalidade.

—Tomou bastante tempo, -disse Claude quando retornei ao automóvel.

—Sim, Sr. personalidade sociável, -responda exasperada. Tentarei me apressar de agora em diante. por que deveria um disparo me fazer mais lenta? Desculpo-me por isso.

Pela comissura do olho, notei que as bochechas do Claude avermelhavam.

—Sinto muito, -disse rigidamente-. Fui brusco. A gente me diz sou grosseiro.

—Não! De verdade?

—Sim, -admitiu-, e logo compreendeu que tinha sido sarcasmo. Jogou-me um olhar que teria parecido como o fruncimento do cenho em uma criatura menos formosa. Escuta, tenho que te pedir um favor.

—Bom, certamente tiveste um bom princípio. Abrandaste-me o suficiente.

— Poderia deter isto? Sei que não sou... não...

— Cortês? Mínimamente educado? Serviçal? Vou bem ou me detenho?

— Sookie! -bramou-. Te cale!

Queria uma de minhas pílulas para a dor.

— Sim, Claude? -Disse com voz tranqüila e razoável-.

—A gente que controla o desfile quer uma pasta de fotografias. Irei ao estudo no Ruston, para que me façam alguma tomada, mas acredito que poderia ser uma boa idéia, ter algumas fotografia preparadas também. Como as capas dos livros que Claudine sempre lê. Claudine diz que deveria posar com alguém, já que sou moreno. Pensei em ti.

Suponho que se Claude me houvesse dito que queria que tivéssemos um bebe não poderia ter estado mais surpreendida. Embora Claude fora o homem mas áspero que alguma vez tinha tido a desgraça de encontrar, Claudine tinha o hábito de salvar minha vida. Por ela, estava obrigada a ajudar.

— Necessitaria algo assim como, um vestido de época?

—Sim. Mas o fotógrafo também faz teatro para aficionados e aluga trajes do Halloween, assim que o pensou que poderia ter algumas costume que serviriam. Que talha usa?

—A oito. Às vezes, mas bem a dez. Mas em um par de meses serei seis, Vale?

— Então, quando pode fazê-lo?

—Meu ombro tem que curar-se, -pinjente gentil. —Não se veria muito bem enfaixado nas fotografias.

—OH, correto. Assim que você me chamará?

—Sim.

— Não o esquecerá?

—Não. Esperarei-o com ânsias. Em realidade, nesse momento quão único queria, era estar sozinha, longe de qualquer outra pessoa, e uma Coca Cola de Dieta, acompanhada de uma das pastilhas que sujeitava em minha mão. Talvez teria uma pequena sesta antes tomar a ducha que também figurava em minha lista.

—Vi à cozinha do Merlotte antes, -disse Claude-, as comportas claramente abertas agora de par em par.

— Uh-huh. Sweetie?

— Assim é como se faz chamar? Estava acostumado a trabalhar nas Foxy Femmes.

— Era stripper?

—Sim, até o acidente.

— Sweetie teve um acidente? Estava-me cansando rapidamente.

—Sim, então ela se fez as cicatrizes e não quis despir-se mais. Teria requerido muito maquiagem, -disse-. Além disso, para então ela se estava pondo...ah... um pouco velha para despir-se.

—Pobre, -pinjente-. Tentei imaginar ao Sweetie dançando com saltos altos e ligeira de roupa. Inquietante.

—Eu nunca deixaria que ela me ouvisse dizer isso, -aconselhou-.

Estacionamos diante do duplex. Alguém havia devolvido meu automóvel do estacionamento da biblioteca. A porta do outro duplex estava aberta, e Halleigh Robinson saiu com minhas chaves em sua mão. Eu tinha postos as calças negras que usava para trabalhar, mas a camiseta do Merlotte estava arruinada assim que o hospital me tinha dado uma camiseta branca que alguém tinha deixado ali alguma vez. Ficava enorme, mas isto não era pelo que Halleigh se ficou imóvel, apanhando moscas com sua boca. Claude tinha saído do automóvel para me ajudar a entrar na casa, e a visão dele tinha paralisado a jovem professora.

Claude passou seu braço meigamente ao redor de meus ombros, dobrou sua cabeça para olhar com adoração minha cara, e me fez uma piscada.

Esta foi a primeira pista que tubeo de que Claude tinha senso de humor. Agradou-me encontrar que não era mundialmente desagradável.

—Obrigado por trazer minhas chaves, -gritei-, e Halleigh de repente recordou que podia caminhar.

—Um, -disse-. Um, seguro. Ela pôs as chaves em alguma parte nos arredores de minha mão, e as agarrei.

—Halleigh, este é meu amigo Claude, -disse com o que esperei fora um sorriso significativo-.

Claude moveu seu braço para rodear minha cintura e lhe dirigiu um sorriso distraído, apartando apenas os olhos de meus. OH, Deus.

—Olá!, Halleigh, -disse em seu tom de barítono mais rico.

—Tem sorte que alguém haja te trazido para casa do hospital, -disse Halleigh-. É muito amável de sua parte, Claude.

—Eu faria algo pelo Sookie, -disse Claude brandamente-.

—De verdade? Halleigh se estremeceu. Bem, que agradável. Andy conduziu seu automóvel de volta aqui, Sookie, e me pediu que te desse suas chaves. É uma sorte que me tenha alcançado. Somente retornei a casa para almoçar, um, tenho que ir... jogou um último olhar exaustivo ao Claude, antes de entrar em seu próprio e pequeno Mazda para retornar à escola primária.

Abri minha porta torpemente e entrei em minha pequena sala.

—Aqui é onde fico enquanto minha casa é reconstruída, -disse ao Claude-. Senti-me vagamente envergonhada na pequena e estéril habitação. Acabava-me de trocar o dia que me dispararam. Ontem, -pinjente um pouco assombrada-

A admiração fingida do Claude, caiu quando Halleigh partiu, olhou-me com um pouco de menosprezo.

—Tem muito má sorte, -observou-.

—Em alguns aspectos, -pinjente-. Mas pensei em toda a ajuda que tinha conseguido de meus amigos. Recordei o simples prazer de dormir perto do Bill a noite anterior. Minha sorte definitivamente poderia ser pior, -acrescentei-, mais ou menos para meu mesma.

Claude era enormemente indiferente a minha filosofia.

Depois que lhe agradei outra vez e lhe pedi que desse ao Claudine um abraço de mim parte, repeti minha promessa de chamá-lo quando minha ferida se curou o suficiente para uma sessão de fotografias.

Meu ombro começava a doer. Quando fechei a porta detrás dele, traguei uma pílula. Tinha chamado à empresa Telefônica da biblioteca a tarde antes, e para minha surpresa e prazer consegui um sinal de marcar quando tomei meu telefone. Chamei o celular do Jason para lhe dizer estava fora do hospital, mas ele não respondeu então deixei uma mensagem em seu correio de voz. Logo chamei o bar para lhe dizer ao Sam que voltaria a trabalhar ao dia seguinte. Tinha perdido dois dias de pagamento e gorjetas, e não podia me dar o luxo de perder mais.

Estirei-me sobre a cama e tomei uma larga sesta.

Quando despertei, o céu estava obscurecendo de uma maneira que pressagiava chuva. No jardim dianteiro da casa ao outro lado da rua, um pequeno arce se movia de um modo alarmante. Pensei no teto de lâmina que minha avó tinha adorado e no ruído que fazia a chuva quando caía sobre a dura superfície. A chuva aqui na cidade era mais tranquila.

Estava olhando por minha janela de meu dormitório, me perguntando quem seria meu outro vizinho, quando escutei uma chamada à porta. Arlene estava sem fôlego resultado de atravessar correndo a rua para escapar das primeiras gotas de chuva. Tinha uma bolsa de hambúrgueres na mão, e o aroma do alimento fez que meu estômago despertasse com um grunhido.

—Não tive tempo para te cozinhar algo, - disse desculpando-se- quando a deixei entrar. Mas recordei que você gosta de comer hambúrguer dobro com toucinho quando estas deprimida, e pensei que agora se sentiria bastante deprimida

—deste no prego, -pinjente-, embora descobri que estava melhor do que tinha estado aquela manhã. Fui à cozinha a conseguir uns pratos e Arlene me seguiu, revisando cada esquina do pequeno apartamento.

— Hey!, isto é bonito! -disse-. Embora a meu parecesse desprovida de calor, meu alojamento temporário lhe deve ter parecido maravilhosamente ordenado.

— Como passou? -perguntou Arlene. Tentei não ouvir que ela estava pensando que encontrava mais problemas em meu caminho que ninguém que conhecesse.

—Deve ter estado muito assustada.

—Sim. -estava séria, e se refletia em minha voz. Estava muito assustada.

—A cidade inteira esta falando disso. -disse Arlene ingenuamente-. Isso era justo o que queria escutar, que eu era o tema de muitas conversações.

— Hey! Recorda ao Dennis Pettibone?

— O perito em incêndios provocados? -pinjente-. —Seguro.

—Temos uma entrevista amanhã de noite.

—Muito bem, Arlene. O que é o que vão fazer?

—Levaremos aos meninos à pista de patinação no Grainger. Ele tem uma filha, Katy. Tem treze anos.

—Bem, isso sonha divertido.

—Ele está de vigilância esta noite, -disse Arlene com ire de importancia-pisquei.

— O que esta vigiando?

—Necessitavam a todos os oficiais que puderam chamar. Estão vigiando diferentes estacionamentos ao redor da cidade para ver se podem surpreender a este franco-atirador em flagrante.

—Podia ver um enguiço em seu plano. O que se o franco-atirador os vê primeiro?

—Estes homens são profissionais, estão treinados, Sookie. Acredito que eles sabem como dirigir isto. — Arlene me olhou-, e parecia bastante arrogante. De repente, ela era a Srita Aplicação da Lei.

—te esfrie, -pinjente-. Somente estou preocupada.

Além disso, a não ser que os agentes da ordem fossem troca-formas, não estavam em perigo. Certamente, o defeito maior naquela teoria era que me tinham disparado . E eu não era não era nenhum lobo, ou troca-formas. Ainda não entendia como entrava eu nessa equação.

— Onde está o espelho? -perguntou Arlene-, e olhei ao redor.

—Suponho que o único espelho grande esta no quarto de banho, -pinjente-, e senti estranho ter que pensar na posição de um artigo em minha própria casa. Enquanto Arlene se preocupava com seu cabelo, pus o hambúrguer sobre um prato, me esperando poder comer isso antes de que se esfriasse. Fiquei parada como um idiota com a bolsa de papel vazia em minha mão, me perguntando onde poderia estar o lixo. Certamente não havia um bote de lixo até que eu sáisse a comprar um. Nunca tinha vivido em

nenhuma outra parte, além da casa de minha avó durante os últimos dezenove anos. Nunca tinha tido que começar a armar uma casa desde o começo.

—Sam ainda não pode conduzir, assim não pode te visitar, mas te envia saudações, -disse Arlene-. Sente-se capaz de trabalhar amanhã de noite?

—Tenho-o em meus planos.

—Bom. Eu tenho esse turno, a neta desta Charlsie no hospital com pneumonia, assim que se foi, e Holly não sempre se apresenta quando lhe toca. Danielle vai estar fora da cidade. Aquela garota nova, Jada é melhor que Danielle, de todos os modos.

— Crie-o assim?

—Sim. -Soprou Arlene-. Não sei se o notaste, mas ao Danielle ultimamente parece não lhe preocupar nada. A gente pode estar querendo bebidas e lhe chamando, e isto não faz nenhuma diferença. Solo fica ali falando com seu noivo enquanto a gente lhe grita.

Era verdade que Danielle tinha começado a ser menos escrupulosa em seu trabalho desde que tinha começado a sair com um tipo da Arcadia.

— Crie que ela pensa partir? -Perguntei-, e isto abriu outro fossa coloquial no que duramos aproximadamente cinco minutos, embora Arlene houvesse dito que tinha pressa. Ordenou-me comer enquanto tudo estava quente ainda, assim mastiguei e traguei enquanto ela falava. Não dissemos nada surpreendente novo ou original, mas a passávamos bem. Podia notar que por uma vez Arlene desfrutava estar sentada comigo, sem fazer nada.

Um dos muitos inconvenientes da telepatia é o fato, de que pode saber a diferença entre quando alguém realmente esta te escutando, e quando fala com uma cara em vez da uma mente.

Andy Bellefleur chegou quando Arlene entrava em seu automóvel. Alegrei-me de ter escondido os restos da comida em um armário somente para desaparecer os da mesa.

—Estas justo ao lado do Halleigh, -disse Andy- como um modo de iniciar a conversação

—Obrigado por deixar minhas chaves com ela e trazer meu automóvel, -pinjente-. Andy tinha seus momentos.

—Diz que o tipo que te trouxe para casa do hospital era realmente, ah, interessante. Andy estava obviamente de pesca. Ri-me. Tudo o que Halleigh lhe havia dito o havia posto curioso e talvez um pouco ciumento.

—Poderia dizer que se, -acordei-.

Ele esperou para ver se eu adicionava algum comentário. Quando não o fiz, fez-se cargo da conversação.

—A razão pela que estou aqui, é que quero averiguar se recordou algo mais do dia de ontem.

—Andy, se eu não sabia nada antes, muito menos agora.

—Mas te agachou antes de que lhe disparassem.

—OH, Andy, -pinjente exasperada, já que sabia que o estava a par de minha condição- não tem que perguntar por que esquivei o disparo-.

ficou vermelho, devagar e de maneira pouco favorecedora. Andy era um fiasco, era um homem e um policial inteligente, mas era ambíguo nas coisas que não eram completamente convencionais e não fossem do conhecimento comum.

—Estamos aqui sozinhos, -assinalei-. E as paredes são o suficientemente grossas, tanto que não ouço quando Halleigh esta aí.

— Há mas? -perguntou de repente- com seus olhos iluminados de curiosidade. Sookie, há mais?

Soube exatamente o que perguntava. Nunca o soletraria, mas ele queria saber se havia mais neste mundo além de humanos, vampiros e telépatas. Muitos mais, -pinjente- mantendo minha voz tranqüila e plaina. Outro mundo.

Os olhos do Andy encontraram meus. Suas suspeitas tinham sido confirmadas, e estava intrigado. Esteve a ponto de perguntar que tinham em comum as pessoas às que lhes tinham disparado, mas no último instante retrocedeu.

— Não viu ou escutou nada que nos pudesse ajudar? Havia algo diferente a noite que dispararam ao Sam?

—Não, -pinjente-. —Nada. por que?

Não respondeu, mas pude ler sua mente como um livro aberto. A bala da perna do Sam não coincidia com as outras balas recuperadas.

depois de que partiu, tentei separar aquela rápida impressão que tinha conseguido, aquela que me tinha incitado a me agachar. Se o estacionamento não tivesse estado vazio, não poderia havê-la apanhado absolutamente, dado que o cérebro que o tinha feito tinha estado a alguma distância. E o que eu havia sentido tinha sido um enredo de determinação, cólera, e ainda por cima de todo repugnância. A pessoa que tinha disparado tinha estado segura de que eu era asquerosa e desumana. Estupidamente, minha primeira reação foi me sentir machucada, depois de tudo, a ninguém gosta de ser desprezado. Então considerei o estranho feito, de que a bala do Sam não coincidissem com as anteriores. Não podia compreendê-lo absolutamente. Poderia pensar em muitas explicações, mas todas pareciam inverossímil.

A chuva começou a cair fora, golpeando as janelas que estavam no lado norte do departamento com um assobio. Não tinha nenhuma razão para chamar a alguém, mas tinha vontades de fazê-lo. Não era uma noite para estar sozinha. Quando a chuva incrementou, senti-me cada vez mais preocupada. O céu estava de um cinza plúmbeo; logo estaria completamente escuro.

Perguntei-me por que estava tão nervosa. Estava acostumada a estar sozinha, e isto poucas vezes me incomodava. Agora estava mais fisicamente próxima às pessoas aqui na cidade do que eu alguma vez tinha estado em minha casa sobre o Hummingbird Road, mas me sentia mais só que nunca.

Embora se supunha que não deveria conduzir, precisava comprar coisas para o duplex. Faria de ir comprar os artigos faltantes uma necessidade e tivesse ido ao Wal-Mart apesar da chuva - ou devido à chuva - se a enfermeira não tivesse ressaltado infinidade de vezes a necessidade de que tinha que descansar meu ombro. Caminhei impaciente de habitação a habitação até que o ranger do cascalho me indicou com precisão que tinha mais companhia. Isto era vida de cidade, certamente.

Quando abri a porta, Tara estava de pé ali com um impermeável de imitação leopardo com um capuz. Certamente a convidei a entrar, e ela tentou sacudir primeiro seu impermeável fora. Levei-o a cozinha para que gotejasse sobre o linóleo.

Ela me abraçou gentilmente e me disse:

—me conte como estas.

depois de que contei a história, outra vez, -ela disse-, estive preocupada com ti. Não pude sair da loja até agora, mas tinha que vir a verte. Vi o traje que te emprestei em meu armário. Foi a minha casa?

—Sim, -pinjente-. —Anteontem. Mickey não lhe disse isso?

— Ele estava na casa quando chegou? Adverti-lhe isso, -disse-, quase presa de pânico. Não te fez mal, verdade? Ele não teve algo que ver com que lhe disparassem?

—Não, que eu saiba. Mas realmente entrei em sua casa algo tarde, e sei que me disse que não o fizesse. Isto é algo parvo. Ele realmente, ah, tentou me assustar. Eu não lhe diria que veio para ver-me se fosse você. Como te atreveu a vir esta noite?

Uma sombra caiu sobre a cara da Tara. Seus grandes olhos escuros se endureceram, e se afastou de mim.

—Ele está fora em algum sítio, -disse-.

—Tara, poderia me dizer como chegou a estar implicada com ele? O que aconteceu Franklin? -Tentei fazer essas perguntas tão brandamente como pude-, porque sabia que estava entrando em águas perigosas.

Os olhos da Tara se encheram de lágrimas. Estava lutando por me responder, mas estava envergonhada.

—Sookie, começou por fim, quase em um sussurro, pensei que Franklin realmente se preocupava comigo, sabe. Quero dizer, pensava que me respeitava. Como uma pessoa.

Assenti, concentrada em seu rosto. Estava temerosa de interromper o fluxo de sua história agora que finalmente tinha começado a confiar em mim.

—Mas ele... ele somente me passou com alguém mais, quando teve terminado comigo.

—OH, não, Tara! Ele... certamente te explicou por que se estavam separando. brigaram? Não queria acreditar que Tara tinha sido passado de vampiro em vampiro da mesma forma que um aspirante a vampiro em uma festa de chupadores de sangue.

—O disse: Tara, é uma linda garota e foste uma boa companhia para mim, mas tenho uma dívida com o amo do Mickey, e Mickey te quer agora.

Sabia que minha boca estava aberta, e não me preocupei. Logo que poderia acreditar o que Tara me estava contando. Podia escutar a humilhação que a rodeava alagando sua alma em quebras de onda de auto-aversão.

—E seu não pôde fazer nada sobre isso? -Perguntei-. Tratei de manter a oculta a incredulidade que me causava sua situação.

—me acredite, tentei-o, -disse Tara amargamente. -Não me culpava por perguntar-lhe o qual era um alívio-.

—Disse-lhe que não o faria. Disse-lhe que eu não era uma puta, que tinha estado saindo com o porque eu gostava. Seus ombros se derrubaram. Mas seu sabe, Sookie, que essa não era completamente a verdade e ele sabia. Aceitei todos os presentes que ele me deu. Eram custosos. Mas me foram jogo de dados livremente e ele nunca me disse que havia condições! Nunca lhe pedi nada!

—Assim que ele disse que porque tinha aceito seus obséquios, estava obrigada a fazer o que o quisesse?

—Ele disse -Tara começou a chorar-, e seus soluços fizeram que seu corpo desse pequenas sacudidas. Ele disse que eu atuava como uma amante, e ele tinha pago por tudo o que eu tinha, e dado que assim tinha sido, tinha que ser de mais emprego para ele. Pinjente que não o faria, que lhe retornaria tudo, e ele disse que não o queria. Disse-me que este vampiro, chamado Mickey me tinha visto com ele, e que Franklin devia um favor muito grande ao Mickey.

—Mas isto é a América, -protestei-. Como podem fazer isto?

—Os vampiros são horríveis, -disse Tara com desalento. Não sei como você pode estar associada com eles. Pensei que era fantástico, ter um noivo vampiro. Bom, ele era mas bem um velho ricachón, suponho. -Tara suspirou ante a admissão-. Solo que era tão agradável, já sabe ser bem tratada, não estou acostumada a isso. Realmente pensei que gostava de eu também. Pensei que era um homem esplêndido.

—Ele tomou sangue de ti? -Perguntei-.

—Não o fazem sempre? -perguntou, surpreendida. Durante o sexo?

—Por isso conheço, -pinjente-. Sim. Mas deve saber que depois de que o tomada seu sangue, pode saber o que sente pelo.

— Ele podia sabê-lo?

—depois de que eles tiveram seu sangue, estão sintonizados com seus sentimentos. Estava bastante segura que Tara não pensava do Franklin Mott o que estava dizendo, tinha estado muito mais interessada em seus pródigos presentes e o trato que o lhe dispensava-. Certamente, ele sabia isto. Ao não importava o que Tara pensasse, enquanto ao conviesse, mas certamente isto tinha inclinado a balança em seu contrário quando foi hora de negociá-la. Assim, que, que ocorreu?

—Bem, não foi tão abrupto como o tenho feito sonar, -disse-. Olhou fixamente suas mãos. Primeiro Franklin me disse que não podia ir a algum sítio comigo, assim, estaria bem se este outro tipo me levasse? Pensei que ele pensava em mim, em que decepcionado estaria se não conseguisse ir -era um concerto- assim realmente não pensei nisso. Mickey se comportou muito educado, e não me passei isso mau. Deixou-me na porta da casa, como um cavalheiro.

Tentei não levantar minhas sobrancelhas com incredulidade. Mickey, o serpente?, aquele por quem cada poro de seu corpo respirava maldade, tinha persuadido Tara de que era um cavalheiro?

— Bem, então, que passo depois?

—Depois Franklin se teve que ir da cidade, assim Mickey me visitou para ver se eu tinha tudo o que necessitava, e me trouxe um presente, que pensei que era do Franklin.

Tara estava mentindo, e se mentia a se mesma. Certamente sabia que o presente -um bracelete-, era do Mickey. Ela se tinha persuadido de que isto era um amável tributo de um vassalo à dama de seu senhor, mas sabia que o presente não era do Franklin.

—Assim que tomei, e saímos, e logo quando voltamos aquela noite, ele começou a fazer avanços. E me neguei. -Ela tinha uma aparência tranqüila e acalmada quando disse isso-.

Ela poderia ter rechaçado seus avanços aquela noite, mas não o tinha feito imediatamente e em forma contundente.

Inclusive Tara esquece que eu podia ler sua mente.

—Esse dia se foi, -disse-. Suspirou. A próxima vez, não o fez.

Lhe tinha dado múltiplos avisos de suas intenções.

Olhei-a. Ela se estremeceu. O se. -lamentou-se-. Equivoquei-me!

— Assim que o vive em sua casa?

—O tem um lugar escuro onde fica durante o dia, -disse-, sentindo-se miserável. Aparece de noite, e estamos juntos toda a noite. Leva-me a reuniões, tira-me alguns lugares e ele...

—Bem, bem. -Acariciei sua mão-. Isto não parecia suficiente e a abracei. Tara era mais alta que eu, assim que este não foi um abraço muito maternal, mas somente queria que meu amiga soubesse que estava de seu lado.

—O é muito rude, -disse Tara quedamente. vai matar me algum dia.

—Não se o matamos primeiro.

—OH, mas não podemos.

— Crie que ele é muito forte?

—Acredito que não posso matar a ninguém, nem sequer ao.

—OH. -Tinha pensado que Tara tinha mas guelra, depois dos pais que lhe haviam meio doido. Então temos que pensar em um modo de saber mas do.

— Que há com seu amigo?

— Qual?

—Eric. Todos dizem que gosta ao Eric.

Todos?

—Os vampiros de por aqui. Bill aconteceu com Eric?

Ele me havia dito que deveria ir com o Eric, se alguma vez lhe acontecia algo, mas eu não tinha tomado isto como que Eric deveria assumir o mesmo papel que Bill tinha em minha vida. Quando tinha passado algo resultou que eu tinha passado ao Eric, mas em circunstâncias completamente diferentes.

—Não, ele não fez, -disse com absoluta claridade-. Me deixe pensar. -Meditei sobre isso-, sentindo uma pressão terrível nos olhos da Tara. Quem é o chefe do Mickey? -Perguntei-. Ou seu senhor?

—Acredito que é uma mulher, -disse Tara. Ao menos, Mickey me levou a um lugar no Baton Rouge duas ou três vezes, a um cassino, onde se reuniu com uma mulher vampiro. Seu nome é me Salgue.

— Como na Bíblia?

—Sim. Imagina chamar a sua filha assim.

— Assim, que esta me Salgue é um xerife?

— O que?

— Ela é um chefe regional?

—Não sei. Mickey e Franklin nunca falaram dessas coisas.

Tentei não parecer tão exasperada como me sentia.

— Qual é o nome do cassino?

—Sete Véus.

Hmmm.

— Bem, ele a tratou com deferência? -Esta era uma boa palavra, que estava em meu calendário-, o qual eu não tinha visto do incêndio.

—Bem, ele se inclinou um pouco ante ela.

— Somente sua cabeça, ou da cintura?

—Da cintura, mas bem que a cabeça. Acredito que ele se inclinou.

—Bem. Como a chamou?

—Senhora.

—Bem. Vacilei, e logo perguntei outra vez, Está segura de que não podemos matá-lo?

—Talvez você pode, -disse com ar taciturno-. Estive de pé sobre ele com um punção de gelo durante quinze minutos uma noite quando ele foi se dormir depois que tivemos....já sabe.... relações sexuais. Mas estava muito assustada. Se descobrir que estive aqui para verte, ficará furioso. Não lhe agrada no absoluto. Pensa que é uma má influência.

—Está correcto, — disse com uma confiança que estava longe de sentir-Deixe-me ver em que posso pensar.

Tara partiu depois de outro abraço. Inclusive se foi com um pequeno sorriso em sua cara, mas não soube que justificado seria seu otimismo.

Havia só uma coisa que eu podia fazer.

A noite seguinte teria que trabalhar. Agora era plena noite, e o já estaria levantado.

Tinha que chamar o Eric.

CAPITULO 13

—Fantagsia, -disse uma aborrecida voz feminina. Onde seus sonhos sangrentos se fazem realidade.— Pam, é Sookie.

—Ah, olá!, -disse ela mais alegre-. Escutei que estas em mas problemas. Conseguiu que queimassem sua casa. Não viverá muito tempo se seguir assim.

—Não, talvez não, -acordei-. Escuta, está Eric ali?

—Sim, ele está em seu escritório.

— Pode me comunicar com o?

—Não o se, -disse desdenhosa-.

— Poderia por favor lhe passar o telefone senhora?

—Certamente. Sempre passa algo por aqui depois de que você chama. É totalmente a interrupção da rotina. Pam levava o telefone pela barra; eu podia dizê-lo pela diminuição da música. Havia a mesma música de fundo. KDED outra vez: “A Noite Tem mil Olhos” esta vez.

— O que acontece Bon Temps, Sookie? —Perguntou Pam, fazendo uma pausa para lhe dizer a um cliente do bar, Te faça a um lado filho de puta! Gostam que lhes fale dessa maneira, -disse-me fazendo conversação- Agora, me conte o que passou?

—Dispararam-me.

—OH, que lástima, -disse-. Eric, sabe o que me esta dizendo Sookie? Alguém lhe disparou.

—Não te emocione, Pam, -pinjente-. Alguém poderia pensar que estas preocupada.

Ela riu.

—Hei aqui o homem, - disse-.

Soando tão normal como Pam, Eric disse:

—Não pode ser tão crítico ou não me estivesse falando.

Era verdade, embora tivesse desfrutado de uma reação mais horrorizada. Mas não era tempo para pensar em coisas sem importância. Suspirei. Sabia, como tinha sabido quando me foram disparar, que vinha, mas tinha que ajudar a Tara.

—Eric, -disse com um pressentimento do julgamento final-, necessito um favor.

— Realmente? -disse. Então, depois de uma notável pausa, De verdade?

Ele começou a rir.

—Apanhei-te -disse-.

Ele chegou ao duplex uma hora mais tarde e fez uma pausa sobre o marco da porta depois de que eu a tive aberto.

—Casa nova, -recordou-me-.

— É bem-vindo a entrar, -disse com pouca sinceridade-, e ele entrou, sua cara branca virtualmente brilhante, com triunfo? Excitação? O cabelo do Eric estava molhado pela chuva e se frisava sobre seus ombros parecendo quase despenteado. Levava uma camisa de seda café dourado e calças vincados cafés com um magnífico cinturão positivamente primitivo, muito couro, e borlas pendentes. Pode tirar o vikingo de sua era, mas não pode tirar o vikingo do homem.

— Posso te oferecer algo de beber? —Pinjente-. Sinto muito, não tenho TrueBlood, e como se supõe que não devo conduzir, não pude ir comprar nenhuma. —Sabia que era uma grande falta de hospitalidade, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Não era como se lhe tivesse que pedir a alguém que me trouxesse sangue para o Eric.

—Não importa, -disse brandamente-, observando a seu redor a pequena habitação.

—Por favor sente-se.

Eric se sentou sobre o sofá, cruzando suas extremidades, seu tornozelo direito sobre o joelho de sua perna esquerda. Suas mãos estavam inquietas.

— Qual é o favor que necessita, Sookie? —Estava abertamente regozijado.

Suspirei. Pelo menos estive bastante segura de que ele ajudaria, já que virtualmente podia provar a influência que ele teria sobre mim.

Sentei-me no fio do grumoso poltrona. Expliquei-lhe sobre a Tara, sobre o Franklin, sobre o Mickey. Eric imediatamente ficou sério.

—Ela poderia partir durante o dia e não o tem feito, -indicou- .

— por que deveria ela de deixar seu negócio e sua casa? Ele é o que deveria partir, -arguntei-. (Embora tenha que confessar, que eu me tinha perguntado por que Tara não tirava férias. Certamente Mickey não ficaria muito tempo se sua vida dada de presente desaparecesse verdade?) Tara estaria vendo sobre seu ombro pelo resto de sua vida se ela tentasse escapar do, -pinjente firmemente-.

—aprendi mais sobre o Franklin desde que o encontrei no Mississippi, -disse Eric-. Perguntei-me se Eric tinha aprendido isto da base de dados do Bill.

—Franklin tem um modo de pensar antiquado.

Isto era muito, vindo de um guerreiro Vikingo, cujos dias mais felizes tinham sido saqueando, violando e causando destruição a seu passo.

—Os vampiros estavam acostumados a acontecer-se a humanos voluntários entre eles,-explicou Eric-. Quando nossa existência era secreta, era conveniente ter a um amante humano, manter viva a essa pessoa ... quer dizer não tomar muita sangue ... e logo, quando não havia ninguém que a quisesse ou, -adicionou Eric a toda pressa-, assim meu lado feminista não seria ofendido-, essa pessoa, ah, poderia ser completamente usada.

Estava enojada e o mostrei.

—Refere-te a ser drenado -pinjente-.

—Sookie, tem que entender que por centenas, milhares de anos nos consideramos melhor que os seres humanos, separados da gente. -Pensou durante um segundo-. Muito parecido à relação que os seres humanos têm com, digamos, as vacas. Comestíveis, lindas mas comestíveis, também.

Fiquei muda. Tinha detectado isto, certamente, mas que me explicassem isso detalladamente era... nauseabundo. Comida que caminhava e falava isso era o que fomos. McGente.

— Irei com o Bill. Conhece a Tara, e lhe aluga seu local, assim arrumado que se sentirá obrigado a ajudá-la, -pinjente furiosa-.

—Sim. sentiria-se obrigado a tratar de matar ao subordinado de me Salgue. Bill não está jerárquicamente falando mais alto que Mickey, assim que ele não pode lhe ordenar que parta. Quem cria que sobreviveria à briga?

A idéia me paralisou durante um minuto. Estremeci-me. O que, se Mickey ganhava?

—Não, temo que eu seja seu melhor esperança aqui, Sookie. Eric me dirigiu um sorriso brilhante. — Falarei comigo Salgue e lhe pedirei que chamei a seu cão. Franklin não é seu filho, mas Mickey se o for. Já que ele esteve caçando furtivamente em minha área, será obrigado a voltar.

Ele levantou uma loira sobancelha.

—E devido a me estas pedindo que faça isto por ti, certamente, sua estará em dívida comigo.

— Meu Deus!, pergunto-me o que quererá em troca? -Perguntei, talvez um pouco seca e sarcástica-.

Ele sorriu abertamente, me brindando um brilho de suas presas.

—me diga que passou enquanto estive contigo. me diga completamente tudo, não quero que deixe nada fora. depois disso, farei o que você quer. Pôs ambos os pés no piso e e inclinando-se adiante, concentrou-se em mi.

—Bem. -Falando sobre estar apanhado entre uma rocha e um lugar difícil-. Olhei para minhas mãos apertadas sobre meu regaço.

— Nós tivemos sexo? -perguntou diretamente-.

Durante aproximadamente dois minutos, isto em realidade poderia ser divertido.

—Eric, -pinjente- tivemos sexo em cada posição que possa imaginar, e algumas que eu não poderia. Tivemos sexo em cada habitação de minha casa, e também ao ar livre. Disse-me que isto tinha sido o melhor sexo que alguma vez tinha tido. (Naquele tempo ele não podia recordar todo o sexo que ele

alguma vez tinha tido. Mas me havia isso dito como elogio.) Que lástima que não possa recordá-lo, concluí com um sorriso modesto.

Eric parecia ter sido golpeado na frente com um maço. Durante uns trinta segundos sua reação foi completamente lhe gratifiquem. Depois comecei a estar incômoda.

— Há algo mais que eu deveria saber? -disse com a voz a um nível que simplesmente era arrepiante.

—Um, sim.

—Então possivelmente me ilustrará.

—Ofereceu deixar sua posição como xerife e dever viver comigo. E conseguir um trabalho.

Bem, talvez isto não ia tão bem. Eric não podia ficar mas branco ou quieto.

—OH, -disse-. Algo mais?

—Sim. Inclinei a cabeça porque estava chegando à parte aonde se acabava minha diversão. Quando voltamos para casa essa última noite, a noite em que tivemos a batalha com as bruxas no Shreveport, entramos pela porta traseira, como sempre o faço. E Debbie Pelt -Recorda-a?- A noiva...ou o que fora do Alcide-. Estava sentada na mesa da cozinha. E tinha uma arma e ia disparar me. Arrisquei uma olhada e descobri que as sobrancelhas do Eric estavam franzidas em um gesto sinistro. Mas você te pôs diante de mim. (Inclinei-me rapidamente e lhe acariciei o joelho. Então retirei a meu próprio lugar). E você recebeu a bala, o qual foi realmente doce de sua parte. Mas ela ia disparar outra vez, e tirei a escopeta de meu irmão, e a matei. Eu não tinha chorado absolutamente aquela noite, mas senti uma lágrima baixar correndo por minha bochecha agora.

—Matei-a, -pinjente-, e ofeguei para recuperar o fôlego.

A boca do Eric se abriu como se fora a fazer uma pergunta, mas eu lhe indiquei com a mão que esperasse. Tinha que terminar.

—Recolhemos o corpo e o embolsamos, e você lhe levou isso e a enterrou em algum sítio enquanto eu limpava a cozinha. E encontrou seu carro e o ocultou. Não se onde o fez. Tomou horas conseguir remover o sangue da cozinha. Estava sobre tudo. Tomei desesperadamente restos de meu autodomínio. Esfreguei-me os olhos com o dorso de minhas mãos. Meu ombro doía, e me movi na cadeira, tentando aliviá-lo.

—E agora alguém mas te disparou e eu não estava ali para tomar a bala, -disse Eric-. Deve estar acontecendo-a mau. Crie que a família Pelt tenta conseguir vingança?

—Não, -pinjente-. Estava feliz de que Eric tomasse tudo isto com tanta calma. Não sei o que eu tinha esperado, mas não era isto. Ele parecia manso ou algo assim. Contrataram a uns detetives privados, e pelo que se, os detetives privados não encontraram nenhuma razão de suspeitar por mim, mas que de qualquer. A única razão pela que eu era suspeita de qualquer maneira, era porque quando Alcide e eu encontramos aquele corpo no Shreveport na Verena Rose's, dissemos à polícia que estávamos comprometidos. Tínhamos que explicar por que fomos juntos a uma loja de noivas. devido a que o tinha uma relação tão errática com o Debbie, pôs um foco vermelho nas suspeitas da polícia, mas quando dissemos que nos íamos casar, tiraram-nos da lista dos suspeitos quando o comprovaram. Ele tem um perfeito álibi para o momento em que ela morreu. Mas se eles alguma vez seriamente suspeitam por mim, estarei em problemas. Não posso te dar como um álibi, devido que é obvio se supõe que não estava aqui, até onde alguém sabe, e você não pode me dar um álibi por que não recorda o que passou essa noite; e certamente sou plenamente culpado. Matei-a. Tive que fazê-lo. Estou segura que foi o que Caín disse quando matou ao Abel.

—Falas muito, -disse Eric-.

Apertei os lábios. Um minuto, queria que eu lhe dissesse tudo; ao próximo queria que eu deixasse de falar.

Durante talvez cinco minutos, Eric solo me olhou. Não estava segura de que ele realmente me via. Estava perdido em pensamentos muito profundos.

— Disse-te que deixaria tudo por ti? -disse ao final de todas suas reflexões.

Soprei. Confia em que Eric escolha isso como a idéia mais importante.

— E que respondeu você?

Bem, isso me surpreendeu. —Não podia ficar comigo, não sem recuperar a memória, não tivesse sido correto.

Entrecerró os olhos. Estava cansada de que me olhasse através de frestas de cor azul.

—Então, -pinjente-, curiosamente desinflada. Talvez tinha esperado uma cena mais emocional que esta. Talvez tinha esperado que Eric me sustentara e me beijasse locamente e me dissesse que ele ainda sentia o mesmo. Talvez estava muito afeiçoada com meus sonhos. Cumpri o favor. Agora é tempo de que faça o mesmo.

Sem tirar os olhos de meu rosto, Eric tirou um telefone celular de seu bolso e marcou um número da memória

—Rose-Anne -disse-. Está bem? Sim, por favor, se ela esta disponível. Lhe diga que tenho uma informação que lhe interessará. Não podia ouvir a resposta ao outro lado da linha, mas Eric assentiu, como se a pessoa com a que falava tivesse estado presente. É obvio, esperarei, em um minuto, disse:

—E olá! A ti, também, princesa formosa. Sim, mantém-me ocupado. Como está o negócio no cassino? Bem, bem. Nascem cada minuto. Chamei para te dizer algo sobre alguém a seu serviço, a gente chamado Mickey. Tem algum negócio com o Franklin Mott?

Então as sobrancelhas do Eric se elevaram, e sorriu ligeiramente.

— É certo isso? Não te culpo. esta Mott tratando de manter os velhos costumes, e isto é a América. Ele escutou outra vez. Sim, estou-te dando esta informação grátis, se decidir não me conceder um pequeno favor em troca, certamente isto não terá nenhuma consequência. Sabe a estima em que te tenho. Eric riu de um modo encantador no telefone.

— Realmente pensei que deveria saber que Mott passou a uma mulher humana ao Mickey. Mickey a esta retendo contra sua vontade ameaçando sua vida e sua propriedade. Ela não está absolutamente disposta.

depois de outro silêncio, durante o qual o sorriso do Eric se alargou, -disse-:

— Um pequeno favor, afasta ao Mickey. Sim, isso é tudo. Somente te assegure de que saiba que ele nunca deverá tratar de aproximar-se desta mulher outra vez, Tara Thornton. Ele não deve ter nada que ver com ela ou seus pertences e seus amigos. A conexão deverá ser completamente atalho. Ou terei que pensar em cortar alguma parte do Mickey. Ele tem feito isto em minha área, sem a cortesia de vir a me visitar. Realmente esperava melhores maneiras de qualquer teu filho. Hei talher todas as bases?

Aquele americanismo parecia estranho, vindo de um homem escandinavo como Eric. Perguntei-me se alguma vez tinha jogado beisebol.

—Não, não tem nada que agradecer, Me salgue. Alegria-me ter podido ser útil. E de passagem, poderia me deixar saber quando estiverem arrumadas as coisas? Obrigado.

—Bem, retornemos a nossos assuntos. -Eric fechou o telefone e começou a sacudi-lo no ar e a agarrá-lo, uma e outra vez-.

—Você sabia que Mickey e Franklin estavam fazendo algo ilegal, -pinjente-, impressionada, mas de uma maneira estranha não me causou surpresa. Sabia que a sua chefe alegraria averiguar que estavam rompendo as regras, já que seu vampiro estava violando seu território. Assim que isso não te afetará no absoluto.

—Somente me dava conta disso quando me disse o que queria, -índico Eric-, a essência mesma da razão. Sorriu-me abertamente.

— Como poderia saber que o desejo de seu coração seria para mim a oportunidade de ajudar a alguém mais?

— O que pensava seu que queria?

—Pensei que talvez queria que pagasse para reconstruir sua casa, ou que me pediria ajuda para saber quem esta lhes disparando aos troca-formas. Alguém que poderia haver confundido a ti com um deles, -disse Eric- Como se eu deveria ter sabido isto.

— Com quem estive antes de que lhe disparassem?

—Tinha ido visitar o Calvin Norris, -pinjente-, e Eric pareceu aborrecido.

—Assim tinha seu aroma sobre ti.

—Bem, dava-lhe um abraço de despedida, sim.

Eric me olhou com cepticismo. — Alcide Herveaux tinha estado ali?

—Passou pela casa, -pinjente-.

— Ele te abraçou, também?

—Não recordo, -pinjente-. —Não é importante.

—É-o para alguém que esta procurando a troca-formas e lobos para lhes disparar. E seu estas abraçando a muitas pessoas.

—Talvez foi o aroma do Claude, -disse pensativamente-. Meu Deus!, não pensei nisso. Não, espera, Claude me abraçou depois de que me disparassem. Assim suponho que o aroma de fadas não importou.

—Uma fada, -disse Eric-, as pupilas de seus olhos em realidade se dilataram.

—Vêem aqui, Sookie.

Ah OH. Eu poderia ter estado exagerando, mas minha reação foi de absoluta irritação.

—Não, -pinjente-. Disse-te o que queria, fez o que te pedi, e agora pode voltar para o Shreveport e me deixar conseguir um pouco de sonho. Recorda? Indiquei meu ombro enfaixado.

—Então logo virei, -disse Eric-, e se ajoelhou diante de mim. Pressionou minhas pernas e se inclinou até que sua cabeça esteve contra meu pescoço. Ele inalou, e exalou. Tive que afogar um nervoso sorriso ante a semelhança ao processo de fumar drogas. Empresta, -disse Eric-, e me pus rígida. Cheira a troca-formas, lobo e fada. Um coquetel de raças diferentes.

Fiquei completamente imóvel. Seus lábios estavam aproximadamente a dois milímetros de meu ouvido.

— Deveria te morder, e terminar tudo isto? -sussurrou-. —Nunca teria que pensar em ti outra vez. Pensar em ti é um hábito molesto, de que quero estar livre. Ou deveria começar a te excitar, e descobrir se o sexo contigo realmente foi o melhor que alguma vez tive?

Não pensei que tivesse que votar sobre isso. Esclareci minha garganta. —Eric, pinjente-, com voz um pouco rouca, —Temos que falar sobre algo.

—Não. Não. Não, -disse-. Com cada "Não" seus lábios roçavam minha pele.

Eu estava olhando por sobre seu ombro à janela. —Eric, sussurrei, alguém nos esta olhando.

— Onde? Sua postura não trocou, mas Eric tinha trocado a um humor que era definitivamente perigoso para mim ou para alguém mais.

Dado que os olhos na janela eram uma perspectiva parecida de noite em que minha casa se queimou, e aquela noite o merodeador tinha demonstrado ser Bill, esperei que o observador pudesse ser Bill outra vez. Talvez estava ciumento, ou simplesmente curioso, ou somente comprovando como estava. Se o intruso fora humano, poderia ter lido seu cérebro e averiguar quem era, ou ao menos o que queria; mas este era um vampiro, dado o buraco em branco onde devesse eu de perceber o cérebro.

—É um vampiro, -disse ao Eric sussurrando o mais baixo que pude, e ele pôs seus braços ao redor meu e me devoro contra ele.

—É um problema, -disse Eric- e seu tom não pareceu exasperado. Parecia excitado. Eric adorava os momentos de ação.

Para então, estive segura que o merodeador não era Bill, quem para esse momento já se teria dado a conhecer. E Charles estava presumivelmente ocupado no Merlotte, mesclando daiquiris. Isso deixava a um vampiro desconhecido na área.

—É Mickey, -ofeguei-, com meus dedos apertando a camisa do Eric.

—me salgue se moveu mais rapidamente do que pensei, -disse Eric com voz pausada-. Está muito zangado para obedecê-la, suponho. Alguma vez esteve em aqui, correto?

—Correto. Graças a Deus.

—Então ele não pode entrar.

—Mas ele pode romper a janela, -pinjente quando o vidro se fez pedacinhos a sua esquerda-. Mickey tinha arrojado uma rocha tão grande como meu punho, e para minha consternação a rocha golpeou ao Eric diretamente na cabeça. Caiu da mesma maneira que.... bem....que uma rocha. ficou tendido sem mover-se. Sangue escuro brotou do corte em sua têmpora Me lancei sobre meus pés, totalmente pasmada ao ver o aparentemente poderoso Eric desacordado.

—me convide a entrar, -disse- Mickey, justo fora da janela. Sua cara, branca e furiosa, brilhava na chuva. Seu cabelo negro estava esmagado sobre seu crânio. .

—Certamente que não, -pinjente, me ajoelhando ao lado do Eric-, quem piscou para meu alívio. Não, que ele pudesse estar morto, certamente, mas de todos os modos, quando vê alguém receber um golpe assim, seja vampiro ou não, é simplesmente aterrador. Eric tinha cansado frente à poltrona, que estava de costas à janela, assim Mickey não podia vê-lo.

Mas agora eu podia ver o que Mickey estava sujeitando com uma mão: Tara. Ela estava quase tão pálida como ele, e tinha sido golpeada até que seu rosto parecia uma massa sanguinolenta. O sangue estava saindo pelas comissuras de sua boca. O fraco vampiro apertava seu braço sem piedade.

—Matarei-a se não me deixa entrar, -disse-, e para demonstrar seu ponto, pôs ambas as mãos ao redor de seu pescoço e começou a apertar. O golpe de um relâmpago iluminou em cima da cara se desesperada para a Tara enquanto lutava fracamente entre seus braços. Sorriu com as presas completamente expostas.

Se o deixava entrar, mataria a todos. Se o deixava fora teria que olhá-lo matar Tara. Senti as mãos do Eric tomar meu braço.

—Faz-o, -pinjente-, sem apartar o olhar do Mickey. Eric me mordeu e doeu como o inferno. Não me preparou absolutamente. Estava desesperado por curar-se depressa.

Só tinha que suportar a dor. Tentei com força manter minha cara tranqüila, mas então compreendi que tinha uma grande razão para parecer transtornada.

— Deixa-a ir! -gritei ao Mickey, tratando de ganhar alguns segundos. Perguntei-me se alguns dos vizinhos estariam levantados e podiam escutar o alvoroço, e rezei por que não saíssem a averiguar que é o que estava passando. Inclusive tive medo pela polícia, se vinham. Não tínhamos nenhum vampiro polícia para dirigir a transgressores da lei vampiros, como em outras cidades.

—Deixarei-a ir quando me deixar entrar, -gritou Mickey-. Parecia um demônio aí na chuva. Como se encontra seu domesticado vampiro?

—Ainda esta inconsciente, -menti-. Machucou-o muito. Não tomou nenhum esforço absolutamente fazer como se estivesse ao bordo das lágrimas.

—Posso ver seu crânio, -chorei-, olhando para baixo ao Eric para ver que ainda se alimentava, com tanta gula como um bebê faminto. Sua cabeça se repunha quando o olhei. Eu tinha visto vampiros curar-se antes, mas ainda era assombroso.

—Inclusive não pode abrir seus olhos, -acrescentei de modo aflito-, e neste mesmo momento os ardentes olhos azuis do Eric se abriram. Não sabia se estava em condições de brigar ainda, mas não podia ver se Tara se estava asfixiando. Não ainda, -disse Eric urgentemente-, mas eu já lhe havia dito Mickey que entrasse.

—Oops, -pinjente-, e logo Mickey se deslizou pela janela em um movimento curiosamente imaterial. Eliminou o vidro quebrado da janela sem cuidado, não vi que lhe doesse o corte. Arrastou a Tara detrás dele, embora ao menos tinha trocado seu sustento do pescoço a seu braço. Logo a deixou cair no chão, e a chuva que entrava na janela a cobriu por completo, embora não poderia estar mas molhada do que já estava. Não estive segura que estivesse consciente. Seus olhos estavam fechados sobre sua cara ensangüentada, e suas contusões se estavam pondo escuras. Pu-me de pé, me cambaleando com a perda de sangue, mas mantendo minha boneca oculta descansando-a na parte traseira da poltrona. Eu tinha sentido ao Eric lambê-la, mas tomaria uns minutos para curar-se.

— O que quer? -Perguntei ao Mickey-. Como se eu não soubesse.

—Sua cabeça, cadela, -disse-, suas facções enxutas retorcidas com o ódio, suas presas completamente expostas, viam-se brancos, afiados e agudos sob a luz brilhante do abajur do teto.

— Ponha de joelhos ante seus superiores! antes de que pudesse reagir, melhor dizendo antes que sequer pudesse piscar, o vampiro me golpeou com o dorso da mão e tropecei através da pequena habitação, conseguindo cair no meio do sofá antes de me deslizar ao piso. O ar escapou de meu peito ante o golpe, e simplesmente não me pude mover, inclusive por um agonizante minuto não pude respirar sequer. Enquanto isso, Mickey estava em cima de mim, suas intenções completamente claras quando começou a desabotoar suas calças. — Isto é para quão único serve! -disse, com sua odiosa voz cheia de desprezo. Ele tentou entrar em minha cabeça, também, me obrigando a que sentisse medo contra o.

E meus pulmões se inflaram. O alívio de respirar era delicioso, inclusive dadas as circunstâncias. Com o ar veio a raiva, como se eu o tivesse inalado com o oxigênio. Este era o cartão de triunfo que os machos fanfarrões jogavam sempre. Adoecia-me, que tratasse de me assustar com seu pênis como se fora o coco.

— Não! -Gritei em cima do-. Não! E finalmente pode pensar outra vez; finalmente o medo se afastou de mim. Seu convite é rescindido! -Gritei-, e foi seu turno de entrar em pânico. levantou-se em frente de mim, vendo-se ridículo com suas calças abertas, e de retorno à janela, pisoteando a pobre Tara quando saía. Tratou de dobrar-se para sustentá-la e assim sair junto com ela, mas eu engatinhei através da pequena habitação para agarrar seus tornozelos, e os braços da Tara estavam muito escorregadios com a chuva para poder sustentá-los e a magia que o tinha apanhado era muito forte. Um segundo depois estive de pé fora gritando de raiva. Então ele olhou para o este, como se ouvisse que alguém o estava chamando, e desapareceu na escuridão.

Eric se sentou quase tão assustado como Mickey.

—Esse foi o pensamento mais claro que a maioria dos humanos podem dirigir -disse brandamente ante o repentino silêncio-. Como estas Sookie? Estendeu uma mão e devorou a seu lado. Eu mesmo me sinto muito melhor. tive seu sangue sem ter que te persuadir para que me desse isso, e não tive que lutar contra Mickey. Seu mesma fez todo o trabalho.

—Foi golpeado na cabeça com uma rocha, -assinalei-, contente de que me sustentara embora fora solo por um minuto, embora sabia que tinha que chamar uma ambulância para a Tara. Eu mesma me sentia um pouco fraco.

—Um pequeno preço que pagar, - disse Eric-. Tirou seu telefone celular, abriu-o, e pressionou o botão de redial. me salgue, -disse Eric- alegre-me que seu me tenha respondido a chamada. Esta tratando de fugir....

Escute o arrepiante sorriso ao outro lado da linha. escutava-se glacial. Nem por um segundo senti lástima pelo Mickey, mas me alegrei não ter que presenciar seu castigo.

— me salgue o apanhará? -Perguntei-.

Eric assentiu feliz, enquanto devolvia o telefone a seu bolso. —E pode fazer as coisas para o, muito mais dolorosas que algo que possa imaginar, -disse-. —Embora possa imaginar muitas coisas agora mesmo.

— Ela é, ahh, é criativa?

—Ele é dele. Ela é sua senhora. Pode fazer o que deseja com o. Não pode desobedecê-la e sair impune. Tem que ir para ela quando ela o chama, e o esta chamando.

—Não pelo telefone, suponho, -aventurei-.

Seus olhos cintilaram me olhando.

—Não, ela não necessita um telefone. Esta tratando de escapar, mas irá com ela eventualmente. Enquanto mas tempo agüente, mais grave será sua tortura. É obvio, -acrescentou, em caso de eu perdesse o ponto-, assim é como deve ser.

— Pam é tua, verdade? -Perguntei-, caindo sobre os joelhos e pondo meus dedos no frio pescoço da Tara. Não queria olhá-la.

—Sim, -disse Eric-. Ela é livre de partir quando queira, mas tem que voltar quando lhe avisar que necessito sua ajuda.

Não saberia dizer como sentia sobre isso, mas isto realmente não para muita diferença. Tara ofegou e gemeu. —Acordada, garota, -pinjente-. — Tara! vou chamar uma ambulância para ti.

—Não, -disse bruscamente-. Não. Essa palavra tinha circulado muito esta noite.

—Mas estas ferida gravemente-

—Não posso ir ao hospital. Todos saberiam.

—Todos saberiam que alguém te golpeou quando não puder ir trabalhar durante um par de semanas, idiota.

—Pode tomar um pouco de meu sangue, -ofereceu Eric-. Estava olhando a Tara sem nenhuma emoção.

—Não, -disse-. —Preferiria morrer.

—Poderia morrer, -pinjente, revisando-a-. OH, mas você tiveste o sangue do Franklin ou Mickey. Eu assumia que havia algum tipo de concessões em suas relações sexuais.

—Certamente que não, -disse impressionada-. O horror em sua voz me desconcertou. Eu tinha tomado sangue de vampiro quando a tinha necessitado. A primeira vez, teria morrido sem ela.

—Então tem que ir ao hospital. Realmente era urgente que o fizesse já que poderia ter internas feridas.

—Assusta-me que não possa te mover, -protestei-, quando ela tentou sentar-se. O Sr Súper fueza não ajudou, coisa que me irritou, já que ele poderia havê-la levantado facilmente.

Mas por fim Tara as arrumou para sentar-se com as costas contra a parede, pela janela entravam rajadas de ar frio que para que as cortinas se movessem de um lado a outro. A chuva tinha diminuído até que só uma gota ou dois nos seguia salpicando. O linóleo frente à janela estava úmido pela água e o sangue, e os vidros estavam atirados em afiados e brilhantes fragmentos, alguns deles estavam pegos na pele e a roupa úmida da Tara.

—Tara, me escute, -disse Eric-. Ela elevou a vista para ele. devido a que estava perto do abajur fluorescente, teve que entrecerrar os olhos. Pensei que seu estado dava lástima, mas Eric não parecia ver a mesma pessoa que eu via.

—Sua cobiça e seu egoísmo – nos puseram para mim e a seu amiga Sookie em perigo. Diz que é seu amiga, também, mas não atua como tal.

Não me tinha emprestado um traje quando o necessitava? Não me tinha emprestado seu carro quando o meu se queimou? Não me tinha ajudado em outras ocasiões quando a necessitei?

—Eric, isto não é de sua incumbência, -pinjente-.

—Você me chamou e pediu minha ajuda. Isto o faz de minha incumbência. Chamei a me Salgue e lhe disse o que estava fazendo seu filho, e o levou para castigá-lo por isso. Isto não é o que você queria?

—Sim, -pinjente-, e me envergonha dizer que parecia áspera.

—Então vou fazer compreender a Tara as coisas. -Olhou-a fixamente-. Compreende-me?

Tara assentiu dolorosamente. Os moretones sobre sua cara e garganta pareciam estar obscurecendo-se conforme transcorriam os minutos.

—Consegurei um pouco de gelo para sua garganta, -disse-lhe-, e entrei correndo à cozinha para verter o gelo das bandejas plásticas em uma bolsa. Não queria escutar ao Eric arreganhando a Tara; ela luzia muito machucada.

Quando voltei menos de um minuto mais tarde, Eric tinha terminado o que tinha que lhe dizer a Tara. Ela tocava seu pescoço com cautela, e tomou a bolsa que lhe dava e a sustentou contra sua garganta. Enquanto eu me inclinava sobre ela, ansiosa e preocupada, Eric estava de volta com seu telefone celular.

Tremi de preocupação.

—Necessita a um doutor, -urgiu-a-.

—Não, -disse-.

Elevei a vista para o Eric, que justamente terminava sua chamada Telefônica. Ele era o perito em lesões.

—Curará-se sem ir ao hospital, -disse brevemente-. Sua indiferença fez que um calafrio percorresse minhas costas. Justo quando pensava que me tinha acostumado, os vampiros me mostravam seu verdadeiro rosto, sua cara verdadeira, e eu tinha que me recordar novamente, que eles eram uma raça diferente. Ou talvez era o resultado dos séculos de condicionamento o que para a diferença; as décadas de eliminar às pessoas que eles escolhiam, tirando deles o que queriam, suportando a dualidade de ser os seres mais capitalistas sobre a terra na escuridão, e contudo completamente indefesos e vulneráveis durante as horas de luz.

—Mas não terá ela danifico permanente? Algo que os doutores pudessem arrumar se a atendem mais rapidamente?

—Estou bastante seguro de que sua garganta esta ligeiramente machucada, e só terá moretones. Tem algumas costelas fraturadas pela surra, possivelmente alguns dentes frouxos. Mickey poderia lhe haver quebrado a mandíbula e seu pescoço muito facilmente, sabe. Provavelmente o queria que ela fora capaz de falar contigo quando a trouxesse aqui, assim que se conteve um pouco. Contava com que você entrasse em pânico deixando-o entrar. Não acreditou que pudesse recuperar suas idéias tão rapidamente. Se eu tivesse sido ele, meu primeiro movimento teria sido danificar sua boca ou pescoço, assim não teria podido rescindir minha entrada.

Aquela possibilidade não me tinha ocorrido, e empalideci.

—Quando te golpeou com o dorso de sua mão, acredito que isso era o que queria, -seguiu Eric desapasionadamente-.

Tinha escutado o bastante. Empurrei uma vassoura e o recolhedor em suas mãos. Ele os olhou como se fossem artefatos antigos e não pudesse compreender seu uso.

—Varre, -pinjente-, usando uma toallita úmida para limpar o sangue e a terra de meu amiga. Não sabia quanto estava absorvendo Tara desta conversa, mas seus olhos estavam abertos e sua boca fechada, assim que talvez estava escutando. Talvez solo estava suportando a dor.

Eric moveu a vassoura experimentalmente e fez um intento de varrer os vidros ao recolhedor que estava no piso. Certamente, o recolhedor se moveu. Eric franziu o cenho.

Finalmente tinha encontrado algo que Eric para mau.

— Pode te pôr de pé? -Perguntei a Tara-. Ela enfocou minha cara e assentiu ligeiramente. Agachei-me e tomei suas mãos. Devagar e dolorosamente, sustentou-se sobre seus joelhos, e logo empurrou quando atirei dela. Embora a janela se quebrado sobre tudo em pedaços grandes, uns pedaços de vidro caíram dela quando se elevou, e jogue um olhar ao Eric para me assegurar que ele entendia que deveria limpá-los. Tinha uma careta agressiva em sua boca.

Tentei pôr meu braço ao redor da Tara para ajudá-la a chegar a meu dormitório, mas meu ombro ferido deu um forte batimento do coração de dor tão inesperada que me estremeci. Eric deixou cair o recolhedor. Recolheu a Tara em um gesto suave e a pôs sobre o sofá em lugar de em minha cama. Abri a boca para protestar e ele me olhou. Fechei a boca. Entrei na cozinha e traje uma de minhas pílulas da dor, e consegui persuadir a Tara para que tragasse uma. A medicina pareceu deixá-la pasmada, ou talvez somente não queria voltar a ver o Eric. De todos os modos, manteve seus olhos fechados e foi afrouxando o corpo e gradualmente sua respiração se estabilizou.

Eric me passou a vassoura com um sorriso triunfante. devido a que ele tinha levantado a Tara, evidentemente estava obrigada a carregar com sua tarefa. Era incômodo devido a meu ombro ferido, mas terminei de varrer os vidros e me desfazer deles em uma bolsa de lixo. Eric se voltou para a porta. Eu não tinha ouvido ninguém chegar, mas Eric abriu a porta ao Bill, antes de que este houvesse meio doido sequer. A chamada que fez Eric, devia ter sido ao Bill. Em certo isto modo tinha sentido; Bill vivia no feudo do Eric, ou como quero que eles o chamassem. Eric necessitava ajuda, assim Bill estava obrigado a proporcioná-la. Meu ex ia carregado com uma caixa de madeira, um martelo, e uma caixa de pregos.

—Entra, -pinjente quando Bill se deteve na entrada, e sem dizer uma palavra o um ao outro, os dois vampiros cravaram a madeira murando a janela. Dizer que me sentia incômoda seria um eufemismo, embora graças aos acontecimentos da tarde não fui tão suscetível como o teria estado em outra ocasião. Sobre tudo estava preocupada com a dor de meu ombro, a recuperação da Tara, e o paradeiro do Mickey. No espaço adicional que tinha deixado depois dessas preocupações, adicione alguma ansiedade sobre substituir a janela do Sam, e se os vizinhos tinham escutado o suficiente deste brigado para chamar à polícia. Ao final, pensei que não tinham escutado nada; se fosse o contrário alguém estaria já aqui agora.

depois de que Bill e Eric terminaram a reparação temporária da janela, observaram-me passar pano no chão a água e o sangue sobre o linóleo. O silêncio começou a pesar em excesso sobre os três: ao menos, sobre o terço que me tocava. A ternura e a preocupação do Bill para mim a noite anterior me tinham sensibilizado. Mas o recente conhecimento que Eric tinha de nossa intimidade levantou meu cohibición a um nível completamente novo. Estava na mesma habitação com dois tipos que sabiam que eu tinha dormido com ambos.

Queria cavar um buraco, me jogar dentro e fechar a entrada, igual a em uma tira cômica. Não podia olhar a nenhum dos duas à cara.

Se rescindisse seus convites, ambos teriam que sair sem uma palavra; mas em vista do fato de que ambos me tinham ajudado, tal procedimento seria grosseiro. Anteriormente havia resolvido meus

problemas com eles desse modo. Embora me tentasse repeti-lo para aliviar minha vergonha pessoal, simplesmente não podia fazê-lo. Assim, que faríamos depois?

Deveria provocar uma disputa? Os gritos poderiam limpar o ar. Ou talvez um franco reconhecimento da situação... não.

Tive uma repentina imagem mental de nós três amontoados na cama matrimonial do pequeno dormitório. Em vez de brigar para resolver nossos conflitos, ou falar abertamente de nossos problemas, poderíamos... não. Podia sentir como minha cara avermelhava, enquanto estava dividida entre a diversão histérica e uma grande vergonha, inclusive embora solo fossem pensamentos dentro de minha cabeça. Jason e seu amigo Hoyt freqüentemente falavam em minha presença de que a fantasia de cada homem era estar na cama com duas mulheres. E os homens que entravam no bar ecoavam a essas idéias, como eu tinha podido comprovar a teoria do Jason lendo uma amostra arbitrária de mentes masculinas. Certamente a meu também era permitido me entreter com a mesma classe de fantasia? Sorri, um pouco histérica, coisa que definitivamente assustou a ambos os vampiros.

— Isto é divertido? —perguntou Bill, assinalando a janela murada, a Tara recostada, e à atadura sobre meu ombro. Ele omitiu assinalar com o dedo ao Eric ou ao mesmo. Ri a gargalhadas.

Eric inclinou uma loira sobrancelha.

— Somos divertidos?

Assenti silenciosamente. Segui pensando tolices.

Ao menos em parte porque estava cansada, e tensa, e débil pela perda de sangue, entrei no terreno do absurdo. Ri-me ainda mais forte quando vi as caras do Eric e Bill. Tinham expressões quase idênticas de exasperação.

Eric disse:

—Sookie, não terminamos nossa discussão.

—É obvio, que o temos feito, -pinjente-, embora ainda estivesse rendo. Pedi-te um favor: liberar a Tara de sua escravidão do Mickey. Pediu-me um pagamento por esse favor: que te contasse o que passou quando perdeu a memória. Você cumpriu sua parte do trato, e eu também. Comprar e pagar. Fim do tema.

Bill olhava do Eric a mim. Agora que sabia que Eric conhecia o que eu sabia.... ri-me bobamente outra vez. Então a vertigem me alagou, me desinflando, seguro.

—boa noite a ambos, -pinjente-. —Obrigado, Eric, por receber essa rocha na cabeça, e por estar pego a seu telefone toda a tarde. Obrigado, Bill por vir tão tarde a reparar a janela. Agradeço-lhe isso, inclusive se veio porque Eric te chamou. Em circunstâncias ordinárias - se houvesse tais coisas como circunstâncias ordinárias com vampiros ao redor- lhes teria dado a cada um abraço, mas agora isso me parecia muito estranho.

—Shoo, -pinjente-. —Tenho que me deitar. Estou extenuada.

— Um de nós não deveria ficar aqui contigo esta noite? -Perguntou Bill-.

Se eu tivesse tido que dizer sim a isso, teria que escolher a um deles para que ficasse comigo essa noite, e ao que teria escolhido seria ao Bill - Se eu pudesse estar segura de que o fora aprazível e tão pouco exigente como a noite anterior. Quando estas deprimida e em problemas a coisa mas estupenda do mundo é sentir-se apreciado. Mas até isso, era muito para esta noite.

—Acredito que estarei bem, -pinjente-. Eric me assegura que me Salgue vai arrumar o problema do Mickey em seguida, e preciso dormir mais que nada. Apreciaria que ambos se fossem esta noite.

Durante um comprido momento pensei que eles diriam: "Não" e tentariam me convencer. Mas Eric me beijou a frente e partiu, e Bill para não ser superado, roçou meus lábios com os seus e também partiu. Quando os dois vampiros se foram, senti-me feliz de estar sozinha.

Certamente, eu não estava exatamente sozinha. Tara estava deitada sobre o sofá. Assegurei-me que estivesse confortável, tirei-lhe seus sapatos, consegui a manta de minha cama para cobri-la e logo caí em minha própria cama.

CAPÍTULO 14

Dormi por muitas horas. Quando despertei, Tara se tinha ido. Senti uma punhalada de pânico, até que me dava conta que tinha dobrado a manta, lavou-se a cara no quarto de banho (a toalha estava molhada), e se tinha posto seus sapatos. Tinha-me deixado uma pequena nota, também em um velho sobre que tinha o princípio escrito de minha lista de compras. A nota dizia, chamarei-te mais tarde. T. Breve e concisa, e não evocava precisamente o amor de uma irmã.

Senti-me um pouco triste. Pensei que eu não seria a pessoa favorita da Tara por um tempo. Tinha tido que olhar mais estreitamente dentro dela mesma mais do que desejava.

Há tempo para pensar, e tempo para estar improdutivo. Hoje seria um dia inativo. Meu ombro se sentia muito melhor, e decidi que iria ao Wal-Mart no Clarice e compraria tudo o que necessitava em uma só viagem. Também, lá não veria tantas pessoas conhecidas, e não teria que falar do atentado que sofri.

Era muito tranqüilo o anonimato em uma loja dessas dimensões. Movi-me devagar e li etiquetas, inclusive escolhi uma cortina de banho para o quarto de banho do duplex. Tomei meu tempo para completar minha lista. Quando transferi as bolsas do carrinho de supermercado ao automóvel, tratei das carregar todas com o braço direito. Virtualmente emprestava a virtude (por meu bom comportamento), quando retornei à casa do Berry Street.

A caminhonete da floricultura do Bon Temps estava na entrada. Cada mulher sente um pequeno salto em seu coração quando vê o caminhão da floricultura em sua porta, e eu não era nenhuma exceção.

—Tenho uma entrega múltiplo aqui, -disse a esposa do Bud Dearborn, Greta. Greta era insípida e gordinha como o xerife, mas sua natureza era feliz e aberta. —É uma garota afortunada, Sookie.

—Sim, senhora, sou-o, -acordei um pouco irônica-. depois de que Greta me teve ajudado a entrar com minhas bolsas, começou a entrar com as flores.

Tara me tinha enviado um pequeno floreiro de margaridas e cravos. Estou muito afeiçoada com as margaridas, e o amarelo e o branco se viam bastante bem em minha pequena cozinha. O cartão só dizia “da Tara.”

Calvin tinha enviado um pequeno arbusto de gardênia envolto em papel de seda e um grande coque. Estava lista para sair do bote de plástico e ser plantada assim que o perigo de uma geada estivesse finalizado. Estava assombrada pela consideração do obséquo, já que o arbusto de gardênia perfumaria meu jardim por anos. Como ele tinha tido que chamar por telefone para fazer o pedido, o cartão só dizia “Pensando em ti, Calvin.”

Pam me tinha enviado um buquê, e o cartão dizia, “Que não lhe disparem Mais da turma da Fangtasia. Isto me fez rir um pouco. Automaticamente pensei escrever notas de agradecimento, mas é obvio não tinha meus artigos de escritório comigo. Passaria pela farmácia e conseguiria alguns. A farmácia do centro da cidade tinha uma esquina que aonde estava uma loja de cartões, e também aceitava pacotes do UPS. Tinha que te diversificar no Bon Temps.

Guardei em seu sítio minhas compras, pendurei torpemente a cortina de banho, e me comecei a arrumar para ir trabalhar.

Sweetie Dê Artes foi a primeira pessoa que vi quando atravessei a entrada dos empregados. Tinha os braços cheios de toalhas de cozinha, e trazia posto seu avental.

—É uma mulher dura de matar, -comentou-. Como te há sentido?

—Estou bem, -pinjente-. Parecia que Sweetie tinha estado me esperando, e apreciei o gesto.

—Escutei que te agachou bem a tempo, -disse-. Como foi isso? Escutou algo?

—Não exatamente, -pinjente-. Sam coxeou para fora de seu escritório então, usando sua fortificação. Estava franzindo o cenho. Não queria explicar minha pequena peculiaridade ao Sweetie ao mesmo tempo que ao Sam. Assim pinjente, — solo tive um pressentimento, e me encolhi de ombros, o qual foi inesperadamente doloroso.

Sweetie agitou a cabeça ante minha milagrosa recuperação e deu a volta para ir-se pelo bar de volta à cozinha.

Sam me indicou com a cabeça que o seguisse a seu escritório, e apreensivamente o segui. Ele fechou a porta detrás de nós.

— O que estava fazendo quando lhe dispararam? -perguntou-. Seus olhos estavam brilhantes de cólera. Não ia ser culpada pelo que me tinha passado. Fiquei de pé diante do Sam, ao nível de sua cara.

—Somente fui por uns livros à biblioteca, -disse entredientes.

— Assim, que por que pensariam que foi um troca-formas?

—Não tenho idéia.

— Que tinha estado fazendo?

—Tinha ido ver o Calvin, Y... minha voz foi desaparecendo, conforme captava a idéia.

— Assim, quem pode saber que cheira como um troca-formas? -Perguntei devagar-. Ninguém como outro troca-formas, correto? Ou alguém com sangue de troca-formas. Ou um vampiro. Alguma coisa sobrenatural.

—Mas não tivemos nenhum troca-formas estranho por aqui ultimamente.

foste ao lugar de onde lhe dispararam para captar algum aroma?

—Não, a única vez que estive na cena dos disparos, estava muito ocupado com o sangue que saía de minha perna.

—Mas talvez agora poderia captar algo.

Sam olhou para sua perna desconfiadamente. —choveu, mas suponho que isto merece um intento, -concedeu-. Deveria ter pensado nisso eu mesmo. Bem, esta noite, depois de trabalho.

—É uma entrevista, -pinjente impertinente- quando Sam se sentou em seu lhe chiem cadeira. Pus minha bolsa na gaveta do escritório que Sam mantinha vazio e saí para comprovar minhas mesas.

Charles trabalhava duro, e me dirigiu um sorriso e inclinou a cabeça antes de seguir com o que estava fazendo (servindo uma cerveja). Uma de nossas bêbadas constantes, Jane Bodehouse, estava sentada na barra com o olhar fixo nos movimentos do Charles. Não parecia que o vampiro estivesse incômodo. Vi que o ritmo do bar tinha retornado à normalidade, o novo Barman tinha absorvido as tarefas a fundo.

depois de que tive trabalhado aproximadamente uma hora, Jason entrou. Tinha ao Crystal abraçada. E estava tão feliz como nunca o tinha visto. Estava excitado por sua nova vida e muito feliz com a companhia do Crystal. Perguntei-me quanto duraria. Mas a mesma Crystal parecia estar pensando o mesmo.

Ela me disse que Calvin sairia do hospital ao dia seguinte e iria a casa, ao Hotshot. Assegurei-me de mencionar as flores que me tinha enviado e lhe disse que lhe prepararia algo de comer para celebrar a volta do Calvin a seu lar.

Crystal estava bastante segura de estar grávida. Inclusive através de seu enredado cérebro de troca-formas, podia ler o que pensava tão claro como o som de um sino. Não era a primeira vez que me tinha

informado que alguma garota que saía com o Jason estava segura que o ia fazer pai e esperei que esta vez fora tão falso como a última vez. Não era que eu tivesse algo contra Crystal... bem, era uma mentira a que dizia a meu mesma. Realmente tinha algo contra Crystal. Crystal era parte do Hotshot, e nunca o deixaria. Não queria que nenhum sobrinha ou sobrinho mijou fora criado naquela pequena comunidade estranha, no centro mesmo da palpitante influencia mágica do cruzamento de caminhos.

Crystal mantinha o atraso de seu último período em segredo para o Jason, determinada a guardar silêncio até estar segura de que fora positivo. Passei-o. Tomou uma cerveja enquanto Jason derrubou dois, e logo decidiram ir ao cinema ao Clarice. Jason me deu um abraço ao sair enquanto eu distribuía bebidas a um grupo de agentes da lei. Alcee Beck, Bud Dearborn, Andy Bellefleur, Kevin Pryor, e Quênia Jones, mais a nova aquisição do Arlene, o investigador de incêndios intencionados Dennis Pettibone, estavam todos agrupados ao redor de duas mesas juntas em uma esquina do Bar. Havia dois forasteiros com eles, mas adivinhei bastante facilmente que os dois homens eram policiais também, parte de algum destacamento de forças especiais.

Ao Arlene tivesse gostado de atendê-los, mas claramente estavam em meu território, e claramente estavam falando de algo grande. Quando lhes estava tomando sua ordem todos se calaram, e quando me afastava, voltariam a seguir conversando do mesmo. É obvio o que eles dissessem com suas bocas não fazia nenhuma diferença, já que eu sabia o que todos e cada um deles estava pensando.

E todos eles sabiam bastante bem; e o esqueciam. Alcee Beck, em particular, assustava a morte, mas inclusive o estava muito alheio minha capacidade, embora eu o tivesse feito uma demonstração antes. O mesmo poderia ser dito do Andy Bellefleur.

— De que se trata a convenção dos agentes da lei, e que é o que estarão maquinando? -perguntou Charles-. Jane se tinha ido cambaleando ao banho de damas, e ele estava temporalmente solo na barra.

—me deixe ver, -pinjente, fechando os olhos, assim poderia me concentrar melhor.

—Bem, estão pensando em trocar de lugar a vigilância a outro estacionamento esta noite, e estão convencidos que esta incêndio conectado aos atentados e que a morte do Jeff esta Marriot relacionada contudo, de algum modo. Eles inclusive se perguntam se o desaparecimento do Debbie Pelt é incluída nesta série de crimes, já que ela foi vista por última vez carregando gasolina em um posto de gasolina próximo ao Bon Temps. E meu irmão, Jason, desapareceu durante um tempo um par de semanas; talvez isso seja parte da trama também. -Sacudi a cabeça e abri os olhos para encontrar que Charles estava inquietantemente perto. Seu olho bom, o direito, olhava fixamente meus.

—Tem uns dons muito incomuns, jovencita, -disse depois de um momento. —Meu último patrão colecionava coisas incomuns.

— Com quem trabalhava antes de que entrasse em território do Eric? -Perguntei-. Ele deu a volta para preparar um Jack Daniel.

—O Rei do Mississippi, -disse-.

Senti como se alguém tivesse retirado um tapete sob meus pés.

— Porque deixou Mississippi e veio aqui? -Perguntei,- fazendo caso omissos das gargalhadas da mesa que estava a metro e meio de distância.

O Rei do Mississippi, Russell Edgington, conhecia-me como a noiva do Alcide, mas ele não sabia que era uma telépata, que de vez em quando trabalhava com vampiros. Era possível que Edgington pudesse ter um pouco de ressentimento contra mim, já que Bill tinha sido mantido prisioneiro no antigo estábulo detrás de sua mansão e torturado pela Lorena, a criatura que tinha convertido ao Bill em um vampiro cento e quarenta anos atrás. Bill se tinha escapado. Lorena tinha morrido. Russell Edgington não necessariamente sabia que eu tinha sido responsável por estes acontecimentos. Mas agora possivelmente poderia sabê-lo.

—Fartei-me da tirania do Russell, -disse Charles. —Não sou de sua orientação sexual, e estar rodeado dessas perversões se fez pesado.

Edgington desfrutava da companhia dos homens, isto era verdade. Ele tinha uma casa cheia deles, assim como um companheiro humano, Talbot.

Era possível que Charles tivesse estado ali enquanto eu estava de visita, embora não o tivesse notado. Tinha estado seriamente machucada a noite em que fui levada a mansão. Não tinha visto todos seus habitantes, e não necessariamente recordava a quem tinha visto.

Dava-me conta que o pirata e eu mantínhamos nosso contato visual. Se tiver estado vivo o tempo suficiente, os vampiros podem ler muito bem as emoções humanas, e me perguntei que estaria vendo Charles Twining em minha cara e comportamento. Esta era uma das poucas vezes nas que eu sentia não poder ler a mente de um vampiro. Perguntei-me, se Eric era consciente dos antecedentes do Charles. Certamente Eric não o teria tomado sobre sem uma comprovação a fundo de seus antecedentes, verdade? Eric era um vampiro cauteloso. Tinha visto história que eu não podia imaginar, e tinha sobrevivido porque era cuidadoso.

Finalmente dava a volta para responder a chamada de clientes impaciente que tinham estado tratando de que lhes enchesse seus copos de cerveja durante vários minutos.

Evitei falar com nosso novo Barman o resto da tarde. Perguntei-me porque me tinha contado tanto, ou Charles queria que soubesse que me estava vigiando ou realmente não tinha idéia de que eu tinha estado no Mississippi recentemente.

Tinha muito em que pensar.

A parte pesada da noite finalmente terminou. Tivemos que chamar o filho do Jane para que viesse por sua mãe bêbada, mas isto não era nada novo. O barman pirata tinha estado trabalhando muito bem, sem cometer nenhum engano, assegurando-se de que cada cliente se levasse uma boa impressão quando o servia suas ordens. Seu pote de gorjetas luzia muito saudável.

Bill chegou para recolher a sua hóspede quando estávamos fechando. Queria ter um bate-papo tranqüilo com ele, mas Charles esteve junto ao Bill em um instante, assim que eu não tive oportunidade. Bill me dirigiu um olhar estranho, mas se foram antes de que pudesse falar com ele. Não estava segura do que eu diria, de todos os modos. Tranqüilizei-me quando compreendi que Bill tinha visto os piores empregados do Russell Edgington, porque esses empregados o tinham torturado. Se Charles Twining lhe era desconhecido ao Bill, tudo poderia estar bem.

Sam estava preparado para ir a nossa missão de farejo. A noite era fria e as estrelas brilhavam emitindo brilhos no céu da noite. Sam ficou seu casaco, e eu me pus o meu vermelho. Tinha um jogo de luvas e um chapéu e os necessitaria esta noite. Embora a primavera estivesse cada vez mais perto, o inverno não tinha terminado conosco ainda.

Ninguém estava no bar, exceto nós. O estacionamento inteiro estava vazio, exceto pelo carro do Jane. A intensidade das luzes de segurança para que as sombras se fizessem mais profundas. Escutei o latido de um cão na distância. Sam se movia com cuidado sobre suas muletas, tentando conservar o equilíbrio no piso irregular do estacionamento.

Sam disse:

—vou trocar. -Não pensava em sua roupa-.

—Que acontecerá com sua perna se o fizer?

—Averigüemo-lo.

Sam era sangue troca-formas por ambos os lados. Ele podia trocar mesmo que não fora lua enche, embora as experiências fossem muito diferentes, havia-me isso dito em uma ocasião. Sam podia trocar-se em mais de um animal, embora os cães eram de sua preferência, e um collie era sua opção entre os cães.

retirou-se atrás do sebe diante de seu reboque para tirar-se sua roupa. Inclusive em meio da noite, vi a perturbação no ar que assinalava que a magia trabalhava ao redor dele. Ele caiu sobre seus joelhos e ofegou, e logo já não pude vê-lo mais entre os densos arbustos. depois de um minuto, um bloodhound saiu a reluzir, era vermelho com as orelhas balançando-se de um lado a outro. Não estava acostumada a ver o Sam dessa maneira, e tomou um segundo estar segura de que era ele. Mas quando o cão me olhou, soube que meu chefe estava dentro.

—Vamos Dean, -pinjente-. Tinha chamado ao Sam por esse nomeie em seu aspecto de animal, em ocasiões anteriores, inclusive antes de ter compreendido que o homem e o cão eram a mesma pessoa. O bloodhound trotou diante de mim através do estacionamento e entramos nos bosques onde o atirador tinha esperado a que Sam saísse do clube. Olhei o modo o que o cão se movia. Estava apoiando sua perna traseira à direita, mas não drasticamente.

No frio bosque, o céu foi parcialmente bloqueado. Tinha uma lanterna, e a acendi, mas de algum modo isso fez que as árvores se vissem mais arrepiantes. O bloodhound-Sam alcançou o lugar aonde a polícia tinha decidido que era o lugar de onde lhe tinham disparado. Sacudindo as orelhas, o cão pegou a cabeça ao chão e se moveu ao redor, classificando todo o aroma que recebia. Fiquei fora de seu caminho, me sentindo inútil. Então Dean elevou a vista para mim e disse, "Rowf", e iniciou a volta ao estacionamento. Adivinhei que tinha reunido toda a informação que podia.

Quando nos tivemos organizado, subi ao Dean no Malibu para levá-lo a outro sítio onde também tinha atacado o franco-atirador, detrás de alguns edifícios velhos frente ao Sonic onde se ocultou o assassino que tinha matado a pobre do Heather Kinman. Entrei no beco de serviço detrás das velhas lojas e estacionei detrás da tinturaria do Patsy, que se tinha transladado a uma localização mas nova e mais conveniente fazia quinze anos. Entre a tinturaria e a ruínosa loja de penso e sementes de Louisiana, havia um estreito oco que proporcionava uma vista fenomenal do Sonic. O restaurante com serviço para automóveis, estava fechado durante a noite, devido a que o Sonic estava sobre a rua principal do povo, havia luz sobre toda a rua e eu em realidade podia ver bastante bem o que se encontrava debaixo dos postes de luz; infelizmente, isso mesmo fazia que as sombras fossem impenetráveis.

Outra vez, o sabujo trabalhou a área, emprestando principal interesse sobre a tira de hierbajos entre as duas velhas lojas, uma tira tão estreita que só ténia o suficiente espaço para uma pessoa. Pareceu muito excitado com algum aroma particular que encontrou. Emocionei-me, também, esperando que ele tivesse encontrado algo que nós poderíamos converter em evidencia para a polícia.

De repente o Dean soltou um Whoof! E ao levantar sua cabeça para olhar diante de mim. concentrou-se em algo, ou em alguém indubitavelmente. Quase a contra gosto, dobro para ver. Andy Bellefleur estava de pé no ponto onde o beco de serviço cruzava a brecha entre os edifícios. Só sua cara e o torso superior estavam à luz.

Jesucristo, Pastor da Judea! Andy, deu-me um susto infernal! Se não tivesse estado olhando tão atentamente ao cão, haveria-o sentido chegar. Vigilância, maldição! Devi havê-lo recordado.

— O que faz aqui, Sookie? Onde conseguiu ao cão?

Não podia pensar em uma só resposta que parecesse plausível.

—Senti que podia fazer o intento de ver se um cão treinado pudesse recolher um só aroma dos diferentes sítios aonde foram os atentados, -pinjente-. Dean se apoiou contra minhas pernas, ofegando e babando.

— Assim, que quando entrou suas à lista de nomes do Parish? – perguntou Andy. Não me tinha dado conta que tinha sido como investigador.”

Bem, isto não ia nada bem.

—Andy, se te separar de meu caminho, o cão e eu retornaremos a meu automóvel e iremos, e não terá que seguir zangado comigo. Estava bastante zangado, e estava determinado a desforrar-se comigo, independentemente do que isto implicava. Andy queria que o mundo estivesse alinhado com o fatos que ele conhecia, as pistas que o pudesse seguir e reconhecer. Não cabia naquele mundo. Eu não entrava dentro desse molde. Eu podia ler sua mente, e eu não gostei do que estava escutando.

Muito tarde compreendi, que Andy tinha bebido muito durante a conferência no bar. O suficiente para remover suas restrições habituais.

—Você não deveria estar em nossa cidade, Sookie, -disse-.

—Tenho tanto de direito de estar aqui como você, Andy Bellefleur.

—Você é uma sorte genética ou algo assim. Sua avó era uma mulher verdadeiramente agradável, e a gente me diz que seu papai e sua mamãe eram boas pessoas. O que aconteceu com ti e ao Jason?

—Não penso haja nada equivocado comigo nem com o Jason, Andy, -pinjente com calma, mas suas palavras me picaram da mesma forma que formigas vermelhas. Acredito que somos pessoas normais, nem melhor nem pior que Porta e você.

Andy em realidade soprou.

Repentinamente o corpo do bloodhound pressionado contra minhas pernas, começou a vibrar. Dean estava grunhindo quase imperceptivelmente. Mas ele não olhava ao Andy. Pesada-a cabeça do sabujo via em outra direção, para as sombras escuras ao final do outro beco. Outra memore viva: um humano. Não um humano regular, entretanto

—Andy, -pinjente-. Meu sussurro perfurou seu ensimismamento. Estas armado?

Não soube se me sentir muito melhor quando tirou sua pistola.

—Deixa-a cair, Bellefleur, -disse uma voz prática que se escutava familiar-.

—Sandices, -mofou-se Andy. por que deveria fazê-lo?

—Porque tenho uma arma maior, -disse a voz fria e sarcástica-. Sweetie Dê Artes deu um passo saindo das sombras, levando um rifle. Estava apontando ao Andy, e não tinha nenhuma dúvida de que estava lista para disparar. Parecia que minhas tripas se converteram em gelatina.

— por que não simplesmente parte, Andy Bellefleur? -perguntou Sweetie. Ela levava um macacão de mecânico e uma jaqueta, e suas mãos estavam enluvadas. Em realidade não se via para nada como uma cozinheira de comida rápida. Não tenho nada contra você. É somente uma pessoa.

Andy sacudia sua cabeça, tentando limpar-se. Notei que não tinha deixado cair sua arma ainda.

— Você é a cozinheira do Bar, é correto? por que faz você isto?

—Você deveria sabê-lo, Bellefleur. Escutei sua pequena conversação com a troca-formas. Talvez esse cão seja um humano, alguém que você conhece. Ela não esperou que Andy respondesse. E Heather Kinman era igual de má. converteu-se em uma raposa. E o tipo que trabalha no Norcross, Calvin Norris? É uma maldita pantera.

—E disparou a todos? Disparou-me , também? Queria me assegurar que Andy registrava isto. Há somente uma coisa equivocada com sua pequena vingança, Sweetie. Não sou um troca-formas

—Cheira como um, -disse Sweetie, claramente segura que tinha razão.

—Alguns de meus amigos são troca-formas, e aquele dia eu tinha abraçado a alguns deles. Mas eu não sou uma troca-formas de nenhuma classe.

—Culpado por associação, -disse Sweetie-. Arrumado que conseguirá um pequeno troca-formas em algum momento.

—Que há contigo? -Perguntei-. Não queria que me disparassem outra vez. A evidência sugeria que Sweetie não era um atirador de primeira: Sam, Calvin, e eu tínhamos sobrevivido. Sabia que um branco

noturno era difícil, mas de todos os modos, poderia-se pensar que ela tivesse podido fazê-lo melhor. De que se trata sua pequena vingança?

—Sou somente uma fração de um troca-formas, -disse-, grunhindo tanto como Dean. Mordeu-me quando tive aquele acidente automobilístico. Este medeio-lobo, medeio-hombre... essa coisa... aproximou-se do bosque à estrada onde eu estava sangrando, e o maldito me mordeu... e logo outro automóvel deu a volta pela curva e escapou. Mas a primeira lua enche depois disso, minhas mãos trocaram! Meus pais vomitaram.

— E que passou com seu noivo? Tinha noivo? -Segui falando, tentando distrai-la-. Andy se movia tão longe de mim como podia, assim ela não poderia nos disparar aos dois rapidamente. Ela pensava me disparar a meu primeiro, sabia. Quis que o bloodhound se afastasse de mim, mas ele ficou lealmente pressionado contra minhas pernas. Ela não estava segura de que o cão fora um troca-formas. E, de uma maneira estranha, ela não tinha mencionado haver disparado ao Sam.

—Era bailarina de strip-tease, e vivia com um tipo fenomenal, -disse- com a raiva borbulhando em sua voz. Viu minhas mãos e o abundante cabelo e me aborreceu. Partiu quando a lua estava enche. Faria viagens de negócios. iria jogar golfe com seus amigos. Estava atrasado para uma reunião...só desculpa.

— Então, por quanto tempo lhes estiveste disparando aos troca-formas?

—Três anos, -disse com orgulho-. matei a vinte e dois e ferido quarenta e um.

—Isso é horrível, -pinjente-.

—Estou orgulhosa disso, -disse-. Limpar a praga da face da terra.

— Sempre procura trabalho nos bares?

—Dá-me uma possibilidade para ver quem som os irmãos, -disse sonriendo-. Verifico nas Igrejas e restaurantes, também. E nas creches.

—OH, não. —Pensei que ia vomitar.

Meus sentidos estavam hiperalertas, assim que se podem imaginar então que eu sabia que havia alguém no beco atrás do Sweetie. Podia sentir a cólera ruminando em uma cabeça duas naturezas. Não olhei, tentando manter a atenção do Sweetie tanto tempo como pudesse. Mas houve um pouco de ruído, talvez o som de uma folha de papel rangendo no chão, e isso foi suficiente para o Sweetie. deu-se a volta com o rifle sobre seu ombro, e disparou. Houve um chiado na escuridão no fundo do beco, e logo alguém gemendo.

Andy aproveitou o momento e disparou ao Sweetie Dê Artes enquanto ela estava volteada. Pressionei-me contra os tijolos irregulares da loja de Sementes Louisiana, e quando o rifle caiu de sua mão, vi sangue sair de sua boca, negra na luz das estrelas. Logo caiu.

Enquanto Andy estava de pé sobre ela, com sua arma pendurando de sua mão, passe por diante deles para averiguar quem tinha vindo em nossa ajuda. Acendi minha lanterna para descobrir a um homem lobo, gravemente ferido. A bala do Sweetie o tinha golpeado no meio do peito, até onde eu podia ver por entre a grossa pele, gritei ao Andy.

— Usa o telefone celular! Pede ajuda! —Eu fazia pressão sobre a borbulhante ferida com tanta força como podia, esperando estar fazendo o correto. A ferida começou a mover-se de uma maneira desconcertante, já que o lobo estava em processo de trocar-se de retorno em um humano. Joguei uma olhada atrás para ver que Andy ainda estava perdido em seu próprio pequeno vale de horror que tinha provocado. Remói-o Dean -pinjente-, e Dean caminhou cautelosamente para o policial e mordeu sua mão.

Andy gritou, é obvio, e levantou sua arma como se o fora a disparar ao sabujo.

— Não! -Gritei-, me levantando de um salto do lobo moribundo. Usa seu telefone, idiota. Chama uma ambulância.

Então a arma de se balanço de um lado a outro me apontando.

Durante um comprido e tenso momento, pensei com certeza que o final de minha vida tinha chegado. Nós gostaríamos de acabar com tudo o que não entendemos, o que nos assusta, e eu assustava poderosamente ao Andy Bellefleur.

Mas então a arma vacilou e o braço caiu a seu flanco. Sua cara me olhou fixamente com a compreensão abrindo caminho em seu cérebro. Pinçou em seu bolso e tirou seu telefone. E para meu profundo alívio, embainhou a arma depois de que pressionou um número de telefone.

Voltei minha atenção ao lobo, agora totalmente humano e nu, enquanto que Andy dizia, houve múltiplos disparos no beco detrás da Velha loja de sementes e a tinturaria do Patsy, em frente de Magnólia Street, onde esta o Sonic, correto, necessito 2 ambulâncias, dois feridos de bala. Não, eu estou bem.

O lobo ferido resultou ser Dawson. Seus olhos piscaram abertos, e tentou ofegar. Não podia imaginar a dor que ele devia estar sofrendo. —Calvin, -tentou dizer-.

—Não se preocupe agora. esta ajuda em caminho, -disse ao imenso homem-. Minha lanterna estava no chão ao meu lado e por sua luz curiosamente distorcida, podia ver seus imensos músculos e o peito peludo nu. Parecia que tinha frio, certamente, e me perguntei onde estava sua roupa. Me teria alegrado ter sua camisa para pô-la sobre a ferida, sobre a que se estava filtrando o sangue. Minhas mãos estavam cobertas de sangue.

—Disse-me que meu último dia de trabalho a passasse cuidando-a -disse Dawson-. Enquanto dizia isso se estremeceu. Tratou de sorrir. Eu lhe respondi que seria fácil. E logo não disse mais, mas perdeu o conhecimento.

Pesado-los sapatos negros do Andy de repente estiveram dentro de meu campo visual. Pensei que Dawson ia morrer. Nem sequer conhecia seu nome de pilha. Eu não tinha nenhuma idéia de como íamos explicar a um tipo nu à polícia. Espera....e eu porquê? Certamente era Andy o que tinha uma difícil explicação por diante ou não?

Como se ele tivesse estado lendo minha mente -para variar- Andy disse,

—Conhece este tipo, verdade?

—Ligeiramente.

—Bem, vais ter que dizer que o conhecia em vez de explicar sua carência de roupa.

Traguei saliva.

—Bem, -pinjente-, depois de uma horrorosa e breve pausa.

—Vocês dois estavam aqui procurando a seu cão. Você, -disse Andy ao Dean. Não sei que é o que é, mas fica como cão, entende-me? Andy caminhou nervosamente. E eu voltei aqui porque estava seguindo à mulher - ela atuava suspeita-.

Assenti, escutando a respiração agitada passando pela garganta de Dawson. Se só pudesse lhe dar sangue para curá-lo, como um vampiro. Se somente conhecesse algum procedimento médico... mas já podia escutar as patrulhas e as ambulâncias que se aproximavam. Nada no Bon Temps estava muito longe de algo, e sobre este lado da cidade, o lado sul, o hospital Grainger seria o mais próximo.

—Escutei-a confessar, -pinjente-. Escutei-a dizer que ela disparou a outros.

—me diga algo, Sookie, -disse Andy- com pressa. antes de que todos cheguem. Não há nada estranho sobre o Halleigh, correto?

Olhei-lhe fixamente, assombrada de que ele pudesse pensar em tal costure neste momento. -Nada além do estúpido modo que ela soletra seu nome-. Então recordei quem tinha disparado à bruxa que jazia 10 metros clandestinamente.

—Não, nada, -pinjente-. Halleigh é somente alguém normal.

—Graças a Deus, -disse-. Graças a Deus

E logo Alcee Beck correu dentro do beco e caminhou com cuidado tratando de compreender a cena que tinha ante o. Justo detrás dele estava Kevin Pryor, e a companheira do Kevin, Quênia caminhou esmagada contra a parede com sua arma na mão. As equipes de ambulância ficaram atrás até que estiveram seguros de que a cena estivesse a salvo. Estava de pé e contra a parede antes de saber o que acontecia. Quênia só disse, lamento-o, Sookie, tenho que fazer isto, e eu lhe respondi, não há problema.

— Onde está meu cão?

— escapou, -disse-. Suponho que as luzes o assustaram. Ele é um sabujo, né? Retornará a casa. Quando teve feito seu minucioso trabalho acostumado, Quênia disse,

—Sookie? Como é que este tipo esta nu?

Isto era somente o princípio. Minha história era extremamente elaborada. Li a incredulidade escrita sobre quase cada rosto dos presente. Não era a temperatura para ter sexo ao ar livre e menos estando eu completamente vestida. Mas Andy me apoiou em todo momento, e não havia ninguém para dizer que isto não tinha ocorrido do modo em que o contei.

Aproximadamente duas horas mais tarde, deixaram-me recuperar meu automóvel e voltar para duplex. A primeira coisa que fiz quando entrei foi chamar o hospital para averiguar como estava Dawson. De algum modo, Calvin conseguiu estar ao outro lado do telefone.

— Ele está vivo, -disse conciso.

—Deus te benza por enviá-lo detrás de mim, -pinjente-. Minha voz era tão suave como uma cortina em um dia do verão. Estaria morta se não tivesse sido por ele.

—Escutei que o policial disparou a ela.

—Sim, fez-o.

—Escutei muitas outras coisas

—Foi complicado.

—Verei-te esta semana.

—Sim, é obvio

—vá dormir um pouco.

—Muito obrigado, Calvin.

Minha dívida com o homem-pantera se acumulou a uma tarifa alarmante. Sabia que teria que pensar nisso mais tarde. Estava cansada e adolorida. Sentia-me suja depois de ter estado no beco com o Sweetie, e logo depois de joelhos, ajudando ao ensangüentado lobo. Deixei cair minha roupa no chão do dormitório, entre no quarto de banho, e fiquei de pé sob a ducha, tentando manter minha vendagem seca com um touca de banho, do modo em que uma das enfermeiras me tinha mostrado.

Quando o timbre da porta soou à manhã seguinte, amaldiçoei a vida da cidade. Mas como isto resultou, não era nenhum vizinho que queria que lhe emprestasse uma taça de farinha. Alcide Herveaux estava de pé sobre a porta sujeitando um sobre.

Olhei-o furiosa através de meus olhos que ainda se sentiam pegajosos de sonho. Sem dizer uma palavra, retornei com passo lento a meu dormitório e engatinhe sobre a cama. Isto não foi suficiente para dissuadir ao Alcide, quem entrou em pernas depois de mim.

—Agora é duplamente amiga da manada, -disse-, como se estivesse seguro que isso era o que mas me preocupava. Dava-lhe as costas e me acurruqué sob as mantas. —Dawson diz que lhe salvou a vida.

—Me alegro de que este Dawson o suficientemente bem para falar, -resmunguei-, fechando fortemente os olhos e desejando que Alcide partisse. devido a que lhe dispararam em meu lugar, não me deve uma maldita coisa.

Pelo movimento do ar, pude deduzir que Alcide se ajoelhava ao lado da cama.

—Isso não o decide você, solo nós, -disse repreensivo. —Estas convocada à competição para escolher à líder da manada

— O que? O que tenho que fazer?

—Somente ver o processo e felicitar ao ganhador, não importa quem é.

É obvio, para o Alcide, esta luta pela sucessão era a coisa mais importante. Era difícil para ele entender que eu não tinha as mesmas prioridades. Estava afligida por uma onda de obrigações sobrenaturais.

A manada do Shreveport dizia que estavam em dívida comigo. Eu devia ao Calvin. Andy Bellefleur devia a Dawson ao Sam e a mim por solucionar seu caso. Eu devia ao Andy o ter salvado minha vida. Embora apaguei ao Andy sua preocupação sobre a completa normalidade do Halleigh, talvez isso cancelava minha dívida por haver disparado ao Sweetie.

Sweetie tinha pago por seus crimes.

Eric e eu estávamos parecidos, -pensei-.

Devia algo ao Bill.

Sam e eu mais ou menos estávamos à corrente.

Alcide pessoalmente devia a meu, no que a meu concernia. Tinha-me miserável a esta porcaria de luta da manada e tinha tratado de que rompesse as regras por ajudá-lo

No mundo em que vivia, o mundo dos humanos, havia laços e dívidas, conseqüências e boas ações. Isso era o que obrigava às pessoas em sociedade; talvez nisso consistia a sociedade. Eu tentava viver em meu próprio segmento da sociedade da melhor maneira que podia.

me introduzir nas sociedades secretas dos duas naturezas e não mortos, para que minha vida na sociedade humana fora muito mais difícil e complicada.

E interessante.

E às vezes... divertida.

Alcide tinha estado falando uns momentos nos que eu tinha estado pensando, portanto tinha deixado de captar muito de sua conversação. Ele se deu conta disto, – e disse:-

— Sinto ser tão aborrecido para ti Sookie, - disse com voz forçada-.

Dava volta para vê-lo. Seus olhos verdes estavam cheios de desgosto.

—Não é aborrecido. Solo que tenho muito em que pensar. Deixa o convite, esta bem? Acompanharei-te. -Perguntei-me que acontecimentos tinham levado a uma luta corpo a corpo pela liderança da manada. Perguntei-me se o Sr. Herveaux e o rechoncho dono da distribuidora de motocicletas em realidade lutariam-.

Os olhos verdes do Alcide estavam perplexos. Estas atuando muito estranho, Sookie. Sentia-me tão cômodo contigo antes. Agora parece que não te conheço.

Válido, tinha sido uma de minhas palavras do Dia, a semana passada.

—Essa é uma observação válida, -pinjente-, tentando parecer normal. Sentia-me tão cômoda contigo quando acreditei que te conhecia. Logo comecei a averiguar coisas. Como coisas sobre o Debbie e você, e a política dos troca-formas, e a escravidão de alguns troca-formas aos vampiros.

—Nenhuma sociedade é perfeita, disse Alcide à defensiva. —Quanto ao Debbie, não quero ouvir seu nome outra vez.

—Então assim será, -pinjente-. Deus sabia que não podia me sentir um pouco mais doente de escutar seu nome.

Deixando a sobre cor nata sobre a mesita de noite, Alcide tomou minha mão, e pôs um beijo no dorso dela. Era um gesto cerimonioso, e eu sentia não conhecer sua importância. Mas no momento em que ia perguntar, Alcide se tinha ido.

—Fecha a porta detrás de ti, - gritei. —Somente aperta o pequeno botão sobre o pomo da porta. — Suponho que o fez, porque retornei a dormir, e ninguém despertou até que foi quase hora de ir trabalhar. Exceto por uma nota sobre a porta principal, que dizia, “Consegui a Linda T. para te substituir. Tome a noite livre. Sam.” Voltei dentro e me tirei minha roupa de garçonne e me pus uns jeans. Tinha estado lista para ir trabalhar, e agora me sentia curiosamente perdida.

Quase me tinha esquecido que tinha outra obrigação, e entrei na cozinha para começar a cumpri-la.

depois de uma hora e meia de lutar por cozinhar em uma cozinha pouco familiar com aproximadamente a metade dos instrumentos de cozinha habituais, estava de caminho à casa do Calvin no Hotshot com um prato de peitos de frango ao forno com arroz em um molho nata ácida, e alguns pão-doces. Não chamei com antecipação. Planejava deixar a comida e ir. Mas quando cheguei à pequena comunidade, vi que havia vários automóveis estacionados sobre o caminho diante da pequena casa do Calvin. Caramba, -pinjente-. Não queria me envolver mais na vida do Hotshot do que já estava. A nova natureza de meu irmão e o cortejo do Calvin já me tinham miserável muito longe.

Com o coração fundo, estacionei e passei meu braço pela asa da cesta cheia de pão-doces. Tomei o prato quente de frango e arroz assado nas mãos, e apertando os dentes pela dor em meu ombro, caminhei até a porta principal do Calvin. Os Stackhouses faziam o correto.

Crystal abriu a porta. A surpresa e o prazer sobre sua cara me envergonharam.

—Estou tão feliz de que esteja aqui, -disse-, fazendo todo o possível por improvisar. —Por favor entra. apartou-se a um lado, e pude ver que a pequena sala estava cheia de gente, incluindo a meu irmão. A maior parte deles eram panteras, certamente. Os lobos do Shreveport tinham enviado a um representante; para meu assombro, era Patrick Furnan, o opositor do trono e vendedor do Harley-Davidson.

Crystal me apresentou à mulher que parecia estar atuando como anfitriã, Maryelizabeth Norris. Maryelizabeth se movia como se não tivesse nenhum osso. Estava disposta a apostar que Maryelizabeth não deixava Hotshot freqüentemente. Troca-forma-la me apresentou ao redor da habitação, assegurando-se de que entendesse a relação que Calvin levava com cada indivíduo com muito cuidado. Todos começaram a turvar-se depois de um tempo. Mas pude notar que (com algumas exceções) os habitantes do Hotshot eram mais ou menos de dois tipos: os pequenos de cabelos negros como Crystal, e os claros e robustos com formosos olhos cor verde ou café-dourados, como Calvin. Os sobrenomes eram principalmente Norris ou Hart.

Patrick Furnan foi a última pessoa que Crystal me apresentou. Bom, é obvio que te conheço, -disse calorosamente-, sonriendo radiante como se tivéssemos dançado em umas bodas juntas. —É a noiva do Alcide, -disse, assegurando-se de ser ouvido por cada pessoa na habitação. Alcide o filho do outro candidato ao chefe da manada.

Houve um comprido silencio, que definitivamente se poderia qualificar como “carregado”.

—Esta em um engano, -disse em tom normal- Alcide e eu somos amigos. Sorri-lhe, como lhe deixando saber que era melhor que não estivesse a sós comigo em nenhum momento.

—Equivoquei-me, então, -disse-, suave como a seda.

Calvin foi recebido em sua casa como um herói. Havia globos e pancartas, flores e novelo, e sua casa estava meticulosamente limpa. A cozinha estava cheia de comida. Agora Maryelizabeth deu um passo à frente, e deu as costas ao Patrick que estava de pé, e disse, Vêem comigo carinho. Calvin esta preparado para verte. Se tivesse tido uma trompetista, a teria usado. Maryelizabeth não era uma mulher sutil, embora tinha um ar enganoso de mistério devido a seus imensos olhos dourados.

Suponho que poderia ter sido mais incômodo, se houvesse uma cama de carvões ao vermelho vivo sobre que caminhar.

Maryelizabeth me introduziu no dormitório do Calvin. Seu mobiliário era muito bonito, sem imperfeições nem defeitos. Parecia escandinavo, embora eu conhecesse pouco sobre móveis -ou de estilos-, em realidade. Tinha uma cama alta, e grande, e estava recostado sobre lençóis que tinham um motivo de leopardos africanos caçando. (Alguém tinha senso de humor, de qualquer forma.) Contra as escuras cores dos lençóis e o escuro laranja da colcha, Calvin se via pálido. Levava um pijama café, e luzia exatamente como um homem que justo acabava de ser dado de alta no hospital. Mas se alegrou de lombriga. Encontrei-me pensando que havia algo um pouco triste sobre o Calvin Norris, algo que me tocava apesar de mim.

—Vêem sentem-se, -disse-, indicando a cama. correu-se um pouco, assim teria eu espaço para me sentar. Acredito que ele fez alguma gesto, porque o homem e a mulher que tinham estado na habitação-Dixie e Dixon-saíram em silêncio, fechando a porta detrás deles.

Sentei-me, algo inquieta, sobre a cama ao lado dele. Tinha uma dessas mesas que freqüentemente se vê nos hospitais, a classe que pode fazer-se rodar de um lado a outro. Havia um copo de lhe com gelo e um prato ao lado do copo, o vapor se elevava do alimento. Indique-lhe que deveria começar a comer. Ele inclinou a cabeça e disse uma oração quedamente, enquanto eu fiquei em silêncio. Perguntei a quem ia dirigido a reza.

—Conta-me o tudo, -disse Calvin quando desdobrou seu guardanapo-, isto me fez sentir muito mais cômoda. Comeu enquanto lhe contava o que tinha passado no beco. Notei que a comida sobre a bandeja era o guisado de frango e arroz que eu havia trazido, junto com uma mescla sortida de verduras e dois de meus pão-doces. Ele queria que eu visse que comia o alimento que tinha preparado para ele. Senti-me comovida, embora senti um sino de advertência em meu cérebro.

—Assim, sem Dawson, não haveria ninguém para contar o que tinha ocorrido -concluí-. —Agradeço-te por enviá-lo. Como esta ele?

Calvin disse, —Suportando. Transportaram-no por avião do Grainger ao Baton Rouge. Estaria morto, se não fora lobo. suportou até agora; acredito que o obterá.

Senti-me terrível.

—Não te culpe por isso, -disse Calvin-, com a voz mas profunda repentinamente. Isto foi o que Dawson escolheu.

Né? Teria parecido ignorante, assim pinjente:

— A que te refere?

—Sua opção ao escolher sua profissão. Sua opção de suas ações. Talvez deveria ter saltado uns segundos antes. Porque esperaria? Não o se. Como soube ela onde apontar, considerando a luz tão deficiente? Não o se. As opções conduzem às conseqüências. Calvin lutava por expressar algo. Não era de natureza eloqüente, e tentava expressar uma idéia importante e abstrata. Não existe a culpa, -disse finalmente-.

Seria agradável acreditar isso, e espero um dia poder fazê-lo, -pinjente-. Talvez estava a minha própria maneira a ponto de acreditar isso. Era verdade que estava farta da auto-culpa e de me seguir culpando dia a dia.

—Suspeito que os lobos vão convidar te a sua pequena farra para escolher à líder da manada, -disse Calvin-. Tomou minha mão. A sua estava morna e seca.

Assenti.

—Arrumado a que irá, -disse-.

—Acredito que tenho que fazê-lo, -disse com inquietação-, me perguntando qual era o objetivo desses comentários

—Não vou dizer te o que tem que fazer, -disse Calvin-. —Não tenho nenhuma autoridade sobre ti. -Não parecia muito feliz sobre isso-. Mas se for, por favor, cuida suas costas. Não por minha consideração; isso não significa nada, ainda. Mas sim por ti mesma.

—Posso te prometer isso, -pinjente- depois de uma cuidadosa pausa. Calvin não era um tipo que soltava a primeira idéia que rondava em sua cabeça. Era um homem sério.

Calvin me dirigiu um de seus estranhos sorrisos.

—É uma excelente cozinheira. -disse-. Sorri-lhe em resposta.

—Obrigado, senhor, -pinjente-, e se incorporou sobre a cama. Sua mão apertou a minha e me devorou sobre o. Não se deve lutar contra um homem que acaba de sair do hospital, então me dobrei para ele e pus minha bochecha em seus lábios.

—Não, -disse-, e quando virei um pouco o rosto para averiguar que estava equivocado, beijou-me nos lábios.

Sinceramente, não esperava sentir nada. Mas seus lábios eram tão mornos e secos como suas mãos, e cheirava como minha cozinha, familiar e caseira. Era surpreendente, e assombrosamente cômodo, estar assim perto do Calvin Norris. Joguei-me para trás um pouco, e estou segura que minha cara mostrou a ligeira comoção que senti. O homem-pantera sorriu e liberou minha mão.

—O bom de estar no hospital eram suas visitas, -disse-. Não te afaste, agora que estou em casa.

—Certamente que não, -pinjente-, lista para sair da habitação para assim poder recuperar minha calma.

A sala se esvaziou da maior parte da multidão enquanto falava com o Calvin. Crystal e Jason tinham desaparecido, e Maryelizabeth recolhia pratos com a ajuda de uma garota-pantera adolescente. Terry, -disse Maryelizabeth disse com uma inclinação de sua cabeça. —É minha filha. Vivemos ao lado.

Saudei a garota, quem me dirigiu um olhar precipitado antes de me dar as costas. Não era minha admiradora. Ela era das claras purasangre, como Maryelizabeth e Calvin, e era inteligente.

—vai casar se com meu pai? -Perguntou-me-.

—Não penso me casar com ninguém, -pinjente cautelosamente-. Quem é seu pai?

Maryelizabeth dirigiu ao Terry um olhar oblíquo que prometeu que Terry o sentiria depois. —Terry é do Calvin, -disse-.

Eu ainda estive perplexa durante um segundo ou dois, mas de repente, a postura tanto da jovem como da mulher maior, suas tarefas, seu ar de comodidade nesta casa, armou o quebra-cabeças.

Não disse uma palavra. Minha cara deve ter mostrado algo, porque Maryelizabeth parecia alarmada, e logo zangada.

—Não se atreva a julgar como vivemos nossa vida, -disse-. —Não somos como você.

—Isso é verdade, -pinjente, tragando minha repulsão. Forcei um sorriso em meus lábios. Obrigado por me apresentar a todos. O agradeço. Há algo em que possa lhe ajudar?

—Nos poderemos arrumar isso sozinhas -disse Terry-, me jogando outro olhar que era uma estranha combinação de respeito e hostilidade.

—Nunca deveríamos te haver enviado à escola, -disse Maryelizabeth à moça-. Seus grandes e amorosos olhos dourados se viam arrependidos.

— Adeus!, -pinjente-, e depois de que recuperei meu casaco, abandonei a casa, tentando não me apressar. Para minha consternação, Patrick Furnan me esperava ao lado de meu automóvel. Ele sustentava um casco de motocicleta sob seu braço, e descobri uma Harley um pouco mais longe no caminho.

— Estas interessada em escutar o que tenho que dizer? -perguntou o barbudo lobo

—Não, em realidade não, -pinjente-.

—Ele não vai seguir te ajudando por nada—, disse Furnan-, e girei a cabeça, para assim poder olhar a este homem.

— Do que esta falando?

As palavras de gratidão e um beijo não vão ser suficientes. Ele vai exigir o pagamento cedo ou tarde. Não será capaz de te ajudar.

Não recordo ter pedido seu conselho, -pinjente-. Ele deu um passo mais perto.

— E guarde sua distância. -Deixei que meu olhar vagasse sobre as casas que nos rodeavam. O olhar vigilante da comunidade estava sobre nós; eu poderia sentir seu peso.

—cedo ou tarde,-repetiu Furnan-. de repente, sorriu-me abertamente. Espero que seja logo. Você não pode enganar a um lobo. Ou a uma pantera. Será destroçada entre ambos.

—Não lhe sou infiel a ninguém, -pinjente-, frustrada, ante sua insistência de que o conhecia melhor que eu minha vida amorosa. Não saio com nenhum deles.

—Então não tem nenhum amparo, -disse triunfalmente-.

Eu não podia ganhar.

—Vete ao inferno, -pinjente-, completamente exasperada. Subi a meu automóvel e fui, deixando a meus olhos me deslizar sobre o lobo como se não estivesse ali. (Este conceito de "abjurar" podia ser prático quando o necessitava.) A última coisa que vi no espelho retrovisor foi ao Patrick Furnan deslizando seu casco sobre sua cabeça, ainda olhando meu automóvel afastando do lugar.

Se até agora não me tinha importado quem ganharia o concurso de Rei da montanha entre o Jackson Herveaux e Patrick Furnan, comecei-me a preocupar agora.

CAPÍTULO 15

Estava lavando os pratos que tinha usado quando cozinhei para o Calvin. Meu pequeno duplex estava tranqüilo. Se Halleigh estava em casa, era tão silenciosa como um camundongo. Não me incomodava lavar pratos para falar a verdade, era uma boa maneira para deixar que minha mente vagasse em redor e freqüentemente chegava a boas decisões enquanto fazia um pouco completamente mundano. Não muito surpreendentemente, pensava na noite anterior. Tentava recordar exatamente o que Sweetie havia dito. Algo me tinha impressionado, mas nesse momento não tinha estado exatamente em posição para levantar a mão e fazer uma pergunta. Tinha algo que ver com o Sam.

Finalmente recordei que embora havia dito ao Andy Bellefleur que o cão no beco era um troca-formas, não sabia que era Sam. Não havia nada estranho sobre isto, já que Sam tinha estado em forma de bloodhound, não em sua forma de collie habitual.

depois de que tive compreendido o que tinha estado me incomodando, pensei que minha mente estaria em paz. Isso não aconteceu. Havia algo mais, algo mais que Sweetie havia dito. Pensei e pensei, mas não houve um clique em meu cérebro.

Ante minha surpresa, encontrei-me chamando o Andy Bellefleur a sua casa. Sua irmã Porta estava tão surpreendida como eu quando respondeu, e disse mas bem friamente que chamaria o Andy.

— Sim, Sookie? -disse Andy com voz neutra.

—me deixe te fazer uma pergunta, Andy.

—Escuto-te.

—Quando dispararam ao Sam, -pinjente-, e fiz uma pausa, tratando de pensar que dizer.

—Bem, -disse Andy. Que há com isso?

— É verdade que a bala não coincidia com as demais?

—Não recuperamos uma bala em cada caso. Não era uma resposta direta, mas provavelmente era quão melhor ia conseguir.

—Hmmm. Bem, -pinjente-, agradei-lhe e pendurei, sem a certeza de ter entendido o que tinha querido dizer. Tive que empurrá-lo fora de minha mente e fazer algo mais. Se havia algo aí, encontraria seu caminho na fila dos assuntos pendentes que estavam em meus pensamentos.

O resto da tarde esteve tranqüilo, o que resultava ser um prazer incomum. Com tão pequena casa para limpar, e tão pequeno jardim por cuidar, havia muitas horas livres. Li durante uma hora, fiz um palavra cruzada, e fui à cama aproximadamente às onze.

Incrivelmente, ninguém despertou em toda a noite. Ninguém morreu, não houve nenhum fogo, e ninguém teve que me alertar sobre nenhuma emergência.

À manhã seguinte levantei me sentindo melhor do que me tinha sentido em uma semana. Uma olhada ao relógio me disse que tinha dormido de deslocado até as dez da manhã. Bem, isso não era tão surpreendente. Meu ombro se sentia quase curado; minha consciência se tranqüilizou. Não pensei que tivesse muitos segredos que guardar, e isto foi um enorme alívio. Estava acostumada a manter os segredos de outras pessoas, mas não meus.

O telefone soou quando estava tomando o último gole de minha taça de café matutino. Pus meu livro sobre a mesa da cozinha marquei a página em que ia e levantei o telefone.

— Olá! -pinjente alegremente-.

—É hoje, -disse Alcide-, com a voz vibrando de emoção. —Tem que vir.

Trinta minutos, minha paz tinha durado trinta minutos.

—Suponho que te refere à competição para escolher a posição de chefe da manada.

—É obvio.

— E por que tenho que estar ali?

—Tem que estar ali porque a manada inteira e todos os amigos da manada têm que estar ali, -disse Alcide-, com voz que não tolerava nenhum desacordo. —Christine, sobre tudo pensou que deveria ser testemunha.

Eu poderia ter discutido se não tivesse agregado o comentário sobre o Christine. A esposa do antigo chefe de manada me tinha impressionado como uma mulher muito inteligente, com uma cabeça fria.

—Bem, -pinjente-, tentando não soar resmungona. Onde e quando?

—A meio-dia, no edifício vazio da 2005 Clairemont. Estava acostumado a ser David & Vão Such, a empresa de impressão.

Recebi algumas instruções e pendurei. Enquanto tomava banho, raciocinei que isto seria um evento esportivo, assim que me vesti em minha velha saia de meclilla com uma camiseta vermelha. Pu-me uns meias-calças vermelhos (a saia era bastante curta) e uns sapatos negros. Estavam um pouco desgastados, assim esperei que Christine não olhasse meus sapatos. Coloquei minha cruz de prata dentro de minha camiseta; a transcendência religiosa não incomodaria aos lobos absolutamente, mas a prata se poderia.

Desaparecida-a empresa de impressão David & Vão Such, tinha sido um edifício muito moderno, em uma zona industrial, igualmente moderna, em grande parte desolada este sábado. Todas as empresas tinham sido construídas para fazer que combinassem entre si: edifícios de pedra cinza e vidros escuros, com arbustos de mirto ao redor e delimitadas áreas verdes. David & Vão Such destacava por uma ponte ornamental sobre uma lacuna ornamental também e sua porta principal era vermelha. Na primavera e depois de um pouco de manutenção, seria tão bonito como qualquer edifício moderno. Hoje, na fase final do inverno, as más ervas que tinham crescido o verão anterior, agitavam-se mortas ante uma fria brisa. Os esqueléticos arbustos de mirtos necessitavam urgentemente uma poda, e a água na lacuna se via estancada, com o lixo flutuando de maneira sombria por aqui e por lá. O David & Vão Such, tinha um estacionamento que continha aproximadamente trinta automóveis, incluindo -siniestramente- uma ambulância

Embora levava uma jaqueta o dia pareceu inusualmente mais frio quando saí do estacionamento e me dirigi através da ponte à porta principal. Arrependi-me de ter deixado meu casaco mais quente em casa, mas não tinha parecido necessário já que do estacionamento ao edifício só havia uns quantos metros e

dentro não faria tão frio. O vidro do David & Vão Such, quebrado solo na porta vermelha, refletia o pálido céu azul e os hierbajos mortos.

Não parecia correto golpear em uma porta de uma empresa, assim que me deslizei dentro. Duas pessoas estavam diante de mim, quando cruzei a área de recepção vazia. Entraram por dois cinzas leva dobre. Segui-os, me perguntando aonde estava entrando.

Entramos no que tinha sido a área de fabricação, suponho; as enormes imprensas fazia muito tempo que não estavam. Ou talvez este grande espaço tinha estado cheio de escritórios utilizados por empregados que tomavam ordens ou fazendo o trabalho contável. Os clarabóias no teto deixavam entrar um pouco de iluminação. Havia um grupo de pessoas no meio da área.

Bem, não tinha conseguido me vestir corretamente. As mulheres sobre tudo levavam conjuntos de saco e calça muito elegantes, e vislumbrei um vestido aqui e ali. Encolhi-me de ombros. Quem poderia havê-lo sabido?

Havia algumas pessoas na multidão que eu não tinha visto no enterro. Saúde em direção a uma ruiva chamada Amanda (eu a conhecia da Guerra das Bruxas), e ela me saudou em resposta. Surpreendeu-me descobrir ao Claudine e Claude. Os gêmeos luziam maravilhosos, como sempre. Claudine levava um suéter verde escura e calças negras, e Claude levava um suéter negro e calças verde escuro. O efeito era assombroso. Já que as duas fadas eram quão únicos estava segura que não eram lobos entre a concorrência, me fui parar ao lado deles.

Claudine se girou e me beijou sobre a bochecha, e Claude também. Seus beijos se sentiram exatamente igual.

— O que vai passar? -Sussurrei a pergunta porque o grupo estava excepcionalmente tranqüilo-. Podia ver coisas pendurando do teto, mas na sombria luz não podia imaginar que eram.

—Haverá várias provas, -murmurou Claudine-. Você não acostuma a gritar muito, verdade?

Nunca o tinha feito, mas me perguntei se não iniciaria o dia de hoje.

Uma porta se abriu sobre no lado oposto de onde tínhamos entrado, e Jackson Herveaux e Patrick Furnan entraram. Estavam nus. Tendo visto muito poucos homens nus, não tinha muita base para a comparação, mas tenho que dizer que estes dois lobos não eram meu ideal. Jackson, embora indubitavelmente em forma, era um homem velho com pernas fracas, e Patrick (embora também se via forte e musculoso), tinha forma de barril.

depois de que me tive adaptado à nudez dos homens, notei que cada um deles estava acompanhado por outro lobo. Alcide seguia a seu pai, e um jovem loiro seguia o passo ao Patrick .Alcide e o loiro permaneceram totalmente vestidos.

— Teria sido agradável se eles tivessem estado nus, ehnh? -sussurrou Claudine- assinalando em direção aos homens mais jovens. São os padrinhos.

Como em um duelo. Procurei para ver se levavam pistolas ou espadas, mas suas mãos estavam vazias.

Notei ao Christine só quando ela ficou à frente da multidão. Estendeu a mão em cima de sua cabeça e aplaudiu com suas mãos uma vez. Não tinha havido muito bate-papo antes disso, mas agora o imenso espaço se encheu completamente de silêncio. A delicada mulher de cabelo grisalho dispunha de toda a atenção.

Consultou um folheto antes de começar.

—Reunimo-nos para escolher ao próximo líder da manada do Shreveport, também chamado Manada de Dente Comprido. Para ser líderes da manada, estes lobos devem competir em três provas. -Christine fez uma pausa para olhar o livro-.

Três era um bom número místico. Tinha esperado três.

Esperei que nenhuma destas provas envolvesse sangue. Poucas probabilidades.

—A primeira prova é a prova de agilidade. -Christine assinalou detrás dela uma área passada os laços-. Parecia um pátio de recreio gigante na débil luz.

—Depois será a prova de resistência. -Assinalou uma área coberta à esquerda-. Depois será a prova pela luta do poderio. -E ao tempo agitou uma mão para uma estrutura detrás dela-.

Muito para que não houvesse sangue.

—Depois o ganhador deve emparelhar-se com outro lobo, para assegurar a sobrevivência da manada.

Esperei que a parte quatro fora simbólica. depois de tudo, Patrick Furnan tinha esposa, que estava de pé perto de um grupo que era definitivamente Pró o Patrick.

Isto me pareciam quatro provas, não três, a não ser que a parte de acoplamento fora somente um pouco parecido a entregar o troféu ao ganhador.

Claude e Claudine tomaram minhas mãos e lhe deram um apertão simultâneo.

—Isto vai ser realmente mau, -sussurrei-, e eles assentiram ao unísono.

Vi dois paramédicos uniformizados de pé, ao final da multidão. Ambos eram troca-formas de alguma classe, seu modelo cerebral me disse isso. Com eles estava uma pessoa, mas bem uma criatura, que eu não tinha visto durante meses: A Doutora Ludwig. Ela captou meu olhar e se inclinou para mim. devido a que media ao redor de um metro, não teve que inclinar-se muito. Inclinei-me em resposta. A Doutora Ludwig tinha um nariz grande, a pele olivácea, e o grosso cabelo castanho e ondulado. Alegrei-me de que estivesse ali. Não tinha idéia de que tipo era a Doutora Ludwig além de animal, mas era uma boa doutora. Minhas costas teria ficado cheia de cicatrizes -assumindo que tivesse vivido - se a Doutora Ludwig não me tivesse tratado depois de um ataque de menade. Tinha escapado com um par de dias maus e uma pequena cicatriz branca percorrendo minhas omoplatas, graças à diminuta doutora.

Os concursantes entraram em "o círculo", em realidade um quadrado grande delimitado por cordas de veludo e postes de metal parecido aos que usam nas filas dos bancos. Tinha pensado que a área cercada parecia um pátio de recreio, mas agora, quando as luzes se acenderam, compreendi que via algo mas bem parecido a uma areia de competição de saltos de cavalos, ou um espaço para uma competência de agilidade para cães gigantescos.

Christine disse:

—Podem trocar. Christine se afastou para perder-se entre a multidão. Ambos os candidatos caíram ao piso, e o ar ao redor deles começou a brilhar e distorcer-se. Trocar rapidamente quando um o deseja é uma fonte de orgulho entre os troca-formas. Os dois lobos alcançaram sua mudança quase ao mesmo instante. Jackson Herveaux se converteu em um enorme lobo negro, como seu filho. Patrick Furnan era de cor cinza pálida, largo de peito, mas um pouco mas desço de estatura.

Quando a pequena multidão se aproximou mas, quase tocando as cordas de veludo, um dos homens maiores que eu alguma vez tinha visto saiu das escuras sombras para caminhar na areia. Reconheci-o como o homem que tinha visto no enterro do Coronel Flood. Ao menos de 1.98 mts de altura, hoje ele estava com o musculoso peito descoberto e descalço. Era extraordinariamente musculoso, e seu peito estava tão calvo como sua cabeça. Parecia um Gênio; teria se visto bastante natural com uma bandagem e calças de seda. Em troca, levava uns velhos jeans azuis. Seus olhos eram profundos e líquidos. Certamente, era um troca-formas de alguma classe, mas não podia imaginar que era.

—Latido!, - suspirou Claude-.

—Ohhh céus, -sussurrou Claudine.

—Mmmm.... -resmunguei-.

De pé entre os opositores, o alto homem os dirigiu ao começo da prova.

—Uma vez que a prova começou, nenhum membro da manada pode interromper, - disse-, olhando de um lobo a outro.

—O primeiro concursante é Patrick, lobo desta emanado, -disse o homem alto-. Sua voz de baixo era tão dramática como o distante retumbar de tambores.

Entendi então que ele era o árbitro. —Patrick vai primeiro, de acordo ao lançamento de moeda, -disse o homem alto-.

antes de pensar que era bastante gracioso que toda esta cerimônia incluía um lançamento de moeda, o lobo pálido se moveu, tão rápido que logo que pude manter a vista nele. Voou em cima de uma rampa, saltou três barris, golpeou o chão ao aterrissar, e voou em cima de outra rampa e através de um anel pendente do teto (que se balançou violentamente depois de que atravessou pelo), caiu de novo ao chão, engatinhando a quatro patas por um túnel claro que era muito estreito e torcido a intervalos. Era parecido aos que vendem nas lojas de animais para furões ou roedores, solo que maior. Uma vez fora do túnel, o lobo, com a boca aberta ofegante, chegou a uma área plana coberta de grama artificial. Aqui, fez uma pausa e se deteve antes de pôr um pé. Cada passo foi como o anterior, enquanto o lobo continuava seu caminho através de vinte metros ou mais dessa área especial. de repente uma seção da grama saltou quando uma armadilha se fechou salvando-se por pouco a perna do lobo. O lobo gemeu consternado, congelado no lugar. Deve ter estado angustiado, tentando conter-se de correr à segurança da plataforma que estava agora a só um metro de distância.

Estava tremendo, embora esta competição tivesse pouco que ver comigo. A tensão se mostrava claramente entre os lobos. Eles não pareciam comportar-se como seres humanos já. Inclusive a excessivamente maquiada Sra. Furnan tinha os olhos completamente abertos, olhos que não pareciam de mulher, inclusive sob toda aquela maquiagem.

Quando o lobo cinza completou sua prova final, um só salto de uma longitude de possivelmente dois automóveis, um uivo de triunfo estalou na garganta do companheiro do Patrick. O lobo cinza caiu de pé sem perigo sobre a plataforma. O árbitro verificou um cronômetro em sua mão.

—Segundo candidato, -disse o homem grande, —Jackson Herveaux, lobo desta manada. Um cérebro perto de mim me subministrou o nome do homem grande.

—Quinn, -sussurrei ao Claudine. Seus olhos se abriram de par em par. O nome era significativo para ela de um modo que eu não podia adivinhar.

Jackson Herveaux começou a mesma prova de destreza que Patrick já tinha completado. Foi mais garboso na argola suspensa; apenas se moveu quando passou sem nenhum problema. Tomou um pouco mais de tempo, -pensei- passar pelo túnel. Ele pareceu compreendê-lo também, porque caminhou apressadamente ao campo de armadilhas, mas às pressas do que era conveniente. Ele se deteve em seco, talvez chegando à mesma conclusão. inclinou-se para usar seu nariz com mais cuidado. A informação que percebeu o fez estremecer. Com delicioso cuidado, o lobo levantou uma pata dianteira negra e a moveu uns centímetros. Estávamos contendo a respiração quando caminhou de maneira diferente a como o tinha feito seu predecessor. Patrick Furnan se moveu a grandes pernadas, com pausas largas, e farejando entre elas, uma espécie de estilo " às pressas, espera-aprisa". Jackson Herveaux se moveu regularmente em passos curtos, seu nariz sempre ocupado, seus movimentos astutamente estudados. Ante meu alívio, o pai do Alcide cruzou o campo ileso, sem saltar nenhuma das armadilhas.

O lobo negro se preparou para o salto final, lançando-se ao ar com todo seu poder. Sua aterrissagem foi menos elegante, já que suas patas traseiras tiveram que escavar para aderir-se ao bordo do lugar de aterrissagem. Mas o fez, e algumas felicitações ecoaram no espaço vazio.

—Ambos os candidatos passaram a prova de agilidade, -disse Quinn-. Seus olhos vagaram pela multidão. Quando passaram por nosso estranho trio duas altas fadas gêmeas de cabelo negro e um humano muito mais baixo loiro. seu olhar poderia haver ficado fixa por alguns momentos, mas era difícil dizê-lo.

Christine tentava conseguir minha atenção. Quando viu que a olhava, inclinou ligeiramente a cabeça, assinalando que me reunisse a um lado da prova de resistência. Perplexa mas obediente, caminhei através da multidão. Não sabia que os gêmeos me tinham seguido até que se acomodaram um a cada lado de mim. Havia algo sobre isto que Christine queria que eu visse,... Certamente. Queria que eu usasse meu talento aqui. Ela suspeitava de alguma artimanha. Quando Alcide e seu colega loiro tomaram seus sítios no redil, notei que ambos tinham postas luvas. Sua atenção estava completamente absorvida por esta competição; me deixando por completo livre de pensamentos provenientes desses dois. Isto deixava aos dois lobos. Nunca tinha tentado olhar dentro da mente de uma pessoa trocada.

Com considerável preocupação, concentrei-me em me abrir passo entre seus pensamentos. Como se poderia esperar, a mescla de humano e cão, conseguiam um modelo de pensamento bastante provocador. Ao princípio da exploração eu só poderia recolher a mesma classe enfoque, mas logo detectei uma diferença.

Quando Alcide levantou uma barra de 50 cms de comprimento de prata, em meu estômago se instalou o fritou e me estremeci. Então olhei ao loiro, estava ao lado dele repetindo o gesto, senti que meus lábios se retorciam de aversão. As luvas não eram totalmente necessárias, porque na forma humana, a pele de lobo não seria danificada pela prata. Na forma de lobo, a prata era terrivelmente dolorosa.

O padrinho do Furnan comprovou com suas mãos cobertas a prata, para comprovar se não teria alguma armadilha escondida.

Eu não tinha idéia por que a prata debilitava aos vampiros e os queimava, e por que poderia ser fatal para os lobos, enquanto que esta não tinha nenhum efeito sobre as fadas - as que, entretanto, não podia suportar uma larga exposição ao ferro-. Mas sabia que estas coisas eram verdade, e sabia que a próxima prova seria horrível de ver.

Entretanto, estava aí para presenciá-lo. Algo ia passar que necessitava minha atenção. Sintonizei minha mente de volta à pequena diferença que eu tinha lido nos pensamentos do Patrick. Em sua forma de lobo, estes eram tão primitivos que logo que mereciam chamar-se "pensamentos".

Quinn ficou de pé entre os dois alguns segundos, seu couro cabeludo liso recolhia um brilho de luz. Tinha um relógio de cronometragem em suas mãos.

—Os candidatos tomarão a prata agora, -disse-, e com sua mão enluvada Alcide pôs a barra na boca de seu pai. O lobo negro a sujeitou e se sentou, justo como o lobo cinza o fez com sua respectiva barra de prata. Os dois padrinhos retrocederam. Um alto gemido de dor saiu do focinho do Jackson Herveaux, enquanto Patrick Furnan não mostrava nenhum signo de tensão exceto um pesado ofego. Quando a pele delicada de suas gengivas e lábios começou jogar fumaça e cheirar um pouco, o gemido do Jackson se fez mais forte. A pele do Patrick mostrou os mesmos dolorosos sintomas, mas Patrick estava silencioso.

—São tão valentes, -sussurrou Claude, olhando com fascinado horror o tortura que os dois lobos estavam tolerando. Se fazia evidente que o lobo mais velho não ganharia esta competição. Os sinais visíveis de dor se incrementavam a cada segundo, e embora Alcide estava de pé ali concentrado unicamente em seu pai para lhe dar seu apoio, em qualquer momento isto se terminaria. Exceto...

—Esta fazendo armadilha, -pinjente claramente-, assinalando ao lobo cinza.

—Nenhum membro da manada pode falar. -A voz profunda do Quinn não estava zangada-, simplesmente assinalava os fatos.

—Não sou um membro da manada

—Esta desafiando a competição? Quinn me estava olhando agora. Todos os membros da manada que tinham estado de pé perto ao redor meu se retiraram até que eu fiquei de pé só com as duas fadas, que me estavam olhavam com um pouco de surpresa e consternação.

—Aposte seu traseiro a que o faço. Cheire as luvas que leva o padrinho do Patrick.

O padrinho loiro se via completamente aturdido. E culpado.

—Deixem cair as barras, -ordenou Quinn, e os dois lobos obedeceram, Jackson Herveaux com um gemido. Alcide caiu de joelhos frente a seu pai, pondo seus braços ao redor do lobo mais velho.

Quinn, movendo-se tão brandamente como se suas articulações estivessem engorduradas, ajoelhou-se para recuperar as luvas que o padrinho do Patrick tinha deixado cair ao piso. A mão do Libby Furnan se lançou sobre a corda de veludo para tomá-los rapidamente, mas um profundo grunhido do Quinn lhe fez deter-se. Este som fez que minhas próprias costas se estremecessem e isso que estava muito mais longe que Libby.

Quinn recolheu as luvas e os cheirou.

Ele olhou ao Patrick Furnan com um desprezo tão forte que foi surpreendente que o lobo não se desabasse sob seu peso.

deu-se volta a para enfrentar ao resto da multidão.

—A mulher tem razão. -A voz profunda do Quinn teve o peso de uma pedra-. Há uma droga sobre as luvas. Isto fez que a pele do Furnan se intumescesse quando a prata foi colocada em sua boca, assim o poderia durar mais tempo. Declaro-o perdedor desta parte da competição. A manada terá que decidir se deveria perder o direito a continuar, e se seu padrinho ainda deveria ser um membro da manada. O lobo loiro se encolhia como se esperasse que alguém o golpeasse. Não compreendia por que seu castigo deveria ser pior que Patrick; talvez entre mas sob a fila, o castigo era pior? Não era exatamente justo; mas é obvio, eu não era lobo.

—A manada votará, -gritou Christine-. Ela encontrou meus olhos e soube que era por isso, por isso me tinha querido aqui. Se pudessem o resto de vocês retirar-se a outro lugar?

Quinn, Claude, Claudine, e três troca-formas se moveram comigo cruzando as portas que conduziam a outros escritórios. Havia luz mais natural ali, o que era um prazer. Menos agradecer foi a curiosidade que se reuniu ao redor meu. Meus escudos estavam ainda abaixo, e senti a suspeita e conjeturas fluir do cérebro de meus companheiros, exceto, é obvio, das duas fadas. Para o Claude e Claudine, minha particularidade era um dom estranho, e sentiam que era uma mulher afortunada.

—Venha aqui, -retumbou a voz do Quinn, e pensei em lhe dizer que tomasse suas ordens e as empurrasse onde o sol não brilhasse. Mas isto seria infantil, e eu não tinha nada que temer. (Ao menos isto é o que me disse aproximadamente sete vezes em rápida sucessão.) Endireite minhas costas até pô-la rígida, aproximei-me do ele rapidamente e elevei a vista a sua cara.

—Não tem por que franzir o cenho dessa maneira, -disse com calma-. Não vou golpear lhe.

Nunca pensei que o faria, -disse com voz acalmada-, da que estive orgulhosa. Descobri que seus redondos olhos, eram muito escuros com um rico tom café púrpura em sua íris como a flor chamada pensamentos. Wow, eram formosos! Sorri com absoluto prazer... e uma porção de alívio.

Inesperadamente, o sorriu em resposta. Tinha lábios cheios, dente muito brancos, e uma coluna robusta por pescoço.

Quão freqüentemente tem que barbear-se? -Perguntei-, fascinada com sua suavidade.

Riu fortemente.

—Assusta-lhe algo? -perguntou-.

—Tantas coisas, -disse com pesar-.

Considerou isso por um momento.

—Você tem um sentido extrasensitivo para o aroma?

—Não.

—Conhecia loiro?

—Nunca o vi antes.

— Então como soube?

— Sookie é uma telépata, -disse Claude-. Quando conseguiu o peso cheio do olhar do homem grande, pareceu arrependido de havê-lo interrompido.

—Minha irmã é ela, ah, seu guardião, -concluiu Claude com pressa.

—Então você faz um trabalho terrível, -disse Quinn ao Claudine.

—Não diga isso ao Claudine, -disse com indignação-. Claudine salvou minha vida várias vezes.

Quinn parecia exasperado. "Fadas", -resmungou-. Os lobos não vão estar felizes com sua informação, -disse-me-. Ao menos a metade deles vão desejar que você estivesse morta. Se sua segurança for a prioridade do Claudine, deveria lhe haver mantido a boca fechada.

Claudine parecia esmagada.

— Hey!, -pinjente-, curta o cilindro. Sei que tem amigos ali pelos que estas preocupado, mas não te desforre com o Claudine. Ou comigo, -acrescentei a toda pressa-, quando seus olhos se fixaram em meus.

—Não tenho nenhum amigo ali. E me barbeio cada manhã, -disse-.

—Esta bem, então. -assenti confusa.

—Ou se sair pela tarde.

—Apanhei-te.

—Para fazer algo especial.

O que consideraria especial Quinn?

Comporta-as se abriram, interrompendo uma das conversações mais estranhas que eu alguma vez tinha tido.

—Podem retornar, -disse uma jovem lobo, com sapatos cujos saltos eram de 10 centímetros. Ela levava um vestido entubado cor Borgonha, e quando a seguimos, saiu balançando excessivamente os quadris. Perguntei a quem tentava atrair, ao Quinn ou ao Claude. Ou talvez ao Claudine?

—Isto é nosso julgamento, -disse Christine ao Quinn. Reataremos a competição onde terminou. Segundo os votos, já que Patrick fez armadilha na segunda prova, é declarado o perdedor dessa prova. Da prova de agilidade, também. Entretanto, permitem-lhe seguir na competência. Mas para ganhar, tem que ganhar a última prova em forma contundente. -Não estive segura de que significava "em forma contundente" neste contexto-. Pela cara do Christine, estive segura que isto não era de bom agouro. Pela primeira vez, compreendi que a justiça poderia não prevalecer.

Alcide se via mau, quando encontrei sua cara entre a multidão. Este julgamento parecia claramente parcial a favor do opositor de seu pai. Não me tinha dado conta de que havia mais lobos no lado do Furnan que no lado do Herveaux, e me perguntava quando tinha ocorrido essa mudança. O equilíbrio tinha parecido mais parecido no funeral.

devido a que já tinha interferido, senti-me livre de interferir um pouco mais. Comecei a vagar entre os membros da manada, escutando a seus cérebros. Embora os cérebros revoltos de todos os lobos e trocas formas sejam difíceis de decifrar, comecei a recolher uma pista aqui e ali. Os Furnans, entendi, tinham conseguido seu plano de filtrar histórias sobre os hábitos de jogo do Jackson Herveaux, lhes dizendo que Jackson não seria confiável como líder.

Eu sabia pelo Alcide que as histórias sobre o jogo de seu pai eram verdadeiras. Embora eu não admirasse aos Furnans por jogar este cartão, não o considere mau, tampouco.

Os dois competidores estavam ainda em forma de lobo. Se eu tinha entendido corretamente, seguiam programados para lutar de qualquer maneira. Estava de pé perto da Amanda.

— O que trocou sobre a última prova? -Perguntei-. A ruiva cochichou que agora a luta não seria uma luta normal, com o concursante de pé sobre o perdedor durante cinco minutos declarado ganhador. Agora, para ganhar a luta "contundentemente", o perdedor tinha que estar morto ou incapacitado.

Isto era mais do que tinha prometido ficar, mas sabia, que até se não me pedissem isso novamente não poderia partir.

O grupo se reuniu ao redor de um domo de metal que me recordou irresistivelmente o filme do Mel Gibson, *Mad Max -Recordem-* “Dois homens entram, um só homem sai. “ Suponho que isto era o equivalente entre os lobos. Quinn abriu a porta, e os dois grandes lobos se introduziram, girando suas cabeças de um lado a outro como se contassem a seus partidários. Ou ao menos, supus que isso fazia.

Quinn se girou e me fez gestos.

OH, OH. Franzi o cenho. Os escuros olhos café púrpura, eram intensos. O homem representava à empresa. Aproximei-me dele a contra gosto.

—vai ler suas mentes outra vez, -disse-me-. Pôs uma mão enorme sobre meu ombro. Girou-me para confrontá-lo, por isso fiquei " cara a cara ", com seus escuros mamilos. Desconcertada, elevei a vista.

—Escuta, loira, tudo o que tem que fazer é entrar ali e fazer o que for que faz, -disse de modo tranqüilizador-.

Não podia ter tido esta idéia enquanto os lobos estavam fora da jaula? O que se fechava a porta detrás de mim? Volteei sobre meu ombro em busca do Claudine, que sacudia freneticamente sua cabeça.

— por que preciso fazê-lo? Qual seria o objetivo? —Perguntei-, para não parecer uma idiota total.

— vai fazer armadilha outra vez? -Perguntou tão brandamente que soube que ninguém mais poderia ouvi-lo. Tem Furnan alguma forma de fazer armadilha que não posso ver?

— Garante minha segurança?

Ele encontrou meus olhos.

— Sim, -disse sem titubear-. Abriu a porta da jaula. Embora teve que inclinar-se, entrou detrás de mim.

Os dois lobos se aproximaram de mim cautelosamente. Seu aroma era forte; como cão, mas mas almiscarado e selvagem. Nervosamente, pus minha mão sobre a cabeça do Patrick Furnan. Olhei em sua cabeça tão forte como pude, e só distingui a raiva que sentia contra mim por lhe haver estragado seu triunfo na prova de resistência. Havia uma dura determinação sobre a luta próxima, que tinha a intenção de acabar com crueldade absoluta.

Suspirei, sacudi a cabeça e afastei minha mão. Para ser justa, pus minha mão sobre os ombros do Jackson, que eram tão altos que todo meu corpo tremeu. O lobo literalmente vibrava, um leve calafrio fez que sua pelagem se estremecesse sob meu contato. Sua resolução inteira estava determinada a rasgar a seu rival membro por membro. Mas Jackson estava assustado do lobo mais jovem.

—Tudo claro, -pinjente-, e Quinn se girou para abrir a porta. Ele se agachou para passar, e estive a ponto de segui-lo quando a moça do vestido borgoña chiou. Movendo-se mais rápido do que pensei que um homem tão grande poderia mover-se, Quinn giro sobre seus pés, agarrou meu braço com uma mão, e deu um puxão com toda sua força. Com sua outra mão fechou de repente a porta, e ouvi algo estelar se contra ela.

Os ruídos detrás de mim me disseram que a batalha já tinha começado, mas fui fixada contra uma enorme extensão de pele bronzeada e Lisa.

Com meu ouvido no peito do Quinn, pude escutar o estrondo de sua voz tão fora como dentro de seu corpo:

— Machucou-a?

Eu estava tremente e estremecida. Minha perna estava molhada, e vi que meus meias-calças estavam rasgados, e o sangue corria de um arranhão em minha pantorrilha direita. Minha perna tinha raspado a porta quando Quinn a tinha fechado tão rapidamente, ou eu tinha sido mordida? OH meu Deus, se eu tinha sido mordida...

Todos outros se apertaram contra a jaula, olhando os giros e voltas dos lobos. Sua baba e seu sangue voavam em finos rocios, salpicando aos espectadores. Olhei para ver atrás o focinho do Jackson sobre a perna traseira do Patrick, enquanto Patrick se dobrou para trás para morder o focinho do Jackson. Vislumbrei a cara do Alcide, concentrado e angustiado.

Não quis olhar isto. Eu preferiria olhar o corpo do estranho que observar que dois homens se matavam um ao outro.

—Estou sangrando, -disse ao Quinn-. Não é tão mau.

Um uivo no alto da jaula indicou que um dos lobos tinha cotado um golpe. Me milho.

O homem grande me levou para a parede. Era uma boa distância da briga. Ajudou-me a me dobrar e a me sentar no piso.

Quinn se sentou também no piso. Era tão elegante para ser alguém tão grande que fique absorta observando seus movimentos. ajoelhou-se ante meu para me tirar meus sapatos, e logo meus meias-calças, que estavam rasgados e molhados de sangue. Eu estava em silêncio e tremendo quando o se agachou e se acomodou sobre seu estômago. Agarrou meu joelho e meu tornozelo entre suas enormes mãos como se minha perna fora uma grande pata de frango. Sem dizer uma palavra, Quinn começou a lambear o sangue de minha ferida. Tive medo que isto fora uma preparação para me morder, mas a Doutora Ludwig se aproximou, olhou-me e assentiu. —Estará bem, -disse despectivamente. depois de me acariciar a cabeça como se fora um cão ferido, a diminuta doutora retornou com os assistentes.

Enquanto isso, embora não tivesse acreditado que fora possível que algo me distraísse de estar ao fio do suspense, a coisa essa que me estava fazendo de lambear a perna me proporcionava uma diversão completamente inesperada. Movi-me agitado, sufocando um ofego. Talvez deveria afastar minha perna do Quinn? Observar a brilhosa e calva cabeça movendo-se de cima para baixo enquanto me lambia, para que sentisse a mundos de distância da luta a morte que tinha lugar ao outro lado da habitação. Quinn trabalhava cada vez mais devagar, sua língua morna e um pouco áspera enquanto limpava minha perna. Embora seu cérebro fora o cérebro mais opaco de um troca-formas que eu alguma vez tivesse encontrado, soube que o estava tendo a mesma reação que eu.

Quando terminou, colocou sua cabeça sobre minha coxa. Ele respirava pesadamente, e eu tentava não fazê-lo igual. Suas mãos liberaram sua sujeição, mas acariciaram minha perna deliberadamente. Elevou a vista para mim. Seus olhos tinham trocado. Eram dourados, de ouro sólido. A cor enchia seus olhos. Latido...!

Suponho que pôde distinguir em meu rosto, o que nosso pequeno interlúdio –por dizê-lo brandamente-, tinha provocado em mim.

—Não é o momento nem o lugar, bebe. -disse-.

—Deus, isso foi...grandioso. estirou-se, e isso não foi uma extensão de seus braços e peito da maneira em que o fazem os seres humanos. Ele realmente ondulou da base de seu espinho até seus ombros. Esta era uma das coisas mas estranhas que eu alguma vez tivesse visto, e eu havia visto muitas costure estranhas.

— Sabe quem sou? – perguntou-.

Assenti.

—Quinn? –Pinjente-, sentindo avermelhar minhas bochechas.

—ouvi que seu nome é Sookie, -disse-, levantando-se até ficar de joelhos.

—Sookie Stackhouse, -pinjente-.

Pôs sua mão sob meu queixo, para poder que pudesse olhá-lo. Olhei fixamente seus olhos tão forte como pude. Ele não piscou.

—Pergunto-me que é o que estas vendo, -disse finalmente, e retirou sua mão-.

Joguei uma olhada a minha perna. A marca sobre ela, agora livre de sangue, era quase certamente um arranhão do metal da porta.

—Não é uma dentada, -pinjente-, com voz entrecortada. A tensão se afastou de mim rapidamente.

—Não. Nenhuma loba em seu futuro, -acordou-, e fluiu sobre seus pés. Ofereceu-me sua mão. Tomei, e me levantou em um segundo. Um grunhido penetrante proveniente da jaula me sacudiu de retorno ao aqui e ao agora.

—me diga algo. por que demônios não votam melhor? -perguntei-.

Os olhos redondos do Quinn, retornaram a sua cor café púrpura e corretamente rodeadas de branco, enrugando as comissuras com diversão.

—Não é a maneira dos troca-formas, bebê. Verá-me depois, -prometeu Quinn-. Sem outra palavra retornou a pernadas à jaula, e minha pequena viagem a outro mundo terminou. Tive que retornar minha atenção ao assunto realmente importante que estava acontecendo neste edifício.

Claudine e Claude olhavam com inquietação sobre seus ombros quando os encontrei. Fizemos um pequeno espaço para facilitar meu emprego entre eles, e envolveram seus braços a mim ao redor. Pareciam muito transtornados, e Claudine tinha duas lágrimas deslizando-se por suas bochechas. Quando vi a situação na jaula, entendi por que.

O lobo mais ligeiro estava ganhando. A pelagem do lobo negro estava talher de sangue. Ainda estava sobre seus pés, ainda grunhia, mas uma de suas pernas traseiras cedia sob seu peso de vez em quando. As arrumou para sustentar-se duas vezes, mas a terceira vez a perna se derrubou, o lobo mais jovem esteve sobre ele, mordendo-o uma e outra vez, em um borrão espantoso de dentes, carne rasgada, e pele.

Esquecendo as regras de silêncio, todos os lobos gritavam seu apoio de um concursante ao outro, ou somente uivavam. A violência e o ruído se mesclavam harmonizando em um caótico collage. Finalmente descobri que Alcide esmurrava suas mãos contra o metal em vã agitação. Nunca havia sentido tanta pena por alguém como esse dia. Perguntei-me se trataria de entrar pela força na jaula de combate. Mas outro olhar me disse que inclusive o respeito do Alcide pelas regras da manada se debilitou e tentou ir à ajuda de seu pai, Quinn bloqueava a porta. Por isso era pelo que a manada tinha contratado um forasteiro, é óbvio.

Bruscamente, a briga terminou. O lobo cinza tinha ao mais escuro pela garganta. Sustentava-o, mas não o mordia. Talvez Jackson teria contínuo lutando se não tivesse estado tão gravemente ferido, mas sua força estava esgotada. Ele ficou lhe choramingue incapaz de defender-se. O espaço ficou completamente silencioso.

—Patrick Furnan é declarado o ganhador, -disse Quinn- com voz neutra.

E logo Patrick Furnan mordeu a garganta do Jackson Herveaux e o matou.

CAPITULO 14

Dormi por muitas horas. Quando despertei, Tara se tinha ido. Senti uma punhalada de pânico, até que me dava conta que tinha dobrado a manta, lavou-se a cara no quarto de banho (a toalha estava molhada), e se tinha posto seus sapatos. Tinha-me deixado uma pequena nota, também em um velho sobre que tinha o princípio escrito de minha lista de compras. A nota dizia, chamarei-te mais tarde. T. Breve e concisa, e não evocava precisamente o amor de uma irmã.

Senti-me um pouco triste. Pensei que eu não seria a pessoa favorita da Tara por um tempo. Tinha tido que olhar mais estreitamente dentro dela mesma mais do que desejava.

Há tempo para pensar, e tempo para estar improdutivo. Hoje seria um dia inativo. Meu ombro se sentia muito melhor, e decidi que iria ao Wal-Mart no Clarice e compraria tudo o que necessitava em uma só viagem. Também, lá não veria tantas pessoas conhecidas, e não teria que falar do atentado que sofri.

Era muito tranquilo o anonimato em uma loja dessas dimensões. Movi-me devagar e li etiquetas, inclusive escolhi uma cortina de banho para o quarto de banho do duplex. Tomei meu tempo para completar minha lista. Quando transferi as bolsas do carrinho de supermercado ao automóvel, tratei das carregar todas com o braço direito. Virtualmente emprestava a virtude (por meu bom comportamento), quando retornei à casa do Berry Street.

A caminhonete da floricultura do Bon Temps estava na entrada. Cada mulher sente um pequeno salto em seu coração quando vê o caminhão da floricultura em sua porta, e eu não era nenhuma exceção.

—Tenho uma entrega múltiplo aqui, -disse a esposa do Bud Dearborn, Greta. Greta era insípida e gordinha como o xerife, mas sua natureza era feliz e aberta. —É uma garota afortunada, Sookie.

—Sim, senhora, sou-o, -acordei um pouco irônica-. depois de que Greta me teve ajudado a entrar com minhas bolsas, começou a entrar com as flores.

Tara me tinha enviado um pequeno floreiro de margaridas e cravos. Estou muito afeiçoada com as margaridas, e o amarelo e o branco se viam bastante bem em minha pequena cozinha. O cartão só dizia “da Tara.”

Calvin tinha enviado um pequeno arbusto de gardênia envolto em papel de seda e um grande coque. Estava lista para sair do bote de plástico e ser plantada assim que o perigo de uma geada estivesse finalizado. Estava assombrada pela consideração do obséquo, já que o arbusto de gardênia perfumaria meu jardim por anos. Como ele tinha tido que chamar por telefone para fazer o pedido, o cartão só dizia “Pensando em ti, Calvin.”

Pam me tinha enviado um buquê, e o cartão dizia, “Que não lhe disparem Mais da turma da Fangtasia. Isto me fez rir um pouco. Automaticamente pensei escrever notas de agradecimento, mas é obvio não tinha meus artigos de escritório comigo. Passaria pela farmácia e conseguiria alguns. A farmácia do centro da cidade tinha uma esquina que aonde estava uma loja de cartões, e também aceitava pacotes do UPS. Tinha que te diversificar no Bon Temps.

Guardei em seu sítio minhas compras, pendurei torpemente a cortina de banho, e me comecei a arrumar para ir trabalhar.

Sweetie Dê Artes foi a primeira pessoa que vi quando atravessei a entrada dos empregados. Tinha os braços cheios de toalhas de cozinha, e trazia posto seu avental.

—É uma mulher dura de matar, -comentou-. Como te há sentido?

—Estou bem, -pinjente-. Parecia que Sweetie tinha estado me esperando, e apreciei o gesto.

—Escutei que te agachou bem a tempo, -disse-. Como foi isso? Escutou algo?

—Não exatamente, -pinjente-. Sam coxeou para fora de seu escritório então, usando sua fortificação. Estava franzindo o cenho. Não queria explicar minha pequena peculiaridade ao Sweetie ao mesmo tempo que ao Sam. Assim pinjente, — solo tive um pressentimento, e me encolhi de ombros, o qual foi inesperadamente doloroso.

Sweetie agitou a cabeça ante minha milagrosa recuperação e deu a volta para ir-se pelo bar de volta à cozinha.

Sam me indicou com a cabeça que o seguisse a seu escritório, e apreensivamente o segui. Ele fechou a porta detrás de nós.

— O que estava fazendo quando lhe dispararam? —perguntou-. Seus olhos estavam brilhantes de cólera. Não ia ser culpada pelo que me tinha passado. Fiquei de pé diante do Sam, ao nível de sua cara.

—Somente fui por uns livros à biblioteca, -disse entredientes.

— Assim, que por que pensariam que foi um troca-formas?

—Não tenho idéia.

— Que tinha estado fazendo?

—Tinha ido ver o Calvin, Y... minha voz foi desaparecendo, conforme captava a idéia.

— Assim, quem pode saber que cheira como um troca-formas? -Perguntei devagar-. Ninguém como outro troca-formas, correto? Ou alguém com sangue de troca-formas. Ou um vampiro. Alguma coisa sobrenatural.

—Mas não tivemos nenhum troca-formas estranho por aqui ultimamente.

foste ao lugar de onde lhe dispararam para captar algum aroma?

—Não, a única vez que estive na cena dos disparos, estava muito ocupado com o sangue que saía de minha perna.

—Mas talvez agora poderia captar algo.

Sam olhou para sua perna desconfiadamente. —choveu, mas suponho que isto merece um intento, -concedeu-. Deveria ter pensado nisso eu mesmo. Bem, esta noite, depois de trabalho.

—É uma entrevista, -pinjente impertinente- quando Sam se sentou em seu lhe chiem cadeira. Pus minha bolsa na gaveta do escritório que Sam mantinha vazio e saí para comprovar minhas mesas.

Charles trabalhava duro, e me dirigiu um sorriso e inclinou a cabeça antes de seguir com o que estava fazendo (servindo uma cerveja). Uma de nossas bêbadas constantes, Jane Bodehouse, estava sentada na barra com o olhar fixo nos movimentos do Charles. Não parecia que o vampiro estivesse incômodo. Vi que o ritmo do bar tinha retornado à normalidade, o novo Barman tinha absorvido as tarefas a fundo.

depois de que tive trabalhado aproximadamente uma hora, Jason entrou. Tinha ao Crystal abraçada. E estava tão feliz como nunca o tinha visto. Estava excitado por sua nova vida e muito feliz com a companhia do Crystal. Perguntei-me quanto duraria. Mas a mesma Crystal parecia estar pensando o mesmo.

Ela me disse que Calvin sairia do hospital ao dia seguinte e iria a casa, ao Hotshot. Assegurei-me de mencionar as flores que me tinha enviado e lhe disse que lhe prepararia algo de comer para celebrar a volta do Calvin a seu lar.

Crystal estava bastante segura de estar grávida. Inclusive através de seu enredado cérebro de trocas-formas, podia ler o que pensava tão claro como o som de um sino. Não era a primeira vez que me tinha informado que alguma garota que saía com o Jason estava segura que o ia fazer pai e esperei que esta vez fora tão falso como a última vez. Não era que eu tivesse algo contra Crystal... bem, era uma mentira a que dizia a meu mesma. Realmente tinha algo contra Crystal. Crystal era parte do Hotshot, e nunca o deixaria. Não queria que nenhum sobrinha ou sobrinho mijou fora criado naquela pequena comunidade estranha, no centro mesmo da palpitante influencia mágica do cruzamento de caminhos.

Crystal mantinha o atraso de seu último período em segredo para o Jason, determinada a guardar silêncio até estar segura de que fora positivo. Passei-o. Tomou uma cerveja enquanto Jason derrubou dois, e logo decidiram ir ao cinema ao Clarice. Jason me deu um abraço ao sair enquanto eu distribuía bebidas a um grupo de agentes da lei. Alcee Beck, Bud Dearborn, Andy Bellefleur, Kevin Pryor, e Quênia Jones, mais a nova aquisição do Arlene, o investigador de incêndios intencionados Dennis Pettibone, estavam todos agrupados ao redor de duas mesas juntas em uma esquina do Bar. Havia dois forasteiros com eles, mas adivinhei bastante facilmente que os dois homens eram policiais também, parte de algum destacamento de forças especiais.

Ao Arlene tivesse gostado de atendê-los, mas claramente estavam em meu território, e claramente estavam falando de algo grande. Quando lhes estava tomando sua ordem todos se calaram, e quando me afastava, voltariam a seguir conversando do mesmo. É obvio o que eles dissessem com suas bocas não fazia nenhuma diferença, já que eu sabia o que todos e cada um deles estava pensando.

E todos eles sabiam bastante bem; e o esqueciam. Alcee Beck, em particular, assustava a morte, mas inclusive o estava muito alheio minha capacidade, embora eu o tivesse feito uma demonstração antes. O mesmo poderia ser dito do Andy Bellefleur.

— De que se trata a convenção dos agentes da lei, e que é o que estarão maquinando? -perguntou Charles-. Jane se tinha ido cambaleando ao banho de damas, e ele estava temporalmente solo na barra.

—me deixe ver, -pinjente, fechando os olhos, assim poderia me concentrar melhor.

—Bem, estão pensando em trocar de lugar a vigilância a outro estacionamento esta noite, e estão convencidos que esta incêndio conectado aos atentados e que a morte do Jeff esta Marriot relacionada contudo, de algum modo. Eles inclusive se perguntam se o desaparecimento do Debbie Pelt é incluída nesta série de crimes, já que ela foi vista por última vez carregando gasolina em um posto de gasolina próximo ao Bon Temps. E meu irmão, Jason, desapareceu durante um tempo um par de semanas; talvez isso seja parte da trama também. -Sacudi a cabeça e abri os olhos para encontrar que Charles estava inquietantemente perto. Seu olho bom, o direito, olhava fixamente meus.

—Tem uns dons muito incomuns, jovencita, -disse depois de um momento. —Meu último padrão colecionava coisas incomuns.

— Com quem trabalhava antes de que entrasse em território do Eric? -Perguntei-. Ele deu a volta para preparar um Jack Daniel.

—O Rei do Mississippi, -disse-.

Senti como se alguém tivesse retirado um tapete sob meus pés.

— Porque deixou Mississippi e veio aqui? -Perguntei,- fazendo caso omissos das gargalhadas da mesa que estava a metro e meio de distância.

O Rei do Mississippi, Russell Edgington, conhecia-me como a noiva do Alcide, mas ele não sabia que era uma telépata, que de vez em quando trabalhava com vampiros. Era possível que Edgington pudesse ter um pouco de ressentimento contra mim, já que Bill tinha sido mantido prisioneiro no antigo estábulo detrás de sua mansão e torturado pela Lorena, a criatura que tinha convertido ao Bill em um vampiro cento e quarenta anos atrás. Bill se tinha escapado. Lorena tinha morrido. Russell Edgington não necessariamente sabia que eu tinha sido responsável por estes acontecimentos. Mas agora possivelmente poderia sabê-lo.

—Fartei-me da tirania do Russell, -disse Charles. —Não sou de sua orientação sexual, e estar rodeado dessas perversões se fez pesado.

Edgington desfrutava da companhia dos homens, isto era verdade. Ele tinha uma casa cheia deles, assim como um companheiro humano, Talbot.

Era possível que Charles tivesse estado ali enquanto eu estava de visita, embora não o tivesse notado. Tinha estado seriamente machucada a noite em que fui levada a mansão. Não tinha visto todos seus habitantes, e não necessariamente recordava a quem tinha visto.

Dava-me conta que o pirata e eu mantínhamos nosso contato visual. Se tiver estado vivo o tempo suficiente, os vampiros podem ler muito bem as emoções humanas, e me perguntei que estaria vendo Charles Twining em minha cara e comportamento. Esta era uma das poucas vezes nas que eu sentia não poder ler a mente de um vampiro. Perguntei-me, se Eric era consciente dos antecedentes do Charles. Certamente Eric não o teria tomado sobre sem uma comprovação a fundo de seus antecedentes, verdade? Eric era um vampiro cauteloso. Tinha visto história que eu não podia imaginar, e tinha sobrevivido porque era cuidadoso.

Finalmente dava a volta para responder a chamada de clientes impaciente que tinham estado tratando de que lhes enchesse seus copos de cerveja durante vários minutos.

Evitei falar com nosso novo Barman o resto da tarde. Perguntei-me porque me tinha contado tanto, ou Charles queria que soubesse que me estava vigiando ou realmente não tinha idéia de que eu tinha estado no Mississippi recentemente.

Tinha muito em que pensar.

A parte pesada da noite finalmente terminou. Tivemos que chamar o filho do Jane para que viesse por sua mãe bêbada, mas isto não era nada novo. O barman pirata tinha estado trabalhando muito bem, sem cometer nenhum engano, assegurando-se de que cada cliente se levasse uma boa impressão quando o servia suas ordens. Seu pote de gorjetas luzia muito saudável.

Bill chegou para recolher a sua hóspede quando estávamos fechando. Queria ter um bate-papo tranquilo com ele, mas Charles esteve junto ao Bill em um instante, assim que eu não tive oportunidade. Bill me dirigiu um olhar estranho, mas se foram antes de que pudesse falar com ele. Não estava segura do que eu diria, de todos os modos. Tranquilizei-me quando compreendi que Bill tinha visto os piores empregados do Russell Edgington, porque esses empregados o tinham torturado. Se Charles Twining lhe era desconhecido ao Bill, tudo poderia estar bem.

Sam estava preparado para ir a nossa missão de farejo. A noite era fria e as estrelas brilhavam emitindo brilhos no céu da noite. Sam ficou seu casaco, e eu me pus o meu vermelho. Tinha um jogo de luvas e um

chapéu e os necessitaria esta noite. Embora a primavera estivesse cada vez mais perto, o inverno não tinha terminado conosco ainda.

Ninguém estava no bar, exceto nós. O estacionamento inteiro estava vazio, exceto pelo carro do Jane. A intensidade das luzes de segurança para que as sombras se fizessem mais profundas. Escutei o latido de um cão na distância. Sam se movia com cuidado sobre suas muletas, tentando conservar o equilíbrio no piso irregular do estacionamento.

Sam disse:

—vou trocar. -Não pensava em sua roupa-.

— Que acontecerá com sua perna se o fizer?

—Averigüemo-lo.

Sam era sangue troca-formas por ambos os lados. Ele podia trocar mesmo que não fora lua enche, embora as experiências fossem muito diferentes, havia-me isso dito em uma ocasião. Sam podia trocar-se em mais de um animal, embora os cães eram de sua preferência, e um collie era sua opção entre os cães.

retirou-se atrás do sebo diante de seu reboque para tirar-se sua roupa. Inclusive em meio da noite, vi a perturbação no ar que assinalava que a magia trabalhava ao redor dele. Ele caiu sobre seus joelhos e ofegou, e logo já não pude vê-lo mais entre os densos arbustos. depois de um minuto, um bloodhound saiu a reluzir, era vermelho com as orelhas balançando-se de um lado a outro. Não estava acostumada a ver o Sam dessa maneira, e tomou um segundo estar segura de que era ele. Mas quando o cão me olhou, soube que meu chefe estava dentro.

—Vamos Dean, -pinjente-. Tinha chamado ao Sam por esse nomeie em seu aspecto de animal, em ocasiões anteriores, inclusive antes de ter compreendido que o homem e o cão eram a mesma pessoa. O bloodhound trotou diante de mim através do estacionamento e entramos nos bosques onde o atirador tinha esperado a que Sam saísse do clube. Olhei o modo o que o cão se movia. Estava apoiando sua perna traseira à direita, mas não drasticamente.

No frio bosque, o céu foi parcialmente bloqueado. Tinha uma lanterna, e a acendi, mas de algum modo isso fez que as árvores se vissem mais arrepiantes. O bloodhound-Sam alcançou o lugar aonde a polícia tinha decidido que era o lugar de onde lhe tinham disparado. Sacudindo as orelhas, o cão pegou a cabeça ao chão e se moveu ao redor, classificando todo o aroma que recebia. Fiquei fora de seu caminho, me sentindo inútil. Então Dean elevou a vista para mim e disse, "Rowf", e iniciou a volta ao estacionamento. Adivinhei que tinha reunido toda a informação que podia.

Quando nos tivemos organizado, subi ao Dean no Malibu para levá-lo a outro sítio onde também tinha atacado o franco-atirador, detrás de alguns edifícios velhos frente ao Sonic onde se ocultou o assassino que tinha matado a pobre do Heather Kinman. Entrei no beco de serviço detrás das velhas lojas e estacionei detrás da tinturaria do Patsy, que se tinha trasladado a uma localização mas nova e mais conveniente fazia quinze anos. Entre a tinturaria e a ruínosa loja de penso e sementes de Louisiana, havia um estreito oco que proporcionava uma vista fenomenal do Sonic. O restaurante com serviço para automóveis, estava fechado durante a noite, devido a que o Sonic estava sobre a rua principal do povo, havia luz sobre toda a rua e eu em realidade podia ver bastante bem o que se encontrava debaixo dos postes de luz; infelizmente, isso mesmo fazia que as sombras fossem impenetráveis.

Outra vez, o sabujo trabalhou a área, emprestando principal interesse sobre a tira de hierbajos entre as duas velhas lojas, uma tira tão estreita que só ténia o suficiente espaço para uma pessoa. Pareceu muito excitado com algum aroma particular que encontrou. Emocionei-me, também, esperando que ele tivesse encontrado algo que nós poderíamos converter em evidencia para a polícia.

De repente o Dean soltou um Whoof! E ao levantar sua cabeça para olhar diante de mim. concentrou-se em algo, ou em alguém indubitavelmente. Quase a contra gosto, dobro para ver. Andy Bellefleur estava

de pé no ponto onde o beco de serviço cruzava a brecha entre os edifícios. Só sua cara e o torso superior estavam à luz.

Jesucristo, Pastor da Judea! Andy, deu-me um susto infernal! Se não tivesse estado olhando tão atentamente ao cão, haveria-o sentido chegar. Vigilância, maldição! Devi havê-lo recordado.

— O que faz aqui, Sookie? Onde conseguiu ao cão?

Não podia pensar em uma só resposta que parecesse plausível.

—Senti que podia fazer o intento de ver se um cão treinado pudesse recolher um só aroma dos diferentes sítios aonde foram os atentados, -pinjente-. Dean se apoiou contra minhas pernas, ofegando e babando.

— Assim, que quando entrou suas à lista de nomes do Parish? – perguntou Andy. Não me tinha dado conta que tinha sido como investigador.”

Bem, isto não ia nada bem.

—Andy, se te separar de meu caminho, o cão e eu retornaremos a meu automóvel e iremos, e não terá que seguir zangado comigo. Estava bastante zangado, e estava determinado a desforrar-se comigo, independentemente do que isto implicava. Andy queria que o mundo estivesse alinhado com o fatos que ele conhecia, as pistas que o pudesse seguir e reconhecer. Não cabia naquele mundo. Eu não entrava dentro desse molde. Eu podia ler sua mente, e eu não gostei do que estava escutando.

Muito tarde compreendi, que Andy tinha bebido muito durante a conferência no bar. O suficiente para remover suas restrições habituais.

—Você não deveria estar em nossa cidade, Sookie, -disse-.

—Tenho tanto de direito de estar aqui como você, Andy Bellefleur.

—Você é uma sorte genética ou algo assim. Sua avó era uma mulher verdadeiramente agradável, e a gente me diz que seu papai e sua mamãe eram boas pessoas. O que aconteceu com ti e ao Jason?

—Não penso haja nada equivocado comigo nem com o Jason, Andy, -pinjente com calma, mas suas palavras me picaram da mesma forma que formigas vermelhas. Acredito que somos pessoas normais, nem melhor nem pior que Porta e você.

Andy em realidade soprou.

Repentinamente o corpo do bloodhound pressionado contra minhas pernas, começou a vibrar. Dean estava grunhindo quase imperceptivelmente. Mas ele não olhava ao Andy. Pesada-a cabeça do sabujo via em outra direção, para as sombras escuras ao final do outro beco. Outra memore viva: um humano. Não um humano regular, entretanto

—Andy, -pinjente-. Meu sussurro perfurou seu ensimismamento. Estas armado?

Não soube se me sentir muito melhor quando tirou sua pistola.

—Deixa-a cair, Bellefleur, -disse uma voz prática que se escutava familiar-.

—Sandices, -mofou-se Andy. por que deveria fazê-lo?

—Porque tenho uma arma maior, -disse a voz fria e sarcástica-. Sweetie Dê Artes deu um passo saindo das sombras, levando um rifle. Estava apontando ao Andy, e não tinha nenhuma dúvida de que estava lista para disparar. Parecia que minhas tripas se converteram em gelatina.

— por que não simplesmente parte, Andy Bellefleur? -perguntou Sweetie. Ela levava um macacão de mecânico e uma jaqueta, e suas mãos estavam enluvadas. Em realidade não se via para nada como uma cozinheira de comida rápida. Não tenho nada contra você. É somente uma pessoa.

Andy sacudia sua cabeça, tentando limpar-se. Notei que não tinha deixado cair sua arma ainda.

— Você é a cozinheira do Bar, é correto? por que faz você isto?

—Você deveria sabê-lo, Bellefleur. Escutei sua pequena conversação com a troca-formas. Talvez esse cão seja um humano, alguém que você conhece. Ela não esperou que Andy respondesse. E Heather

Kinman era igual de má. converteu-se em uma raposa. E o tipo que trabalha no Norcross, Calvin Norris? É uma maldita pantera.

—E disparou a todos? Disparou-me , também? Queria me assegurar que Andy registrava isto. Há somente uma coisa equivocada com sua pequena vingança, Sweetie. Não sou um troca-formas

—Cheira como um, -disse Sweetie, claramente segura que tinha razão.

—Alguns de meus amigos são troca-formas, e aquele dia eu tinha abraçado a alguns deles. Mas eu não sou uma troca-formas de nenhuma classe.

—Culpado por associação, -disse Sweetie-. Arrumado que conseguirá um pequeno troca-formas em algum momento.

—Que há contigo? -Perguntei-. Não queria que me disparassem outra vez. A evidência sugeria que Sweetie não era um atirador de primeira: Sam, Calvin, e eu tínhamos sobrevivido. Sabia que um branco noturno era difícil, mas de todos os modos, poderia-se pensar que ela tivesse podido fazê-lo melhor. De que se trata sua pequena vingança?

—Sou somente uma fração de um troca-formas, -disse-, grunhindo tanto como Dean. Mordeu-me quando tive aquele acidente automobilístico. Este medeio-lobo, medeio-hombre... essa coisa... aproximou-se do bosque à estrada onde eu estava sangrando, e o maldito me mordeu... e logo outro automóvel deu a volta pela curva e escapou. Mas a primeira lua enche depois disso, minhas mãos trocaram! Meus pais vomitaram.

— E que passou com seu noivo? Tinha noivo? -Segui falando, tentando distrai-la-. Andy se movia tão longe de mim como podia, assim ela não poderia nos disparar aos dois rapidamente. Ela pensava me disparar a meu primeiro, sabia. Quis que o bloodhound se afastasse de mim, mas ele ficou lealmente pressionado contra minhas pernas. Ela não estava segura de que o cão fora um troca-formas. E, de uma maneira estranha, ela não tinha mencionado haver disparado ao Sam.

—Era bailarina de strip-tease, e vivia com um tipo fenomenal, -disse- com a raiva borbulhando em sua voz. Viu minhas mãos e o abundante cabelo e me aborreceu. partiu quando a lua estava enche. Faria viagens de negócios. iria jogar golfe com seus amigos. Estava atrasado para uma reunião...só desculpa.

— Então, por quanto tempo lhes estiveste disparando aos troca-formas?

—Três anos, -disse com orgulho-. matei a vinte e dois e ferido quarenta e um.

—Isso é horrível, -pinjente-.

—Estou orgulhosa disso, -disse-. Limpar a praga da face da terra.

— Sempre procura trabalho nos bares?

—Dá-me uma possibilidade para ver quem som os irmãos, -disse sonriendo-. Verifico nas Igrejas e restaurantes, também. E nas creches.

—OH, não. —Pensei que ia vomitar.

Meus sentidos estavam hiperalertas, assim que se podem imaginar então que eu sabia que havia alguém no beco atrás do Sweetie. Podia sentir a cólera ruminando em uma cabeça duas naturezas. Não olhei, tentando manter a atenção do Sweetie tanto tempo como pudesse. Mas houve um pouco de ruído, talvez o som de uma folha de papel rangendo no chão, e isso foi suficiente para o Sweetie. deu-se a volta com o rifle sobre seu ombro, e disparou. Houve um chiado na escuridão no fundo do beco, e logo alguém gemendo.

Andy aproveitou o momento e disparou ao Sweetie Dê Artes enquanto ela estava volteada. Pressionei-me contra os tijolos irregulares da loja de Sementes Louisiana, e quando o rifle caiu de sua mão, vi sangue sair de sua boca, negra na luz das estrelas. Logo caiu.

Enquanto Andy estava de pé sobre ela, com sua arma pendurando de sua mão, passe por diante deles para averiguar quem tinha vindo em nossa ajuda. Acendi minha lanterna para descobrir a um homem

lobo, gravemente ferido. A bala do Sweetie o tinha golpeado no meio do peito, até onde eu podia ver por entre a grossa pele, gritei ao Andy.

— Usa o telefone celular! Pede ajuda! —Eu fazia pressão sobre a borbulhante ferida com tanta força como podia, esperando estar fazendo o correto. A ferida começou a mover-se de uma maneira desconcertante, já que o lobo estava em processo de trocar-se de retorno em um humano. Joguei uma olhada atrás para ver que Andy ainda estava perdido em seu próprio pequeno vale de horror que tinha provocado. Remói-o Dean -pinjente-, e Dean caminhou cautelosamente para o policial e mordeu sua mão.

Andy gritou, é obvio, e levantou sua arma como se o fora a disparar ao sabujo.

— Não! -Gritei-, me levantando de um salto do lobo moribundo. Usa seu telefone, idiota. Chama uma ambulância.

Então a arma de se balanço de um lado a outro me apontando.

Durante um comprido e tenso momento, pensei com certeza que o final de minha vida tinha chegado. Nós gostaríamos de acabar com tudo o que não entendemos, o que nos assusta, e eu assustava poderosamente ao Andy Bellefleur.

Mas então a arma vacilou e o braço caiu a seu flanco. Sua cara me olhou fixamente com a compreensão abrindo caminho em seu cérebro. Pinçou em seu bolso e tirou seu telefone. E para meu profundo alívio, embainhou a arma depois de que pressionou um número de telefone.

Voltei minha atenção ao lobo, agora totalmente humano e nu, enquanto que Andy dizia, houve múltiplos disparos no beco detrás da Velha loja de sementes e a tinturaria do Patsy, em frente de Magnólia Street, onde esta o Sonic, correto, necessito 2 ambulâncias, dois feridos de bala. Não, eu estou bem.

O lobo ferido resultou ser Dawson. Seus olhos piscaram abertos, e tentou ofegar. Não podia imaginar a dor que ele devia estar sofrendo. —Calvin, -tentou dizer-.

—Não se preocupe agora. esta ajuda em caminho, -disse ao imenso homem-. Minha lanterna estava no chão ao meu lado e por sua luz curiosamente distorcida, podia ver seus imensos músculos e o peito peludo nu. Parecia que tinha frio, certamente, e me perguntei onde estava sua roupa. Me teria alegrado ter sua camisa para pô-la sobre a ferida, sobre a que se estava filtrando o sangue. Minhas mãos estavam cobertas de sangue.

—Disse-me que meu último dia de trabalho a passasse cuidando-a -disse Dawson-. Enquanto dizia isso se estremeceu. Tratou de sorrir. Eu lhe respondi que seria fácil. E logo não disse mais, mas perdeu o conhecimento.

Pesado-los sapatos negros do Andy de repente estiveram dentro de meu campo visual. Pensei que Dawson ia morrer. Nem sequer conhecia seu nome de pilha. Eu não tinha nenhuma idéia de como íamos explicar a um tipo nu à polícia. Espera....e eu porquê? Certamente era Andy o que tinha uma difícil explicação por diante ou não?

Como se ele tivesse estado lendo minha mente -para variar- Andy disse,

—Conhece este tipo, verdade?

—Ligeiramente.

—Bem, vais ter que dizer que o conhecia em vez de explicar sua carência de roupa.

Traguei saliva.

—Bem, -pinjente-, depois de uma horrorosa e breve pausa.

—Vocês dois estavam aqui procurando a seu cão. Você, -disse Andy ao Dean. Não sei que é o que é, mas fica como cão, entende-me? Andy caminhou nervosamente. E eu voltei aqui porque estava seguindo à mulher - ela atuava suspeita-.

Assenti, escutando a respiração agitada passando pela garganta de Dawson. Se só pudesse lhe dar sangue para curá-lo, como um vampiro. Se somente conhecesse algum procedimento médico... mas já podia escutar as patrulhas e as ambulâncias que se aproximavam. Nada no Bon Temps estava muito longe de algo, e sobre este lado da cidade, o lado sul, o hospital Grainger seria o mais próximo.

—Escutei-a confessar, -pinjente-. Escutei-a dizer que ela disparou a outros.

—me diga algo, Sookie, -disse Andy- com pressa. antes de que todos cheguem. Não há nada estranho sobre o Halleigh, correto?

Olhei-lhe fixamente, assombrada de que ele pudesse pensar em tal costure neste momento. -Nada além do estúpido modo que ela soletra seu nome-. Então recordei quem tinha disparado à bruxa que jazia 10 metros clandestinamente.

—Não, nada, -pinjente-. Halleigh é somente alguém normal.

—Graças a Deus, -disse-. Graças a Deus

E logo Alcee Beck correu dentro do beco e caminhou com cuidado tratando de compreender a cena que tinha ante o. Justo detrás dele estava Kevin Pryor, e a companheira do Kevin, Quênia caminhou esmagada contra a parede com sua arma na mão. As equipes de ambulância ficaram atrás até que estiveram seguros de que a cena estivesse a salvo. Estava de pé e contra a parede antes de saber o que acontecia. Quênia só disse, lamento-o, Sookie, tenho que fazer isto, e eu lhe respondi, não há problema.

— Onde está meu cão?

—escapou, -disse-. Suponho que as luzes o assustaram. Ele é um sabujo, né? Retornará a casa. Quando teve feito seu minucioso trabalho acostumado, Quênia disse,

—Sookie? Como é que este tipo esta nu?

Isto era somente o princípio. Minha história era extremamente elaborada. Li a incredulidade escrita sobre quase cada rosto dos presente. Não era a temperatura para ter sexo ao ar livre e menos estando eu completamente vestida. Mas Andy me apoiou em todo momento, e não havia ninguém para dizer que isto não tinha ocorrido do modo em que o contei.

Aproximadamente duas horas mais tarde, deixaram-me recuperar meu automóvel e voltar para duplex. A primeira coisa que fiz quando entrei foi chamar o hospital para averiguar como estava Dawson. De algum modo, Calvin conseguiu estar ao outro lado do telefone.

— Ele está vivo, -disse conciso.

—Deus te benza por enviá-lo detrás de mim, -pinjente-. Minha voz era tão suave como uma cortina em um dia do verão. Estaria morta se não tivesse sido por ele.

—Escutei que o policial disparou a ela.

—Sim, fez-o.

—Escutei muitas outras coisas

—Foi complicado.

—Verei-te esta semana.

—Sim, é obvio

—vá dormir um pouco.

—Muito obrigado, Calvin.

Minha dívida com o homem-pantera se acumulou a uma tarifa alarmante. Sabia que teria que pensar nisso mais tarde. Estava cansada e adolorida. Sentia-me suja depois de ter estado no beco com o Sweetie, e logo depois de joelhos, ajudando ao ensangüentado lobo. Deixei cair minha roupa no chão do dormitório, entre no quarto de banho, e fiquei de pé sob a ducha, tentando manter minha vendagem seca com um touca de banho, do modo em que uma das enfermeiras me tinha mostrado.

Quando o timbre da porta soou à manhã seguinte, amaldiçoei a vida da cidade. Mas como isto resultou, não era nenhum vizinho que queria que lhe emprestasse uma taça de farinha. Alcide Herveaux estava de pé sobre a porta sujeitando um sobre.

Olhei-o furiosa através de meus olhos que ainda se sentiam pegajosos de sonho. Sem dizer uma palavra, retornei com passo lento a meu dormitório e engatinhe sobre a cama. Isto não foi suficiente para dissuadir ao Alcide, quem entrou em pernas depois de mim.

—Agora é duplamente amiga da manada, -disse-, como se estivesse seguro que isso era o que mas me preocupava. Dava-lhe as costas e me acurruqué sob as mantas. —Dawson diz que lhe salvou a vida.

—Me alegro de que este Dawson o suficientemente bem para falar, -resmunguei-, fechando fortemente os olhos e desejando que Alcide partisse. devido a que lhe dispararam em meu lugar, não me deve uma maldita coisa.

Pelo movimento do ar, pude deduzir que Alcide se ajoelhava ao lado da cama.

—Isso não o decide você, solo nós, -disse reprovativo. —Estas convocada à competição para escolher à líder da manada

— O que? O que tenho que fazer?

—Somente ver o processo e felicitar ao ganhador, não importa quem é.

É obvio, para o Alcide, esta luta pela sucessão era a coisa mais importante. Era difícil para ele entender que eu não tinha as mesmas prioridades. Estava afligida por uma onda de obrigações sobrenaturais.

A manada do Shreveport dizia que estavam em dívida comigo. Eu devia ao Calvin. Andy Bellefleur devia a Dawson ao Sam e a mim por solucionar seu caso. Eu devia ao Andy o ter salvado minha vida. Embora apaguei ao Andy sua preocupação sobre a completa normalidade do Halleigh, talvez isso cancelava minha dívida por haver disparado ao Sweetie.

Sweetie tinha pago por seus crimes.

Eric e eu estávamos parecidos, -pensei-.

Devia algo ao Bill.

Sam e eu mais ou menos estávamos à corrente.

Alcide pessoalmente devia a meu, no que a meu concernia. Tinha-me miserável a esta porcaria de luta da manada e tinha tratado de que rompesse as regras por ajudá-lo

No mundo em que vivia, o mundo dos humanos, havia laços e dívidas, conseqüências e boas ações. Isso era o que obrigava às pessoas em sociedade; talvez nisso consistia a sociedade. Eu tentava viver em meu próprio segmento da sociedade da melhor maneira que podia.

me introduzir nas sociedades secretas dos duas naturezas e não mortos, para que minha vida na sociedade humana fora muito mais difícil e complicada.

E interessante.

E às vezes... divertida.

Alcide tinha estado falando uns momentos nos que eu tinha estado pensando, portanto tinha deixado de captar muito de sua conversação. Ele se deu conta disto, – e disse:-

— Sinto ser tão aborrecido para ti Sookie, - disse com voz forçada-.

Dava volta para vê-lo. Seus olhos verdes estavam cheios de desgosto.

—Não é aborrecido. Solo que tenho muito em que pensar. Deixa o convite, esta bem? Acompanharei-te. -Perguntei-me que acontecimentos tinham levado a uma luta corpo a corpo pela liderança da manada. Perguntei-me se o Sr. Herveaux e o rechoncho dono da distribuidora de motocicletas em realidade lutariam-.

Os olhos verdes do Alcide estavam perplexos. Estas atuando muito estranho, Sookie. Sentia-me tão cômodo contigo antes. Agora parece que não te conheço.

Válido, tinha sido uma de minhas palavras do Dia, a semana passada.

—Essa é uma observação válida, -pinjente-, tentando parecer normal. Sentia-me tão cômoda contigo quando acreditei que te conhecia. Logo comecei a averiguar coisas. Como coisas sobre o Debbie e você, e a política dos troca-formas, e a escravidão de alguns troca-formas aos vampiros.

—Nenhuma sociedade é perfeita, disse Alcide à defensiva. —Quanto ao Debbie, não quero ouvir seu nome outra vez.

—Então assim será, -pinjente-. Deus sabia que não podia me sentir um pouco mais doente de escutar seu nome.

Deixando a sobre cor nata sobre a mesita de noite, Alcide tomou minha mão, e pôs um beijo no dorso dela. Era um gesto cerimonioso, e eu sentia não conhecer sua importância. Mas no momento em que ia perguntar, Alcide se tinha ido.

—Fecha a porta detrás de ti, - gritei. —Somente aperta o pequeno botão sobre o pomo da porta. —Suponho que o fez, porque retornei a dormir, e ninguém despertou até que foi quase hora de ir trabalhar. Exceto por uma nota sobre a porta principal, que dizia, “Consegui a Linda T. para te substituir. Tome a noite livre. Sam.” Voltei dentro e me tirei minha roupa de garçonne e me pus uns jeans. Tinha estado lista para ir trabalhar, e agora me sentia curiosamente perdida.

Quase me tinha esquecido que tinha outra obrigação, e entrei na cozinha para começar a cumpri-la.

depois de uma hora e meia de lutar por cozinhar em uma cozinha pouco familiar com aproximadamente a metade dos instrumentos de cozinha habituais, estava de caminho à casa do Calvin no Hotshot com um prato de peitos de frango ao forno com arroz em um molho nata ácida, e alguns pão-doces. Não chamei com antecipação. Planejava deixar a comida e ir. Mas quando cheguei à pequena comunidade, vi que havia vários automóveis estacionados sobre o caminho diante da pequena casa do Calvin. Caramba, -pinjente-. Não queria me envolver mais na vida do Hotshot do que já estava. A nova natureza de meu irmão e o cortejo do Calvin já me tinham miserável muito longe.

Com o coração fundo, estacionei e passei meu braço pela asa da cesta cheia de pão-doces. Tomei o prato quente de frango e arroz assado nas mãos, e apertando os dentes pela dor em meu ombro, caminhei até a porta principal do Calvin. Os Stackhouses faziam o correto.

Crystal abriu a porta. A surpresa e o prazer sobre sua cara me envergonharam.

—Estou tão feliz de que esteja aqui, -disse-, fazendo todo o possível por improvisar. —Por favor entra. apartou-se a um lado, e pude ver que a pequena sala estava cheia de gente, incluindo a meu irmão. A maior parte deles eram panteras, certamente. Os lobos do Shreveport tinham enviado a um representante; para meu assombro, era Patrick Furnan, o opositor do trono e vendedor do Harley-Davidson.

Crystal me apresentou à mulher que parecia estar atuando como anfitriã, Maryelizabeth Norris. Maryelizabeth se movia como se não tivesse nenhum osso. Estava disposta a apostar que Maryelizabeth não deixava Hotshot freqüentemente. Troca-forma-la me apresentou ao redor da habitação, assegurando-se de que entendesse a relação que Calvin levava com cada indivíduo com muito cuidado. Todos começaram a turvar-se depois de um tempo. Mas pude notar que (com algumas exceções) os habitantes do Hotshot eram mais ou menos de dois tipos: os pequenos de cabelos negros como Crystal, e os claros e robustos com formosos olhos cor verde ou café-dourados, como Calvin. Os sobrenomes eram principalmente Norris ou Hart.

Patrick Furnan foi a última pessoa que Crystal me apresentou. Bom, é obvio que te conheço, -disse calorosamente-, sonriendo radiante como se tivéssemos dançado em umas bodas juntas. —É a noiva do Alcide, -disse, assegurando-se de ser ouvido por cada pessoa na habitação. Alcide o filho do outro candidato ao chefe da manada.

Houve um comprido silencio, que definitivamente se poderia qualificar como “carregado”.

—Esta em um engano, -disse em tom normal- Alcide e eu somos amigos. Sorri-lhe, como lhe deixando saber que era melhor que não estivesse a sós comigo em nenhum momento.

—Equivoquei-me, então, -disse-, suave como a seda.

Calvin foi recebido em sua casa como um herói. Havia globos e pancartas, flores e novelo, e sua casa estava meticulosamente limpa. A cozinha estava cheia de comida. Agora Maryelizabeth deu um passo à frente, e deu as costas ao Patrick que estava de pé, e disse, Vêem comigo carinho. Calvin esta preparado para verte. Se tivesse tido uma trompetista, a teria usado. Maryelizabeth não era uma mulher sutil, embora tinha um ar enganoso de mistério devido a seus imensos olhos dourados.

Suponho que poderia ter sido mais incômodo, se houvesse uma cama de carvões ao vermelho vivo sobre que caminhar.

Maryelizabeth me introduziu no dormitório do Calvin. Seu mobiliário era muito bonito, sem imperfeições nem defeitos. Parecia escandinavo, embora eu conhecesse pouco sobre móveis -ou de estilos-, em realidade. Tinha uma cama alta, e grande, e estava recostado sobre lençóis que tinham um motivo de leopardos africanos caçando. (Alguém tinha senso de humor, de qualquer forma.) Contra as escuras cores dos lençóis e o escuro laranja da colcha, Calvin se via pálido. Levava um pijama café, e luzia exatamente como um homem que justo acabava de ser dado de alta no hospital. Mas se alegrou de lombriga. Encontrei-me pensando que havia algo um pouco triste sobre o Calvin Norris, algo que me tocava apesar de mim.

—Vêem sentem-se, -disse-, indicando a cama. correu-se um pouco, assim teria eu espaço para me sentar. Acredito que ele fez alguma gesto, porque o homem e a mulher que tinham estado na habitação-Dixie e Dixon-saíram em silêncio, fechando a porta detrás deles.

Sentei-me, algo inquieta, sobre a cama ao lado dele. Tinha uma dessas mesas que freqüentemente se vê nos hospitais, a classe que pode fazer-se rodar de um lado a outro. Havia um copo de lhe com gelo e um prato ao lado do copo, o vapor se elevava do alimento. Indique-lhe que deveria começar a comer. Ele inclinou a cabeça e disse uma oração quedamente, enquanto eu fiquei em silêncio Perguntei a quem ia dirigido a reza.

—Conta-me o tudo, -disse Calvin quando desdobrou seu guardanapo-, isto me fez sentir muito mais cômoda. Comeu enquanto lhe contava o que tinha passado no beco. Notei que a comida sobre a bandeja era o guisado de frango e arroz que eu havia trazido, junto com uma mescla sortida de verduras e dois de meus pão-doces. Ele queria que eu visse que comia o alimento que tinha preparado para ele. Senti-me comovida, embora senti um sino de advertência em meu cérebro.

—Assim, sem Dawson, não haveria ninguém para contar o que tinha ocorrido -concluí-. —Agradeço-te por enviá-lo. Como esta ele?

Calvin disse, —Suportando. Transportaram-no por avião do Grainger ao Baton Rouge. Estaria morto, se não fora lobo. suportou até agora; acredito que o obterá.

Senti-me terrível.

—Não te culpe por isso, -disse Calvin-, com a voz mas profunda repentinamente. Isto foi o que Dawson escolheu.

Né? Teria parecido ignorante, assim pinjente:

— A que te refere?

—Sua opção ao escolher sua profissão. Sua opção de suas ações. Talvez deveria ter saltado uns segundos antes. Porque esperaria? Não o se. Como soube ela onde apontar, considerando a luz tão deficiente? Não o se. As opções conduzem às conseqüências. Calvin lutava por expressar algo. Não era de natureza eloqüente, e tentava expressar uma idéia importante e abstrata. Não existe a culpa, -disse finalmente-.

Seria agradável acreditar isso, e espero um dia poder fazê-lo, -pinjente-. Talvez estava a minha própria maneira a ponto de acreditar isso. Era verdade que estava farta da auto-culpa e de me seguir culpando dia a dia.

—Suspeito que os lobos vão convidar te a sua pequena farra para escolher à líder da manada, -disse Calvin-. Tomou minha mão. A sua estava morna e seca.

Assenti.

—Arrumado a que irá, -disse-.

—Acredito que tenho que fazê-lo, -disse com inquietação-, me perguntando qual era o objetivo desses comentários

—Não vou dizer te o que tem que fazer, -disse Calvin-. —Não tenho nenhuma autoridade sobre ti. -Não parecia muito feliz sobre isso-. Mas se for, por favor, cuida suas costas. Não por minha consideração; isso não significa nada, ainda. Mas sim por ti mesma.

—Posso te prometer isso, -pinjente- depois de uma cuidadosa pausa. Calvin não era um tipo que soltava a primeira idéia que rondava em sua cabeça. Era um homem sério.

Calvin me dirigiu um de seus estranhos sorrisos.

—É uma excelente cozinheira. -disse-. Sorri-lhe em resposta.

—Obrigado, senhor, -pinjente-, e se incorporou sobre a cama. Sua mão apertou a minha e me devorou sobre o. Não se deve lutar contra um homem que acaba de sair do hospital, então me dobrei para ele e pus minha bochecha em seus lábios.

—Não, -disse-, e quando voltei um pouco o rosto para averiguar que estava equivocado, beijou-me nos lábios.

Sinceramente, não esperava sentir nada. Mas seus lábios eram tão mornos e secos como suas mãos, e cheirava como minha cozinha, familiar e caseira. Era surpreendente, e assombrosamente cômodo, estar assim perto do Calvin Norris. Joguei-me para trás um pouco, e estou segura que minha cara mostrou a ligeira comoção que senti. O homem-pantera sorriu e liberou minha mão.

—O bom de estar no hospital eram suas visitas, -disse-. Não te afaste, agora que estou em casa.

—Certamente que não, -pinjente-, lista para sair da habitação para assim poder recuperar minha calma.

A sala se esvaziou da maior parte da multidão enquanto falava com o Calvin. Crystal e Jason tinham desaparecido, e Maryelizabeth recolhia pratos com a ajuda de uma garota-pantera adolescente. Terry, -disse Maryelizabeth disse com uma inclinação de sua cabeça. —É minha filha. Vivemos ao lado.

Saudei a garota, quem me dirigiu um olhar precipitado antes de me dar as costas. Não era minha admiradora. Ela era das claras purasangre, como Maryelizabeth e Calvin, e era inteligente.

—vai casar se com meu pai? -Perguntou-me-.

—Não penso me casar com ninguém, -pinjente cautelosamente-. Quem é seu pai?

Maryelizabeth dirigiu ao Terry um olhar oblíquo que prometeu que Terry o sentiria depois. —Terry é do Calvin, -disse-.

Eu ainda estive perplexa durante um segundo ou dois, mas de repente, a postura tanto da jovem como da mulher maior, suas tarefas, seu ar de comodidade nesta casa, armou o quebra-cabeças.

Não disse uma palavra. Minha cara deve ter mostrado algo, porque Maryelizabeth parecia alarmada, e logo zangada.

—Não se atreva a julgar como vivemos nossa vida, -disse-. —Não somos como você.

—Isso é verdade, -pinjente, tragando minha repulsão. Forcei um sorriso em meus lábios. Obrigado por me apresentar a todos. O agradeço. Há algo em que possa lhe ajudar?

—Nos poderemos arrumar isso sozinhas -disse Terry-, me jogando outro olhar que era uma estranha combinação de respeito e hostilidade.

—Nunca deveríamos te haver enviado à escola, -disse Maryelizabeth à moça-. Seus grandes e amorosos olhos dourados se viam arrependidos.

— Adeus!, -pinjente-, e depois de que recuperei meu casaco, abandonei a casa, tentando não me apressar. Para minha consternação, Patrick Furnan me esperava ao lado de meu automóvel. Ele sustentava um casco de motocicleta sob seu braço, e descobri uma Harley um pouco mais longe no caminho.

— Estas interessada em escutar o que tenho que dizer? -perguntou o barbudo lobo

—Não, em realidade não, -pinjente-.

—Ele não vai seguir te ajudando por nada—, disse Furnan-, e girei a cabeça, para assim poder olhar a este homem.

— Do que esta falando?

As palavras de gratidão e um beijo não vão ser suficientes. Ele vai exigir o pagamento cedo ou tarde. Não será capaz de te ajudar.

Não recordo ter pedido seu conselho, -pinjente-. Ele deu um passo mais perto.

— E guarde sua distância. -Deixei que meu olhar vagasse sobre as casas que nos rodeavam. O olhar vigilante da comunidade estava sobre nós; eu poderia sentir seu peso.

—cedo ou tarde,-repetiu Furnan-. de repente, sorriu-me abertamente. Espero que seja logo. Você não pode enganar a um lobo. Ou a uma pantera. Será destroçada entre ambos.

—Não lhe sou infiel a ninguém, -pinjente-, frustrada, ante sua insistência de que o conhecia melhor que eu minha vida amorosa. Não saio com nenhum deles.

—Então não tem nenhum amparo, -disse triunfalmente-.

Eu não podia ganhar.

—Vete ao inferno, -pinjente-, completamente exasperada. Subi a meu automóvel e fui, deixando a meus olhos me deslizar sobre o lobo como se não estivesse ali. (Este conceito de "abjurar" podia ser prático quando o necessitava.) A última coisa que vi no espelho retrovisor foi ao Patrick Furnan deslizando seu casco sobre sua cabeça, ainda olhando meu automóvel afastando do lugar.

Se até agora não me tinha importado quem ganharia o concurso de Rei da montanha entre o Jackson Herveaux e Patrick Furnan, comecei-me a preocupar agora.

CAPÍTULO 15

Estava lavando os pratos que tinha usado quando cozinhei para o Calvin. Meu pequeno duplex estava tranqüilo. Se Halleigh estava em casa, era tão silenciosa como um camundongo. Não me incomodava lavar pratos para falar a verdade, era uma boa maneira para deixar que minha mente vagasse em redor e freqüentemente chegava a boas decisões enquanto fazia um pouco completamente mundano. Não muito surpreendentemente, pensava na noite anterior. Tentava recordar exatamente o que Sweetie havia dito. Algo me tinha impressionado, mas nesse momento não tinha estado exatamente em posição para levantar a mão e fazer uma pergunta. Tinha algo que ver com o Sam.

Finalmente recordei que embora havia dito ao Andy Bellefleur que o cão no beco era um troca-formas, não sabia que era Sam. Não havia nada estranho sobre isto, já que Sam tinha estado em forma de bloodhound, não em sua forma de collie habitual.

depois de que tive compreendido o que tinha estado me incomodando, pensei que minha mente estaria em paz. Isso não aconteceu. Havia algo mais, algo mais que Sweetie havia dito. Pensei e pensei, mas não houve um clique em meu cérebro.

Ante minha surpresa, encontrei-me chamando o Andy Bellefleur a sua casa. Sua irmã Porta estava tão surpreendida como eu quando respondeu, e disse mas bem friamente que chamaria o Andy.

— Sim, Sookie? -disse Andy com voz neutra.

—me deixe te fazer uma pergunta, Andy.

—Escuto-te.

—Quando dispararam ao Sam, -pinjente-, e fiz uma pausa, tratando de pensar que dizer.

—Bem, -disse Andy. Que há com isso?

—É verdade que a bala não coincidia com as demais?

—Não recuperamos uma bala em cada caso. Não era uma resposta direta, mas provavelmente era quão melhor ia conseguir.

—Hmmm. Bem, -pinjente-, agradei-lhe e pendurei, sem a certeza de ter entendido o que tinha querido dizer. Tive que empurrá-lo fora de minha mente e fazer algo mais. Se havia algo aí, encontraria seu caminho na fila dos assuntos pendentes que estavam em meus pensamentos.

O resto da tarde estive tranqüilo, o que resultava ser um prazer incomum. Com tão pequena casa para limpar, e tão pequeno jardim por cuidar, havia muitas horas livres. Li durante uma hora, fiz um palavra cruzada, e fui à cama aproximadamente às onze.

Incrivelmente, ninguém despertou em toda a noite. Ninguém morreu, não houve nenhum fogo, e ninguém teve que me alertar sobre nenhuma emergência.

À manhã seguinte levantei-me sentindo melhor do que me tinha sentido em uma semana. Uma olhada ao relógio me disse que tinha dormido de deslocado até as dez da manhã. Bem, isso não era tão surpreendente. Meu ombro se sentia quase curado; minha consciência se tranqüilizou. Não pensei que tivesse muitos segredos que guardar, e isto foi um enorme alívio. Estava acostumada a manter os segredos de outras pessoas, mas não meus.

O telefone soou quando estava tomando o último gole de minha taça de café matutino. Pus meu livro sobre a mesa da cozinha marquei a página em que ia e levantei o telefone.

—Olá! -pinjente alegremente-.

—É hoje, -disse Alcide-, com a voz vibrando de emoção. —Tem que vir.

Trinta minutos, minha paz tinha durado trinta minutos.

—Suponho que te refere à competição para escolher a posição de chefe da manada.

—É obvio.

—E por que tenho que estar ali?

—Tem que estar ali porque a manada inteira e todos os amigos da manada têm que estar ali, -disse Alcide-, com voz que não tolerava nenhum desacordo. —Christine, sobre tudo pensou que deveria ser testemunha.

Eu poderia ter discutido se não tivesse agregado o comentário sobre o Christine. A esposa do antigo chefe de manada me tinha impressionado como uma mulher muito inteligente, com uma cabeça fria.

—Bem, -pinjente-, tentando não soar resmungona. Onde e quando?

—A meio-dia, no edifício vazio da 2005 Clairemont. Estava acostumado a ser David & Vão Such, a empresa de impressão.

Recebi algumas instruções e pendurei. Enquanto tomava banho, raciocinei que isto seria um evento esportivo, assim que me vesti em minha velha saia de meclilla com uma camiseta vermelha. Pu-me uns meias-calças vermelhos (a saia era bastante curta) e uns sapatos negros. Estavam um pouco desgastados, assim esperei que Christine não olhasse meus sapatos. Coloquei minha cruz de prata dentro de minha camiseta; a transcendência religiosa não incomodaria aos lobos absolutamente, mas a prata se poderia.

Desaparecida-a empresa de impressão David & Vão Such, tinha sido um edifício muito moderno, em uma zona industrial, igualmente moderna, em grande parte desolada este sábado. Todas as empresas tinham sido construídas para fazer que combinassem entre si: edifícios de pedra cinza e vidros escuros, com arbustos de mirto ao redor e delimitadas áreas verdes. David & Vão Such destacava por uma ponte ornamental sobre uma lacuna ornamental também e sua porta principal era vermelha. Na primavera e depois de um pouco de manutenção, seria tão bonito como qualquer edifício moderno. Hoje, na fase final do inverno, as más ervas que tinham crescido o verão anterior, agitavam-se mortas ante uma fria brisa. Os

esqueléticos arbustos de mirtos necessitavam urgentemente uma poda, e a água na lacuna se via estancada, com o lixo flutuando de maneira sombria por aqui e por lá. O David & Vão Such, tinha um estacionamento que continha aproximadamente trinta automóveis, incluindo -siniestramente- uma ambulância

Embora levava uma jaqueta o dia pareceu inusualmente mais frio quando saí do estacionamento e me dirigi através da ponte à porta principal. Arrependi-me de ter deixado meu casaco mais quente em casa, mas não tinha parecido necessário já que do estacionamento ao edifício só havia uns quantos metros e dentro não faria tão frio. O vidro do David & Vão Such, quebrado solo na porta vermelha, refletia o pálido céu azul e os hierbajos mortos.

Não parecia correto golpear em uma porta de uma empresa, assim que me deslizei dentro. Duas pessoas estavam diante de mim, quando cruzei a área de recepção vazia. Entraram por dois cinzas leva dobre. Segui-os, me perguntando aonde estava entrando.

Entramos no que tinha sido a área de fabricação, suponho; as enormes imprensas fazia muito tempo que não estavam. Ou talvez este grande espaço tinha estado cheio de escritórios utilizados por empregados que tomavam ordens ou fazendo o trabalho contável. Os clarabóias no teto deixavam entrar um pouco de iluminação. Havia um grupo de pessoas no meio da área.

Bem, não tinha conseguido me vestir corretamente. As mulheres sobre tudo levavam conjuntos de saco e calça muito elegantes, e vislumbrei um vestido aqui e ali. Encolhi-me de ombros. Quem poderia havê-lo sabido?

Havia algumas pessoas na multidão que eu não tinha visto no enterro. Saúde em direção a uma ruiva chamada Amanda (eu a conhecia da Guerra das Bruxas), e ela me saudou em resposta. Surpreendeu-me descobrir ao Claudine e Claude. Os gêmeos luziam maravilhosos, como sempre. Claudine levava um suéter verde escura e calças negras, e Claude levava um suéter negro e calças verde escuro. O efeito era assombroso. Já que as duas fadas eram quão únicos estava segura que não eram lobos entre a concorrência, me fui parar ao lado deles.

Claudine se girou e me beijou sobre a bochecha, e Claude também. Seus beijos se sentiram exatamente igual.

— O que vai passar? -Sussurrei a pergunta porque o grupo estava excepcionalmente tranquilo-. Podia ver coisas pendurando do teto, mas na sombria luz não podia imaginar que eram.

—Haverá várias provas, -murmurou Claudine-. Você não acostuma a gritar muito, verdade?

Nunca o tinha feito, mas me perguntei se não iniciaria o dia de hoje.

Uma porta se abriu sobre no lado oposto de onde tínhamos entrado, e Jackson Herveaux e Patrick Furnan entraram. Estavam nus. Tendo visto muito poucos homens nus, não tinha muita base para a comparação, mas tenho que dizer que estes dois lobos não eram meu ideal. Jackson, embora indubitavelmente em forma, era um homem velho com pernas fracas, e Patrick (embora também se via forte e musculoso), tinha forma de barril.

depois de que me tive adaptado à nudez dos homens, notei que cada um deles estava acompanhado por outro lobo. Alcide seguia a seu pai, e um jovem loiro seguia o passo ao Patrick .Alcide e o loiro permaneceram totalmente vestidos.

— Teria sido agradável se eles tivessem estado nus, eh?? -sussurrou Claudine- assinalando em direção aos homens mais jovens. São os padrinhos.

Como em um duelo. Procurei para ver se levavam pistolas ou espadas, mas suas mãos estavam vazias.

Notei ao Christine só quando ela ficou à frente da multidão. Estendeu a mão em cima de sua cabeça e aplaudiu com suas mãos uma vez. Não tinha havido muito bate-papo antes disso, mas agora o imenso

espaço se encheu completamente de silêncio. A delicada mulher de cabelo grisalho dispunha de toda a atenção.

Consultou um folheto antes de começar.

—Reunimo-nos para escolher ao próximo líder da manada do Shreveport, também chamado Manada de Dente Comprido. Para ser líderes da manada, estes lobos devem competir em três provas. -Christine fez uma pausa para olhar o livro-.

Três era um bom número místico. Tinha esperado três.

Esperei que nenhuma destas provas envolvesse sangue. Poucas probabilidades.

—A primeira prova é a prova de agilidade. -Christine assinalou detrás dela uma área passada os laços-. Parecia um pátio de recreio gigante na débil luz.

—Depois será a prova de resistência. -Assinalou uma área coberta à esquerda-. Depois será a prova pela luta do poderio. -E ao tempo agitou uma mão para uma estrutura detrás dela-.

Muito para que não houvesse sangue.

—Depois o ganhador deve emparelhar-se com outro lobo, para assegurar a sobrevivência da manada.

Esperei que a parte quatro fora simbólica. depois de tudo, Patrick Furnan tinha esposa, que estava de pé perto de um grupo que era definitivamente Pró o Patrick.

Isto me pareciam quatro provas, não três, a não ser que a parte de acoplamento fora somente um pouco parecido a entregar o troféu ao ganhador.

Claude e Claudine tomaram minhas mãos e lhe deram um apertão simultâneo.

—Isto vai ser realmente mau, -sussurrei-, e eles assentiram ao uníssono.

Vi dois paramédicos uniformizados de pé, ao final da multidão. Ambos eram troca-formas de alguma classe, seu modelo cerebral me disse isso. Com eles estava uma pessoa, mas bem uma criatura, que eu não tinha visto durante meses: A Doutora Ludwig. Ela captou meu olhar e se inclinou para mim. devido a que media ao redor de um metro, não teve que inclinar-se muito. Inclinei-me em resposta. A Doutora Ludwig tinha um nariz grande, a pele olivácea, e o grosso cabelo castanho e ondulado. Alegrei-me de que estivesse ali. Não tinha idéia de que tipo era a Doutora Ludwig além de animal, mas era uma boa doutora. Minhas costas teria ficado cheia de cicatrizes -assumindo que tivesse vivido - se a Doutora Ludwig não me tivesse tratado depois de um ataque de menade Tinha escapado com um par de dias maus e uma pequena cicatriz branca percorrendo minhas omoplatas, graças à diminuta doutora.

Os concursantes entraram em "o círculo", em realidade um quadrado grande delimitado por cordas de veludo e postes de metal parecido aos que usam nas filas dos bancos. Tinha pensado que a área cercada parecia um pátio de recreio, mas agora, quando as luzes se acenderam, compreendi que via algo mas bem parecido a uma areia de competição de saltos de cavalos, ou um espaço para uma competência de agilidade para cães gigantescos.

Christine disse:

—Podem trocar. Christine se afastou para perder-se entre a multidão. Ambos os candidatos caíram ao piso, e o ar ao redor deles começou a brilhar e distorcer-se. Trocar rapidamente quando um o deseja é uma fonte de orgulho entre os troca-formas. Os dois lobos alcançaram sua mudança quase ao mesmo instante. Jackson Herveaux se converteu em um enorme lobo negro, como seu filho. Patrick Furnan era de cor cinza pálida, largo de peito, mas um pouco mas desço de estatura.

Quando a pequena multidão se aproximou mas, quase tocando as cordas de veludo, um dos homens maiores que eu alguma vez tinha visto saiu das escuras sombras para caminhar na areia. Reconheci-o como o homem que tinha visto no enterro do Coronel Flood. Ao menos de 1.98 mts de altura, hoje ele estava com o musculoso peito descoberto e descalço. Era extraordinariamente musculoso, e seu peito estava tão calvo como sua cabeça. Parecia um Gênio; teria se visto bastante natural com uma bandagem e

calças de seda. Em troca, levava uns velhos jeans azuis. Seus olhos eram profundos e líquidos. Certamente, era um troca-formas de alguma classe, mas não podia imaginar que era.

— Latido!, - suspirou Claude-.

—Ohhh céus, -sussurrou Claudine.

—Mmmm.... -resmunguei-.

De pé entre os opositores, o alto homem os dirigiu ao começo da prova.

—Uma vez que a prova começou, nenhum membro da manada pode interromper, - disse-, olhando de um lobo a outro.

—O primeiro concursante é Patrick, lobo desta emanado, -disse o homem alto-. Sua voz de baixo era tão dramática como o distante retumbar de tambores.

Entendi então que ele era o árbitro. —Patrick vai primeiro, de acordo ao lançamento de moeda, -disse o homem alto-.

antes de pensar que era bastante gracioso que toda esta cerimônia incluía um lançamento de moeda, o lobo pálido se moveu, tão rápido que logo que pude manter a vista nele. Voou em cima de uma rampa, saltou três barris, golpeou o chão ao aterrissar, e voou em cima de outra rampa e através de um anel pendente do teto (que se balançou violentamente depois de que atravessou pelo), caiu de novo ao chão, engatinhando a quatro patas por um túnel claro que era muito estreito e torcido a intervalos. Era parecido aos que vendem nas lojas de animais para furões ou roedores, solo que maior. Uma vez fora do túnel, o lobo, com a boca aberta ofegante, chegou a uma área plana coberta de grama artificial. Aqui, fez uma pausa e se deteve antes de pôr um pé. Cada passo foi como o anterior, enquanto o lobo continuava seu caminho através de vinte metros ou mais dessa área especial. de repente uma seção da grama saltou quando uma armadilha se fechou salvando-se por pouco a perna do lobo. O lobo gemeu consternado, congelado no lugar. Deve ter estado angustiado, tentando conter-se de correr à segurança da plataforma que estava agora a só um metro de distância.

Estava tremendo, embora esta competição tivesse pouco que ver comigo. A tensão se mostrava claramente entre os lobos. Eles não pareciam comportar-se como seres humanos já. Inclusive a excessivamente maquiada Sra. Furnan tinha os olhos completamente abertos, olhos que não pareciam de mulher, inclusive sob toda aquela maquiagem.

Quando o lobo cinza completou sua prova final, um só salto de uma longitude de possivelmente dois automóveis, um uivo de triunfo estalou na garganta do companheiro do Patrick. O lobo cinza caiu de pé sem perigo sobre a plataforma. O árbitro verificou um cronômetro em sua mão.

—Segundo candidato, -disse o homem grande, —Jackson Herveaux, lobo desta manada. Um cérebro perto de mim me subministrou o nome do homem grande.

—Quinn, -sussurrei ao Claudine. Seus olhos se abriram de par em par. O nome era significativo para ela de um modo que eu não podia adivinhar.

Jackson Herveaux começou a mesma prova de destreza que Patrick já tinha completado. Foi mais garboso na argola suspensa; apenas se moveu quando passou sem nenhum problema. Tomou um pouco mais de tempo, -pensei- passar pelo túnel. Ele pareceu compreendê-lo também, porque caminhou apressadamente ao campo de armadilhas, mas às pressas do que era conveniente. Ele se deteve em seco, talvez chegando à mesma conclusão. inclinou-se para usar seu nariz com mais cuidado. A informação que percebeu o fez estremecer. Com delicioso cuidado, o lobo levantou uma pata dianteira negra e a moveu uns centímetros. Estávamos contendo a respiração quando caminhou de maneira diferente a como o tinha feito seu predecessor. Patrick Furnan se moveu a grandes pernadas, com pausas largas, e farejando entre elas, uma espécie de estilo " às pressas, espera-aprisa". Jackson Herveaux se moveu regularmente em

passos curtos, seu nariz sempre ocupado, seus movimentos astutamente estudados. Ante meu alívio, o pai do Alcide cruzou o campo ileso, sem saltar nenhuma das armadilhas.

O lobo negro se preparou para o salto final, lançando-se ao ar com todo seu poder. Sua aterrissagem foi menos elegante, já que suas patas traseiras tiveram que escavar para aderir-se ao bordo do lugar de aterrissagem. Mas o fez, e algumas felicitações ecoaram no espaço vazio.

—Ambos os candidatos passaram a prova de agilidade, -disse Quinn-. Seus olhos vagaram pela multidão. Quando passaram por nosso estranho trio duas altas fadas gêmeas de cabelo negro e um humano muito mais baixo loiro. seu olhar poderia haver ficado fixa por alguns momentos, mas era difícil dizê-lo.

Christine tentava conseguir minha atenção. Quando viu que a olhava, inclinou ligeiramente a cabeça, assinalando que me reunisse a um lado da prova de resistência. Perplexa mas obediente, caminhei através da multidão. Não sabia que os gêmeos me tinham seguido até que se acomodaram um a cada lado de mim. Havia algo sobre isto que Christine queria que eu visse,... Certamente. Queria que eu usasse meu talento aqui. Ela suspeitava de alguma artimanha. Quando Alcide e seu colega loiro tomaram seus sítios no redil, notei que ambos tinham postas luvas. Sua atenção estava completamente absorvida por esta competição; me deixando por completo livre de pensamentos provenientes desses dois. Isto deixava aos dois lobos. Nunca tinha tentado olhar dentro da mente de uma pessoa trocada.

Com considerável preocupação, concentrei-me em me abrir passo entre seus pensamentos. Como se poderia esperar, a mescla de humano e cão, conseguiam um modelo de pensamento bastante provocador. Ao princípio da exploração eu só poderia recolher a mesma classe enfoque, mas logo detectei uma diferença.

Quando Alcide levantou uma barra de 50 cms de comprimento de prata, em meu estômago se instalou o fritou e me estremeci. Então olhei ao loiro, estava ao lado dele repetindo o gesto, senti que meus lábios se retorciam de aversão. As luvas não eram totalmente necessárias, porque na forma humana, a pele de lobo não seria danificada pela prata. Na forma de lobo, a prata era terrivelmente dolorosa.

O padrinho do Furnan comprovou com suas mãos cobertas a prata, para comprovar se não teria alguma armadilha escondida.

Eu não tinha idéia por que a prata debilitava aos vampiros e os queimava, e por que poderia ser fatal para os lobos, enquanto que esta não tinha nenhum efeito sobre as fadas - as que, entretanto, não podia suportar uma larga exposição ao ferro-. Mas sabia que estas coisas eram verdade, e sabia que a próxima prova seria horrível de ver.

Entretanto, estava aí para presenciá-lo. Algo ia passar que necessitava minha atenção. Sintonizei minha mente de volta à pequena diferença que eu tinha lido nos pensamentos do Patrick. Em sua forma de lobo, estes eram tão primitivos que logo que mereciam chamar-se "pensamentos".

Quinn ficou de pé entre os dois alguns segundos, seu couro cabeludo liso recolhia um brilho de luz. Tinha um relógio de cronometragem em suas mãos.

—Os candidatos tomarão a prata agora, -disse-, e com sua mão enluvada Alcide pôs a barra na boca de seu pai. O lobo negro a sujeitou e se sentou, justo como o lobo cinza o fez com sua respectiva barra de prata. Os dois padrinhos retrocederam. Um alto gemido de dor saiu do focinho do Jackson Herveaux, enquanto Patrick Furnan não mostrava nenhum signo de tensão exceto um pesado ofego. Quando a pele delicada de suas gengivas e lábios começou jogar fumaça e cheirar um pouco, o gemido do Jackson se fez mais forte. A pele do Patrick mostrou os mesmos dolorosos sintomas, mas Patrick estava silencioso.

—São tão valentes, -sussurrou Claude, olhando com fascinado horror o tortura que os dois lobos estavam tolerando. Se fazia evidente que o lobo mais velho não ganharia esta competição. Os sinais

visíveis de dor se incrementavam a cada segundo, e embora Alcide estava de pé ali concentrado unicamente em seu pai para lhe dar seu apoio, em qualquer momento isto se terminaria. Exceto...

—Esta fazendo armadilha, -pinjente claramente-, assinalando ao lobo cinza.

—Nenhum membro da manada pode falar. -A voz profunda do Quinn não estava zangada-, simplesmente assinalava os fatos.

—Não sou um membro da manada

— Esta desafiando a competição? Quinn me estava olhando agora. Todos os membros da manada que tinham estado de pé perto ao redor meu se retiraram até que eu fiquei de pé só com as duas fadas, que me estavam olhavam com um pouco de surpresa e consternação.

—Aposte seu traseiro a que o faço. Cheire as luvas que leva o padrinho do Patrick.

O padrinho loiro se via completamente aturdido. E culpado.

—Deixem cair as barras, -ordenou Quinn, e os dois lobos obedeceram, Jackson Herveaux com um gemido. Alcide caiu de joelhos frente a seu pai, pondo seus braços ao redor do lobo mais velho.

Quinn, movendo-se tão brandamente como se suas articulações estivessem engorduradas, ajoelhou-se para recuperar as luvas que o padrinho do Patrick tinha deixado cair ao piso. A mão do Libby Furnan se lançou sobre a corda de veludo para tomá-los rapidamente, mas um profundo grunhido do Quinn lhe fez deter-se. Este som fez que minhas próprias costas se estremecessem e isso que estava muito mais longe que Libby.

Quinn recolheu as luvas e os cheirou.

Ele olhou ao Patrick Furnan com um desprezo tão forte que foi surpreendente que o lobo não se desabasse sob seu peso.

deu-se volta a para enfrentar ao resto da multidão.

—A mulher tem razão. -A voz profunda do Quinn teve o peso de uma pedra-. Há uma droga sobre as luvas. Isto fez que a pele do Furnan se intumescesse quando a prata foi colocada em sua boca, assim o poderia durar mais tempo. Declaro-o perdedor desta parte da competição. A manada terá que decidir se deveria perder o direito a continuar, e se seu padrinho ainda deveria ser um membro da manada. O lobo loiro se encolhia como se esperasse que alguém o golpeasse. Não compreendia por que seu castigo deveria ser pior que Patrick; talvez entre mas sob a fila, o castigo era pior? Não era exatamente justo; mas é obvio, eu não era lobo.

—A manada votará, -gritou Christine-. Ela encontrou meus olhos e soube que era por isso, por isso me tinha querido aqui. Se pudessem o resto de vocês retirar-se a outro lugar?

Quinn, Claude, Claudine, e três troca-formas se moveram comigo cruzando as portas que conduziam a outros escritórios. Havia luz mais natural ali, o que era um prazer. Menos agradar foi a curiosidade que se reuniu ao redor meu. Meus escudos estavam ainda abaixo, e senti a suspeita e conjeturas fluir do cérebro de meus companheiros, exceto, é obvio, das duas fadas. Para o Claude e Claudine, minha particularidade era um dom estranho, e sentiam que era uma mulher afortunada.

—Venha aqui, -retumbou a voz do Quinn, e pensei em lhe dizer que tomasse suas ordens e as empurrasse onde o sol não brilhasse. Mas isto seria infantil, e eu não tinha nada que temer. (Ao menos isto é o que me disse aproximadamente sete vezes em rápida sucessão.) Endireite minhas costas até pô-la rígida, aproximei-me do ele rapidamente e elevei a vista a sua cara.

—Não tem por que franzir o cenho dessa maneira, -disse com calma-. Não vou golpear lhe.

Nunca pensei que o faria, -disse com voz acalmada-, da que estive orgulhosa. Descobri que seus redondos olhos, eram muito escuros com um rico tom café púrpura em sua íris como a flor chamada pensamentos. Wow, eram formosos! Sorri com absoluto prazer... e uma porção de alívio.

Inesperadamente, o sorriu em resposta. Tinha lábios cheios, dente muito brancos, e uma coluna robusta por pescoço.

Quão freqüentemente tem que barbear-se? –Perguntei-, fascinada com sua suavidade.

Riu fortemente.

— Assusta-lhe algo? –perguntou-.

—Tantas coisas, -disse com pesar-.

Considerou isso por um momento.

—Você tem um sentido extrasensitivo para o aroma?

—Não.

— Conhecia loiro?

—Nunca o vi antes.

— Então como soube?

— Sookie é uma télépata, -disse Claude-. Quando conseguiu o peso cheio do olhar do homem grande, pareceu arrependido de havê-lo interrompido.

—Minha irmã é ela, ah, seu guardião, -concluiu Claude com pressa.

—Então você faz um trabalho terrível, -disse Quinn ao Claudine.

—Não diga isso ao Claudine, -disse com indignação-. Claudine salvou minha vida várias vezes.

Quinn parecia exasperado. "Fadas", -resmungou-. Os lobos não vão estar felizes com sua informação, -disse-me-. Ao menos a metade deles vão desejar que você estivesse morta. Se sua segurança for a prioridade do Claudine, deveria lhe haver mantido a boca fechada.

Claudine parecia esmagada.

— Hey!, -pinjente-, curta o cilindro. Sei que tem amigos ali pelos que estas preocupado, mas não te desforre com o Claudine. Ou comigo, -acrescentei a toda pressa-, quando seus olhos se fixaram em meus.

—Não tenho nenhum amigo ali. E me barbeio cada manhã, -disse-.

—Esta bem, então. –assenti confusa.

—Ou se sair pela tarde.

—Apanhei-te.

—Para fazer algo especial.

O que consideraria especial Quinn?

Comporta-as se abriram, interrompendo uma das conversações mais estranhas que eu alguma vez tinha tido.

—Podem retornar, -disse uma jovem lobo, com sapatos cujos saltos eram de 10 centímetros. Ela levava um vestido entubado cor Borgoña, e quando a seguimos, saiu balançando excessivamente os quadris. Perguntei a quem tentava atrair, ao Quinn ou ao Claude. Ou talvez ao Claudine?

—Isto é nosso julgamento, -disse Christine ao Quinn. Reataremos a competição onde terminou. Segundo os votos, já que Patrick fez armadilha na segunda prova, é declarado o perdedor dessa prova. Da prova de agilidade, também. Entretanto, permitem-lhe seguir na competência. Mas para ganhar, tem que ganhar a última prova em forma contundente. -Não estive segura de que significava "em forma contundente" neste contexto-. Pela cara do Christine, estive segura que isto não era de bom agouro. Pela primeira vez, compreendi que a justiça poderia não prevalecer.

Alcide se via mau, quando encontrei sua cara entre a multidão. Este julgamento parecia claramente parcial a favor do opositor de seu pai. Não me tinha dado conta de que havia mais lobos no lado do Furnan que no lado do Herveaux, e me perguntava quando tinha ocorrido essa mudança. O equilíbrio tinha parecido mais parecido no funeral.

devido a que já tinha interferido, senti-me livre de interferir um pouco mais. Comecei a vagar entre os membros da manada, escutando a seus cérebros. Embora os cérebros revoltos de todos os lobos e trocas sejam difíceis de decifrar, comecei a recolher uma pista aqui e ali. Os Furnans, entendi, tinham conseguido seu plano de filtrar histórias sobre os hábitos de jogo do Jackson Herveaux, lhes dizendo que Jackson não seria confiável como líder.

Eu sabia pelo Alcide que as histórias sobre o jogo de seu pai eram verdadeiras. Embora eu não admirasse aos Furnans por jogar este cartão, não o considereí mau, tampouco.

Os dois competidores estavam ainda em forma de lobo. Se eu tinha entendido corretamente, seguiam programados para lutar de qualquer maneira. Estava de pé perto da Amanda.

— O que trocou sobre a última prova? -Perguntei-. A ruiva cochichou que agora a luta não seria uma luta normal, com o concursante de pé sobre o perdedor durante cinco minutos declarado ganhador. Agora, para ganhar a luta "contundentemente", o perdedor tinha que estar morto ou incapacitado.

Isto era mais do que tinha prometido ficar, mas sabia, que até se não me pedissem isso novamente não poderia partir.

O grupo se reuniu ao redor de um domo de metal que me recordou irresistivelmente o filme do Mel Gibson, *Mad Max* -Recordem- "Dois homens entram, um só homem sai. " Suponho que isto era o equivalente entre os lobos. Quinn abriu a porta, e os dois grandes lobos se introduziram, girando suas cabeças de um lado a outro como se contassem a seus partidários. Ou ao menos, supus que isso fazia.

Quinn se girou e me fez gestos.

OH, OH. Franzi o cenho. Os escuros olhos café púrpura, eram intensos. O homem representava à empresa. Aproximei-me dele a contra gosto.

—vai ler suas mentes outra vez, -disse-me-. Pôs uma mão enorme sobre meu ombro. Girou-me para confrontá-lo, por isso fiquei " cara a cara ", com seus escuros mamilos. Desconcertada, elevei a vista.

—Escuta, loira, tudo o que tem que fazer é entrar ali e fazer o que for que faz, -disse de modo tranquilizador-.

Não podia ter tido esta idéia enquanto os lobos estavam fora da jaula? O que se fechava a porta detrás de mim? Volteei sobre meu ombro em busca do Claudine, que sacudia freneticamente sua cabeça.

— por que preciso fazê-lo? Qual seria o objetivo? -Perguntei-, para não parecer uma idiota total.

— vai fazer armadilha outra vez? -Perguntou tão brandamente que soube que ninguém mais poderia ouvi-lo. Tem Furnan alguma forma de fazer armadilha que não posso ver?

— Garante minha segurança?

Ele encontrou meus olhos.

— Sim, -disse sem titubear-. Abriu a porta da jaula. Embora teve que inclinar-se, entrou detrás de mim.

Os dois lobos se aproximaram de mim cautelosamente. Seu aroma era forte; como cão, mas mas almiscarado e selvagem. Nervosamente, pus minha mão sobre a cabeça do Patrick Furnan. Olhei em sua cabeça tão forte como pude, e só distingui a raiva que sentia contra mim por lhe haver estragado seu triunfo na prova de resistência. Havia uma dura determinação sobre a luta próxima, que tinha a intenção de acabar com crueldade absoluta.

Suspirei, sacudi a cabeça e afastei minha mão. Para ser justa, pus minha mão sobre os ombros do Jackson, que eram tão altos que todo meu corpo tremeu. O lobo literalmente vibrava, um leve calafrio fez que sua pelagem se estremecesse sob meu contato. Sua resolução inteira estava determinada a rasgar a seu rival membro por membro. Mas Jackson estava assustado do lobo mais jovem.

—Tudo claro, -pinjente-, e Quinn se girou para abrir a porta. Ele se agachou para passar, e estive a ponto de segui-lo quando a moça do vestido borgoña chiou. Movendo-se mais rápido do que pensei que um homem tão grande poderia mover-se, Quinn giro sobre seus pés, agarrou meu braço com uma mão, e

deu um puxão com toda sua força. Com sua outra mão fechou de repente a porta, e ouvi algo estelar se contra ela.

Os ruídos detrás de mim me disseram que a batalha já tinha começado, mas fui fixada contra uma enorme extensão de pele bronzeada e Lisa.

Com meu ouvido no peito do Quinn, pude escutar o estrondo de sua voz tão fora como dentro de seu corpo:

— Machucou-a?

Eu estava tremente e estremecida. Minha perna estava molhada, e vi que meus meias-calças estavam rasgados, e o sangue corria de um arranhão em minha pantorrilha direita. Minha perna tinha raspado a porta quando Quinn a tinha fechado tão rapidamente, ou eu tinha sido mordida? OH meu Deus, se eu tinha sido mordida...

Todos outros se apertaram contra a jaula, olhando os giros e voltas dos lobos. Sua baba e seu sangue voavam em finos rocios, salpicando aos espectadores. Olhei para ver atrás o focinho do Jackson sobre a perna traseira do Patrick, enquanto Patrick se dobrou para trás para morder o focinho do Jackson. Vislumbre a cara do Alcide, concentrado e angustiado.

Não quis olhar isto. Eu preferiria olhar o corpo do estranho que observar que dois homens se matavam um ao outro.

—Estou sangrando, -disse ao Quinn-. Não é tão mau.

Um uivo no alto da jaula indicou que um dos lobos tinha cotado um golpe. Me milho.

O homem grande me levou para a parede. Era uma boa distância da briga. Ajudou-me a me dobrar e a me sentar no piso.

Quinn se sentou também no piso. Era tão elegante para ser alguém tão grande que fique absorta observando seus movimentos. ajoelhou-se ante meu para me tirar meus sapatos, e logo meus meias-calças, que estavam rasgados e molhados de sangue. Eu estava em silêncio e tremendo quando o se agachou e se acomodou sobre seu estômago. Agarrou meu joelho e meu tornozelo entre suas enormes mãos como se minha perna fora uma grande pata de frango. Sem dizer uma palavra, Quinn começou a lamber o sangue de minha ferida. Tive medo que isto fora uma preparação para me morder, mas a Doutora Ludwig se aproximou, olhou-me e assentiu. —Estará bem, -disse despectivamente. depois de me acariciar a cabeça como se fora um cão ferido, a diminuta doutora retornou com os assistentes.

Enquanto isso, embora não tivesse acreditado que fora possível que algo me distraíra de estar ao fio do suspense, a coisa essa que me estava fazendo de lamber a perna me proporcionava uma diversão completamente inesperada. Movi-me agitado, sufocando um ofego. Talvez deveria afastar minha perna do Quinn? Observar a brilhosa e calva cabeça movendo-se de acima para baixo enquanto me lambia, para que sentisse a mundos de distância da luta a morte que tinha lugar ao outro lado da habitação. Quinn trabalhava cada vez mais devagar, sua língua morna e um pouco áspera enquanto limpava minha perna. Embora seu cérebro fora o cérebro mais opaco de um troca-formas que eu alguma vez tivesse encontrado, soube que o estava tendo a mesma reação que eu.

Quando terminou, colocou sua cabeça sobre minha coxa. Ele respirava pesadamente, e eu tentava não fazê-lo igual. Suas mãos liberaram sua sujeição, mas acariciaram minha perna deliberadamente. Elevou a vista para mim. Seus olhos tinham trocado. Eram dourados, de ouro sólido. A cor enchia seus olhos. Latido...!.

Suponho que pôde distinguir em meu rosto, o que nosso pequeno interlúdio –por dizê-lo brandamente-, tinha provocado em mim.

—Não é o momento nem o lugar, bebe. -disse-.

—Deus, isso foi....grandioso. estirou-se, e isso não foi uma extensão de seus braços e peito da maneira em que o fazem os seres humanos. Ele realmente ondulou da base de seu espinho até seus ombros. Esta era uma das coisas mas estranhas que eu alguma vez tivesse visto, e eu havia visto muitas costure estranhas.

— Sabe quem sou? – perguntou-.

Assenti.

—Quinn? –Pinjente-, sentindo avermelhar minhas bochechas.

—ouvi que seu nome é Sookie, -disse-, levantando-se até ficar de joelhos.

—Sookie Stackhouse, -pinjente-.

Pôs sua mão sob meu queixo, para poder que pudesse olhá-lo. Olhei fixamente seus olhos tão forte como pude. Ele não piscou.

—Pergunto-me que é o que estas vendo, -disse finalmente, e retirou sua mão-.

Joguei uma olhada a minha perna. A marca sobre ela, agora livre de sangue, era quase certamente um arranhão do metal da porta.

—Não é uma dentada, -pinjente-, com voz entrecortada. A tensão se afastou de mim rapidamente.

—Não. Nenhuma loba em seu futuro, -acordou-, e fluiu sobre seus pés. Ofereceu-me sua mão. Tomei, e me levantou em um segundo. Um grunhido penetrante proveniente da jaula me sacudi de retorno ao aqui e ao agora.

—me diga algo. por que demônios não votam melhor? -perguntei-.

Os olhos redondos do Quinn, retornaram a sua cor café púrpura e corretamente rodeadas de branco, enrugando as comissuras com diversão.

—Não é a maneira dos troca-formas, bebê. Verá-me depois, -prometeu Quinn-. Sem outra palavra retornou a pernas à jaula, e minha pequena viagem a outro mundo terminou. Tive que retornar minha atenção ao assunto realmente importante que estava acontecendo neste edifício.

Claudine e Claude olhavam com inquietação sobre seus ombros quando os encontrei. Fizeram um pequeno espaço para facilitar meu emprego entre eles, e envolveram seus braços a mim ao redor. Pareciam muito transtornados, e Claudine tinha duas lágrimas deslizando-se por suas bochechas. Quando vi a situação na jaula, entendi por que.

O lobo mais ligeiro estava ganhando. A pelagem do lobo negro estava talher de sangue. Ainda estava sobre seus pés, ainda grunhia, mas uma de suas pernas traseiras cedia sob seu peso de vez em quando. As arrumou para sustentar-se duas vezes, mas a terceira vez a perna se derrubou, o lobo mais jovem esteve sobre ele, mordendo-o uma e outra vez, em um borrão espantoso de dentes, carne rasgada, e pele.

Esquecendo as regras de silêncio, todos os lobos gritavam seu apoio de um concursante ao outro, ou somente uivavam. A violência e o ruído se mesclavam harmonizando em um caótico collage. Finalmente descobri que Alcide esmurrava suas mãos contra o metal em vã agitação. Nunca havia sentido tanta pena por alguém como esse dia. Perguntei-me se trataria de entrar pela força na jaula de combate. Mas outro olhar me disse que inclusive o respeito do Alcide pelas regras da manada se debilitou e tentou ir à ajuda de seu pai, Quinn bloqueava a porta. Por isso era pelo que a manada tinha contratado um forasteiro, é obvio.

Bruscamente, a briga terminou. O lobo cinza tinha ao mais escuro pela garganta. Sustentava-o, mas não o mordia. Talvez Jackson teria contínuo lutando se não tivesse estado tão gravemente ferido, mas sua força estava esgotada. Ele ficou lhe choramingue incapaz de defender-se. O espaço ficou completamente silencioso.

—Patrick Furnan é declarado o ganhador, -disse Quinn- com voz neutra.

E logo Patrick Furnan mordeu a garganta do Jackson Herveaux e o matou.

CAPÍTULO 16

Quinn se encarregou da limpeza com a autoridade segura de quem fiscalizou tais coisas antes. Embora eu estivesse embotada e estúpida com a comoção, notei que deu instruções claras e concisas quanto à dispersão dos materiais das provas. Membros da manada desmontaram a jaula em seções e desarmaram a areia com agilidade e eficiência. Uma equipe de limpeza tomou cuidado de lavar os chãos do sangue e outros fluídos.

Logo o edifício esteve vazio de tudo exceto da gente. Patrick Furnan tinha voltado para sua forma humana, e a Doutora Ludwig assistia suas muitas feridas. Alegrei-me de que tivesse cada uma delas

Somente lamentei que não fossem piores. Mas a manada tinha aceito ao Furnan. Se eles não protestaram contra tal brutalidade desnecessária, eu não o faria.

Alcide era consolado pela Maria-Star Cooper uma jovem lobo que eu sozinho conhecia ligeiramente

Maria o sustentou e acariciou suas costas, lhe proporcionando apóio com o simples feito de sua companhia. Não teve que me dizer que nesta ocasião, preferia a companhia de alguém de sua mesma espécie à minha. Tinha-me aproximado de abraçá-lo, e tinha visto seus olhos, tinha-o sabido. Isso me doeu, e muito; mas o dia de hoje não era sobre mim e meus sentimentos.

Claudine chorava nos braços de seu irmão.

—É tão bondosa, -sussurrei ao Claude-, me sentindo um pouco envergonhada de não estar chorando eu mesma. Minha preocupação era pelo Alcide; logo que tinha conhecido ao Jackson Herveaux.

—Atravessou a segunda guerra dos elfos em Iowa lutando como a melhor, -disse Claude-, agitando a cabeça. Viu a um duende decapitado tirar a língua ante seus olhos em convulsões mortais, e só sorriu. Mas quando se aproxima da luz, volta-se mais suscetível.

Isto me calou com eficácia. Não queria perguntar nenhuma outra explicação de qualquer outra regra sobrenatural misteriosa. Tinha tido um montão esse dia.

Agora que toda a desordem tinha sido apagado (essa desordem incluía o corpo do Jackson, que a Doutora Ludwig tinha tomado para levar-lhe a algum sítio para modificá-lo, e fazer que a história de como tinha encontrado sua morte fora mais plausível), todos os membros da manada se reuniram diante do Patrick Furnan, que não se vestiu. Segundo seu corpo, a vitória o tinha feito sentir varonil. Puaffff...

Estava de pé sobre uma manta a quadros vermelha, como a que utilizaria para um jogo de futebol. Senti que meus lábios tremiam, mas me pus totalmente séria quando a esposa do novo chefe de manada lhe levou a uma jovem, uma garota de cabelo castanho que parecia estar a fins de sua adolescência. A garota estava tão nua como o chefe da manada, embora se via melhor que o naquele estado.

Que diabos?

Repentinamente recordei a última parte da cerimônia, e compreendi que Patrick Furnan ia a joder a esta moça em frente de nós. De maneira nenhuma ia olhar isto. Tentei me voltar para partir. Mas Claude sussurrou:

—Não pode partir. Cobriu-me a boca e me moveu para me acomodar depois da multidão. Claudine se moveu conosco e fico de pé diante de mim, mas com suas costas volta para meu, assim eu não teria que ver. Fiz um som furioso na mão do Claude.

—te cale, -disse a fada com gravidade-, sua voz tão cheia de sinceridade como pôde dirigir, ou nos meterá em problemas. Se isto te faz sentir melhor, é a tradição. A moça se ofereceu. depois disto, Patrick será um marido fiel uma vez mais. Mas ele já criou a seu cachorrinho com sua esposa, e tem que fazer o rito cerimonioso de criar outro. Pode funcionar ou não, mas tem que fazer-se.

Mantive meus olhos fechados e agradei quando Claudine se volteou e colocou suas mãos molhadas de lágrimas sobre meus ouvidos. Um grito se elevou da multidão quando a coisa foi completada. As duas fadas se relaxaram e me deram um pouco de espaço. Eu não vi que aconteceu a garota, mas Furnan permaneceu nu, mas enquanto estivesse em estado de calma, eu poderia dirigir isto.

Para selar sua posição, o novo chefe de manada começou a receber as promessas de seus lobos. formaram-se por turnos do mais velho ao mais jovem, -compreendi depois de observá-lo um momento-. Cada um lambia o dorso da mão do Patrick Furnan e expor seu pescoço durante um momento ritual. Quando foi o turno do Alcide, repentinamente compreendi que havia suficiente potencial para o desastre.

Descobri que estava contendo a respiração.

Pelo profundo silêncio, sabia que não era a única.

depois de um comprido hesitação, Furnan se inclinou e colocou seus dentes sobre o pescoço do Alcide; abri minha boca para protestar, mas Claudine esmagou sua mão sobre meus lábios. Os dentes do Furnan se separaram da carne do Alcide, deixando-o intacto.

O chefe da manada tinha enviado um claro sinal.

Quando o último lobo realizou o ritual, estava exausta de tanta emoção. Certamente isto era o fim? Sim, a manada se dispersava, alguns membros davam abraços de felicitação ao Furnan, e alguns se foram em silêncio.

Fiz o mesmo e fui direto para a porta. A próxima vez que alguém me dissesse que tinha ver um ritual sobrenatural, diria-lhe que me tinha que lavar o cabelo.

Uma vez ao ar livre, caminhei devagar, arrastando os pés. Tinha que pensar em coisas que tinha deixado de lado, como o que tinha visto na cabeça do Alcide depois de que a briga esteve terminada. Alcide pensou que eu lhe tinha falhado. Ele me havia dito que tinha que vir, e o tinha feito; deveria ter sabido que tinha algum propósito antes sua insistência de que estivesse presente.

Agora sabia que ele tinha suspeitado que Furnan tinha algum truque oculto em mente. Alcide tinha preparado ao Christine a aliada de seu pai, adiantado. Ela se assegurou de que usará minha telepatia sobre o Patrick Furnan. E, é obvio eu tinha descoberto que o adversário do Jackson estava fazendo armadilha. Essa revelação deveria ter assegurado a vitória do Jackson.

Em troca, a vontade da manada tinha sido contra Jackson, e a competição tinha seguido com os riscos incluso mais altos. Não teria podido fazer nada contra essa decisão. Mas agora mesmo Alcide, em sua pena e raiva, culpava-me.

Tentei estar zangada, mas estava muito triste.

Claude e Claudine disseram adeus!, e subiram ao Cadillac do Claudine e se largaram do estacionamento como se não pudessem esperar para retornar ao Monroe. Eu pensava o mesmo, mas tinha muito menos capacidade de recuperação que as fadas. Tive que me sentar atrás do volante do Malibu emprestado durante cinco ou dez minutos, me tranquilizando, para poder ser capaz de conduzir de retorno a casa.

Encontrei-me pensando no Quinn. Isto era um alívio bem-vindo, em lugar de pensar em carne rasgado sangue e morte. Quando tinha examinado sua cabeça, tinha visto um homem que sabia o que queria. E eu ainda não tinha uma pista respeito a que é o que era o.

Conduzir de retorno a casa foi horroroso.

Também acudi ao Merlotte's essa noite. OH, se sofri, todos os chamados e pedidos e os leve às mesas corretas, preenchendo as jarras de cerveja, acumulando rapidamente gorjetas que enchiam meu jarro, limpando mesas e me assegurando que o cozinheiro temporário (um vampiro chamado Antonio Bolivar; que já nos tinha ajudado antes) recordasse que o ajudante de garçom estava proibido. Mas não obtinha nenhuma satisfação nem prazer, com meu trabalho.

Dava-me conta de que Sam parecia estar melhor. Estava obviamente intranquilo, sentado em sua esquina observando ao Charles trabalhar. Possivelmente Sam estava também um pouco molesto, já que Charles parecia fazer-se cada vez mais popular entre a clientela. O vampiro era encantador, isso seguro. Luzia um emplastro com lentejoulas vermelho esta noite e sua camisa pirata habitual sob um colete negro de lentejoulas -chamativo em extremo -, mas divertido, também.

—Parece deprimida, formosa dama, -disse- quando me aproximei de recolher um Tom Collins e um rum com coca.

—foi um comprido dia, -pinjente-, fazendo um esforço por sorrir. Tinha tantas outras coisas que digerir emocionalmente que nem sequer me incomodei quando Bill trouxe Selah Pumphrey outra vez. Inclusive quando se sentaram em minha seção, não me preocupei. Mas quando Bill tomou minha mão quando dava a volta para ir por sua ordem, afastei-o como se tivesse tratado de me prender fogo.

—Só quero saber que esta mau, -disse-, e durante um segundo recordei que bem se havia sentido aquela noite no hospital quando se deitou comigo. Minha boca em realidade começou a abrir-se, mas então vislumbrei a cara indignada do Selah, e apaguei meu caudal emocional.

—Volto em seguida com o sangue, -pinjente- alegremente, sorrindo até mostrar cada dente de minha boca.

Ao diabo com ele, -pensei justificadamente-. Ele e o cavalo com o que apareceu.

depois disto foi estritamente trabalho. Ri e trabalhei, trabalhei e ri. Afastei-me do Sam, porque não queria ter uma larga conversação com outro troca-formas essa noite. Temi, que já não que não tinha nenhuma razão para estar zangada com o Sam, o me perguntasse que era o que era o que estava mau, eu lhe diria; e não queria falar sobre isso. Alguma vez se sentou com vontades de descarregar o mau humor com alguém e sentir-se miserável por um tempo? Essa era a classe de humor no que eu estava.

Mas tive que me aproximar do Sam, depois de tudo, quando Bagre perguntou se podia pagar com um cheque os festejos dessa noite. Era a regra do Sam: ele tinha que aprovar os cheques. E tive que estar de pé perto do Sam, porque a barra era muito ruidosa.

Não pensei nisso, além de meu desejo de não lhe explicar meu mau humor, mas quando me inclinei para lhe explicar o problema do fluxo de recursos de bagres, os olhos do Sam se abriram de par em par

— Meu Deus, Sookie, -disse-, onde estiveste?

Joguei-me atrás, muda. Ele estava sobressaltado e horrorizado por um aroma que inclusive eu não sabia que trazia. Estava cansada de estar sobressaltada.

— Onde conheceu um tigre? -perguntou-.

—Um tigre, -repeti aniquilada-.

Agora eu sabia em que se converteria na lua enche meu novo conhecido Quinn.

—me diga, -exigiu Sam-.

—Não, -disse seca- não lhe direi isso. Que há com bagre?

—Pode pagar com cheque esta vez. Se houver algum problema, nunca lhe aceitará aqui outro cheque.

Não transmiti esta última oração. Tomei o cheque de Bagre, servi-lhe o que pediu e deixei o cheque onde correspondia.

Para piorar meu humor, enganchei minha cadeia de prata sobre uma esquina da barra quando me inclinei para recolher um guardanapo que alguém tinha deixado cair ao piso. A cadeia se rompeu, apanhei-a e a deixei cair em meu bolso. Demônios!. Este tinha sido um péssimo dia, seguido de uma noite péssima.

Assegurei-me de me despedir do Selah quando ela e Bill partiram. Ele me tinha deixado uma boa gorjeta, e a guardei em meu outro bolso com tanta força que quase rasguei o tecido. Duas ou três vezes durante a noite, tinha escutado o timbre do telefone do bar, e quando levei alguns copos sujos à escotilha da cozinha, Charles disse:

—Alguém esta chamando e pendurando. Muito irritante.

—Cansarão-se e lhe deixassem em paz -disse com doçura-.

Aproximadamente uma hora mais tarde, quando pus uma Coca diante do Sam, o ajudante de garçom veio para me dizer que havia alguém na entrada dos empregados, perguntando por mim.

— O que estava fazendo fora? -perguntou Sam bruscamente-.

O moço o olhou envergonhado.

—Fumando, Sr. Merlotte, -disse-. Estava fora tomando um descanso, porque o vampiro me disse que me drenaria se acendia o cigarro dentro, quando este homem se aproximou saído de nenhuma parte.

— Como é? -Perguntei-.

—OH, ele é velho, com o cabelo negro, -disse o moço-, encolhendo-se de ombros. Não foi muito descritivo que digamos.

—Bem, -pinjente-. Alegrei-me de tomar um descanso. Suspeitava quem poderia ser o visitante, e se tivesse entrado no bar teria causado um distúrbio. Sam encontrou uma desculpa para me seguir dizendo que precisava ir ao banho, assim recolheu sua fortificação e o usou para mancar com dificuldade pelo corredor depois de mim. Ele tinha seu próprio quarto de banho diminuto em seu escritório, e entro coxeando enquanto eu passava pelo banho dos homens e logo o das mulheres até chegar à porta traseira. Abri-a cautelosamente e olhei com atenção fora. Mas então comecei a sorrir. O homem que me esperava tinha uma das caras mais famosas no mundo -exceto, ao parecer, para ajudantes de garçom adolescentes-.

—Bubba, -pinjente-, feliz de ver o vampiro. Não podia chamá-lo por seu antigo nome, ou ficaria nervoso e agitado. Bubba era antes conhecido como... bem, me deixe expor o desta maneira. perguntava-se por todas essas misteriosas aparições depois de sua morte? Esta era a explicação.

A conversão não tinha sido um êxito completo porque seu sistema tinha estado aturdido pelas drogas; mas além de sua predileção pelo sangue de gato, Bubba as arrumava bastante bem. A comunidade vampiro cuidava bem dele. Eric mantinha a Bubba como um menino dos recados pessoal. O cabelo negro brilhante da Bubba sempre ia penteado e estilizado, suas largas costeletas marcadamente recortadas. Esta noite luzia uma jaqueta negra de couro, jeans azuis novos, e uma camisa de quadros negra e prata.

—Vê-te bem, Bubba, -disse com admiração-.

—Você também, senhorita Sookie. -sorriu-me radiante.

— Queria me dizer algo?

—Sip. O Sr. Eric me enviou aqui para lhe dizer que ele não é o que parece.

Pisquei.

— Quem, Bubba? -Perguntei-, tentando manter minha voz apazível.

—Ele é um capanga.

Olhei fixamente à cara da Bubba não porque pensasse que olhá-lo com fixidez me conseguiria alguma resposta, se não porque tentava entender a mensagem. Isto foi um engano; os olhos da Bubba começaram a mover-se de um lado a outro, e sua cara perdeu seu sorriso. Eu deveria ter dado a volta para olhar fixamente à parede, esta me teria dado a mesma informação, e Bubba não se haveria posto nervoso.

—Obrigado, Bubba, -pinjente, acariciando seu ombro forte-. Fez-o bem.

— Posso ir agora? De retorno ao Shreveport?

—Seguro pinjente. Eu somente teria que chamar o Eric. por que não tinha usado o telefone para uma mensagem tão urgente e importante como este parecia ser?

—Encontrei uma porta traseira no refúgio de animais, -confiou Bubba com orgulho-.

Traguei saliva. —OH, pois grandioso, -pinjente-, tentando não me sentir enjoada.

—adeus crocodilo , -gritou do bordo do estacionamento. Justo quando pensava que Bubba era o pior vampiro do mundo, ele para algo assombroso como mover-se a uma assombrosa velocidade que simplesmente não podia seguir com o olhar.

—Até dentro de um tempo, crocodilo -pinjente obediente.

— É quem acredito que é? -A voz estava justo detrás de mim-.

Saltei. Dava meia volta para descobri que Charles tinha abandonado seu posto na barra.

—Assustou-me, -pinjente-, como se ele não o tivesse notado.

—Lamento-o.

—Sim, esse era ele.

—Assim acreditei. Nunca o ouvi cantar em pessoa. Deve ser assombroso. Charles olhou fixamente o estacionamento como se estivesse pensando com força em algo mais. Tinha a impressão que não estava escutando suas próprias palavras.

Abri minha boca para fazer uma pergunta, mas antes de que minhas palavras alcançassem meus lábios pensei no que acabava de dizer o pirata inglês, e as palavras se congelaram em minha garganta. Depois de um comprido hesitação, sabia que tinha que falar, ou ele saberia que se equivocou em algo.

—Bem, suponho que mais vale que retorne a trabalhar, -pinjente-, com um sorriso tão brilhante que aparece em minha cara quando estou nervosa. E, céus, se que estava nervosa agora. A cegadora revelação que tinha tido fez que tudo comesse a armar-se em minha cabeça. Cada pequeno pêlo sobre meus braços e pescoço estava arrepiado. Minha reação automática de “brigar ou escapar” foi fixada firmemente em escapar. Charles estava entre a porta exterior e eu. Comecei a retroceder pelo corredor para a barra.

A porta da barra no corredor pelo general estava aberta, porque a gente tinha que acontecer o corredor constantemente para usar os quartos de banho. Mas agora estava fechada. Tinha estado aberta quando tinha entrado em corredor para falar com a Bubba.

Isto era mau.

—Sookie, -disse Charles, detrás de mim. Realmente lamento isto.

— Foi seu quem disparou ao Sam, verdade? Estendi a mão detrás de mim, procurando provas o cabo que abriria aquela porta. Ele não me mataria diante de todas essas pessoas, verdade? Então recordei a noite que Eric e Bill tinham despachado uma habitação cheia de homens em minha casa. Recordei que isso lhes tinha tomado só três ou quatro minutos. Recordei como tinham ficado os homens depois.

—Sim. Foi um golpe de sorte quando apanhou à cozinheira, e ela confessou. Mas ela não confessou haver disparado ao Sam, verdade?

—Não, ela não o fez, -pinjente aniquilada-. A todos outros, mas não ao Sam, e a bala não coincidia com as outras.

Meus dedos encontraram a cavanhaque. Se a girasse, poderia viver, ou talvez não. Quanto valorava Charles sua própria vida?

—Queria trabalhar aqui, -pinjente-.

—Pensei que haveria uma boa possibilidade de entrar quando Sam estivesse fora de combate.

— Como sabia que eu iria com o Eric em busca de ajuda?

—Não sabia. Mas sabia que alguém lhe diria que o bar estava em problemas. devido a que isso implicaria te ajudar, ele o faria. Eu era o mais lógico para enviar.

— por que estas fazendo tudo isto?

—Eric tem uma dívida.

estava-se aproximando, embora não muito rapidamente. Talvez estava pouco disposto a fazer o ato. Talvez estava esperando um momento mais vantajoso, para poder me levar em silêncio.

—Parece que Eric tem descoberto que não sou do ninho do Jackson, como lhe havia dito.

—Sim. Escolheu o equivocado.

— por que? Parecia-me ideal. Há muitos homens aí; seu não os teria visto todos. Ninguém pode recordar a todos os homens que passaram por essa mansão.

—Mas eles ouviram a Bubba cantar, -pinjente brandamente-. Ele cantou para eles uma noite. Nunca teria esquecido isso. Não sei como se inteirou Eric, mas eu soube assim que disse que seu nunca....

Ele saltou.

Estava sobre meu traseiro no chão em uma fração de segundo, mas minha mão estava já em meu bolso, e ele abriu sua boca para morder. Ele se apoiava sobre seus braços, com cortesia tratando de não me esmagar. Suas presas estavam totalmente expostas, e brilhavam na luz.

—Tenho que fazer isto, -disse-. Prometi-o. Sinto muito.

—Eu não, -pinjente-, e empurrei a cadeia de prata em sua boca, usando o dorso de minha mão para romper sua mandíbula.

Ele gritou e me golpeou, e senti uma costela romper-se, e a fumaça saía de sua boca. Afastei-me engatinhando e gritei. A porta se abriu, e uma onda de clientes do bar entrou no pequeno vestibulo. Sam saiu disparado da porta de seu escritório como se tivesse sido despedido por um canhão, movendo-se muito bem para ser um homem com uma perna quebrada, e ante meu assombro tinha uma estaca em sua mão. A aquelas alturas, o vampiro gritava enquanto era esmagado por tantos homens fortes em jeans que inclusive não se podia ver. Charles tentava morder a quem podia, mas sua boca queimada era tão dolorosa que seus esforços eram débeis.

O Bagre parecia estar abaixo do montão, em contato direto.

— me passe a estaca moço! -disse ao Sam-. Sam a passou ao Hoyt Fortenberry, quem a passou ao Dago Guglielmi, quem a transferiu à mão peluda de Bagre.

Esperamos à polícia de vampiros, ou nos encarregamos do nós mesmos? -Perguntou Bagre-... Sookie? depois de um horrorizado segundo de tentação, abri minha boca para dizer:

—Chama à polícia. A polícia do Shreveport tinha um esquadro de policiais vampiro, assim como o veículo de transporte necessário especial e celas especiais.

—Termina-o, -disse Charles-, em algum lugar debaixo da pilha repleta de homens. Falhei em minha missão, e não posso tolerar o cárcere.

—Muito bem, -disse Bagre-, e o estacou.

depois de que esteve terminado e o corpo se desintegrou, os homens retornaram ao bar e se instalaram nas mesas onde tinham estado antes de que escutassem a briga no corredor. Era muito estranho. Não havia muitos sorrisos, e não havia muito por que rir, e ninguém que se ficou no bar perguntou a ninguém que tinha ido ao corredor o que tinha ocorrido.

Certamente, era tentador pensar que isto era um eco dos terríveis e velhos dias, quando tinham linchado a homens negros se tivessem escutado inclusive um rumor de que tinham piscado os olhos o olho a uma mulher branca.

Mas, sabem? As similitudes não resistiram. Charles era de uma raça diferente, era verdade. Mas tinha sido culpado como o inferno de tratar de me matar. Teria sido uma mulher morta em trinta segundos mais, apesar de minha tática de distração, se os homens do Bon Temps não tivessem intervindo.

Tivemos muita sorte de todos os modos. Não havia nenhum representante da lei no bar aquela noite. Cinco minutos depois de que cada um reassumiu seu lugar nas mesas, Dennis Pettibone, o investigador de incêndios intencionados, entrou para visitar o Arlene. (O ajudante de garçom ainda esfregava o corredor, de fato.) Sam tinha pacote minhas costelas com algumas enfaixa em seu escritório, e retornei devagar e com cuidado a perguntar ao Dennis que queria beber.

Tivemos sorte de que não houvesse nenhum forasteiro. Nenhum tipo do colégio do Ruston, nenhum caminhoneiro do Shreveport, nenhum parente que houvesse visitando o bar com um primo ou tio.

Tivemos sorte que não houvesse muitas mulheres. Não sei por que, mas imaginei que uma mulher se impressionaria muito provavelmente com a execução do Charles. Para falar a verdade, sentia-me muito impressionada sobre isso, quando não estava agradecendo às estrelas da sorte por seguir viva.

E Eric teve sorte quando entrou no bar aproximadamente trinta minutos mais tarde, porque Sam não tinha mas práticas estacas, tão nervosos como estávamos todos, alguma alma temerária se teria devotado

para tirar o Eric, mas não teria saído disso relativamente ileso, como aqueles que tinham enfrentado ao Charles.

E Eric também foi afortunado de que as primeiras palavras que saíram de sua boca fossem:

— Sookie, estas bem? Em sua ansiedade, abraçou-me pela cintura, e gritei.

— Estas machucada, -disse-, e logo se deu conta de que cinco ou seis homens tinham saltado a seus pés.

— Só estou adolorida, -pinjente-, fazendo um esforço enorme para dizê-lo. Todo esta bem. O é meu amigo Eric, -pinjente um pouco forte-. esteve tentando ficar em contato comigo, e agora sei por que era tão urgente. Olhei fixamente aos olhos de cada homem, e um por um, retornaram a seus assentos.

— vamos sentar nos e a falar, -disse quedamente.

— Onde está Charles? Estacarei ao bastardo eu mesmo, não importa o que envie Hot Rain contra mim. Eric estava furioso.

— cuidaram que mim, -murmurei. Acalmará-te?

Com a permissão do Sam, fomos a seu escritório, o único lugar no edifício que oferecia cadeiras e isolamento. Sam retornou detrás da barra, sentou-se sobre um tamborete alto com sua perna sobre um tamborete inferior, atendendo o mesmo.

— Bill procurou em sua base de dados, -disse Eric com orgulho-. O bastardo me disse que vinha do Mississippi, então escrevi a um dos bonitos moços desprezados do Russell. Inclusive chamei o Russell, para lhe perguntar se Twining tinha trabalhado para ele. Russell disse que tinha tantos novos vampiros na mansão, que não sabia, tinha só uma vaga lembrança do Twining. Mas Russell, como observei no bar do Josephine, não é a classe de gerente que eu sou.

Sorri. Isto era definitivamente verdade.

— Assim quando não encontrei respostas, pedi ao Bill que ficasse a trabalhar, e Bill remontou ao Twining desde seu nascimento como um vampiro comprometido ao Hot Rain.

— Este Hot Rain foi quem o converteu em vampiro?

— Não, não, -disse Eric com impaciência-. Hot Rain fez ao pai do pirata um vampiro. E quando o pai do Charles foi morto durante a Guerra francesa e Índia, Charles se prometeu ao Hot Rain. Quando Hot Rain esteve insatisfeito com a morte do Long Shadow, enviou ao Charles pelo pagamento exato pela dívida que o sentia que lhe deviam.

— por que cancelaria a dívida com minha morte?

— Porque decidi, depois de escutar alguns quantos comentários que foi importante para mim, e que sua morte me feriria da mesma forma em que ao tinha ferido a do Long Shadow

— OH. Não podia pensar em nada que dizer. Nenhuma sozinha.

Por fim perguntei, Então Hot Rain e Long Shadow tiveram relações, alguma vez?

Eric disse,

— Sim, mas não era conexão sexual, era afeiçoado. Essa era a parte valiosa do vínculo.

— Assim porque este Hot Rain decidiu que a multa que lhe pagou pela morte do Long Shadow, não foi suficiente, ele enviou ao Charles para te fazer um pouco igualmente doloroso.

— Sim.

— E Charles chegou ao Shreveport, manteve seus ouvidos abertos, averiguou sobre mim, e decidiu que minha morte pagaria a fatura.

— Aparentemente.

— Então ele se inteirou dos atentados, sabia que Sam é um troca-formas, e disparou ao Sam, assim haveria uma boa possibilidade para que o viesse ao Bon Temps.

— Sim.

— Isto é real, realmente complicado. por que Charles não me atacou somente alguma noite?

—Porque ele quis que parecesse um acidente. Não queria que a culpa o fora atribuída a um vampiro absolutamente, porque não só ele não queria que o apanhassem, se não que não queria que Hot Rain, incorresse em nenhuma penalidade

Fechei os olhos.

—Prendeu fogo a minha casa, -pinjente-. Não foi aquele tipo Marriot. Arrumado a que Charles o matou antes de que o bar fechasse aquela noite e o levou a minha casa para fazê-lo aparecer culpado. depois de tudo, o tipo era um forasteiro no Bon Temps. Ninguém o sentiria falta de. OH meu Deus! Charles tomou emprestadas minhas chaves! Arrumado a que o homem estava em meu cajuela! Não morto, mas se hipnotizado. Charles plantou aquele cartão no bolso do tipo. O pobre não era um membro da confraternidade do Sol mais do que eu sou.

—Deve ter sido lhe frustrante para o Charles, quando encontrou que estava rodeada de amigos, -disse Eric um pouco friamente-, já que um par daqueles "amigos" acabavam de caminhar ruidosamente pelo corredor, usando uma viagem ao banho, como um pretexto para vigiá-lo.

—Sim, deve ter sido assim. -Ri-.

—Parece estar melhor do que esperei, -disse Eric um pouco indeciso-. Menos traumatizada, como dizem agora.

—Eric, sou uma mulher afortunada, -pinjente-. Hoje vi coisas mais malotes das que pode imaginar. Tudo o que posso pensar é, escapei-me. A propósito, Shreveport agora tem um novo chefe de manada, e é um mentiroso, bastardo trapaceiro.

—Então suponho que Jackson Herveaux perdeu sua oportunidade de trabalho.

—Perdeu mais que isso.

Os olhos do Eric se abriram de par em par.

—Então a competição era hoje. Tinha ouvido que Quinn estava na cidade. Pelo general, ele mantém as transgressões ao mínimo.

—Não foi sua eleição -disse-. Um voto foi contra Jackson; isto deveria havê-lo ajudado, mas... não o fez.

— Por que estava ali? O maldito do Alcide tentava te usar para algum propósito na competição?

—Deveria saber o que é utilizar a alguém.

—Sim, mas sou franco sobre isso, -disse Eric,- seus olhos azuis amplos e cândidos.

Tive que rir. Não tinha esperado rir durante dias, ou semanas, e ainda com tudo o que tinha passado aqui eu estava, rendo.

—É verdade, -admiti-.

— Assim devo entender que Charles Twining não esta mais? -Perguntou Erick bastante moderadamente-.

—É correto.

—Bem, bem. As pessoas aqui são inesperadamente empreendedoras. Que dano sofreste?

—Costela fraturada.

—Uma costela fraturada não é muito quando um vampiro luta por sua vida.

—Correto, de novo.

—Quando Bubba retornou e encontrei que não tinha entregue a mensagem corretamente, precipitei-me aqui galantemente para te resgatar. Tinha tentado chamar o bar esta noite para te dizer que tomasse cuidado, mas Charles respondia sempre as chamadas.

—Foi muito galante de sua parte, em extremo, -admiti-. Mas, como isto resultou, foi desnecessário.

—Bem, então... Voltarei para meu próprio bar e observarei a meus próprios clientes do bar em meu próprio escritório. Estamos ampliando nossa linha de produtos da Fangtasia.

— OH, se?

— Sim. O que pensaria de posar para um calendário nua? “A Fangtasia de um vampiro “é o que Pam pensa que deveria chamar-se.

— Se eu também posasse?

OH, suposto. Sr. Janeiro.

— Bem, encarrego-te três. Darei um a Arlene e um a Tara. E porei a minha sobre minha própria parede.

— Se promete mantê-lo aberto em minha fotografia, darei-te um grátis, -prometeu Eric-.

— É um trato.

ficou de pé.

— Uma coisa mais, antes de que vá.

Pu-me de pé, também, mas muito mais devagar.

— Posso precisar te contratar a princípios de março.

— Comprovarei meu calendário. O que há?

— Vai haver uma pequena cúpula. Uma reunião dos reis e as rainhas de alguns estados do sul. A localização não foi estabelecida, mas quando o for, pergunto-me se pode conseguir tempo em seu trabalho aqui para me acompanhar a mim e minha gente.

— Não posso pensar nisso, justamente neste momento, Eric, -pinjente-. Estremeci-me de dor quando ia sair do escritório.

— Espera um momento, -disse repentinamente-, e nesse momento esteve frente a mim.

Elevei a vista, me sentindo enormemente cansada.

dobrou-se e me beijou na boca, tão brandamente como a revoada de uma mariposa.

— Disse-me que te havia dito que foi a melhor amante que eu alguma vez tinha tido, -disse-. Mas que respondeu você?

— Não desejaria sabê-lo? -Pinjente-, e retornei a trabalhar.

Fim do quinto livro

Créditos:

Não tinha o nome da pessoa e nem créditos quando eu achei na internet, mas mesmo assim eu tive que dar uma editada visual pra ler e ficar mais “bonitinho”. K4m1k4zs@hotmail.com